

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO

DISSERTAÇÃO

O Exército de Caxias e o Exército da FEB: história das relações entre estabelecidos e outsiders no Exército Brasileiro (1942 - 1945)

Frederico Soares Ribeiro

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O EXÉRCITO DE CAXIAS E O EXÉRCITO DA FEB: HISTÓRIA DAS
RELAÇÕES ENTRE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS NO EXÉRCITO
BRASILEIRO (1942 - 1945)

FREDERICO SOARES RIBEIRO

Sob orientação da Professora Dr^a

Adriana Barreto de Souza

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós Graduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder e Cultura

Seropédica, RJ

Julho de 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

*Exército da FEB: história das relações entre
o Exército Brasileiro (1942-1945)*

FREDERICO SOARES RIBEIRO

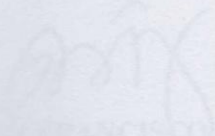
Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Pós-Graduação em História - Curso de Mestrado, área de
Pedagogia e Cultura

DATA EM 23/08/2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R484e	Ribeiro, Frederico Soares, 1982- O Exército de Caxias e o Exército da FEB: história das relações entre estabelecidos e outsiders no Exército Brasileiro (1942-1945) / Frederico Soares Ribeiro. - 2017. 188 f.
	Orientadora: Adriana Barreto de Souza. Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, História, 2017.
	1. Força Expedicionária Brasileira. 2. FEB. 3. Exército Brasileiro. 4. Segunda Guerra Mundial. 5. Exército de Caxias. I. Souza, Adriana Barreto de, 1971-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. História III. Título.


FRANCISCO FERRAZ (UEL)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO

“O Exército de Caxias e o Exército da FEB: história das relações entre estabelecidos e outsiders no Exército Brasileiro (1942-1945)”

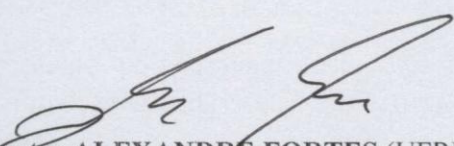
FREDERICO SOARES RIBEIRO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/08/2017

Banca Examinadora:


Professora Doutora **ADRIANA BARRETO DE SOUZA** (UFRRJ)
Orientadora e Presidente da Banca


Professor Doutor **ALEXANDRE FORTES** (UFRRJ)


Professor Doutor **FRANCISCO FERRAZ** (UEL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao apoio de meus pais, Luiz Carlos e Maria das Graças, durante toda essa caminhada. À minha amada companheira de todos os dias e ocasiões, Mariana, que vivenciou de maneira muito próxima toda a escrita do trabalho, e suas dificuldades, dando apoio incondicional em todos os momentos. Aos amigos Leonardo e Eduardo, companheiros de docência, lutas cotidianas e de rotina estudantil na UFRRJ, que tanto contribuíram nesta trajetória. À professora e orientadora deste trabalho, Adriana Barreto de Souza, que contribuiu largamente na elaboração do trabalho e me apresentou leituras e questionamentos, que expandiram meu conhecimento do Exército Brasileiro e de seus militares. Aos amigos mais próximos durante a pós graduação, Pâmela P. Cabreira, Daniel Mendonça, Henrique Sobral e Juliana Bragança, que tanto contribuíram desde as discussões sobre o projeto. Aos professores Jean Sales, Maria da Glória, Rebeca Gontijo, Fabiane Popinigs, que ministraram disciplinas que considero essenciais para este trabalho e o restante de minha trajetória profissional. Especialmente ao professor Alexandre Fortes, que ministrou disciplina que praticamente cursei duas vezes, e influenciou decisivamente o projeto. Agradeço ainda ao professor Francisco Cesar Alves Ferraz da UEL, pelas considerações durante a banca de qualificação do projeto e pelas fontes indicadas. Ao historiador Cesar C. Maximiano, que gentilmente digitalizou o jornal *E a Cobra Fumou* me enviou. À Catharine Giordano, da biblioteca do *Stars and Stripes*, que gentilmente enviou o número do referido jornal, com reportagem sobre a FEB, digitalizado. Às gentis funcionárias da equipe da Sanmar Cópias, que sempre me atenderam e ajudaram a imprimir, copiar, encadernar, todos os documentos utilizados ao longo da pós. Ao secretário do PPGH, Paulo, pelo trabalho de excelência realizado, mesmo com recursos limitados, sempre flexibilizando toda a burocracia necessária e rotineira referente ao curso. Ao primo Wagner, pela paciência infinita ao encarar o monólogo de me ouvir falar da pós graduação nos momentos de lazer. Pelos colegas nas escolas em que trabalho, pelos alunos, e demais amigos e familiares que ficaram na torcida.

RESUMO

RIBEIRO, Frederico Soares. **O Exército de Caxias e o Exército da FEB: História das relações entre Estabelecidos e Outsiders no Exército Brasileiro (1942 - 1945)**. 2017. 189p Dissertação (Mestrado em História, Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual). Instituto de Ciências Sociais - Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre estabelecidos e outsiders no Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. O Exército Brasileiro organizou a Força Expedicionária Brasileira – FEB, com uma estrutura organizacional completamente diferente do restante da instituição, composta por uma imensa maioria de reservistas civis, convocados para a guerra. Dessa forma, esses outsiders tiveram de se relacionar com os militares profissionais do Exército quem também estavam na FEB. Defendo que esta situação produziu uma nova identidade coletiva entre os outsiders, a identidade febianana, com valores distintos da identidade coletiva dos militares profissionais, o que resultou muitas vezes em conflitos entre os grupos. A pesquisa foi realizada numa abordagem da História Social, na tentativa de compreensão dos dois grupos. Nesse sentido, os estudos no campo da antropologia dos militares guiaram a análise do grupo dos militares profissionais, dando prioridade ao entendimento deste grupo com base nas suas categorias nativas, típicas do mundo militar. Os civis convocados foram analisados da perspectiva da história vista de baixo, privilegiando-se os testemunhos memoriais vindos deste grupo, com a intenção de dar voz e vez àqueles que não tinham espaço na narrativa institucional do Exército. As diferentes abordagens dos grupos se cruzam devido à utilização do modelo configuracional de análise entre estabelecidos e outsiders, permitindo a análise das relações dos grupos com base na dinâmica relacional entre o que era antigo, já estabelecido, e o que era outsider, novo. As fontes do trabalho agrupam testemunhos memoriais, documentos diversos encontrados no Arquivo Histórico do Exército – AHEx, e dois jornais da imprensa militar brasileira: *O Cruzeiro do Sul* e *E a Cobra fumou!*

Palavras Chave: Força Expedicionária Brasileira. Exército de Caxias. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

RIBEIRO, Frederico Soares. **The Army of Caxias and the Army of FEB**: History of relations between Established and Outsiders in the Brazilian Army (1942 - 1945). 2017. 189p Dissertation (Master in History, Power Relations, Languages and Intellectual History). Institute of Social Sciences - Multidisciplinary Institute, Rio de Janeiro Federal Rural University, Seropédica, RJ, 2017.

This work aims to analyze the relationships between established and outsiders in the Brazilian Army during World War II. The Brazilian Army organized the Brazilian Expeditionary Force - FEB, with an organizational structure completely different from the rest of the institution. Composed of an immense majority of civil reservists, summoned for the war. In this way, these outsiders had to relate to the professional military men of the army who were also at FEB. The emergence of a new collective identity among the outsiders, the febian identity, with different values from the collective identity of the professional military, promoted conflicting relations between the groups. The research was carried out in a Social History approach, in an attempt to understand the two groups. In this sense, the studies on Military Anthropology guided the analysis of the professional military group, giving priority to the understanding of this group based on their native categories, typical of the military world. To the summoned civilians, a perspective of history from below was taken, giving privilege to the memorial testimonies coming from this group, giving voice and time to those who did not have space in the army institutional narrative. The different approaches of the groups intersect due to the use of the configurational analysis model between established and outsiders, allowing the analysis of the relations of the groups based on the relational dynamics between what was old, already established, and what was outsider, new. The sources of the work are memorial testimonies, diverse documents found in the Historical Archive of the Army - AHEx, and two newspapers of the Brazilian military press: *The Cruise of the South* and *The Snake is smoking!*

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. Army of Caxias. Second World War.

LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

AD	Artilharia Divisionária
AHEx	Arquivo Histórico do Exército
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ANVFEB	Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
BBC	British Broadcasting Corporation (Empresa de Radiodifusão Britânica)
CABC	Comissão de Assistência aos Bancários Convocados
CIC	Contra Inteligência de Combate
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
DI	Divisão de Infantaria
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EB	Exército Brasileiro
EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FM	Field Manual (Manual de Campo)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ID	Infantaria Divisionária
IPM	Inquérito Policial Militar
MB	Marinha do Brasil
NPOR	Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva
PBS	Peninsular Base Section (Seção de Base Peninsular)
PCB	Partido Comunista Brasileiro
RDE	Regulamento Disciplinar do Exército
RI	Regimento de Infantaria
RJ	Rio de Janeiro
RM	Região Militar
SP	São Paulo
SS	Schutzstaffel (Tropa de Proteção)
TM	Technical Manual (Manual Técnico)
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US Army	United States Army (Exército dos Estados Unidos)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	02
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O EXÉRCITO DE CAXIAS E O EXÉRCITO DA FEB: DEFININDO FRONTEIRAS	13
1.1 Estrutura do Exército Brasileiro após a declaração de guerra em 1942	13
1.1.1 Um panorama da organização do Exército Brasileiro.	14
1.1.2 Notas sobre a vida militar: apreciação dos estatutos e regulamentos militares.	23
1.1.3 Aspectos do modo de pensar do comando	28
1.2 Criação da FEB	32
1.2.1 A questão doutrinária	35
1.2.3 Duas organizações: tipo normal e tipo FEB	40
1.3A experiência como fronteira	41
1.3.1 Um perfil dos expedicionários	45
1.3.2 Convocação, seleção e treinamento: que disseram os <i>febianos</i> ?	57
1.3.3 O Exército de Caxias e o Exército da FEB	68
CAPÍTULO 2: OS FEBIANOS: A EXPERIÊNCIA COMO FORJA DA IDENTIDADE	75
2.1 A guerra: tudo de incomum aos brasileiros	76
2.1.1 O impacto da doutrina.	79
2.1.2 Contatos com os exércitos aliados: civis de uniformes	84
2.1.3 Notas sobre a experiência na linha de frente	92
2.1.4 A retaguarda: um reduto da caxiagem	101
2.2 <i>Nós e eles</i> ?	104
2.2.1 A disciplina na perspectiva do comando	104
2.2.2 Encontro de perspectivas: Um Inquérito Policial Militar do roubo de um reboque	112
2.2.3 Caxias e Febianos	115
2.3 Rota de colisão: a consciência febiana nos conflitos com os caxias	126
2.3.1 A revolta do bigode e a rebeldia do 6º RI	127
2.3.2 A polêmica do uniforme: uma tentativa de agência	130
CAPÍTULO 3: A IMPRENSA MILITAR DA FEB: VOZES DISSONANTES?	132
3.1 Uma visão geral do <i>E a Cobra fumou!</i>	133
3.2 Uma visão geral de <i>O Cruzeiro do Sul</i>	151
3.3 Vozes dissonantes forjando a democracia?	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184

Introdução

Desde a infância, comecei a nutrir grande interesse pela Segunda Guerra Mundial. Obras cinematográficas como *O resgate do soldado Ryan* (1998), *Além da linha vermelha* (1998), *A vida é bela* (1997), *Círculo de fogo* (2001), geravam grande expectativa, causavam enorme impacto e originavam milhares de curiosidades em mim. O contato inicial não ocorreu só pelo cinema, os primeiros jogos de primeira pessoa - aqueles em que a perspectiva de visão é a da mira da arma do soldado em ação, resultando em muitos tiros e ação - sobre o conflito também datam desse momento, e foram gastas muitas horas desde então na frente das telas de video game ou computador nos jogos *Medal of Honor* (1999), *Call of Duty* (2003) e *Battlefield 1942* (2002) e suas mais recentes sequências.

Na escola, é difícil descrever nessas linhas a ansiedade com que eu aguardava o momento de estudar a Segunda Guerra Mundial. Sempre era a primeira pergunta para o professor ou professora de história: Quando nós vamos estudar a Segunda Guerra Mundial? E era duro quando chegava o momento da *matéria* tão esperada, pois era impossível saciar todas as minhas curiosidades naquele período tão curto. Mas, os livros didáticos me deram conhecimento de que o nosso país também enviara soldados para aquele conflito, e para lutar na Itália, um fato que eu sequer imaginava que mudaria minha vida no futuro. Se já existia curiosidade pela guerra, imagina pela participação desses soldados no conflito? Desde então, a Força Expedicionária Brasileira – FEB – exerceu forte magnetismo sobre mim. Quanto mais informação eu tinha, mais dúvidas e curiosidades eram despertadas. Era triste ver que os livros didáticos não dedicavam uma página completa sequer ao tema, e hoje, como professor de História, percebo que nem todos os livros trazem o tema, muito menos uma página completa. Mas foi a busca de conhecimento sobre a FEB que me fez escolher a profissão que hoje exerço.

Durante a graduação, a FEB também foi praticamente ignorada nas aulas do curso, mas já se apresentava como tema definido de minha pesquisa de monografia. A partir de 2007, visando a escrita da monografia, comecei a ter contato com a produção historiográfica sobre o tema, além das diversas obras de memória de veteranos da guerra. Ainda na graduação, em 2009, pude entrevistar e conviver um pouco com alguns veteranos na Associação de Ex-Combatentes do Brasil, na cidade de Valença – RJ, quando pesquisei pautado no método da

história oral, sobre o papel da associação na reintegração social dos veteranos na cidade e na preservação da memória coletiva deste grupo social.

Após o ingresso na carreira docente em 2010, e o *corre corre*, da vida profissional em início de carreira, passaram-se alguns anos até que me dispusesse a pensar e escrever um projeto de mestrado, o que só foi realizado no ano de 2014. A demora tinha origem numa crença, errônea de minha parte, de que a FEB era desprestigiada como objeto de estudo acadêmico por ser uma temática originalmente militar. Essa crença só foi superada quando, sempre atento às publicações de estudos sobre o tema, comecei a notar um crescimento nos estudos sobre a FEB. Minhas impressões não eram incorretas, como atestou um dos principais historiadores brasileiros sobre a FEB, Francisco Cesar Alves Ferraz, ao pesquisar a produção bibliográfica sobre a FEB:

Em síntese, o que esta pesquisa procurou mostrar é que, diferentemente, do que comumente se pensa, há uma grande produção bibliográfica sobre os brasileiros na Segunda Guerra Mundial e uma sólida demanda por mais e variadas publicações, por parte de leitores e pesquisadores, nas universidades, nas instituições militares e no mercado consumidor editorial. Os esforços de pesquisa e publicação estão, aos poucos, unindo gerações de historiadores eleitores civis e militares. Os malefícios da literatura laudatória estão cada vez mais distantes do fluxo da produção bibliográfica sobre o tema. Trata-se de uma produção que, submetida às regras metodológicas e teóricas mais consistentes, está proporcionando um ganho crescente na qualidade dos trabalhos.¹

Principalmente após a leitura de duas teses de doutorado, dos historiadores Francisco Cesar Alves Ferraz² e Cesar Campiani Maximiano,³ ficou marcada a impressão de que os veteranos diferenciavam a FEB do restante do Exército Brasileiro, chamando-os respectivamente de *Exército da FEB* e *Exército de Caxias*. Portanto, esse projeto de pesquisa nasceu de uma tentativa de analisar essa diferenciação “nativa” e de compreendê-la.

O modelo configuracional de análise proposto por Norbert Elias e John Scotson em sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* norteou esta pesquisa.⁴ Este modelo preconiza a análise das relações de

¹FERRAZ, Francisco Cesar Alves. Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção historiográfica e suas tendências. **Revista Esboços**, Florianópolis, v.22, n.34, pp. 207-232, p.228

²FERRAZ, Francisco Cesar Alves, **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945 – 2000)**. 2003. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

³MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da Memória: brasileiros na campanha da Itália, 1944 – 1945**. 2004. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁴ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p.19

poder a partir da configuração em que as pessoas se encontram na comunidade. No nosso caso, na instituição, no Exército Brasileiro. Haviam aqueles que já estavam estabelecidos na instituição, eram militares profissionais do Exército. Quando ocorreu o esforço de guerra, milhares de jovens foram convocados para a FEB, inundando aquela instituição com pessoas vindas de fora, desconhecedoras de seus valores, normas e tradições, os *outsiders* ou forasteiros. Toda a nossa análise das relações de poder se baseia nessa contraposição entre estabelecido e outsider, entre antigo e novo.

Para tanto, esta pesquisa utilizou fontes muito diversificadas: de testemunhos memorialistas contidos em livros de ex-combatentes a vários tipos de documentos do acervo FEB do Arquivo Histórico do Exército – AHEx. Desta variedade de documentos, destacamos: relatórios de comandos e órgãos da FEB, e do ministro da guerra, Inquéritos Policiais Militares – IPM, boletins internos, cartas, certificados de reservistas, manuais, regulamentos, e dois jornais produzidos pelos militares brasileiros na Itália: *E a Cobra fumou!* e *O Cruzeiro do Sul*.

O problema mais amplo que conduziu a pesquisa, a circulação pelos arquivos e a redação é a aquela apontada pela “fala nativa”, ela existia de fato? Que tipo de diferenças existiam? Podemos falar em *Exército de Caxias* e *Exército da FEB*? E em *caxias* e *febianos*?

No primeiro capítulo, Buscamos demonstrar como era organizado o Exército Brasileiro, tamanho, efetivo, equipamentos, seus manuais, doutrina e regulamentos principais, como esse Exército se preparou e organizou a FEB, de onde vieram os combatentes, os equipamentos, manuais, doutrina, e o que esse contingente disse sobre a experiência de terem se tornado militares prestes a embarcar para a guerra presenciando essas transformações na instituição.

No segundo capítulo, abordamos aspectos da atuação da FEB na Itália, atentos à experiência vivida e rememorada pelos veteranos. O que a experiência de pertencer à FEB em luta na Itália provocou nos soldados? Os convocados da FEB podem ter desenvolvido uma identidade diferente da dos militares profissionais do Exército que também a integravam? Podemos falar em *febianos* e *caxias*? Apresentamos relatos memorialistas para demonstrar o que a experiência desses homens pode nos revelar sobre essas questões, além de documentos do AHEx que nos dão indícios do pensamento mais institucionalizado do comando.

No terceiro capítulo nossa atenção se voltou para a imprensa militar da FEB. O que o jornal de trincheira *E a Cobra fumou!*, feito por praças e oficiais subalternos do 6º Regimento de Infantaria nos apresenta como visão dos acontecimentos? O que o jornal do Serviço Especial da FEB, órgão do comando da FEB, *O Cruzeiro do Sul* nos apresenta como sua visão? Seriam visões ligadas à identidades distintas? Mais uma vez recorreremos aos relatos memoriais, documentos do AHEx, e à coleção completa dos dois jornais.

Capítulo 1: O Exército de Caxias e o Exército da FEB: definindo as fronteiras

1.1 Estrutura do Exército Brasileiro em 1942

Desde 1939, o mundo ardia em chamas. Nas palavras do general Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, o Brasil mantinha-se neutro, mesmo "tendo em conta o período de sombrias perspectivas que já se vislumbravam nos horizontes internacionais".¹

Desde o período de neutralidade face ao conflito, o comando do Exército Brasileiro tomou medidas para preparar a defesa do território brasileiro, caso fosse necessário. Foram tomadas medidas para manter a disciplina da instituição, aprofundar o preparo técnico profissional do Exército, intensificar um programa de obras de construção e reformas vigentes desde a década anterior e adquirir emergencialmente armamentos no exterior.²

Após a Conferência do Rio de Janeiro, no início de 1942, o país entrou na fase de rompimento de relações com os países do Eixo - Itália, Alemanha e Japão. Nesse momento, o Exército buscou ampliar seus efetivos, mobilizar a defesa de uma região que passou a ser considerada vital ao país, o nordeste brasileiro. Buscou adquirir armamentos, sem os quais o Exército continuaria ineficiente e fraco. Por fim, organizar a defesa da costa brasileira.³

Ainda em 1942, após uma série de afundamentos de navios mercantes de bandeira brasileira por submarinos alemães e italianos, através do decreto nº 10.358 de 31 de Agosto daquele ano, o governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e à Itália.

Neste capítulo, optamos por apresentar uma visão geral do Exército Brasileiro (EB), sua estrutura, dotação orçamentária, quantidade de efetivos, sua distribuição no território nacional, seus meios materiais e também da vida militar na instituição tomando por base os estatutos, regulamentos, normas, vigentes em 1942. Em uma primeira leitura do livro *Depoimento dos oficiais da Reserva da FEB*, publicado em 1949, um dos tenentes da reserva batizou o EB de *Exército de Caxias* e a Força Expedicionária Brasileira (FEB) de *Exército da FEB*. A intenção desse capítulo, é definir com exatidão o significado dessas expressões, que parecem ter circulado durante a guerra: o que é o *Exército de Caxias* e o que é o *Exército da FEB*. A explicação para isso é simples, falando tanto do *Exército de Caxias* e quanto do *Exército da*

¹AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.11

²Ibid., p.12

³Ibid., p.12

FEB, estamos falando do Exército Brasileiro. Essa diferenciação inexistia quando da declaração de guerra, sequer a FEB existia.

Como veremos mais adiante, tanto o comando do EB quanto os *pracinhas* da FEB identificaram diferenças entre o EB e a sua Força Expedicionária, cada uma das partes *deu nome aos bois* de uma forma diferente, pois vivenciaram experiências diferentes diante do mesmo fenômeno. Meu interesse aqui recai sobre as classificações e interpretações do baixo oficialato e *pracinhas*.

1.1.1 Um panorama da organização do Exército Brasileiro

Inicialmente é necessário destacar que qualquer exército do mundo precisa de alguma dotação orçamentária para financiar suas atividades. No caso do EB, tais recursos são oriundos da Fazenda Nacional. Após o fim do Estado Novo em 1945, várias autoridades foram convocadas a dar explicações ao Senado Federal, entre elas o próprio ex-presidente Getúlio Vargas, que declarou:

"até o ano de 1930 pouco fizemos para equipar nosso Exército [...] continuávamos com o velho armamento adquirido em 1918. [...] As despesas públicas no período de 1930 a 1944 de acordo com a documentação existente, montaram a Cr\$ 68.418.172.956,30. [...] O total de despesas militares, cujo pagamento já foi efetuado, alcançou a cifra de Cr\$ 21.136.375.035,30. A essas despesas devem ser somadas as que resultaram de acordos internacionais como relativas a compras de armamentos no exterior e cuja liquidação se processa pelo Ministério da Fazenda."⁴

Pode-se observar a importância das forças armadas para o Estado Novo, visto que, no mínimo, um terço das despesas governamentais no período foi direcionada aos ministérios militares: Marinha, Guerra e Aeronáutica (a partir de 1941).

Obviamente, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial promoveu grandes transformações nas forças armadas nacionais, inclusive a criação de uma nova força em 1941, a Força Aérea Brasileira. Marinha do Brasil - MB - e Força Aérea Brasileira - FAB -, tiveram que ser completamente reequipadas para participar do patrulhamento do oceano Atlântico contra os submarinos alemães e italianos, participar das escoltas dos comboios de navios mercantes e militares. A FAB ainda enviou um Grupo de Aviação de Caça e uma Esquadrilha

⁴Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, jornal Correio da Manhã, 14 de Dezembro de 1946. Acessado em 02/06/16 às 10:56

de Ligação e Observação para atuar junto à FEB na Itália. O reequipamento não foi diferente no EB. Certamente, tudo isso onerou grandemente o gasto com defesa do governo brasileiro.

Infelizmente, nem todos os relatórios anuais do Ministro da Guerra, que contemplam o período, contém o montante de dinheiro destinado ao EB em cada ano. No ano de 1939, o orçamento completo do EB foi de -760.699:153\$. Que seriam gastos com despesas de pessoal (71%), material (22%), serviços e encargos (1%), eventuais não previstos (menos de 1%) e obras (6%).⁵Esses dados coincidem com o ano de início da Segunda Guerra Mundial, são um bom parâmetro para avaliar a dotação orçamentária do EB em tempos de paz, de normalidade.

Com a entrada do país na guerra, em 1942, e conforme mencionado anteriormente, o comando do Exército foi forçado pelas circunstâncias a adotar medidas de preparação da defesa do território nacional. Os avanços técnicos dos equipamentos utilizados pelo inimigo geravam uma ameaça constante. Dakar, no Senegal, estava em posse do inimigo e ficava a algumas horas de viagem aérea do salientenordestino (porção territorial mais oriental do continente americano) do território brasileiro. Aviões de transporte e planadores rebocados inimigos eram capazes trazer ao território brasileiro um desembarque de tropas aero transportadas.

A partir desse momento, a avaliação do EB era a de que o país estava dividido em vários "Teatros de Operações" (Amazônico, Nordeste, Central, Meridional e Mato Grosso), que podia o inimigo "desde já canhonear nossos portos (ação dos submersíveis); em futuro não muito remoto tentar ou realizar ações aéreas de pouca envergadura; depois operar em força, contra a defesa do litoral (ação de desembarque)".⁶

Para o general Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra, a "passagem do pé de paz ao pé de guerra" era um processo moroso, devendo começar imediatamente a mobilização do EB em efetivo e também a mobilização da economia nacional para a guerra. As duas deveriam ser planejadas e colocadas em operação de maneira gradual e coordenada, para que os esforços não degenerassem em confusão ou desordem que afetassem as atividades da economia nacional.⁷

Ainda nas palavras do ministro general, as dificuldades enfrentadas, que antes já eram grandes, foram "centuplicadas [...] absorvendo todas nossas atividades, para tudo atender e

⁵AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1939, p. 30

⁶AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.16

⁷Ibid., p.17

tudo promover, sanar ou remediar, dentro de prazos curtos, recursos limitados e no atropelo de uma transformação brusca para que não estávamos prevenidos".⁸

Dentre essas dificuldades, era imperativo que o EB organizasse a defesa do nordeste brasileiro. Até então, o pensamento estratégico do comando do EB tradicionalmente apontava para a hipótese provável de guerra externa na região platina. Uma prova disso é que, até poucos anos antes da guerra, a distribuição territorial apresentava uma articulação de todo o Exército nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal, e nos demais, ficando apenas assegurada uma representação quase simbólica da força federal, expressa em geral em meros batalhões isolados, de fraco efetivo.⁹

Para sanar essa deficiência, em menos de dois anos, foi planejada, criada e implantada uma estrutura de defesa do saliente nordestino, com duas Divisões de Infantaria - DI, a 14ª e a 7ª, responsáveis respectivamente pela defesa dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas. Segundo o ministro Dutra, juntas, essas duas grandes unidades, "formando um sistema articulado em largura e profundidade, providas dos engenhos blindados e da artilharia antiaérea de que podíamos dispor, com comandos bem definidos, estavam em condições de atender sem demora e em força, o ponto visado para o desembarque."¹⁰

Além disso, foi criada a 10ª Região Militar - RM, sediada em Fortaleza compreendendo os estados do Ceará, Maranhão e Piauí, anteriormente pertencentes à 8ª RM (e que passou a compreender os estados do Pará, Amazonas e Acre). Foram criados depósitos de materiais de intendência, subsistência, carburantes e material sanitário em várias RM pelo país. Foram criadas 60 novas unidades militares (companhias, esquadrões, batalhões, regimentos, depósitos, oficinas, entre outras). Essas unidades possuíam diferentes tamanhos, e abrangiam todas as armas Infantaria, Cavalaria, Material Bélico, Artilharia, Engenharia, Comunicações, e de serviços como de Intendência.¹¹

Na prática, o EB passou por profunda ampliação de estrutura e efetivo em virtude da guerra, declarada em 31 de Agosto de 1942. Dezesseis dias depois, já estava em vigor o Decreto nº 10.451 que ordenava a necessária mobilização geral. Sem essa mobilização, não haveria o efetivo necessário para mobiliar de homens as novas unidades militares criadas para a defesa do território brasileiro.

⁸ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.12

⁹ Ibid., p.141

¹⁰ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.11-12

¹¹ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.21-25

Os efetivos do EB sofreram um surto de crescimento com a mobilização. Em números precisos, no ano de 1939, o EB possuía um efetivo de 60.000 homens,¹² passando para algo próximo de 95.000 homens em 1942,¹³ depois para 163.391 homens, em meados de 1943,¹⁴ chegando em dezembro do mesmo ano com o efetivo de 175.437 homens.¹⁵ Em um curto período de tempo, após o início da mobilização, pode-se falar que o efetivo do EB ficou três vezes maior que em tempos de paz.

Esse aumento gradual é justificado pela necessidade de prover aumento emergencial nos quadros de oficiais e praças graduados que comandariam os reservistas ou recrutas convocados. Antes de incorporar os soldados, era necessário incorporar quem os comandasse.

Essa questão era muito importante e a solução foi encontrada da seguinte forma: para suprir a necessidade de oficiais foram convocados, em grande escala, oficiais da Reserva que haviam cursado o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - CPOR e também os Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva - NPOR. Os CPOR tinham estrutura própria, enquanto os NPOR funcionavam anexados em quartéis de diferentes unidades militares. Além disso, alguns 1º tenentes foram promovidos para o posto de capitão, praças graduados de destaque foram transferidos para a reserva e imediatamente convocados. Foi restringido ao máximo o aproveitamento de oficiais do EB em funções civis governamentais e aumentado o número de vagas para matrícula nos cursos de formação de oficiais das escolas militares, sem apressar o final do curso (inicialmente a Escola Militar do Realengo e a partir de 1944 a Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende-RJ).¹⁶

Quadro 1 – Hierarquia do Exército Brasileiro em 1942

Círculo de Oficiais Gerais	Marechal (somente em tempo de guerra) General de Exército General de Divisão General de Brigada
----------------------------	--

¹² AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.84

¹³ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.146

¹⁴ Ibid., p.146

¹⁵ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.84

¹⁶ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.26

Círculo de Oficiais Superiores	Coronel Tenente-Coronel Major
Círculo de Oficiais Intermediários	Capitão
Círculo de Oficiais Subalternos	1º Tenente 2º Tenente Aspirante a Oficial
Círculo de Praças: Suboficiais, Subtenentes e Sargentos	Subtenente 1º Sargento 2º Sargento 3º Sargento
Círculo de Praças: Cabos e Soldados	Cabo ou Taifeiro-Mor Soldado

Fonte: AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas - 1942, p.3

Essa é uma questão delicada, e de grande importância neste trabalho. A historiografia brasileira já demonstrou os esforços de transformação técnica e profissional do EB, que na década de 30 realizou amplos investimentos na formação dos oficiais por meio de várias reformas.¹⁷ Devido a grande importância para essa pesquisa, é essencial rever algumas dessas reformas, para que se possa avaliar melhor a diferença de formação entre os oficiais da ativa e da reserva que foram convocados.

São bem conhecidos os motivos dos esforços reformadores. O Exército das décadas de 1920 e 1930 estava marcado por profundas divisões no interior da instituição militar.¹⁸ Vargas havia concedido anistia a todos os tenentes revoltosos da década de 1920, que foram reintegrados ao Exército e passaram a ocupar postos importantes no governo. A reintegração destes tenentes rebeldes no poder revirou a hierarquia e aumentou as tensões entre a alta e a

¹⁷Entre os historiadores que estudaram essas reformas encontram-se, entre outros, José Murilo de Carvalho, Fernando Rodrigues, Frank D. McCann, e o antropólogo Celso Castro.

¹⁸ CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p.12

baixa oficialidade.¹⁹ Após algum tempo, uma corrente interna, encabeçada pelo general Góes Monteiro acabou ganhando protagonismo na implementação de um projeto hegemônico na força através de reformas internas, principalmente após a derrota do levante comunista de 1935 e do golpe de 1937, que instalou o Estado Novo e derrotou o levante integralista de 1938.²⁰ Segundo o historiador José Murilo de Carvalho, esse momento marcaria uma passagem “da fase da política na organização para a de política da organização.”²¹

Entre as medidas reformadoras, encontram-se expurgos de oficiais que discordavam da cúpula militar do Estado Novo, e as vagas de promoções existentes foram sendo preenchidas com base em escolhas políticas desta cúpula.²² A guerra do Chaco, entre Paraguai e Bolívia com participação da Argentina, de 1932 a 1935, alarmou os militares que temiam que o Brasil pudesse ser tragado para um conflito para o qual não estava preparado, sendo necessário profissionalizar o corpo de oficiais para tornar o Exército mais apto para a guerra moderna tal como era idealizado pelo general Góes Monteiro.²³

Para atender esse objetivo, foi realizada a reforma da Escola Militar pelo coronel José Pessoa. Ocorreu uma série de invenções de tradições naquele momento. Nesta reforma, se empreenderam esforços como: a implantação de mecanismos de aristocratização dos alunos da escola, que passaram a ser chamados de cadetes, como nos tempos do Império, a formulação de um rigoroso código disciplinar e de controle dos cadetes em internato, o afastamento da política numa tentativa de impor uma neutralidade política aos cadetes como símbolo do profissionalismo militar, a mudança da escola para a cidade de Resende (RJ), distante das agitações políticas da capital e a criação de novos símbolos ligados ao passado Imperial sob a figura do duque de Caxias, o soldado modelo, símbolo da unidade do Exército e da pátria.²⁴

Aspectos da reforma da Escola Militar conseguiram elevar o status dos cadetes na sociedade, como que criando uma elite da caserna. A reutilização da nomenclatura cadete, de origem na tradição portuguesa e nobiliárquica, a adoção da farda histórica azul inspirada na utilizada na guerra contra Manuel Rosas no século anterior, a suspensão da punição dos cadetes em locais misturados com praças, a inserção dos cadetes nos altos círculos sociais do Rio de

¹⁹ RODRIGUES, Fernando da Silva. **Indesejáveis**: Instituição, pensamento político e formação profissional dos oficiais do exército brasileiro. São Paulo: Paco Editorial, 2013, p.15 - 16

²⁰ CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.63- 64

²¹ Ibid., p.59

²² Rodrigues, op.cit., p.17

²³ MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria**: História do Exército Brasileiro 1889 -1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.435 - 436

²⁴ Castro, op. cit., p.47 - 49

Janeiro como as festas do Fluminense ou do Tijuca Tênis Clube e a proibição dos mesmos frequentarem festas no subúrbio, promoviam distinção entre cadetes e soldados.²⁵

Toda tradição inventada precisa, obviamente, ser aceita e assimilada por um círculo social para ter eficácia e continuidade. Sempre é resultado de um projeto consciente, nesse caso, desenvolvido pelo comandante da Escola Militar, José Pessoa.²⁶

O antropólogo Celso Castro afirma que as tradições e símbolos inventados foram coerentes ao remeter a oficialidade a um passado escolhido a dedo, por ser estável e representar a “ossatura da nacionalidade”, cumprindo seu papel:

“os novos uniformes ‘tradicional’, o espadim de Caxias representando a honra militar, a imagem telúrica e atemporal das Agulhas Negras. Ao mesmo tempo, implementavam-se medidas que enfatizavam a disciplina, coma a criação do Corpo de Cadetes, o novo regulamento e o controle mais rigoroso da vida cotidiana dos alunos. Exorcizava-se, assim, pelo menos no plano simbólico, as turbulências da política do interior do Exército, reservando a política ‘para os políticos e mais ninguém’.²⁷

O historiador Fernando Rodrigues - ao analisar as reformas de José Pessoa na Escola militar - chama atenção para o fato de que “o padrão de socialização dos cadetes assumiu um formato que permanece até os dias de hoje, criando a mística do oficialato e estabelecendo a distinção social do cadete, futuro oficial, das praças e dos civis.”²⁸

Como última das tradições inventadas destaca-se -ainda segundo Celso Castro -, há, a partir de 1930, a crescente valorização da figura do duque de Caxias em detrimento da do general Osório como símbolo maior do Exército, alcançando o objetivo de, no plano simbólico, afirmar o valor da legalidade e do afastamento da política, em prol da unidade do Exército, que como vimos estava completamente fragmentado.²⁹ O historiador Frank D. Maccan confirma o crescimento de importância das cerimônias em homenagem a Caxias na data comemorativa de seu nascimento, dia 25 de Agosto. Reconhece que Caxias tornou-se símbolo da unidade nacional, da dedicação militar e um antídoto contra a indisciplina.³⁰

Toda essa importância dada à formação dos oficiais acaba aparecendo de maneira implícita no relatório do ministro Dutra em 1943, quando este faz ponderações sobre status do ensino do EB diante da guerra. Para o ministro, a situação era de "existência de quadros já

²⁵Mccann, op.cit., p.438 - 439

²⁶ CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p.115

²⁷Ibid., p.131

²⁸Rodrigues, op.cit., p. 113

²⁹ Castro, op.cit., p.20

³⁰Mccann, op.cit., p.522 - 523

insuficientes para as necessidades do tempo de paz" e, ao mesmo tempo, a "imperiosa necessidade de prover, em curto prazo, todas as unidades do pessoal imprescindível à eficiência da instrução e da disciplina." Para ele, era preciso "aumentar a formação de oficiais, para todos os quadros combatentes e dos serviços" e, ao mesmo tempo, não se podia alterar a estrutura geral do ensino, "pondo-se de lado todas as sugestões referentes à diminuição de prazos, compressão dos cursos ou simples redução de programas de ensino afim de que se mantivesse inalterável o padrão de cultura geral e profissional".³¹

O ministro general Dutra ainda afirmava que "essa necessidade se nos apresentou como uma imposição, para que uma solução de emergência não viesse a criar um hiato, uma solução de continuidade na obra que há século vem o Exército construindo", que "isso só seria possível se não houvesse quebra no sistema de instrução dos oficiais".³²

Com efeito, estavam nas fileiras do EB, espalhados por várias unidades militares, oficiais subalternos (1º e 2º tenentes) da ativa, oriundos da formação criteriosa da Escola Militar, e oficiais da reserva, oriundos da formação dos CPOR e NPOR. As formações eram muito distintas. Enquanto o curso da Escola Militar era cercado de cuidados, em regime de internato, por quatro anos, os cursos do CPOR e NPOR eram uma alternativa de prestação do serviço militar obrigatório para os estudantes universitários de todo país. Seus alunos matriculavam-se e frequentavam o curso somente nos fins de semana, que, em determinadas situações, funcionava adido a quartéis não isolados do restante da tropa. Essa diferenciação entre os oficiais da ativa e da reserva é fundamental para este trabalho.

Outro traço importante da estrutura do EB era a insuficiência e obsolescência do armamento. Como já citado anteriormente, o ministro Dutra já havia explicitado que sem armamentos o Exército continuaria ineficiente e fraco, e que "a guerra moderna se faz com o moral dos homens e a técnica dos materiais".³³

No quesito armamento, o Brasil - como país incapaz de produzir suas próprias armas modernas - só tinha como opção comprar armamentos no exterior. Estava instalada uma completa "babilônia das armas", vindas de vários cantos do globo. A tropa utilizava fuzis alemães Mauser, modelos 1895 e 1908, calibre 7,92mm, mosquetões modelo 1908 reformados no Brasil, mosquetões "diversos", revólveres estadunidenses Smith Wesson calibre .45,

³¹ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.208

³² Ibid., p.208

³³ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.36

pistolas estadunidenses Colt calibre .45. Tais armamentos individuais existiam em grande quantidade, inclusive, em quantidade superior ao efetivo total do EB.³⁴

O problema surgia e se agravava quando se tratava de armamentos mais sofisticados. No caso das metralhadoras, eram empregadas as já antiquadas metralhadoras francesas Hotchkiss calibre 7mm, e as dinamarquesas Madsen também de 7mm. Essas armas, somadas em todas suas variantes utilizadas no EB, tanto distribuídas nas unidades militares quanto no depósito, totalizavam 8.585 unidades. Quantitativo claramente insuficiente para equipar as unidades militares do EB. E os tão necessários morteiros para apoio de fogo orgânico da infantaria somavam 436 unidades do morteiro francês Brandt calibre 81mm. Também quantitativo inferior ao necessário para as unidades de infantaria do EB.³⁵

Em matéria de artilharia de campanha, o EB estava dotado com uma miscelânea de canhões de 75mm, alemães Krupp, franceses Schneider, franceses Saint Chamond. Esses obsoletos canhões somavam mais de 300 unidades. Os únicos canhões modernos da artilharia eram os alemães Krupp 105mm, Krup 88mm (anti aéreo) totalizando menos de 50 unidades.³⁶

No que tange às viaturas motorizadas, blindadas, e carros de combate ou reconhecimento, a situação era ainda pior, ou os meios existiam já obsoletos e em pequena quantidade, ou simplesmente não existiam.

Para resolver este problema e mobiliar as unidades militares, a entrada do país na guerra possibilitou o acesso do país ao programa de *LendLease* dos Estados Unidos da América. Vários países aliados já haviam recorrido ao programa e assim também fez o Brasil. Este programa, na verdade, colocava em execução uma lei estadunidense de empréstimo e arrendamento, que assegurava financiamento por bancos estadunidenses para compra de material de guerra daquele país com autorização do Congresso dos EUA.

Assim sendo, o governo brasileiro agiu e providenciou a compra de todo equipamento necessário para mobiliar suas unidades de artilharia de costa, canhões que variam entre 152mm e 305mm e, posteriormente, comprou na quantidade necessária todos armamentos para tornar o EB uma força combativa capaz de fazer a guerra moderna. Equipamentos completamente novos foram adquiridos em grande quantidade. Para efeito de comparação com os materiais já citados, somente em obuses de 105mm para artilharia foram comprados ao todo 504 unidades. Se, anteriormente, o EB possuía menos de 50 peças de artilharia modernas, este arsenal

³⁴ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.134

³⁵ Ibid., p.134

³⁶ Ibid., p.135

expandiu seu poder em mais de dez vezes a quantidade, sendo ainda com peças mais modernas, com maior alcance e poder de destruição.³⁷

A quantidade de equipamentos e armamentos comprada foi enorme e, mesmo chegando aos poucos, foi suficiente para transformar a capacidade combativa do EB em pouco tempo. É bem verdade que muito material chegou ainda após o fim da guerra, mas o essencial para a defesa territorial chegou antes do embarque da FEB para a luta na Itália. Pois, segundo o general Dutra, "a organização de uma força expedicionária requer a preparação de força equivalente senão mais importante, que guarneça o território pátrio e mantenha a soberania[...] ao abrigo da ação perniciosa de todos os seus inimigos."³⁸

Dessa forma, pode-se afirmar que, em um espaço de dois anos, o EB foi completamente ampliado no que concerne aos seus efetivos, presença e distribuição no território nacional, em seus meios materiais, técnicos, bélicos, em poder de fogo, padronização de meios e, conseqüentemente, em gasto orçamentário.

1.1.2 Notas sobre a vida militar: apreciação dos estatutos e regulamentos militares

Os códigos e sinais militares, habitualmente, chamam atenção dos civis nas cerimônias ou desfiles militares abertos ao público. Mas os detalhes da forma, de como os militares se relacionam entre si, mesmo quando estão fora dos quartéis, em geral, chamam ainda mais a atenção dos observadores externos à vida na caserna.

Em 1942, qualquer cidadão que circulasse pelas ruas da cidade perceberia, rapidamente, uma brusca mudança em seu ritmo cotidiano, com o aumento significativo de militares circulando pelas ruas.

O *cidadão* observava que os bondes circulavam, cheios de soldados fardados e, de uma hora para outra, códigos internos do Exército tornavam-se visíveis para a sociedade, como quando um jovem tenente, num determinado ponto, entrava no bonde e vários soldados se levantam para lhe conceder lugar. Também ao observar que nenhum dos grupos de soldados no bonde fala sobre política. Ao observar as calçadas da janela do bonde, o *paisano* repara que, enquanto caminham, nenhum dos militares se exime de realizar seu tradicional cumprimento, a continência, ao cruzar com algum superior hierárquico.

³⁷ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.106-108

³⁸ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.162

O *paisano* poderia ficar intrigado e admirado ao perceber que todos os homens fazem exatamente o mesmo movimento para realizar a continência, as vezes com alguma variação de atitude, gesto e duração. Um movimento que começa sempre com a mão direita que se eleva aberta, dedos unidos ao lado direito de seus bonés, com as costas da mão para a direita até que a falange extrema do indicador toque a pala de seu boné. À essa altura do movimento, o braço está quase na horizontal, formando um ângulo próximo de 45°, com a linha dos ombros. Percebe-se a mão como um prolongamento do ante-braço, o "olhar franco e direto" para o superior para quem faz a saudação. Logo depois que este é ultrapassado a mão é baixada num movimento mais ou menos enérgico e se retoma a normalidade da caminhada.

Ao chegar ao portão do quartel próximo das 07h55 da manhã, o *paisano* observa que, mesmo de moto, os militares fazem continência aos superiores, só deixando de olhar para os lados. Logo depois de se identificar, conseguir as informações do local exato em que deve se apresentar e iniciar a caminhada de trajeto, o *paisano* é surpreendido com a súbita parada de todos os militares pelo caminho, de repente todos fizeram posição de sentido, silêncio e olharam fixamente para o mesmo local realizando continência. Fazendo a mesma coisa, observou que era a bandeira nacional sendo hasteada pontualmente às 08h, com toque de corneta, continência de todos militares ao mesmo momento, tanto os que transitavam isoladamente quanto as tropas formadas na cerimônia de hasteamento.

A pequena narrativa foi minuciosa propositalmente, para mostrar o quanto a vida cotidiana dos militares é extremamente normatizada, o que pode ser bastante surpreendente para o *paisano* que acaba de tomar contato com essas práticas. Tal descrição foi realizada somente para ilustrar que todos esses pequenos rituais constituem situações da vida militar que são reguladas por códigos escritos. Naquele ano, estavam vigentes o Regulamento Disciplinar do Exército, e o Regulamento de Continência, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas, ambos publicados em 1942. Além de vários outros regulamentos e manuais específicos.

Depois do espanto, uma pequena reflexão sobre a lógica interna de funcionamento que rege a rotina militar. Retomando a ordem da narrativa acima, podemos justificar todas as observações feitas pelo *paisano* da seguinte forma: o Regulamento Disciplinar do Exército - RDE -, de 1942, em seu artigo 13, item 67, assinala como transgressão disciplinar o soldado usar traje civil, mesmo quando fora e em trajeto para o quartel;³⁹ o artigo 13, item 86, assinala como transgressão disciplinar o soldado deixar de oferecer seu lugar a um superior

³⁹ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p.9

hierárquico; o artigo 13, item 111, considera transgressão disciplinar a discussão sobre política em público; o artigo 13, item 89, assinala como transgressão deixar de prestar continência ao superior; O Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas - R 2 -, de 1942, em seu Capítulo III, artigo 17, aponta minuciosamente as regras da continência do militar isolado, a pé, ou em qualquer tipo de veículo, ou montaria animal.⁴⁰ No seu Capítulo I, fica estabelecido o Cerimonial para a Bandeira Nacional, através do art. 195.

Tudo o que foi descrito teve como base esses dois regulamentos do EB. O RDE trata de todas as questões que remetem à disciplina do EB, enquanto o R 2 trata das questões de cerimonial, e sinais de respeito e honra característicos da instituição.

Segundo o RDE, "a disciplina é o exato cumprimento dos deveres de cada um, em todos os escalões de comando e em todos os graus da hierarquia, que confere, progressivamente, autoridade ao de maior graduação ou posto".⁴¹ A importância da hierarquia e da disciplina se destacam, como um dos fundamentos da instituição, a continência individual é vista como "prova de disciplina, que o militar é obrigado a prestar aos superiores".⁴²

Nesse sentido, convém trazer à tona alguns elementos já abordados pelos antropólogos brasileiros que estudam a vida militar. Para Piero Leirner, ser militar significa ocupar um lugar na hierarquia, estar imerso numa rede de relações com regras próprias, sujeito a regras diferenciadas em relação aos civis. A hierarquia é a distinção máxima, pois determina quem é de dentro e quem é de fora. A hierarquia é um fato social total que, ao mesmo tempo, é um princípio formador de uma identidade coletiva e sua fronteira com o mundo de fora.⁴³

Ocupar um lugar na hierarquia é ocupar uma posição dentro da instituição militar. E, segundo os regulamentos, o militar leva esta posição consigo onde quer que encontre outros militares, mesmo estando em meio civil. Os regulamentos prevêm que o superior deve tratar o subordinado com "civildade[...], interesse e benevolência",⁴⁴ porém ressalta que a "camaradagem torna-se indispensável à formação e ao convívio da família militar, cumprindo existir as melhores relações sociais entre todos os oficiais".⁴⁵

⁴⁰ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas de 1942, p. 17

⁴¹ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p.3

⁴² AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas de 1942, p. 4

⁴³ apud Castro; Leirner, 2009, p.81

⁴⁴ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p.4

⁴⁵ Ibid., p.4

Para as praças, em especial os cabos e soldados, levar esta posição para fora dos quartéis podia gerar situações embaraçosas, como ser retirado de festas caso o superior presente perceba que não se estava utilizando o uniforme correto para o evento.⁴⁶ Como já observado, ceder lugar para o superior em locais públicos (exceto teatros, casas de diversões e salas de refeições). Não pode a praça retirar-se sem pedir licença ao superior, nem sentar à mesma mesa que estiver um oficial quando em público, nem mesmo comprar bilhete de passagem para a mesma cabine ou camarote que um oficial em transportes como trens ou navios. Em caso de festas em clubes civis ou reuniões familiares a praça não pode dançar na presença de um oficial.⁴⁷

Outro ponto interessante pode ser observado na Lei nº 3.864, de 23 de Novembro de 1941, o Estatuto dos Militares. A lei estabelece que, aos militares da ativa, é dever "cumprir as leis e regulamentos", "estar pronto a fazer todos os sacrifícios, até o da própria vida", "demonstrar coragem", "ser leal", "ter profundo sentimento e espírito de camaradagem", "ter cuidado ao dar ordens", "ser justo", "não se eximir de responsabilidades que lhe cabem e salvaguardar as dos subordinados que agirem em cumprimento de ordens suas", "zelar pela honra e reputação de sua classe", ser discreto e adotar "correção de atitudes e maneiras, sobriedade de linguagem", abster-se de "referir-se em público a assunto de caráter reservado, confidencial, ou secreto [...] que diga respeito à defesa nacional", "aceitar as fadigas e trabalhos próprios da profissão, impostos para prepará-lo ao cabal desempenho de sua missão de guerra".⁴⁸

Recorrendo mais uma vez aos antropólogos brasileiros, estudiosos do cotidiano militar, acredito que a vida regida pelas minúcias regulamentares é um dos separadores da rotina militar da vida civil. Celso Castro afirma que tornar-se militar significa, acima de tudo, deixar de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar. Torna-se necessário, para adquirir essa nova identidade passar por um processo de desconstrução da sua identidade anterior. Para ele mundo / meio militar e mundo / meio civil são categorias nativas, estruturantes da visão de mundo militar e não somente termos descritivos.⁴⁹

⁴⁶ AHEX, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p.9

⁴⁷ Ibid., p.10

⁴⁸ Ibid., p. 56-58

⁴⁹ CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (Org.) **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.24

Para Lauriani Porto Albertini, no que se refere à identidade militar, “o componente fundamental de sua visão de mundo é uma clara distinção entre as características atribuídas ao “mundo militar”, o “aqui dentro”, e as atribuídas ao “mundo civil”, o “lá fora”.⁵⁰

Convém ressaltar que a hierarquia militar também norteia os sinais e procedimentos de cumprimentos, demonstração de respeito e honra entre os militares, até os mínimos detalhes. Era, por exemplo, prerrogativa do oficial ou superior hierárquico escolher se estende, ou não, a mão ao subordinado, sendo este último obrigado a cumprimentá-lo conforme o superior escolher. O subordinado devia utilizar a palavra *senhor* para referir-se aos superiores. Caso o superior, depois da continência, opte por dar bom dia ou boa noite ao subordinado, este deve responder bom dia *meucapitão*. (posto ou graduação do superior).⁵¹

Após todos estes elementos, constantes nos regulamentos então vigentes, é pertinente observar que existe uma flagrante separação entre o oficialato e as praças. O oficialato é revestido com um trato aristocrático por parte do subordinado. Oficialato da ativa, todo formado na Escola Militar e que pode ascender na carreira até o generalato, onde realmente poderá exercer as funções de alto comando do EB.

É importante destacar que estes não eram os únicos regulamentos vigentes no EB naquele período. Mas, para os objetivos do capítulo, a abordagem destes regulamentos basta, uma vez que a intenção é tão simplesmente demonstrar como a vida na caserna é diferente da vida civil sob vários aspectos. Além disso, é importante fornecer ao leitor elementos para pensar as implicações de se ocupar um posto na hierarquia militar.

O RDE, como já diz o nome, deve nortear as relações disciplinares da tropa. Ele trazia todos os parâmetros de como as coisas devem funcionar cotidianamente dentro do EB, e mais, trazia as punições, ou pelo menos os parâmetros delas, previstas para cada tipo de infração disciplinar. É importante frisar que os crimes militares eram discriminados em legislações próprias, e eram julgados em tribunais militares. Crimes militares eram tratados na alçada jurídica específica, somente as transgressões disciplinares eram corrigidas com as punições previstas no RDE.

Ao todo, o RDE estabelece 128 transgressões disciplinares possíveis. Sendo que elas podem ser classificadas pelo comando em leves, médias e graves. "Só se torna necessária e eficaz a punição, quando dela advém benefício ao punido, pela sua reeducação, ou à classe a

⁵⁰Castro; Leirner, op. cit., p.81

⁵¹AHEX, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas de 1942, p. 7-8

que pertence pelo fortalecimento da disciplina". Sendo sempre considerada grave, a transgressão que tiver "natureza desonrosa", que "for ofensiva à dignidade militar ou profissional" ou que seja "atentatória das instituições ou do Estado".⁵²

No julgamento das transgressões, podiam influir questões que se refiram à causas de justificação, circunstâncias atenuantes ou agravantes.⁵³ As penas podiam variar entre a mínima, repreensão verbal pública ou individual, até a máxima, expulsão do EB e proibição de utilização de uniforme, passando por outras como prisão e rebaixamento temporários, dispensa de cargos, licenciamento, entre outras. Esta questão será retomada com mais detalhes no segundo capítulo do trabalho, quando serão analisados alguns Inquéritos Policiais Militares - IPM, que ocorreram durante a campanha da Itália.

Por fim, resta informar ao leitor que, apesar do RDE, do R 2 e do Estatuto dos Militares constituírem um núcleo duro de códigos que regulam a vida militar, no que se refere à disciplina e hierarquia, existiam ainda uma infinidade de outros regulamentos. Havia regulamentos para uniformes, e também os manuais que podiam ser técnicos (considerações técnicas e de manutenção sobre equipamentos), de utilização de armamento (continham todas informações necessárias para operar cada armamento) e manuais de campanha (manuais que norteiam o emprego tático em campanha das armas e serviços do EB), entre outros. Deve-se ter em mente que em maior ou menor grau, variando em cada situação específica, estes manuais produziam os mesmos efeitos de ritualização das atividades que os examinados nesta seção.

1.1.3 Aspectos do modo de pensar do comando

Ao realizarmos a leitura dos relatórios do Ministro da Guerra, general Dutra, em busca da estrutura de funcionamento do EB nesta primeira metade da década de 1940, foi possível identificar um certo modo de pensar temas como política e questões raciais. Tais aspectos são de relevância, pois configuram valorações importantes, que vão além da busca por manutenção da hierarquia, disciplina e tradições do EB.

Quando tratava de questões sanitárias, ao referir-se ao estado do Amazonas, o ministro general apela para Euclides da Cunha ao dizer que o "homem lá continua a ser um intruso, há moléstias endêmicas, infecciosas, que concorrem para a quebra da saúde individual, as quais

⁵² AHEX, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p. 12

⁵³ Ibid., p.13

somadas à carência alimentar qualitativa, fazem dos seus habitantes em grande parte um *arremedo humano*".⁵⁴

Segundo ele, os homens recrutados no "*hinterland*" brasileiro "são portadores de morbosidades (elementos que podem causar doenças), próprias a cada região brasileira, com os morfo-tipos que lhes emprestam a deformidade produzida pela doença e pelo ambiente mesológico."⁵⁵ O ministro não podia ser mais direto ao afirmar que "no Exército é onde se observam nitidamente estes desequilíbrios e imperfeições da eugenia do homem brasileiro".⁵⁶

Em 1945, já se referindo às ações de combate da FEB na Itália, o ministro general afirma que havia desconfiança para com os jovens de origem teuta e italiana que foram convocados e recrutados para a FEB, pois se temia que "as leis avíticas da hereditariedade gritassem mais alto na invocada voz do sangue, do que o sentimentalismo patriótico pela terra que lhes deu o berço".⁵⁷ Mas, para própria surpresa do ministro, foram esses mesmos homens que "até então se mostraram indiferentes e apáticos [...] na guerra, lá ao longe, em além-mar, tem se revelado ótimos soldados. Enérgicos e corajosos, com a determinação e o *elan* de combatentes autênticos."

Ao falar dos filhos de japoneses e judeus, o ministro afirma que "seria melhor que silenciássemos o assunto, para fazer *pendant* ao silêncio e à indiferença de suas atuações nessa ingente questão do Brasil na guerra".⁵⁸ Depois, menciona a solidariedade dos judeus de todo mundo frente aos constrangimentos e iniquidades nazistas, mas, no caso do Brasil, afirma que o comportamento dos judeus é "egoístico e econômico", continuam sendo "apátridas" que na primeira oportunidade voltarão para a terra de origem.⁵⁹

Ao observar estes aspectos de cunho racial no relatório do ministro, dois recentes trabalhos historiográficos podem dialogar com essa questão. A historiadora Ana Taísa da Silva Falcão estudou, em sua dissertação de mestrado, a atuação dos médicos militares do Exército na década de 1910. Estes médicos eram majoritariamente influenciados pela vertente lamarckiana da eugenia biológica. Para os médicos do Exército que editaram a revista *A medicina militar: práticas eugênicas à serviço da nação*, a partir da criação do serviço militar obrigatório, na década de 1910, seria possível intervir na sociedade brasileira acreditando na

⁵⁴ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.79

⁵⁵ Ibid., p.80

⁵⁶ Ibid., p.80

⁵⁷ Ibid., p.81

⁵⁸ Ibid., p.81

⁵⁹ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.81-82

possibilidade de mudanças que ocorreriam tratando as doenças do homem "degenerado", trabalhando preventivamente com o ambiente em que viveria na caserna e exercendo a medicina.⁶⁰

Ao adotarem a perspectiva lamarckiana e a eugenia preventiva, os médicos militares da revista atacavam fortemente a eugenia determinista, ou seja, "aquela que condena o mestiço, que determina o negro como vadio e criminoso."⁶¹

Os médicos da revista introduziram no Exército a ideia de "melhoramento do corpo" sem excluir negros e mestiços. Para eles, negros e mestiços originalmente não perdiam em nada para os brancos, eram as condições ambientais à que se expunham na vida que lhes conferia um desenvolvimento "retardado", fracos, debilitados, viciosos e doentes.⁶²

Ao negar as degenerações naturalmente raciais, os médicos da revista admitiam essa degeneração a partir de uma perspectiva classista, atribuindo ao descaso do Estado com os mais pobres, essencialmente negros e mestiços, que viviam em ambientes sem condições básicas de higiene. Por isso o Exército, através do serviço militar obrigatório, da prática da medicina e da higiene militar, seria capaz de melhorar os indivíduos e criar soldados fortes e formosos (visto que a beleza também era alvo de melhoramento eugênico).⁶³

Penso que a descrição do homem do norte, um *arremedo humano*, mal alimentado e que vive numa região distante, que pela dificuldade de comunicação torna "incompatíveis e inexequíveis as medidas de higiene e profilaxia, que pudessem remover ou extinguir aquelas enfermidades", remete diretamente à influência dessa questão da perspectiva racial higienista, que foi adotada na década de 1910 e início da 1920. Período em que os militares da cúpula de comando do EB de 1942 estavam em início de carreira. Sendo, então, um aspecto ainda presente na forma como esses militares pensavam a população brasileira.

No que tange às observações sobre os descendentes de judeus, japoneses, alemães e italianos, é oportuno apresentar os argumentos do historiador Fernando Rodrigues, que estudou as mudanças no processo de admissão da Escola Militar do Realengo e detectou categorias de pessoas consideradas *indesejáveis* pelo comando. Para o autor:

“estavam sendo implantados, na Escola Militar e em outros estabelecimentos de ensino militar do Brasil, instrumentos para dificultar ou mesmo impedir a

⁶⁰FALCÃO, Ana Taísa da Silva. A Revista *Medicina Militar*: Práticas eugênicas a "serviço da nação" (1910 - 1923). Rio de Janeiro, 2012. 142p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História - PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p.92 - 93

⁶¹ Ibid., p.97

⁶² Ibid., 2012, p.97

⁶³ Ibid., 2012, p.100

entrada, num primeiro momento, de candidatos que não se enquadrassem no novo modelo exigido para ser Oficial do Exército, ou seja, indisciplinados e/ou associados à política e, num segundo momento, de comunistas, de filhos de estrangeiros, de negros, de judeus e de muçulmanos, grupos considerados subversivos ou inferiores para a formação de uma elite militar.”⁶⁴

Fernando Rodrigues ainda demonstrou que, numa nota secreta de 22 de janeiro de 1941, o ministro Dutra afirmou que a seleção dos futuros oficiais deveria ser feita em meio homogêneo, fundamentalmente brasileiro, de maneira que diversidade racial, de mentalidade, de pigmentação da pele, jamais transformassem o quadro de oficiais do Exército num "amontoado amorfo de indivíduos" sem solidez de princípios morais, religiosos e, de ideias. Esclarece ainda que a restrição aos negros não deve desmerecer os patricios de cor que tenham qualidades pessoais necessárias ao oficialato, mas em face das convenções sociais, que não poderiam ser abolidas da sociedade, a proibição do acesso dos negros ao oficialato pouparia situações de constrangimento para eles próprios e seus comandados, caso entrassem na instituição. Não ser de cor torna-se uma exigência para o acesso ao oficialato.⁶⁵

Portanto, apesar de serem posições do ministro expressas no relatório, pela liberdade e franqueza da escrita, e pelo cruzamento com estes dois estudos historiográficos, pode-se dizer que tais ideias que já circulavam livremente entre os oficiais do alto comando do EB no contexto do Estado Novo. E, como já foi citado anteriormente, os oficiais discordantes já tinham sido devidamente expurgados do EB.

Acrescentam-se às ideias de cunho racial, as restrições à circulação de ideias políticas. Para o ministro, além da guerra contra a Alemanha e Itália no *front* externo, havia ainda um *front* interno. Uma preocupação constante do *front* interno é a estabilidade política do regime. E mais uma vez, as observações do ministro da guerra no relatório não deixam dúvida sobre a política do governo.

Com preocupação, ele afirma que as "influências libertárias e políticas", onde grupos de indivíduos se aproveitam do mal estar provocado pela guerra e "insuflam suas ideias revolucionárias na massa do povo, [...] quer no meio estudantil, quer no meio operário, quer mesmo nas casernas". Ressalta que "*Bolcheviques* apresentam-se de multifárias maneiras e nuanças". O ministro general sentia que havia "amplo e progressivo desdobramento da propaganda comunista". Afirma ainda que os comunistas transformam as mais nobres iniciativas de civismo em "pequenos comícios monstros de reivindicações anárquicas",

⁶⁴Rodrigues, op.cit., p.114

⁶⁵Ibid., p.150

instalam comitês, promovem congressos, tudo com o "objetivo único da revulsão dos espíritos para a convulsão final do país."⁶⁶

Mas os comunistas não eram a única preocupação do ministro:

"Além destes, também como agitadores da opinião pública, atuam com maquiavélica habilidade os saudosistas de todos os matizes, apregoando em suas arengas e em seus escritos pseudamente favoráveis à guerra, as excelências do velho regime que os benfadava e as belezas platônicas da democracia pura, visando com toda essa efervescência verbal fazer sombra e mesmo solapar e sabotar a obra e os efeitos do regime vigente no Brasil."⁶⁷

Para o ministro, agências estrangeiras patrocinavam em dinheiro a ação daqueles que "proclamam a todos os ventos os direitos fundamentais do pensamento livre e da liberdade de opinião", pessoas que ao observar qualquer iniciativa do governo que mire a "formação de um pensamento coletivo nacional, cominam logo seus propugnadores de incultos e bárbaros, a serviço de um xenofobismo prejudicial e doentio".⁶⁸

No que se refere à cultura, o ministro afirma existir "profunda vassalagem da inteligência brasileira à cultura estrangeira, servidão intelectual de nocivíssimas consequências".⁶⁹

Ao que tudo indica, apesar de acusar de maquiavelismo os oponentes do regime, o ministro estava com autênticas preocupações maquiavelianas, a estabilidade e continuidade do regime.

1.2 A criação da FEB

Segundo o ministro general Dutra, sua intenção inicial, apresentada ao governo, foi criar uma Força Expedicionária para combater fora do país contra o eixo, "dentro dos moldes das organizações similares e com todos os apetrechos modernos." Esta força teria "no mínimo o poder combativo de um *exército*, composto de dois *corpos de exército*, dos quais um motorizado e mais uma *divisão blindada*".⁷⁰ Para terminar sua previsão inicial, o ministro informou que uma média das organizações similares dos exércitos dos EUA, França e Alemanha representaria em números uma força com 4.700 oficiais, uma tropa de 140.450

⁶⁶ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.16

⁶⁷ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.31

⁶⁸ Ibid., p.32

⁶⁹ Ibid., p.33

⁷⁰ Ibid., p. 162

militares, equipada com 21.780 cavalos, 5.635 veículos hipomóveis, 1.570 viaturas de transporte, 3.528 outras viaturas e 5.390 motocicletas.⁷¹

Dutra afirma ainda, em meados de 1943, de que levariam no mínimo seis meses para treinar esta tropa, mas reconhece que o EB estava muito longe de possuir o armamento necessário para equipá-la, e sequer contava com efetivo suficiente para isso.⁷²

Após muitas tratativas entre o ministro e o presidente Getúlio Vargas e, posteriormente, entre comissões do governo brasileiro e estadunidense, foi criada a FEB através do decreto nº 6.018/A, em 23 de novembro de 1943. O decreto estabelecia a composição da FEB com *corpo de exército* com três *divisões de infantaria*, mais aviação e comando orgânico. Deveria ser comandada por general brasileiro, que teria ligação direta com os ministros da Guerra, da Aeronáutica, e da Marinha, sendo responsável pelo treinamento da FEB e seu emprego em combate. E que, enquanto o presidente não nomeasse o comandante da FEB, o ministério da guerra ficaria encarregado de todas as medidas.⁷³

Assim, o ministro promoveu as necessárias medidas organizacionais e estabeleceu todo o contingente pertencente à 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária - DIE, assim composta:

Quadro 2 - Composição da 1ª DIE

Tipo	Unidades Militares	Efetivo
Quartel General e Tropa Especial	Quartel General DIE	211
	Companhia de Quartel General	110
	Pelotão de Polícia	62
	Companhia de Manutenção	133
	Companhia de Intendência	175
	1ª Companhia de Transmissões	218
	Destacamento de Saúde da DIE	15
	Banda de Música	54

⁷¹AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.163

⁷²Ibid., p.163

⁷³Ibid., p.187

Artilharia Divisionária - AD	Comando da AD	12
	Destacamento de Saúde da AD	57
	Bateria de Comando	104
	I/1º Regimento de Artilharia Pesada Curta	519
	I/1º Regimento de Obuses Auto Rebocado	509
	II/1º Regimento de Obuses Auto Rebocado	509
	I/2º Regimento de Obuses Auto Rebocado	509
Infantaria Divisionária - ID	Quartel General da ID	28
	1º Regimento de Infantaria	3.236
	6º Regimento de Infantaria	3.236
	11º Regimento de Infantaria	3.236
Especialistas	1º Batalhão de Saúde	466
	9º Batalhão de Engenharia	660
	1º Esquadrão de Reconhecimento	156
Total		14.275

Fonte: AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.189 - 190

Em junho de 1944, a 1ª DIE da FEB seria enviada para a Itália, transportada em cinco escalões diferentes. Ao todo, acrescentaram-se outras unidades não constantes neste quadro, como o Depósito de Pessoal, onde ficaram os homens em espera para substituir as baixas da tropa na linha de frente. Toda uma série de efetivos militares e civis que atuaram em serviços de retaguarda, chegando a FEB a contar, ao todo, com o efetivo de 25.550 pessoas.⁷⁴

Ainda assim, este número consiste em menos de 20% do contingente inicialmente planejado para a FEB. Segundo Dutra, a decisão de não enviar a 2ª e 3ª Divisões de Infantaria

⁷⁴AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p. 75-76

foi do presidente Getúlio Vargas, ao decidir que "a colaboração efetiva do Brasil, no que se refere ao envio de tropas para a Europa fosse restrita a uma Divisão de Infantaria, ao invés de três".⁷⁵

1.2.1 A questão doutrinária

Desde a fase de neutralidade, os governos do Brasil e dos EUA iniciaram uma aproximação. A partir da fase de beligerância e da posterior declaração de guerra do Brasil, esta cooperação aumentou e, segundo o ministro general Dutra, "foi se intensificando e avolumando até se tornar completa, unidos os soldados brasileiros e norte-americanos num só objetivo de defesa integral do continente e de plena cooperação na luta pela vitória comum".⁷⁶

Ocorreram estágios fornecidos pelo Exército estadunidense a oficiais brasileiros em suas escolas no EUA. Para Dutra, "doutrina e processos de combate tornaram-se, assim, comuns para os nossos quadros; problemas de organização, armamento, defesa e equipamentos bélicos fizeram-se idênticos para ambos". Isso permitiu que o EB adquirisse "novos conhecimentos técnicos e táticos que tanto o vitalizaram, adaptando-se aos modernos aspectos de combate e conquistando uma capacidade de ação, evidentemente maior".⁷⁷

Logo após o decreto de criação da FEB, iniciaram-se os estudos sobre como seria este contingente. As pretensões iniciais e sua forma final já foram abordadas em tópico anterior. Gostaria, no entanto, de demonstrar o que de fato ocorreu entre as primeiras pretensões e a forma final. Inicialmente, o general Estevão Leitão de Carvalho, chefe da delegação brasileira na Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, iniciou os estudos para definir qual seria o tipo (composição e efetivo) de Divisão de Infantaria a ser enviada para a guerra, quais seriam as unidades destinadas a constituir a FEB, mobilizar essas unidades nas suas próprias guarnições e posteriormente escolher o local para concentrar todas juntas.⁷⁸

A Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos foi o fiel da balança nessas negociações, sendo que o chefe da delegação estadunidense, general J. GareschéOrd, foi quem afirmou que a dificuldade de meios e de transporte precisariam ser superadas e solicitou "a

⁷⁵ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.29

⁷⁶ AHEX, Relatório do ministro da Guerra de 1943, p.156

⁷⁷ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.156

⁷⁸ Ibid., p.166

conveniência de que a organização de tais meios seja, quanto possível, similar à do Exército dos EUA",⁷⁹ tanto em eficiência, valor combativo e efetivos globais.

Foi acordado que o material e armamento todo da FEB seria de origem estadunidense, por facilidade de execução dos transportes e reaprovisionamentos. Metade do equipamento seria entregue ainda no Brasil e a outra metade no teatro de operações.⁸⁰

A questão dos cursos e estágios nas escolas dos EUA foi definida pelo ministro general Dutra como "indispensável", devendo o maior número possível de oficiais treinarem nos EUA para o "melhor conhecimento de seus processos de combate e da sua técnica de abastecimentos", visando o "mais perfeito entendimento entre brasileiros e norte-americanos".⁸¹ Era necessário que os oficiais estivessem "perfeitamente familiarizados com o emprego técnico e tático do material moderno de fabricação norte-americana".⁸²

Também ficou definido que todo o suprimento necessário à FEB ficaria sob responsabilidade dos EUA. Somente uniformes, calçados e comida típica brasileira seriam de responsabilidade do governo brasileiro. Itens como arroz, feijão, carne seca e café seriam adicionados à alimentação padrão do Exército estadunidense que a FEB receberia.⁸³

Outro passo importante foi a criação de um Centro de Instrução de Especialistas, "destinado ao preparo e aperfeiçoamento dos oficiais e praças para as diversas especialidades".⁸⁴ Para formar a FEB seriam necessários muitos motoristas, mecânicos, operadores de comunicações diversas, armeiros e mecânicos de artilharia, enfermeiros e médicos de combate, sanitaristas, padioleiros, entre outros. Tudo decorrente da necessidade de se adaptar à doutrina do Exército estadunidense. Também foi organizado um campo de Instrução Militar para treinar e preparar as tropas da FEB.⁸⁵

Ainda sobre a questão dos especialistas, Dutra afirmara que fomos "obrigados a abrir novas escolas e novos cursos, a fim de atender não só à organização americana que adotamos para nossa força expedicionária - formação de grande número de especialistas das mais diferentes especializações - como também às exigências da guerra moderna".⁸⁶

⁷⁹ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.168

⁸⁰ Ibid., p.168-169

⁸¹ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.170

⁸² Ibid., p.176

⁸³ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.171

⁸⁴ Ibid., p.176

⁸⁵ Ibid., p.177

⁸⁶ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.11

A instrução da FEB foi organizada em três fases. Na primeira, o efetivo das unidades escolhidas para compor a FEB foi elevado ao efetivo de guerra e, para essas unidades, foram destinados os oficiais que haviam feito cursos e estágios nos EUA. Estágio que proporcionaria "dados concretos sobre os novos aspectos, tomados pelos processos de combate", onde "iríamos, assim, nos valer da experiência americana, para atualizar nossos conhecimentos e, até certo ponto, balancearmos a eficiência dos processos de formação que empregamos".⁸⁷ Até janeiro de 1944, 218 oficiais já haviam feito os estágios nos EUA.⁸⁸

A segunda fase da instrução da FEB foi destinada ao adestramento técnico e tático das pequenas unidades.⁸⁹ Nesta fase, seria empregado o Campo de Instrução Militar de Gericinó, no Rio de Janeiro. E a terceira fase foi planejada para ocorrer já no Teatro de Operações em que a FEB fosse atuar, quando toda a Divisão de Infantaria reunida poderia realizar seus exercícios.

Antes da guerra, o EB havia tido várias iniciativas de reforma e atualização doutrinária. Assim, foi com os chamados *jovens turcos* que tomaram contato com a doutrina militar alemã, na primeira década do século, com os oficiais da *missão indígena* na virada da década de 1910 para 1920, e - de meados da década de 20 até 1936 - através da *Missão Militar Francesa*. Esta última foi a influência doutrinária predominante no EB da época.⁹⁰

A transição para a doutrina estadunidense teve início com a FEB. O acervo de manuais e regulamentos do Arquivo do Exército demonstra isso. Ao analisar o catálogo do acervo, encontrei 38 diferentes *Field Manual*- Manual de Campo (FM) e 114 *Technical Manual* - Manual Técnico (TM). A imensa maioria desses manuais foi traduzida às pressas para o treinamento e emprego da FEB, sendo que alguns sequer foram traduzidos, sendo empregados no idioma original.

Enquanto os TM foram elaborados para explicar tecnicamente como usar os materiais de origem estadunidense utilizados pela FEB, ou comprados para todo o EB, os FM eram os

⁸⁷ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.177

⁸⁸ Ibid., p.178

⁸⁹ Ibid., p.178

⁹⁰ Essas missões militares tinham como intenção a modernização doutrinária do exército em relação aos exércitos europeus, que se atualizavam constantemente e empregavam suas estratégias, táticas e equipamentos constantemente em combate. Os Jovens turcos aprenderam sobre a doutrina militar alemã e estagiaram naquele exército antes da Primeira Guerra Mundial. A missão indígena foi um esforço iniciado pelo ministro da Guerra, general José Caetano de Faria por criar uma doutrina de emprego nacional, livre da dependência estrangeira, a partir da instrução na Escola Militar do Realengo em 1918. Na década seguinte, a vitoriosa doutrina do exército francês, provada nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, provocou a contratação de uma missão de instrução militar junto àquele país. A missão abrangia praticamente todos os aspectos da doutrina francesa e promoveu intensa reforma na estrutura do EB durante mais de 10 anos de funcionamento. A título de comparação, nesse mesmo período, o Chile contratou uma missão militar alemã.

manuais de campo que tratavam de questões como o emprego tático das tropas em campanha. Um exemplo desse tipo de material é o *Manual de Campanha da Infantaria: Infantaria Divisionária e Regimento de Infantaria*,⁹¹ tradução do manual identificado pelo Exército estadunidense como FM 7-40.

Assim como os regulamentos já observados, este é mais um que explica o que deve ser feito em cada situação com riqueza de detalhes. Este manual detalha as atribuições do comandante de um Regimento de Infantaria, como é constituído e quais as funções de cada oficial de seu Estado Maior (S-1 - Ajudante, S-2 Informações, S-3 Operações, S-4 Suprimentos), dos oficiais especialistas de transmissões, química, remunciação, transportes, manutenção, anti-carro, médico chefe, capelão, etc. Apresenta técnicas de marcha, manobras ofensivas e defensivas, com alto nível de detalhes.⁹² Quando maiores detalhes são requeridos, o manual apresenta quais outros manuais devem ser consultados.

A transição do modelo inspirado na doutrina francesa para o modelo estadunidense não se deu de maneira simples. Vários dos serviços e especialidades previstas nos manuais estadunidenses não tinham correspondente ou eram completamente diferentes no sistema usado no EB. Tanto que o ministro Dutra afirma que "para não haver uma brusca modificação em nossa estrutura fundamental, somente as unidades da 1ª DIE [...] tomaram o efetivo que denominamos *tipo FEB*". E que "havendo profunda diferença entre os dois quadros - o nacional e o norte-americano - não julgamos aconselhável fazer a transformação do efetivo de todas as unidades."⁹³

Um dos aspectos mais marcantes foi a adaptação às normas sanitárias, de higiene e médicas apontadas nos manuais estadunidenses no que se refere à seleção dos convocados. É interessante observar que, no relatório de 1943, finalizado em março de 1944, o ministro afirma que "o estado sanitário da tropa foi bom, de um modo geral, durante o ano de 1943".⁹⁴ Já no relatório de 1944, finalizado em janeiro de 1945 e, portanto, após o desembarque do 1º escalão da FEB, em Agosto de 1944, o discurso muda significativamente:

"não são aceitas para integrarem a FEB: as praças que tenham pés chatos, as que sofrerem moléstias venéreas, as que não tiverem coração, vasos e pulmões perfeitos e as que possuírem uma superfície de mastigação inferior a formada por seis pares de dentes articulados, chegaremos a conclusão de que formar uma tropa [...] no Brasil, constituída de homens capazes fisicamente é, infelizmente, problema bem difícil.[...] na organização dos três primeiros

⁹¹ AHEx, Acervo de Regulamentos e Manuais, FM 7-40

⁹² AHEx, Acervo de Regulamentos e Manuais, FM 7-40, p.3-5

⁹³ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.20

⁹⁴ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.224

escalões não levamos em consideração a insuficiência dentária[...] outro grande mal são as doenças venéreas e a sífilis. Assim que chegou o 1º escalão da 1ª DIE na Itália foi o mesmo submetido à rigorosa inspeção de saúde, na qual foram verificadas condições físicas inferiores para uma certa parte da tropa[...] total de 258 baixas [...] 70% eram causadas pelas doenças venéreas contraídas no Brasil".⁹⁵

E não parou por aí. O chefe do serviço de saúde da 1ª DIE averiguou que inúmeros soldados brasileiros foram baixados nos hospitais estadunidenses para extrações e tratamentos de infecções dentárias agudas, e que a alta percentagem de positividade para a sífilis encontrada nos exames de sangue indicou a necessidade de tratamento específico para todos os casos.⁹⁶

O próprio general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, relatou ao ministro que "as exigências sanitárias prescritas para a seleção e preparo do homem expedicionário não foram cumpridas rigorosamente, como era de desejar-se, quando ainda a tropa no Brasil."⁹⁷

O ministro Dutra relata ainda que "novos aspectos sanitários surgiram e infelizmente, de grande repercussão moral contra a nossa tropa e os nossos métodos de seleção. [...] A presença de um homem tuberculoso em grau bem adiantado, a constatação de que o demente já havia sido dado como tal, no Brasil, e a baixa de 182 venéreos, no espaço de seis dias, além de casos de doença cutânea, cachumba e a situação precária da dentadura dos nossos soldados e mesmo de alguns oficiais, constituíram o grande acontecimento que motivou comentários desfavoráveis ao estado físico da tropa."⁹⁸

O relato do aspecto sanitário termina com a recomendação de maior rigor na seleção do pessoal da FEB, e com a afirmação de que "todas irregularidades que tanto nos desabonam perante o estrangeiro, não ocorrem só por conta do Serviço de Saúde do Exército e sim também pela fraqueza de comando de todos os escalões da hierarquia militar".⁹⁹

Para finalizar a questão da doutrina, convém ressaltar que para a compra de todos os equipamentos militares da FEB do governo dos EUA, foi utilizado mais uma vez o sistema de *Lend-Lease*. Já para o custeio de ressuprimento da FEB, serviço prestado pelo Exército dos EUA, ficou acordado que a FEB seria ressuprida de tudo necessário em campanha da mesma forma que uma divisão do Exército estadunidense. O governo brasileiro pagaria pelos itens necessários não por unidade, mas através de um valor médio diário por homem e por orça que variava entre US\$8 e US\$8,50, material bélico US\$3,20 e material de intendência US\$1,60. A

⁹⁵AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.31

⁹⁶Ibid., p.31

⁹⁷Ibid., p.31

⁹⁸AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.31-32

⁹⁹Ibid., p.32

expectativa feita pelo ministro era de um gasto de 1.200.000.000,00 cruzeiros em um ano de operações.¹⁰⁰

1.2.3 Duas organizações: *tipo normal* e *tipo FEB*

O resultado da implantação da doutrina militar estadunidense na FEB foi tão impactante que o ministro descreveu no relatório de 1943 ao presidente da seguinte forma:

"Não se tratava, apenas, de fazer funcionar o organismo militar existente, o que seria mais fácil e rápido. Viu-se o Exército na contingência de organizar uma outra força, oriunda da existente, dependendo dela, mas com organização própria, meios diferentes e métodos de ação diversos, para poder enquadrar-se em concerto com forças de outros países".¹⁰¹

Para ele, o Exército foi obrigado a manter dois tipos de organizações:

"- a atual (em fase de modernização), para as unidades que permanecem guarnecendo o nosso território - embora armados com material de origem alemã ou americana e de outras procedências;
- a similar à do Exército norte-americano, para as unidades do Corpo Expedicionário, previstas para atuar na luta extra-continental, tendo em vista a necessidade de efetivos equivalentes e valor combativo comparável".¹⁰²

A questão retorna no relatório de 1944:

"Ao organizar a nossa FEB, fomos obrigados a adotar os quadros de efetivo americano, para melhor nos adaptarmos ao seu material e aos seus processos de combate. Ficamos assim com duas organizações: uma antiga, inspirada nos conhecimentos franceses e outra moderna, já gozando de alguma experiência da atual conflagração mundial. Apesar de estarmos com duas organizações, o que constitui de fato uma anomalia, não julgamos conveniente propor a V. Excia. qualquer alteração, porque não queríamos resolver a questão sem que ela estivesse completamente amadurecida. Julgamos mais interessante e mais lógico aguardar o fim da guerra, ou dar mais algum tempo se o término da luta se for prolongando muito, para apresentarmos a V. Excia. uma nova estruturação do Exército, baseada não só nos ensinamentos da guerra, mas também na evolução material e na nossas condições geográficas".¹⁰³

Está claro que, sob a ótica do comando, a FEB é uma organização diferente, o EB estava dividido em *tipo normal* e *tipo FEB*. Uma situação referida como sendo uma anomalia. A partir dos relatórios do general Dutra, infere-se que a primeira diferença entre a FEB e o restante do EB reside em questões de estrutura militar: diferente doutrina de emprego, meios

¹⁰⁰ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.39

¹⁰¹ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.180

¹⁰² Ibid., p.185

¹⁰³ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.245

materiais e técnicas, de quantidade de efetivo, e estilo de comando segundo os manuais de campanha estadunidense. Somando-se a isso o emprego extra territorial da FEB. Essa é uma questão relevante e anteriormente observada num breve texto do antropólogo Celso Castro, sobre as memórias dos veteranos da FEB:

“É importante, no entanto, lembrar que entre os ex-combatentes havia os que já pertenciam antes da guerra ao Exército, e que nele continuaram. Isso nos obriga a nuançar a imagem simplificadora de uma disputa entre civis que se tornaram soldados para ir à guerra (e que depois, em sua maioria, retornaram à condição de civis) e militares que aqui ficaram, sem ir à guerra.”¹⁰⁴

Nesse sentido, as questões estruturais que diferenciavam a FEB do restante do EB, podem ser consideradas uma fronteira, um limite entre diferentes organizações, para além das questões de memória.

1.3 A experiência como fronteira

Boa parte das fontes deste capítulo consiste em testemunhos memoriais. Esses testemunhos são a porta de entrada para a experiência daqueles que participaram ativamente destes episódios históricos. Os veteranos da FEB, assim como parte de seu alto comando, nos deixaram seus relatos, os quais buscamos explorar, numa tentativa de resgate de suas experiências. A intenção é identificar e examinar as divergências existentes entre esses relatos como partes constitutivas de diferentes identidades coletivas.

Mais uma vez, é necessário atentar a determinados aspectos referentes à memória para que não se incorra no erro de "fetichização da verdade testemunhal".¹⁰⁵ E, mais especificamente, sobre as memórias dos veteranos da FEB, Celso Castro alerta que:

“Primeiramente, devo reconhecer que essa é uma memória de forte qualidade emotiva, uma memória patética, no sentido etimológico da palavra: algo carregado de páthos, que comove a alma, despertando sentimentos tristes e de compaixão devido a sua natureza trágica. Como pesquisador, no entanto, cabe-me a tarefa não de escrever uma “história piedosa” dos veteranos, mas, no que diz respeito a suas memórias, de investigá-las, buscando compreender suas dimensões individuais, institucionais e historiográficas.”¹⁰⁶

¹⁰⁴Castro, op.cit., p.133

¹⁰⁵SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.48

¹⁰⁶Castro, op.cit., p.133

Nesse sentido, o historiador Cesar Campiani Maximiano afirmou que seu trabalho sobre as memórias sobre a FEB, foi:

"pautado pela confrontação de dois tipos de visões sobre a experiência de guerra. Uma delas, cuja contraposição foi buscada desde o início, tratou da retratação da Campanha da Itália como um episódio glorioso, bem enquadrado na sua execução militar e orientada para a perspectiva de perpetuar valores institucionais. Nesse sentido, a memória respaldada oficialmente pretende-se como a história oficial da FEB.[...] a memória não oficial, prezada pelos antigos integrantes da FEB enquanto indivíduos desvinculados das associações também pode ser perfeitamente entendida como um discurso construído, mesmo que pulverizado e não elaborado sistematicamente".¹⁰⁷

Já a historiadora Patricia da Silva Ribeiro enquadrou as memórias dos veteranos da FEB entre o signo do *caxias*, aquela figura que faz tudo certinho, com retidão e honestidade, e a tão conhecida figura do *malandro* situando o:

"herói da FEB entre o mundo do “caxias” e o do malandro, podemos concluir que, em certa medida, é essa dimensão humana do soldado – valente, mas vulnerável e imperfeito – que o aproxima do malandro. Conseqüentemente, é ela também que, em sentido contrário, o distancia do “caxias” e de Caxias e seu “Exército”. Assim, a *humanidade* que “falta” em Caxias, cultuado como símbolo de perfeição, “sobra” no malandro.”¹⁰⁸

Neste trabalho, a memória nos serve como porta de entrada ao mundo do vivido, das experiências. Porém, convém ressaltar que, em todos os capítulos, as fontes memoriais estarão em permanente diálogo com outros tipos de fonte oriundas do acervo FEB do Arquivo do Exército - AHEx. Até o momento, o leitor só tomou contato, no texto, com as fontes do AHEx, ao esboçarmos um panorama da estrutura do EB e da FEB.

A intenção aqui é de que estas fontes arquivísticas sirvam de lastro, ou âncora no diálogo com as fontes memoriais, visto que este é um estudo sobre as experiências e relações entre militares durante a guerra, e não um estudo sobre a memória dos veteranos da FEB, especificamente.

É importante ressaltar que a memória, assim como qualquer fonte, será submetida aqui à crítica metodológica. Nesse sentido, é importante ressaltar que "a memória e o esquecimento

¹⁰⁷MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da Memória**: brasileiros na campanha da Itália, 1944 – 1945. 2004. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, p.365-366

¹⁰⁸RIBEIRO, Patricia da Silva. **Em luto e luta**: construindo a memória da FEB. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. p.37

se exigem reciprocamente", e que seja "como recordação ou como esquecimento, nunca é o passado que se impõe ao presente, mas é este, enquanto permanente tensão e protensão que vai urdindo as tonalidades [...] de presença do ausente."¹⁰⁹ E que o historiador não pode ignorar a "dialética que existe entre o recordado e o esquecido".¹¹⁰

Tanto os documentos arquivados, transformados de súbito em fonte, quanto os testemunhos da memória, são esquecidos por algum motivo, ou lembrados por algum motivo e por alguém que faz essa seleção. Sempre ocorrerá esta mecânica de funcionamento.

O Exército é o poder armado de um Estado nacional e, como parte dele, atua na criação de narrativas que atuam como uma espécie de amálgama de uma identidade nacional. O historiador Fernando Cartroga afirmou que nas narrativas oficiais "se conta a história da pátria, veículo em que, epicamente, se conta a história de um povo como se de uma galeria panteônica se tratasse". Essas narrativas atuam na criação de infraestruturas culturais e simbólicas para, aos poucos, "se ir interiorizando o ideal de pátria, deus maior de uma religião civil que teve no culto dos "grandes homens", dos "grandes acontecimentos" e das respectivas ritualizações e símbolos, as maiores celebrações e liturgias".¹¹¹ Será sempre com base nestas premissas que olharemos os esquecimentos e lembranças dos documentos do arquivo da instituição e a sua memória oficial.

No que se refere à memória dos veteranos da FEB, importa destacar que existe uma "estreita relação entre memória, identificação, filiação e distinção",¹¹² e que a "tarefa última das liturgias de recordação é gerar coerência e perpetuar o sentimento de pertença", "o imaginário da memória liga os indivíduos, não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades, mas também horizontalmente a uma vivência encadeada no tempo (subjetivo e social)".¹¹³

Portanto, atentos aos ditos e não ditos, lembranças e esquecimentos de todas as fontes em permanente diálogo ao longo do trabalho, a partir de agora, vamos em busca da experiência dos que participaram dos eventos. E, nesse sentido, emitimos aqui um alerta ao leitor. Devido ao curto espaço de tempo do mestrado e ao volume imenso de fontes, decidimos trabalhar quase exclusivamente com testemunhos de veteranos do 6º Regimento de Infantaria, unidade da FEB que mais tempo atuou na guerra, pois foi enviada logo no primeiro escalão de embarque, em junho de 1944, tendo retornado em julho de 1945.

¹⁰⁹ CARTROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p.16

¹¹⁰ Ibid., p.52

¹¹¹ Ibid., p.55-56

¹¹² Ibid., p.20

¹¹³ Ibid., p.22

Muitos dos testemunhos aqui trabalhados são do livro *Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*, publicado – como dito acima – em 1949. Compreende uma coletânea de 20 artigos escritos por doze oficiais subalternos da reserva, sendo todos tenentes, que lutaram no 6º Regimento de Infantaria pela FEB, um tenente capelão voluntário (um padre católico), uma tenente enfermeira, um oficial de infantaria do 11º RI feito prisioneiro alemão, e um oficial da reserva que participou da mobilização no Nordeste brasileiro e da guarnição de defesa do arquipélago de Fernando de Noronha.

Os oficiais da reserva, na introdução, já demonstram com clareza seu objetivo: "um livro como este, nascido da luta, do sofrimento, da decepção e que não se destinou aos elogios fáceis[...], já que outros mais cultos que nós não tiveram oportunidade ou não quiseram falar, era preciso, portanto, que nós viéssemos contar nossas impressões[...]".¹¹⁴ E ainda:

"depois de cumprirmos nosso dever na linha de frente [...] muitos de nós ainda guardam, em seus corpos, gloriosas cicatrizes. O silêncio fácil e sem riscos, a conspiração do silêncio que ninguém ousa quebrar, pode tornar-se criminoso, quando se cala sobre os erros cometidos, quando não se ousa expor as deficiências observadas. Criminoso, não somente porque se estará, assim, preparando o caminho da repetição destes erros, de nada valendo o sacrifício daqueles que, por causa deles, sofreram uma vez[...] O silêncio relativo a tudo o que se passou, vem, também, criar em torno das autoridades e das suas afirmações, unilateralmente apologéticas, uma atmosfera de falsa confiança, de farisaísmo consciente, de convencional verniz oficial que soa falso e que ninguém leva a sério".¹¹⁵

Portanto, o livro já se anuncia como um contraponto aos silêncios da memória oficial, em suas comemorações ou em sua principal narrativa, o livro "*A FEB pelo seu comandante*" editado pelo general João Baptista Mascarenhas de Moraes, que havia sido o Comandante em Chefe da FEB. A obra foi lançada um ano depois do acontecimento, em outubro de 1946.

É importante ressaltar que esses dois livros foram escolhidos como principais fontes de testemunho memorialista no trabalho. Por se tratar de uma dissertação de mestrado, não haveria tempo hábil para realizar pesquisa e lidar com fontes que remetessem à FEB em sua totalidade. Como já ressaltado no início do capítulo, a tropa que mais tempo ficou em operações na Itália, e a única que passou por todo o treinamento com o *US Army* na Itália foi do 6º RI. O livro dos oficiais da reserva, como dito antes, foi quase todo escrito por membros desta unidade, de doze autores, nove eram do 6º RI. Sempre que possível, a memória dos febianos será colocada em análise comparativa com a memória oficial, retratada no livro do

¹¹⁴ARRUDA, Demócrito., et alii, **Depoimento dos Oficiais de Reserva sobre a FEB**. São Paulo: s. ed., 1949, p.

11

¹¹⁵Ibid., p. 15

comandante da FEB. A escolha das fontes memorialistas deveria permitir a comparação entre *Exército de Caxias* e *Exército da FEB*, em todas as suas fases e particularidades, assim sendo, foi feito o recorte em fontes referentes ao 6º RI da FEB, esse foi o critério de escolha dessas fontes memorialistas. A elas somam-se somente mais dois livros do, então sargento, Boris Schnaiderman, que servia na artilharia mas, durante a maior parte do tempo, ficou adido ao 6º RI. Sendo então a única praça que fornece testemunhos regularmente ao trabalho. Meses depois do Golpe Civil Militar de 1964, Boris lançou o romance *Guerra em Surdina*, no qual afirma apresentar fatos ocorridos ora com ele, ora com seus amigos.¹¹⁶ E, em 2015, o autor escreveu um livro de memórias com novos testemunhos. O autor de *Caderno Italiano*, afirmou que:

"Acontece, porém, que nós outros, ex-combatentes, temos o dever de vir a público, sempre que possível, e prestar nosso depoimento em face da incompreensão generalizada em relação ao nosso desempenho na Itália. Que se afirme tratar-se de um setor de combate relativamente secundário, se pensarmos na Frente Russa ou no desembarque na Normandia, tudo bem, nada a objetar. Mas não pensar um pouco sequer no sacrifício de tantos jovens e no que isto significou na vida de cada um é um verdadeiro absurdo".¹¹⁷

Mais uma vez, lidamos com memórias que reivindicam justiça ou revelam seu *dever de memória* frente aos acontecimentos passados.

O diário do tenente da reserva, Massaki Udihara,¹¹⁸ escrito na guerra e publicado por sua filha em 2002, é mais uma das memórias acessadas neste trabalho. Todos esses relatos memorialistas, contidos nesses livros, foram selecionados pelo critério já explicado.

1.3.1 Um perfil dos expedicionários

Antes de abordarmos as memórias dos *febianos*, é necessário um esforço para apresentar quem são essas pessoas, de onde elas vieram, o que faziam antes da guerra, antes de se tornarem militares. No ano de 2013, a já citada historiadora Patrícia da Silva Ribeiro havia feito um perfil dos expedicionários com uma série de 1.166 documentos - sendo 1.077 cópias

¹¹⁶SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.11

¹¹⁷Idem., p.11

¹¹⁸UDIHARA, M. *Um médico brasileiro no front: Diário de Massaki Udihara na segunda guerra mundial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002

de certificados de reservistas e 89 cópias de fichas de isenção definitiva do serviço militar em tempo de paz - em sua tese de doutoramento.¹¹⁹ Daí partiu a ideia de checar no AHEx essa documentação.

Para realizar essa tarefa, voltamos às fontes do AHEx, onde conseguimos consultar todas as cópias dos certificados de reservistas disponíveis no arquivo, no momento é a totalidade existente desse documento no AHEx. Dessa totalidade, organizada em seis livros, e mais três caixetas do acervo FEB, foram descartados todos os certificados ou fichas que apresentavam dúvidas sobre o militar ter embarcado com a FEB para a guerra (certificados e fichas que tinham data de desligamento anterior à presença da FEB na Itália e que continham observações à mão indicando que o militar não embarcou para a guerra). Excetuando estes, a amostragem foi de 1.162 certificados. A quantidade final foi muito próxima da observada por Patrícia Ribeiro. Portanto, acredito que a imensa maioria dos certificados, que estavam nos seis livros, fazem parte da amostragem de Patrícia. A pequena variação deve ser oriunda das exclusões descritas acima e do acréscimo de certificados de reservistas encontrados nas caixetas, como os certificados de reservista Tipo FEB, que não foram citados pela pesquisadora.

Os certificados foram escolhidos pela quantidade encontrada, e por ser um documento capaz de revelar bons dados sobre os militares: cor da pele, origem geográfica, profissão civil, alfabetização, ano de nascimento, patente, forma de recrutamento, além de conter foto, nome completo e filiação, Mas é preciso afirmar que, como se tratavam de cópias, muitos continham informações ilegíveis, borradas, acrescentadas à mão com caneta, lápis ou lápis de cor. Em certos momentos, a grafia não era legível, e há muitos casos de omissão de informação no formulário.

Todos os 1.162 certificados eram de praças, o que remete a aproximadamente 5% do efetivo de praças da FEB, um total de 23.640, apontado nas notas do livro de memórias do general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB.¹²⁰ Alguns certificados não identificavam a patente do militar, mas continham a especialidade do militar, como padioleiro (carregador de maca), fileira (soldado de fileira), motorista, entre outras funções destinadas às praças. E todos os certificados continham foto dos militares, sendo possível ver as ombreiras e golas das fardas. Nenhuma continha divisas ou insígnias de patentes de oficiais. Todas as fardas eram iguais nesse sentido.

¹¹⁹ Ribeiro, op. cit., p. 145

¹²⁰ MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005, p.38 - 40

Acredito que muito da documentação da FEB, ainda está nas unidades ainda existentes e que a compuseram. A documentação da FEB no AHEx é vasta e, por isso mesmo, determinadas caixetas são difíceis de ser encontradas. Mais de uma vez, caixas solicitadas após a consulta do catálogo, não foram encontradas. A documentação de oficiais da ativa, como folhas de alterações, está microfilmada, e, para consultá-la, é necessário ir à outra seção do Palácio Duque de Caxias, onde existem as máquinas adequadas para isso. Os militares do AHEx sempre foram muito solícitos, inclusive estendendo o horário de consulta para a manhã, compreendendo a dificuldade imposta à pesquisa pela distância da minha residência até a cidade do Rio de Janeiro. Portanto, a amostragem de certificados de reservistas, corresponde à totalidade de certificados disponibilizados no arquivo.

Não havia militares de carreira na amostragem, todas as praças foram convocados ou eram voluntários, conforme o gráfico abaixo, que confirma a pequena quantidade de voluntários que se apresentaram à FEB:



Gráfico 1 – Gráfico Recrutamento dos Expedicionários

Ainda sobre os cinquenta e seis voluntários da amostragem, podemos apresentar seus estados de origem e profissões civis conforme gráficos abaixo:

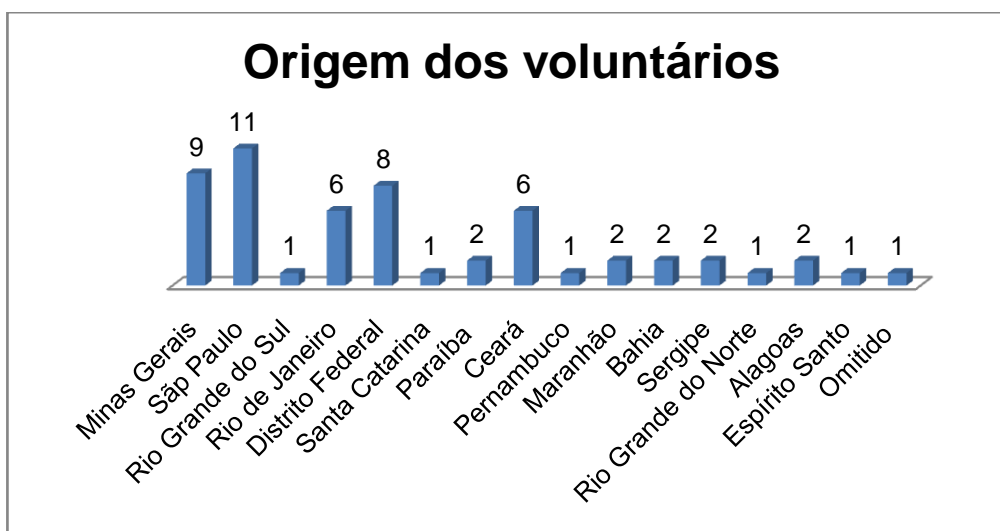


Gráfico 2 – Gráfico Origem dos voluntários



Gráfico 3 –Profissão dos voluntários

É possível observar que os voluntários vieram das regiões nordeste, sudeste e sul. Em sua maioria vieram de profissões urbanas. Dos 56, somente oito eram agricultores ou lavradores. Comerciantes se destacam como maior parte do voluntariado.

O historiador Karl Schurster estudou a mobilização da imprensa pernambucana em prol do esforço de guerra, e afirmou que

“a propaganda foi um dos instrumentos utilizados pelo governo para mostrar a necessidade de cooperação em tempos de guerra. O alistamento militar utilizou-se de técnicas da propaganda política para melhor convencimento das obrigações do povo para com o país. A guerra, e suas interfaces, foi um instrumento utilizado pelo Estado para tentativa de convencimento da sociedade e seus interesses”.¹²¹

O historiador Luciano Meron realçou que, além do próprio governo, a sociedade civil passou a encorajar o esforço de guerra:

“A mobilização contra as nações do Eixo e o movimento a favor dos aliados tornara-se um importante veículo de ação popular, em especial as classes médias, pelo menos no caso das cidades baianas. Os estudantes tornaram-se o meio de ligação dos grupos que se articulavam, pois ‘possuíam o entusiasmo próprio da juventude e conhecimento suficiente para defender com ardor a causa que desejava fosse defendida’. Surgem associações civis com o intuito de mobilizar a sociedade baiana em prol dos aliados, contra os fascistas e a favor da democracia [...] a faculdade de Direito, a faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e o Ginásio da Bahia foram centros irradiadores do movimento pró aliados. Em maio de 1942, seria fundada a Comissão Central

¹²¹ SCHURSTER, Karl *apud* SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, *et. al.* **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 2010, p. 462

Estudantil pela Defesa Nacional e Pró Aliados [...] associações como essa surgiram nas principais cidades do país, demonstrando que, pelo menos nos centros urbanos e nas classes médias havia um interesse pela guerra e por uma atuação política ativa junto às ações do governo frente ao conflito mundial que crescia. Como ator de muitas dessas mobilizações políticas estava o PCB. Mesmo na clandestinidade o Partido Comunista estava envolvido e ativo junto a esses movimentos, tanto na capital quanto no interior, ajudando a articular as associações que englobavam estudantes, professores, operários, profissionais liberais”.¹²²

Ambos autores ressaltam a ideia de que a sociedade brasileira se organizou junto ao governo para o esforço de guerra. Por mais que o voluntariado não tenha sido grande, o alistamento e a resposta às convocações por parte dos reservistas foram. O resultado é que a FEB foi composta por uma grande variedade de segmentos da sociedade brasileira conforme os três gráficos abaixo:

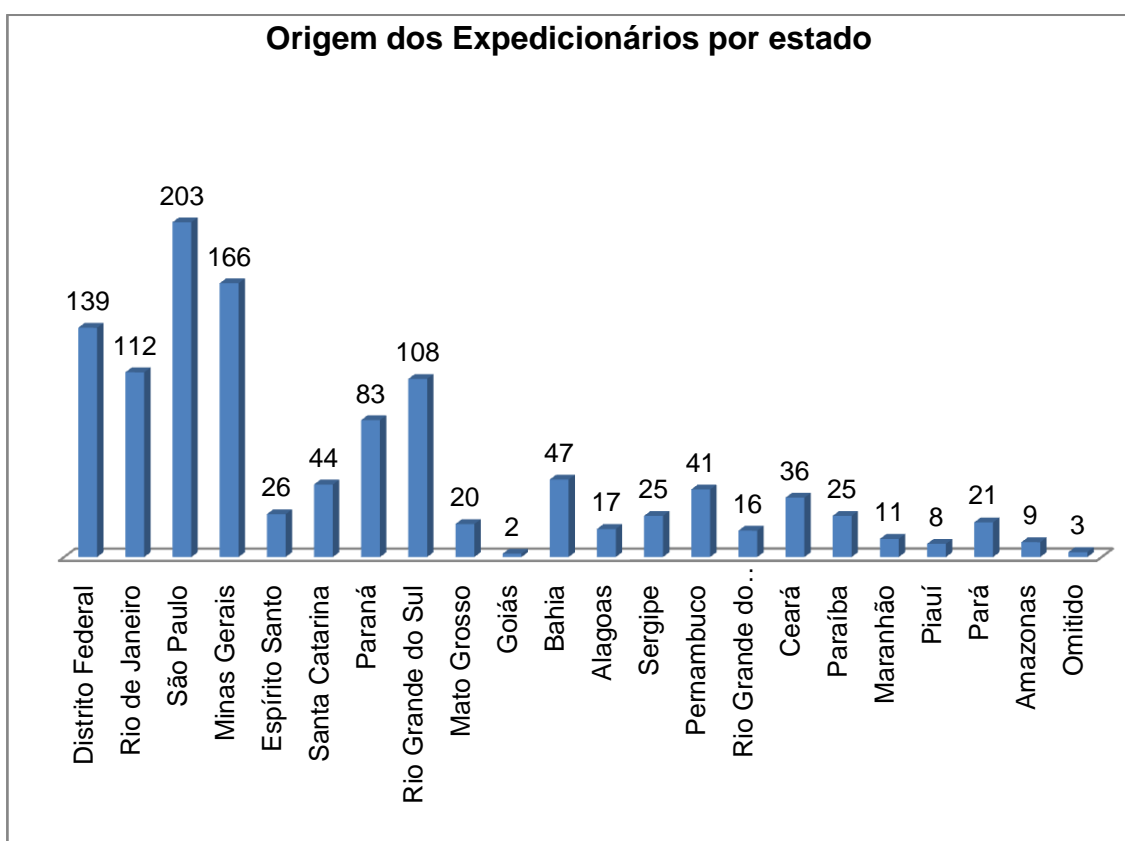


Gráfico 4 – Origem dos expedicionários por estado

¹²²MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB 2009**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 27

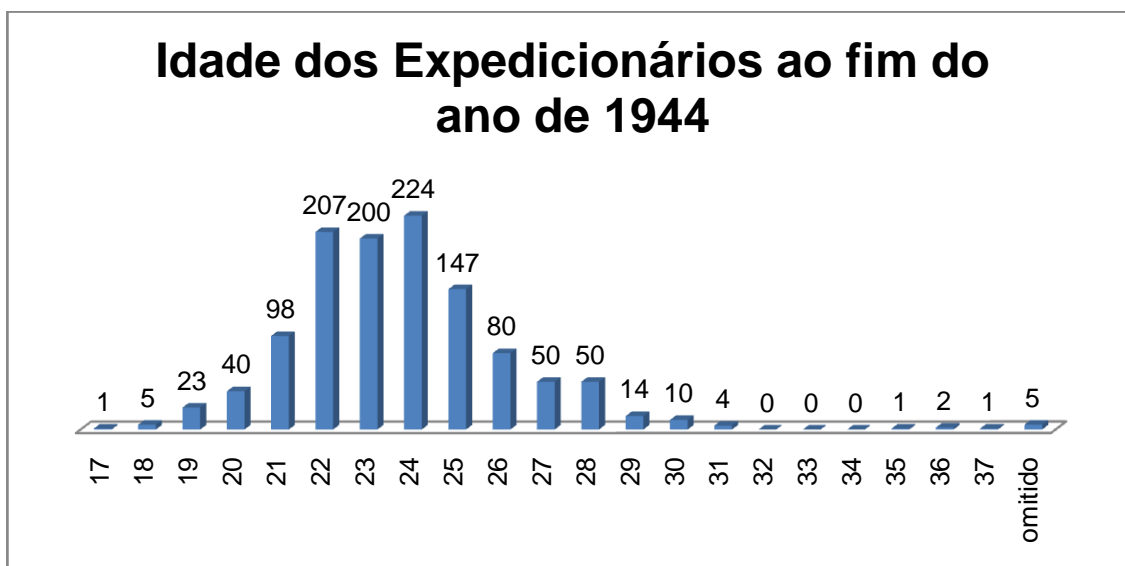


Gráfico 5 – Idade dos Expedicionários ao fim do ano de 1944

Todas as regiões do país tinham, segundo a amostragem analisada, representantes na FEB, destacando-se os estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e o Distrito Federal que era a cidade do Rio de Janeiro. Somados, os pracinhas desses estados correspondiam a 70% da amostra. Chamo atenção para a grande quantidade de descendentes de famílias imigrantes, muitos sobrenomes europeus e japoneses (como exemplo os sobrenomes: Skodovski, Von Bertrand, Rohregger, Schroeder, Bertazzoli, Arndt, Ganzemuller, Otto Junge, Yoshida, Hirata, Ishikana, Maeoka, Chibukaia, entre outros). Além do curioso caso encontrado de um soldado convocado da FEB que nasceu na cidade de Riga, capital da Letônia, chamado Mateus Skula, que exercia a profissão de marítimo em São Paulo.

A presença de descendentes de imigrantes e mesmo de estrangeiro é algo muito curioso, particularmente no caso do Exército brasileiro que nos anos anteriores os definia formalmente como indesejáveis, assim como os comunistas que acabaram integrando a FEB como Salomão Malina, Jacob Gorender e Pedro Paulo Sampaio de Lacerda, entre outros.¹²³ Ressalto que os comunistas citados não estavam na amostra.

Na amostra, a faixa etária variava entre 17 e 37 anos, sendo mais frequente que as praças tivessem entre 21 e 25 anos, correspondendo a 85% da amostra. Ao observar a idade dos soldados, se reforça a dificuldade de conseguir recrutar combatentes aptos enfrentada pelo comando do Exército, tendo que recorrer a convocação sucessiva de anos anteriores de reservistas, chegando a recrutar reservistas de até 37 anos. Principalmente especialistas, o que é

¹²³ Ver PIMENTEL, Carlos Henrique Lopes. A esquerda militar no Brasil: os veteranos comunistas da FEB. *Vereadas da História*, 2º semestre de 2010, ano III, ed. 2, 2010, pp. 1-20

confirmado pela grande quantidade de motoristas convocados com mais de 26 anos, doze motoristas estavam nessa situação:



Gráfico 6 –Profissão civil dos expedicionários – Parte 1

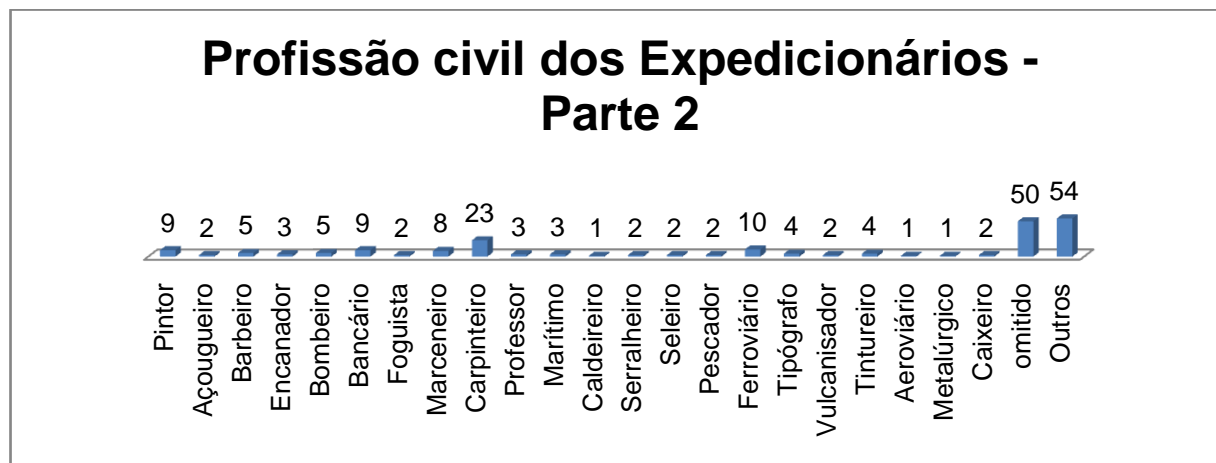


Gráfico 7 –Profissão civil dos expedicionários – Parte 2

No que se refere à profissão que exerciam antes da convocação, foi observada uma grande diversidade na amostra. As profissões ligadas à atividades do campo, como agricultor e lavrador somavam 289 praças, equivalente a aproximadamente 25% da amostra. As profissões urbanas, 75% do total, tinham uma diversidade muito grande, e nesse gráfico estão representadas todas as categorias profissionais que tinham mais de um expedicionário. As mais frequentes são: comerciário, operário, motorista, estudante, mecânico, funcionários públicos,

pedreiro, carpinteiro, alfaiate, sapateiro, eletricista, escriturário, ferroviário, padeiro, pintor, bancário, marceneiro e rádio telegrafista.

Portanto, é possível afirmar que foram incorporados à FEB civis com experiências profissionais muito distintas entre si. Além disso, não se pode desprezar que esses homens trouxeram consigo diferentes formas de ver o mundo, de ideias de disciplina ou hierarquia profissional, havia aqueles que trabalhavam para si mesmo, havia profissionais liberais, haviam operários, comerciários, ferroviários, bancários, funcionários públicos, estudantes, pessoas que podiam estar ligadas à entidades de classe, sindicalizadas, membros de associações, grêmios e até mesmo a partidos políticos. Todas elas, em maior ou menor grau, acostumadas a vivenciar negociações e tensões do dia a dia com seus patrões, seja por questões de horário de trabalho, seja por salário, seja por cobranças por produtividade. Pessoas que, de súbito, foram obrigadas a vivenciar a rigidez disciplinar do Exército, pessoas que não esqueceriam suas experiências como trabalhadores da noite para o dia, ou ao vestir uma farda.

A amostra, que se mostrou muito mais próxima da realidade urbana, apontou uma baixíssima quantidade de analfabetos entre os recrutados, somente 6% da amostra. Cabe ressaltar que a primeira folha dos formulários questionava as aptidões de escrita e leitura dos convocados, a resposta era sim ou não. Mas, na segunda folha, era possível observar no campo ‘alfabetizado’, em alguns casos, descrições como ‘rudimentar’. Em todos os casos foi mantida a resposta da primeira folha:

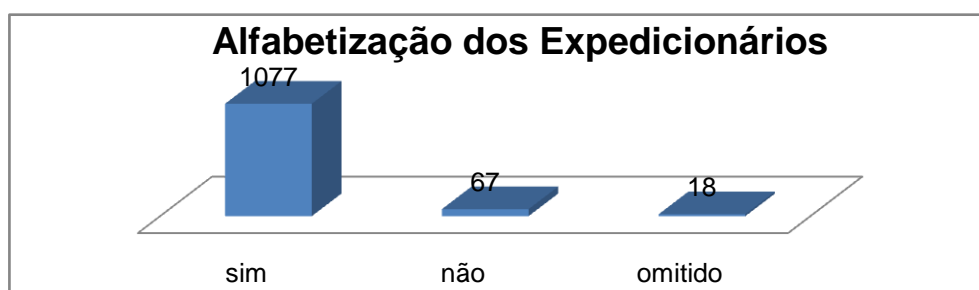


Gráfico 8 – Alfabetização dos expedicionários

Conforme explicitado anteriormente, toda a amostra era de praças, as patentes dos expedicionários observada na amostra foi a seguinte:

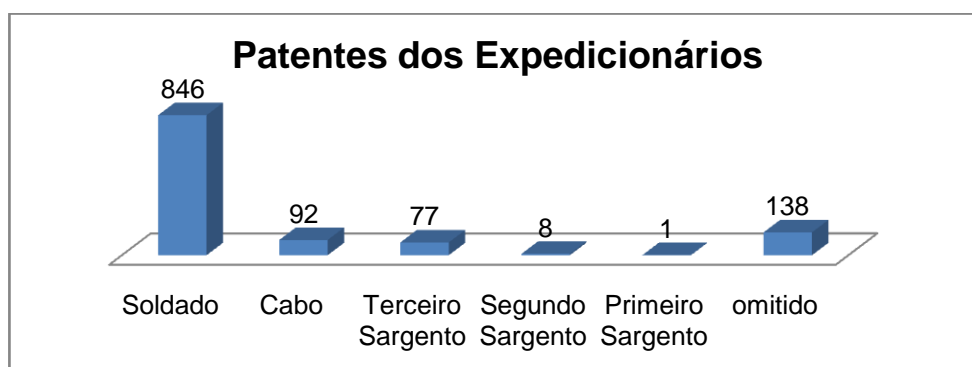


Gráfico 9 – Patentes dos Expedicionários

Também foi possível abordar a questão racial a partir dos formulários. É necessário ressaltar que este era um campo preenchido à mão pelo agente emissor do certificado. Não foi possível precisar se este campo era auto declarado ou se era preenchido a critério do agente emissor. A variedade de classificações para a cor da pele encontrada nos formulários foi grande: branca, parda, parda clara, parda escura, morena e preta:

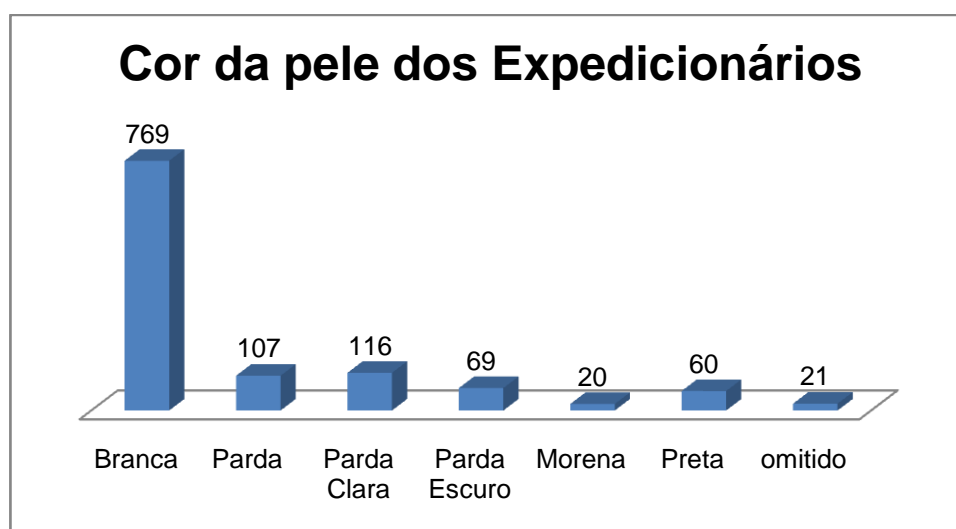


Gráfico 10 – Cor da Pele dos expedicionários

A amostra revelou que aproximadamente 66% dos expedicionários na amostra eram brancos. Pouquíssimos, 5%, foram considerados de cor preta. A variedade de classificações promovia imprecisão, que pode ser demonstrada pela figura seguinte, que contém vários expedicionários, com fisionomias e cor da pele distintas, mas classificados da mesma forma – com a pele parda clara:



Figura 1 – Montagem de fotos sobre o critério de cor da pele “parda clara”

A historiadora Patrícia Ribeiro também identificou essa questão, e encontrou uma comparação com o censo de 1940. Segundo a autora, no que se referia à cor da pele, naquele censo “a classificação segundo a cor resultou da resposta do recenseador ao quesito: ‘Responda-se preta, branca e amarela sempre que for possível qualificar o recenseado segundo o característico previsto’”.¹²⁴ No caso do censo o recenseador era responsável por atribuir a resposta, no caso dos formulários aqui analisados fica a dúvida se eram preenchidos a critério do agente emissor ou auto declarados. A pesquisadora afirma que, naquele censo, todos os casos em que o recenseador lançou o traço, ou utilizou termos como caboclo, mulato e moreno, foram contabilizados juntos, sob a categoria pardos.¹²⁵

É interessante notar que a historiadora recriou a sua amostra com base nessas características adotadas pelo censo de 1940 do IBGE, chegando no seguinte resultado: 56% brancos, 23,3% pardos, 20% pretos, 0,3% amarela, 0,4% sem fotos.¹²⁶

A questão racial é importante no contexto da FEB, pois existiram casos conhecidos de racismo narrados nas memórias dos veteranos brasileiros. O tenente da reserva Demócrito Cavalcanti de Arruda, em seu texto *Impressões de um infante sobre o comando*, afirmou o seguinte:

“Outras manifestações do espírito democrático do nosso comando, já conhecemos anteriormente, inclusive algumas do mais puro racismo. Em 1943 o nosso regimento foi designado para fazer uma demonstração física em

¹²⁴Ribeiro, op. cit., p. 165

¹²⁵ Idem., p. 165

¹²⁶ Idem., p. 167

São Paulo e se tratou da seleção e organização das turmas componentes, veio uma ordem surpreendente, partida de um general: ‘tirem fora os negros!’ A ordem não foi cumprida, mas houve uma posterior, recomendando colocá-los no meio das turmas, evitando a testa e as pontas. Igual espetáculo ocorreu no Rio, em março de 1944, quando se preparava um desfile da infantaria expedicionária. Nas vésperas de sua realização, lá veio do mesmo comandante, já nosso conhecido, a ordem: ‘Excluam os negros!’ O problema era que, excluídos os negros -e por aproximação, também os cafuzos, mulatos, morenos, etc – pouco restaria da nossa infantaria. A ordem, mais uma vez, foi desconhecida, mas não pudemos deixar de guardá-la em nossos espíritos como testemunho sobre a conduta do nosso comando”.¹²⁷

O também tenente da reserva, José Alfio Piason, narrou esse e outros episódios:

“Em meados de 1943, ideou-se e organizou-se para esse regimento uma demonstração de ginástica[...] então, pela primeira vez, receberam os oficiais subalternos, ordens para afastar os pretos da exibição a realizar-se na capital paulista, tanto quanto possível e despercebidamente... Foi assim que muitos pretos, executando com perfeição os movimentos ginásticos, tiveram de ser afastados por ‘imperfeição’ e substituídos por outros soldados em piores condições de treinamento. A ocorrência era marcante, a maioria dos pretos compreendeu-a, e com justa razão, se revoltou intimamente. [...] Depois da ‘balalaika’ nas ocasiões de desfiles – as malditas exibições – era a mesma história para a maioria dos batalhões (raros majores houve, justiça seja feita, que ‘desconheceram’ a ordem e trataram todos como iguais)[...] Infelizmente, isso não se verificou apenas durante a fase de preparação, mesmo quando a tropa já era veterana de lutas, quando brancos e pretos indistintamente haviam pago com a vida o seu heroísmo, o mesmo fato se repetiu. Por ocasião da visita do príncipe Humberto da Itália (já então do lado dos aliados) ao Quartel General da divisão brasileira em Porreta Terme, um batalhão, aí em descanso de duríssimas provas em linha de frente [...] recebeu ordens de fornecer uma guarda de honra para as homenagens ao ilustre visitante, onde os pretos não deveriam entrar! Era o supremo absurdo de se acharem a servir estes para morrer e dar a vida pela pátria, mas não para representá-la! Essa cena e essa ordem já tinham, aliás, acontecido antes, na ocasião da visita de Churchill às tropas em Vada”.¹²⁸

Esses casos já são conhecidos por historiadores e pesquisadores da FEB. A própria historiadora Patrícia Ribeiro afirmou que:

“a FEB foi a única tropa mista, ou seja, composta por brancos e negros, a lutar no *front* europeu. Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, as unidades de combate eram segregadoras e os negros tinham dificuldades em serem aceitos como iguais. A 92ª Divisão de Infantaria, conhecida como *Buffalo Soldiers* foi única composta por negros que combateu no Teatro de Operações da Itália. [...] Comandada por oficiais brancos, reproduzia internamente o caráter segregacionista, deixando aos negros os postos mais subalternos. Assim, a imagem de negros e brancos lutando lado a lado na FEB contribuiu pra

¹²⁷ Arruda, et. al., op. cit., p.70

¹²⁸ Arruda et. al., op. cit., p. 97 - 98

alimentar, tanto internamente quanto externamente o mito da democracia racial no Brasil. Porém, muito mais do que um indício de ausência de racismo, essa integração era produto de uma sociedade miscigenada ainda em busca de caminhos para enfrentar suas tensões raciais”.¹²⁹

Observação semelhante pode ser encontrada em artigo feito em parceria por dois historiadores da FEB, Dennison de Oliveira e César C. Maximiano, que afirmaram que o racismo existia na FEB, em episódios como desfiles e formatura perante militares estadunidenses. Nesses momentos, os negros eram retirados de guardas de honra ou escondidos no meio dos dispositivos da tropa em formatura. Do mesmo modo, há a quase completa ausência de oficiais negros. Ao mesmo tempo, afirmaram que o racismo não existe, se comparado ao racismo estrutural da 92ª divisão americana. A eficiência combativa da FEB apontada em relatórios do V Exército e também pelo seu posicionamento na frente aliada, sempre em revezamento ou apoio coordenado com a melhor unidade do setor, a 10ª Divisão de Montanha, unidade de elite do Exército estadunidense, aponta também para ainda uma outra questão: mesmo com episódios de racismo na FEB, a divisão brasileira foi a única tropa racialmente integrada em toda a segunda guerra mundial e manteve sua capacidade combativa. Esse fato é apontado pelos autores como um dos maiores difusores do mito da democracia racial brasileira entre os pracinhas que espalharam o exemplo vivido na sociedade e principalmente dentro do Exército.¹³⁰

Nesse sentido, ressaltamos que, no período imediatamente anterior à formação da FEB, Fernando Rodrigues demonstrou que estava ocorrendo prática discriminatória na seleção para o curso de formação de oficiais na Escola Militar. Várias categorias, entre elas os negros, eram indesejáveis para o oficialato, segundo o comando do Exército. Isso explica a quase ausência de oficiais negros na FEB, citada por Maximiano e Oliveira.

Na amostra que obtivemos, resolvemos atentar nesse sentido e foi realizado um cruzamento entre as patentes mais altas encontradas – terceiro sargento, segundo sargento e primeiro sargento – com o critério racial, resultando no seguinte gráfico, que parece comprovar que, mesmo entre as praças, a ascensão de negros aos postos mais importantes era exceção:

¹²⁹ Ribeiro, op. cit., p. 164

¹³⁰ MAXIMIANO, César C.; OLIVEIRA, Dennison de. **Estudos de História**. Raça e Forças Armadas: o caso da campanha da Itália (1944/45), 2001, Franca – SP, v.8, n.1, p.175 - 176

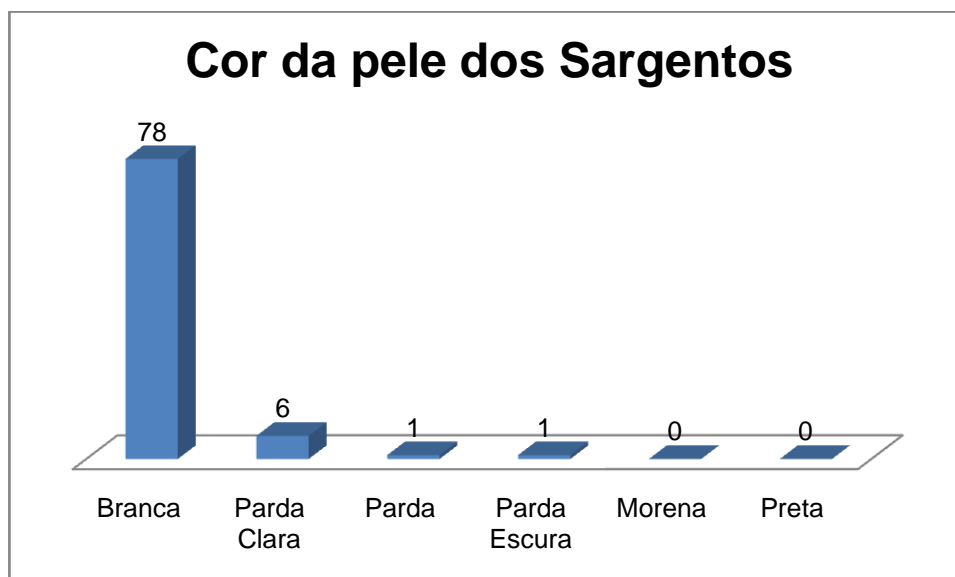


Gráfico 12 –Cor da pele dos sargentos

Após traçar o perfil desses homens, de acordo com a amostra disponível, resta saber somente o que eles próprios disseram sobre a experiência de ingresso na FEB. Ressalto porém, que essa amostragem, de 5% das praças da FEB, pode não ser representativa de todo o contingente da FEB, sendo que este perfil mais completo dos expedicionários pode ser tema de trabalho futuro, caso existam fontes disponíveis.

1.3.2 Convocação, seleção e treinamento: que disseram os *febianos*?

Como já evidenciado anteriormente, os testemunhos dos tenentes da reserva foram selecionados no livro *Depoimento dos oficiais da reserva sobre a FEB*. Era um livro que buscava "justiça", realçando aspectos – na opinião de seus autores – silenciados pela narrativa oficial do livro do general Mascarenhas, *A FEB pelo seu comandante*. Em determinados momentos, os livros do então sargento Boris Schnaiderman também serão usados nesta narrativa. Assim como os testemunhos contidos na obra do general Mascarenhas e documentos do AHEx, a intenção é apresentar a visão dos homens que pertenceram à FEB sobre o que perceberam EB no período de treinamento no Brasil, com ênfase nos temas que mais se repetem em diferentes testemunhos. Sempre estabelecendo relações entre as diferentes fontes memoriais, com atenção aos ditos e não ditos, as lembranças e esquecimentos de cada uma.

Na visão do 1º tenente da reserva, Demócrito Cavalcanti de Arruda, que havia cursado o CPOR em 1938, advogado na vida civil que foi convocado em dezembro de 1942 para o 6º RI, sobre a "máquina da mobilização militar [...] a nossa impressão foi a de uma máquina

emperrada, com incrível desperdício de energias e de dinheiro completamente falhada em seus objetivos".¹³¹

Segundo o tenente Demócrito, havia uma diversidade intensa entre os convocados, não havia padronização da instrução entre os reservistas convocados, a gente dos tiros de guerra, e os recrutas sem experiência militar alguma. No que se refere à idade, existiam convocados dos vinte aos trinta anos de idade, por vezes até mais. Havia solteiros e casados, sendo que muitos dos últimos foram desconvocados posteriormente. A ocupação dos convocados era de maioria de lavradores e agricultores, operários e empregados do comércio. Sequer os especialistas foram convocados e preparados a tempo.¹³²

Para o 2º tenente da reserva, José Alfio Piason, que cursou o CPOR em 1937, médico na vida civil, convocado em dezembro de 1942 para o 6º RI, essa diversidade incluía também militares da ativa do Exército, entre eles "praças de má conduta [...] baseados também na mentalidade de que para eles a guerra era um castigo merecido".¹³³

O 2º tenente da reserva Mario Amaral, que cursou CPOR em 1939 e foi convocado para o 6º RI em 1942, em tom parecido, afirma que depois da notícia da elevação do contingente do regimento ao nível estadunidense, alguns comandantes de corpos de tropas do EB aproveitaram para "limpar" suas unidades "enviando ao 6º RI a escória de seus homens, em lugar de selecionar os melhores". Segundo o tenente Amaral:

"certa vez em que o regimento recebia um contingente de perto de 150 homens vindos de diversas unidades, o oficial encarregado da recepção ordenou: - quem estiver com no bom comportamento levante o braço; os braços permaneceram baixados; nova pergunta: - quem estiver no comportamento regular, levante o braço; ninguém se moveu; - quem estiver no mau comportamento levante o braço; a um só tempo, como que movidos por uma satisfação em demonstrar as suas 'qualidades', os braços se ergueram em posição vertical. Desse material foi feita, em parte, a FEB [...]"¹³⁴

O russo naturalizado brasileiro, Boris Schnaidermann, que era 3º sargento da artilharia, tendo ficado a maior parte da guerra como calculador de tiro junto ao 6º RI, escreveu o livro *Guerra em surdina*, publicado alguns meses depois do Golpe de 1964. Segundo o próprio autor, o livro é um romance que teve lastro em sua experiência real, onde ele apresenta fatos

¹³¹ Arruda *et al.*, op. cit., p. 43

¹³² Ibid., p.43-45

¹³³ Ibid., p.85

¹³⁴ Ibid., p.162

ocorridos ora com ele, ora com seus companheiros através de personagens criados para a obra.¹³⁵

Boris descreve que "pálidos, nervosos, abatidos, os homens apinhavam-se no saguão do Ministério da Guerra. Foram convocados por jornal, ao acaso, segundo parecia. [...] E os convocados não compreendiam por que a sorte recaía justamente sobre eles".¹³⁶

Ao descrever o dia a dia a que passou a ser submetido depois da convocação, aquartelado, disse que "a pirâmide da hierarquia tinha no vértice o coronel. Alto, de nariz adunco e olhos azuis inexpressivos, parecia a personificação da disciplina e da rigidez militares. Andava sempre à cata de transgressores".¹³⁷

Em outro livro de memórias, o *Caderno Italiano*, Boris relata que "antes de chegar ao quartel, trocava meu traje civil pelo uniforme", o que como já vimos não era permitido pelo RDE. O autor afirma que, nos quartéis, "frisava-se, a todo momento as diferenças hierárquicas. A continência obrigatória não era apenas uma saudação, mas parecia ser também a marca de uma diferença de status [...] o soldado confirmava sua inferioridade na escala social".¹³⁸ A novidade da adaptação a essa nova rotina militar, trouxe marcas nos *paisanos* que chegavam à caserna, fato que merecerá uma maior atenção no segundo capítulo.

Já o tenente Piason, que era médico na vida civil, ao se recordar das seleções médicas do pessoal, acreditava que ela "deveria obedecer a normas rígidas e fixas [...] ao invés disso, o que se viu foi uma seleção absolutamente incompleta, pois baseada no princípio *a priori* fixado, de que todo convocado queria eximir-se das obrigações que o país exigia".¹³⁹

Segundo o tenente Piason, a consequência foi desastrosa e "grande número de verdadeiros incapazes, física ou psiquicamente, foi aprovada[...] tais indivíduos tornaram-se verdadeiros peso morto", na fase de instrução mas principalmente nas operações de guerra na Itália.¹⁴⁰

O tenente Piason narra que no início médicos estadunidenses colaboraram nas juntas de seleção com rigorosos exames, mas depois ocorreu abrandamento das exigências, e não foi de

¹³⁵ SCHNAIDERMAN, Boris. **Caderno Italiano**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.11

¹³⁶ SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em surdina**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p.11

¹³⁷ Ibid., p.20

¹³⁸ Schnaiderman, op. cit., p.35

¹³⁹ Arruda *et al.*, op. cit., p.84

¹⁴⁰ Ibid., p.85

se admirar que "tuberculosos, sífilíticos, epiléticos, quase cegos ou surdos, pés chatos, paranóicos, débeis mentais e outros, chegassem até a Itália".¹⁴¹

O filho de japoneses, 1º tenente Massaki Udihara, que cursou CPOR em 1936, também médico na vida civil e convocado em dezembro de 1942 para 6ºRI, relata que dois dias antes do embarque "a todos apresentou-se o espetáculo da volta, em massa, de todos aqueles que tinham baixado ao hospital e que, como podia ser verificado e visto, voltavam na mesma condição". Narra que horas antes do embarque no navio de transporte rumo à Itália

"encontrava-se sentado sobre o seu leito, tentando arrumar os seus sacos de bagagem, um soldado. As suas mãos e os seus pés não eram mais que uma pústula, tal a infecção que neles se manifestara. Tivera, como alguns outros, alta do hospital e apresentara-se nessas condições. Participada a sua situação foi, só na ocasião, resolvido que não embarcaria. Ouviu a ordem com lágrimas nos olhos e, em soluços, pediu, implorou para ser levado. Sentia não poder ir com os companheiros e, mesmo à promessa de ir depois, não se conformou. Um outro, dessa mesma companhia, com furunculose generalizada, disse que iria mesmo que fosse preciso ser carregado. Foi. na 3ª companhia do mesmo batalhão um soldado, na lufa-lufa dos preparativos do embarque, teve um ataque epilético. O seu oficial, médico na vida civil, que já o sabia sofrer desse mal, levou a parte correspondente desse incidente ao médico do regimento. Este rasgou-a em sua frente. Esse soldado também embarcou."¹⁴²

O Padre Manoel Inocêncio L. Santos, 1º tenente capelão do Serviço Religioso da FEB, foi voluntário para ir à guerra. Ele relata que "sofreram os brasileiros o vexame de desembarcar em Nápoles uma legião de venéreos".¹⁴³

Sobre isso, o general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, relata com suavidade em seu livro de memórias que "na primeira quinzena de permanência no estacionamento de Bagnoli, descobriram cerca de duzentos expedicionários acometidos de doenças facilmente evitáveis". "Dezenas de militares brasileiros apresentaram-se - prossegue o general - com os dentes em precária situação e em condições, portanto, de lhes ameaçar o equilíbrio físico." Ao final conclui que "pouco lisonjeira deve ter sido, naquela época, a impressão das autoridades sanitárias norte-americanas acerca do valor físico de nosso primeiro contingente expedicionário".¹⁴⁴

É interessante observar que, no que se refere às questões da seleção médica da FEB, a narrativa dos oficiais da reserva que compuseram a FEB e a do comandante da FEB, não se excluem. Mas a diferença de tom entre as duas, sendo uma que apura responsabilidades e outra

¹⁴¹ Ibid., p.88

¹⁴² Arruda *et al.*, op. cit., p. 145

¹⁴³ Ibid., p.399

¹⁴⁴ Moraes, op. cit., p.47-48

que só constata sutilmente, é significativa dessa trama memorial constituída daquilo que se escolhe lembrar ou esquecer, anunciar ou silenciar. E como vimos anteriormente, de acordo com o relatório do Ministro da Guerra sobre as questões sanitárias da tropa, o comando do Exército já sabia *in-loco* o que ocorria, no presente em que ocorria.

Outro problema relatado nos testemunhos diz respeito à falta de estrutura nos quartéis brasileiros. Para o tenente Piason, a convocação em massa provocou "o quadro mais desolador possível; quartéis insuficientes para o grande volume dos recém chegados, obrigando à instalação de muitos em ambientes inapropriados, anti-higiênicos". Como a utilização improvisada de um depósito de frutas conhecido como Casa da Laranja, em Caçapava - SP, sede do 6º RI. Segundo ele, muitos soldados tiveram que "dormir em bancos de jardim, por não encontrarem um único lugar nas poucas pensões existentes" e que era a "alimentação insuficiente para tantos, quer no quartel, quer nos bares, restaurantes e pensões".¹⁴⁵

Já o 2º tenente da reserva, Clovis Garcia, aponta que, quando o 6ºRI foi transferido para a concentração da FEB no Rio de Janeiro, "a higiene da tropa era bastante deficiente. O 6º Regimento [...] ficou alojado em um quartel com acomodações para conter, com conforto, apenas um batalhão". Como o regimento possuía três batalhões, o resultado foi que ficou a "tropa em alojamentos que não tinham os necessários requisitos higiênicos, com insuficientes instalações sanitárias, condições agravadas pela falta de água". Os soldados em barracões de madeiras construídos apressadamente e as cozinhas localizadas onde antes ficava a cavalaria, a comida preparada em antiquados fogões de campanha. "Além do pequeno espaço disponível, havia a proliferação de moscas já habituadas ao local".¹⁴⁶

O já citado capelão Santos recorda-se que "as moscas constituíam um martírio", e cita ocasião em que foi exibido um filme educativo sobre as moscas. Logo depois, na oração do jantar, ele afirmou "os judeus, certa feita construíram sua cidade em meio de tais lutas, que disse o cronista, construíam com uma mão e combatiam com a outra. Nós também, comemos com uma das mãos e espantamos as moscas com a outra".¹⁴⁷

Para ele, a impressão não era "positivamente agradável", "o calor sufocante, moscas rodopiavam em negros enxames. No fundo do pavilhão, restos de comida atirados pelas valetas aumentavam o tormento".¹⁴⁸

¹⁴⁵ Arruda *et al.*, op. cit., p. 83

¹⁴⁶ Ibid., p.290

¹⁴⁷ Ibid., p.396

¹⁴⁸ Ibid., p.396

Já o 1º tenente da reserva, Ubirajara Dolácio Mendes, também convocado para o 6º RI, relembra que, quando o regimento estava estacionado no Rio de Janeiro, nessas condições, "nuvens de moscas entravam em cena, voejando por sobre a carne, por sobre os restos de comida e por sobre o lixo amontoado que nem sempre os caminhões da Prefeitura Militar tinham tempo de recolher". Para ele a comida passou a ser apelidada de *moscatel*.¹⁴⁹

O 1º tenente da reserva José Goes Xavier de Andrade, que cursou o CPOR em 1944 e foi voluntário para a FEB, afirma que "as marmitas dos soldados (e dos próprios cadetes) em manobra, eram limpas, esfregando-se nelas farinha ou areia".¹⁵⁰

O já referido tenente Piason afirmara que, nos momentos de superlotação dos quartéis, quando as cozinhas de campanha começavam a funcionar, "a alimentação é servida em marmitas e os restos jogados pelos cantos, depois as marmitas são limpas com folhas de papeis, quando muito, areia e água fria, permanecendo assim sujas e engorduradas de causar nojo".¹⁵¹

O tenente Andrade chega a relatar que "embora as Forças Armadas recebam pelos seus ministérios as maiores dotações orçamentárias do Brasil, elas vivem e trabalham num regime de carência e pobreza técnicas e materiais".¹⁵²

Sobre essas questões referentes à instalações e infraestrutura sanitária e higiênica dos quartéis brasileiros, existe um grande silêncio nas memórias do general Mascarenhas de Moraes.

Mas é interessante notar que no relatório do ministro Dutra de 1943 constam informações sobre um inquérito realizado por um médico psiquiatra, Dr. Mirandolino Caldas, que atuou numa Junta Militar de Seleção. O inquérito entendia que "as causas de desespero e má vontade dos conscritos" eram de várias naturezas, entre elas:

"[...] 2º- Má alimentação nos quartéis - Outro grupo se queixa muito da má alimentação que é servida nos quartéis. Muitos alegam que estão enfraquecendo, e são obrigados a fazer refeições fora, gastando o que não podem gastar, porque o ordenado não lhes dá para tanto. E ficam a meditar ... 'se aqui, é assim, imaginem quando sairmos do Brasil'".¹⁵³

Por mais uma vez, recorremos a uma fonte do AHEx como âncora entre as distintas memórias, como uma captura do que foi relatado no momento da experiência vivida. E mais

¹⁴⁹ Ibid., p.264

¹⁵⁰ Arruda *et al.*, op. cit., p.318

¹⁵¹ Ibid., p. 94

¹⁵² Ibid., p.316

¹⁵³ AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.40

uma vez entendemos que há uma distinção clara entre o que se lembra e o que se esquece nas memórias dos homens do 6º RI em relação à do comandante da FEB.

O tenente capelão Santos recorda-se que, durante o período em que esteve na concentração das tropas no Rio de Janeiro aguardando embarque, era muito comum a ociosidade. Em contrapartida, "oficiais e graduados se esfalfavam no trabalho a que os condenava a burocracia (para qualquer coisa vinham as famosas relações em quatro vias), a soldadesca embolorava em força do ócio".¹⁵⁴

A questão da burocracia aparece de maneira recorrente nos relatos sobre o período de instrução da FEB no Brasil. O tenente Amaral recorda-se que o excesso de burocracia era uma das coisas que mais atrapalhava o treinamento no 6º RI. Conta que certa vez o comandante do Regimento teve que se afastar da instrução da tropa para assinar uma série de documentos. A papelada somava 17.000 folhas para assinatura, que numa média de 12 segundos levariam 57 horas, quase 6 dias, de expediente para serem assinadas. Conta ainda que era costumeiro ver os oficiais subalternos e sargentos mais capazes e escolarizados serem desviados de funções de treinamento de combate para ocupar cargos burocráticos administrativos.¹⁵⁵

Para o tenente Amaral "o comando não podia dar toda assistência à instrução, em virtude de seus afazeres burocráticos que consumiam todo o seu tempo e que o prendiam a uma cadeira para assinatura de montanhas de papéis".¹⁵⁶

É curioso observar que o Manual de Campanha da Infantaria: Infantaria Divisionária e Regimento de Infantaria de 1944 do EB (tradução emergencial do *Field Manual 7-40* do *US Army*) estabelece claramente que: é função do sub-comandante desembaraçar o comandante de "pormenores, especialmente de natureza administrativa". Que providencie "para que o comandante seja informado dos assuntos pertinentes ao efetivo, moral, organização, instrução, equipamento, abastecimento [...]".¹⁵⁷

Mascarenhas reconheceu a dificuldade de implantação do modelo estadunidense ao afirmar que "quase da noite para o dia [...]o problema consistiu em fazer sair, de um maquinismo montado à francesa, uma força expedicionária que funcionasse à norteamericana."¹⁵⁸ A dificuldade de adaptação ao novo modelo pode ter retardado o funcionamento

¹⁵⁴ Arruda *et al.*, op. cit., p. 397

¹⁵⁵ Arruda *et al.*, op. cit., p. 161

¹⁵⁶ *Ibid.*, p.170

¹⁵⁷ AHEx, Acervo de manuais e regulamentos do Exército, FM 7-40, 1944, p.21-22.

¹⁵⁸ Moraes, op. cit., p. 28

pleno do regimento nos moldes estadunidenses. Como nesse caso do comando amarrado à burocracia e não aos cuidados da instrução tão necessária para a tropa que ia para o combate.

O 2º tenente da reserva, Demócrito Cavalcanti de Arruda, que cursou CPOR em 1938 e foi convocado para o 6º RI em 1942, recordou que, quando era "subalterno de uma companhia de fuzileiros, naquele período de organização expedicionária começado em junho de 1943, conheci oito comandantes de companhia". Alega que durante meses chegou a ser, ele mesmo, o comandante da companhia e que só no navio de transporte para a Itália conheceu o capitão designado a comandar a companhia.¹⁵⁹

Para o tenente Demócrito, "essa dança de oficiais no comando, às vésperas do embarque, verificou-se em pelo menos cinco companhias de fuzileiros das nove existentes no regimento".¹⁶⁰

O tenente Amaral também versa sobre essa questão dos desfalques de efetivo nas unidades expedicionárias. Para ele eram tão constantes as transferências para unidades não expedicionárias que "iam abrindo claros nas fileiras depois de já terem sido incorporados e parcialmente instruídos, desmoronando desta forma os poucos resultados conseguidos na instrução de conjunto".¹⁶¹

Em relação aos oficiais, esse quadro não era muito diferente. Na verdade, constituía assunto muito mais sério, pois "já aclimatados aos novos moldes da instrução americana, e tendo já implantado métodos próprios e amoldados as suas subunidades dentro de seus princípios, conseguiram as suas transferências [...] destruindo assim a pouca instrução que tinham ministrado".¹⁶²

Sobre as transferências, o relatório do ministro Dutra de 1943 pode mais uma vez ser acionado:

"Tem sido verificada a afluência a este Ministério de uma torrente de pedidos de dispensa e de adiamento de convocação de reservistas, quer por parte dos interessados diretamente, quer por parte de algumas autoridades. Além do aumento que esse fato trás ao já grande acúmulo de serviço, determinado pela necessidade do exame particular de cada caso, acresce que não está este Ministério em situação de avaliar com estrito rigor, no caso de pedido de autoridades, se são ou não imprescindíveis, no lugar em que exercem suas atividades, os serviços dos serventuários cuja dispensa de convocação é

¹⁵⁹ Arruda *et al.*, op. cit., p. 48

¹⁶⁰ Arruda *et al.*, op. cit., p.148

¹⁶¹ *Ibid.*, p.162

¹⁶² *Ibid.*, p. 162

solicitada. Nessas condições, a tendência que se estabelece naturalmente é a de conceder, com raras, exceções, a pleiteada dispensa".¹⁶³

Isso explica a dispensa e transferência de muitas praças reservistas convocadas, mas não a dos oficiais da ativa que estagiaram nos EUA. Infelizmente não há dados suficientes para esclarecer a questão da evasão desse pessoal das unidades expedicionárias.

A utilização dos meios e armamentos é outro ponto tocado nos relatos, no que tange à instrução da FEB. O segundo tenente Demócrito infere que "a fraqueza fundamental da nossa instrução pode medir-se em dados como este de reservar-se 60 tiros de fuzil, por ano, para um infante. Em três anos de CPOR nunca assisti a um tiro de morteiro ou artilharia".¹⁶⁴

O tenente Amaral recorda-se que, ao serem convocados para o serviço ativo do Exército, encontraram carência de material que prejudicava a instrução, assim como na época em que cursou o CPOR. Quando os materiais existiam ficavam trancados com um oficial responsável, sempre zeloso do material que estava em sua carga, ou seja, sob sua responsabilidade e qualquer dano poderia lhe ser descontado em pagamento.¹⁶⁵

Recorda-se ainda que enquanto o moderno armamento estadunidense não chegava ao regimento, as instruções de tiro eram feitas nos armamentos comuns das unidades normais do Exército. Tal instrução não tinha tanto efeito visto que os aparelhos de mira das armas estadunidenses eram diferentes. E que com relação a morteiros só ocorreram dois exercícios, e um deles só para os aspirantes a oficial em estágio e que poucas granadas de mão foram lançadas pela tropa.¹⁶⁶

Ao abordar a falta do material estadunidense na instrução, o general Mascarenhas resumiu: "não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que iriam utilizar. Mesmo entre os oficiais, aqueles que o conheciam constituíam uma minoria insignificante".¹⁶⁷

O armamento era uma questão muito importante, pois como ressalta o tenente Amaral:

"nem mesmo com a guerra a situação melhorou, ao contrário, agravou-se dada a transformação do padrão de instrução em face do armamento moderno [da FEB] que veio modificar em parte os métodos até então observados, tornando-os improfícuas e, conseqüentemente, sem razão de continuarem sendo usados, e o armamento[do EB] ser considerado obsoleto."¹⁶⁸

¹⁶³AHEx, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.34

¹⁶⁴Arruda *et al.*, op. cit., p. 57

¹⁶⁵Arruda *et al.*, op. cit., p.164

¹⁶⁶Ibid., p.171

¹⁶⁷Moraes, op. cit., p.29

¹⁶⁸Arruda *et al.*, op. cit., p.164

O tenente Amaral também aponta que Caçapava - SP, sede do 6º RI é rodeada de elevações e montanhas, sendo que não foi feito nenhum exercício nesse tipo de terreno, mesmo sabendo que a FEB atuaria nas montanhas italianas.¹⁶⁹ Ao lado da FEB atuou a 10ª Divisão de Montanha estadunidense, treinada especificamente para o combate de montanha. Os italianos tinham suas divisões alpinas. Exemplos observados por quem foi à guerra na Itália.

Como os manuais tipo FEB, traduzidos dos estados unidos não chegaram todos a tempo da instrução da FEB no Brasil e nem armamentos suficientes, o tenente Amaral recorda, ainda, que "a instrução do 6º RI, desde que nele fomos incluídos até a organização da FEB, sempre se calçou nos diversos Regulamentos do Exército Brasileiro já por demais antigos, tendo-se em vista a evolução dos princípios táticos e estratégicos e dos armamentos usados na guerra."¹⁷⁰

Se os quartéis onde as unidades expedicionárias ficaram sediadas no Rio de Janeiro, no período de concentração, estavam lotados, a mesma coisa pode se dizer do Campo de Instrução de Gericinó, único destinado ao treinamento da FEB. O tenente Amaral afirma que este era o único lugar disponível para todas as unidades expedicionárias treinarem, o resultado foi que todas unidades revezavam, uma vez por semana para cada regimento e, como cada regimento possuía três batalhões de infantaria, cada semana para um. O único stand de tiro inicialmente utilizado era o da Vila Militar, mas, mesmo assim, o revezamento só permitira que cada companhia do regimento utilizasse o stand somente por três vezes durante todo o mês. Somente depois de um tempo se permitiu que as unidades expedicionárias utilizassem stands de outras unidades, que apesar de permitirem maior frequência no treinamento, impediam tiros a distancias maiores que 150 metros.¹⁷¹

O tenente Amaral sintetiza da seguinte forma: "as diretivas de instrução para a FEB, que então se organizava, emitidas pelo Alto Comando do Exército [...] nunca puderam ser observadas em sua totalidade e nem mesmo sequer em um terço de suas prescrições".¹⁷² O verdadeiro adestramento da FEB só aconteceu na Itália, às vésperas da entrada na linha de frente, quando foram recebidos todos os armamentos para a tropa.¹⁷³

Somente na Itália se realizou um exercício em nível de regimento, envolvendo todos os elementos do 6º RI. O exercício divisionário, envolvendo toda a DIE, nunca ocorreu. Com

¹⁶⁹ Ibid., p. 171

¹⁷⁰ Arruda *et al.*, op. cit., p.169

¹⁷¹ Ibid., p.166

¹⁷² Ibid., p.160

¹⁷³ Ibid., p.169

ironia, o tenente Arruda refere-se a isso ao afirmar que "nossos exercícios divisionários seriam feitos, cruentamente, diante do inimigo nos primeiros ataques ao Monte Castelo".¹⁷⁴ Primeiro momento em que toda a 1ª DIE esteve reunida e em operação.

O general Mascarenhas de Moraes também se refere à questão da instrução da FEB em seu livro. Para ele, a questão que mais retardou a instrução foi a demora na tomada de contato com o armamento, só realizada no solo italiano, já no acampamento em Tarquínia onde, segundo ele, intensificou-se então a instrução da FEB. Para ele o comando brasileiro era refém da situação, dependendo dos estadunidenses, e tiveram então que agir para apressar o recebimento e iniciar a instrução "*à americana*" da FEB.¹⁷⁵

Convém, aqui, também ressaltar rapidamente como foi realizada a missão de defesa do arquipélago de Fernando de Noronha, que ganhou importância estratégica naquele momento. Um ponto quase ideal de demonstração do aspecto sanitário e alimentar, em situação de operação de guerra no EB, foi a operação de defesa realizada por uma guarnição em Fernando de Noronha, isolada do continente, onde segundo o tenente da reserva Collier, os soldados foram expostos a:

"terríveis dias de sol e de chuva em abrigos improvisados [...], da terrível disciplina do General Mendes de Moraes; do *corned-beef* e das proibidas caçadas a bodes selvagens em busca de carne verde; da água salobra e escassa, de tropas enfim atiradas àquele rochedo solitário do Atlântico, em condições precárias de abrigo e alimentação. De alimentação, sobretudo, para o que nós, brasileiros, não olhamos, geralmente, com o cuidado que seria de desejar. Costuma-se em tais casos, partir do princípio que a base da alimentação popular entre nós é carne de charque, farinha e feijão. Que não se precisa tratar o soldado melhor do que ele passa em casa. Que o soldado é superior ao tempo. Isto é, às chuvas, ao sol, e também a fome, crônica ou não.[...] Falta de cuidados, ausência de uma orientação mais científica que, no isolamento de Fernando de Noronha, em que os soldados dependiam inteiramente da alimentação fornecida ao quartel, teve como consequências numerosos casos de beriberi e outras agudas avitaminoses, alguns deles fatais."¹⁷⁶

Tal operação, sem contato com o inimigo, com baixas em consequência de falta de condições sanitárias, higiênicas, alimentícias, demonstra o estado de coisas em que se encontrava o EB durante a segunda guerra mundial.

O próprio ministro Dutra, em seu relatório de 1943, afirma que "Fernando de Noronha deixou sua secular função de presídio para constituir-se numa verdadeira base avançada de

¹⁷⁴ Ibid., p.43

¹⁷⁵ Moraes, op. cit., p.49

¹⁷⁶ Arruda *et al.*, op. cit., p.490 - 491

nossa defesa no Nordeste"¹⁷⁷ E que, para defender outras porções do Nordeste, em alguns casos, o medo dos submarinos obrigava a expor "comovidamente, mas compelidos pelas circunstâncias, os nossos soldados a outro perigo - as doenças endêmicas que pululam [...]" no vale do rio São Francisco que era usado como hidrovía pelas tropas.¹⁷⁸

Através dos testemunhos, tanto dos oficiais da reserva, quanto do comandante da FEB, se percebe que a FEB praticamente não teve sua instrução de combate realizada. Que a adaptação ao modelo estadunidense se processou muito lentamente e com grandes dificuldades. E que de fato, a tropa só teve contato efetivo com os armamentos já na Itália, onde realizou a fase final de seu treinamento.

E também fica latente a ênfase dada pelos oficiais da reserva febianos à falta de estrutura do EB no período de instrução. E isso ocorre porque, ao se recordarem desse período, eles já tinham como parâmetro uma experiência vivida no exterior, quando estiveram com a FEB em combate na Itália, operando como uma divisão de infantaria do V Exército estadunidense.

1.3.3 O Exército de Caxias e o Exército da FEB

Até então, apesar do comando afirmar o esforço de organização diferente das unidades da FEB, na prática, durante a instrução, os relatos dos ex-combatentes e mesmo do comando da FEB reconhecem que a instrução *à americana* só aconteceu na Itália.

Mas, no que diz respeito à rotina, os relatos já afirmam a diferença brusca a partir do embarque no navio de transporte estadunidense que levou o primeiro escalão da FEB para a Itália.

Era 30 de junho de 1944, os homens haviam sido informados que iriam fazer um exercício em Barra do Piraí, e embarcaram de madrugada nos trens. O sargento Boris Schnaiderman relata que, para a surpresa dos soldados, ao desembarcarem dos trens, o navio foi "a primeira coisa que vimos ao sair do vagão. Parece um monstro pré histórico. O cinzento do casco se confunde com o negror da noite. As chaminés parecem chifres empinados [...] monstro que estava a espreita no cais engoliu numa noite 5075 homens"¹⁷⁹

¹⁷⁷ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p.13

¹⁷⁸ AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.12

¹⁷⁹ Schnaiderman, op. cit., p.38

Segundo o tenente Andrade, "depois de alguns dias em alto mar, o pracinha caiu em si. Sentiu no transporte americano, uma profunda diferença." Os homens foram encarregados de serviços rotineiros na cozinha do navio, tudo impressionava. A limpeza do navio, a automatização da cozinha, alto nível de padronização de todo material utilizado, das mesas desmontáveis às bandejas de alumínio com recalques moldados para cada tipo de comida, que limpas, ficavam embutidas no móvel e eram elevadas através de uma mola conforme eram utilizadas as de cima. Depois, eram higienizadas à máquina, lavadas e esterilizadas com jatos de água ferventes. "Para o pracinha tudo era novidade: ordem, asseio, rapidez, eficiência. Nem lhe faltava água gelada, em bebedouros, as privadas limpas, o banho, as notícias pelo alto falante, música e cinema. Não deixariam de ficar ainda mais espantados ao constatar que nos acampamentos em terra, a cozinha tinha o mesmo nível de automatização e funcionamento."¹⁸⁰

O tenente Arruda também alude à questão da cozinha e da alimentação, recorda-se que logo na primeira refeição no navio de transporte *General Mann*, os soldados tomaram contato com a cozinha americana. Em longas filas, os soldados "esperavam pela primeira refeição. Esta era servida em bandejas de aço inoxidável, nas quais havia várias concavidades onde a comida era posta." Afirma ainda que "o praça brasileiro arregalou os olhos, atônito, ao ver que lhe serviam feijões brancos, macarrão, bifés, ovos fritos, maçãs ou peras, um pão branco, macio como pão de ló".

O contraste era enorme, o tenente da reserva Ubirajara Dolácio Mendes afirma que no Brasil, via de regra, o cardápio do *rancho* consistia de "arroz, feijão e jabá (carne seca), [...] é forçoso reconhecermos que a *bóia* do soldado não prima pela excelência [...] se em sempre é parca quantitativamente, é-o, não obstante, qualitativamente". A comida feita no rancho muitas vezes aparecia na contabilidade dos quartéis entre as economias administrativas.¹⁸¹

Para o tenente Ubirajara, a alimentação estadunidense quantitativa e qualitativamente era "soberba":

"numa só refeição tínhamos feijão branco com batatas, purée, de batatas, fritadas de ovos com presunto, bolinhos de carne, vagens, pão branco acompanhado de geléia, creme de amendoim ou manteiga, sobremesa de frutas em calda, café com leite. E a variação era grande entre os pratos salgados: milho verde cozido, ervilhas, macarrão, ensopados de carne, beterrabas, nabos ou cenouras em pedaços, queijo amarelo, espinafre, etc. Uma vez ou outra em vez de carne de vaca, recebíamos peru ou galinha. Grande parte desses alimentos vinha já preparado e em latas, bastando aquecer. As frutas em calda também vaiavam: maçãs, peras, abacaxis,

¹⁸⁰ Arruda *et al.*, op. cit., p.320 - 321

¹⁸¹ Arruda *et al.*, op. cit., p.264

pêssegos, damascos, ameixas, *cocktail* de frutas. Adicionados a isso tudo, vinham sempre sucos de laranja, abacaxi, *grape-fruit*, ou tomate."¹⁸²

Durante a campanha, a comida feita nas cozinhas dos acampamentos e a estrutura da cozinha permaneciam parecidas com a dos navios. Quando em combate na linha de frente, em isolamento, a comida quente podia ser substituída pelas rações de combate de vários tipos, enlatadas, ou desidratadas, mas ricas em variedade. O prejuízo do uso das rações era somente em relação ao moral da tropa, mas em relação à nutrição mantinha-se a qualidade.

Posteriormente, o ministro Dutra refere-se à questão, ao relatar que à alimentação americana foram adicionados gêneros brasileiros na Itália, feijão, arroz, farinha de mandioca e café, para elevar o moral da tropa com alimento brasileiro. Para ele o resultado é que "o soldado brasileiro ficou, deste modo, sendo o combatente melhor alimentado na Europa!"¹⁸³

Com bom humor, o tenente Piason afirma que "pode-se dizer, usando nossa frase muito expressiva, que o pracinha tirou então a 'barriga da miséria'". E, com tom mais crítico, aponta que "dói-nos também, dizer ter havido centenas de vezes mais higiene em nosso acampamento, acantonamentos, e nas próprias linhas de frente da Itália do que em qualquer quartel onde estivemos no Brasil".¹⁸⁴ A justificativa para ele era clara:

"é que, para o americano, a higiene tem notável sentido preventivo e é encarada a sério, especialmente na ocorrência de grandes aglomerações humanas; suas instruções, rígidas no tocante às dejeções (construções de privadas provisórias, mas isoladas e modelo, uso abundante de desinfetantes, papel higiênico, etc.) e restos alimentares, foram admiráveis, mostrando que em se tratando de beneficiar o soldado, todas as medidas eram tomadas, os menores problemas fundamente estudados e resolvidos; em resumo, profundo respeito e interesse pelas coisas realmente mais importantes; a saúde e a vida não só do ser humano, mas do soldado, de quem ganha a guerra. O resultado é que nos acampamentos americanos ou brasileiros de tipo americano, a limpeza salientava-se à primeira vista, raramente se via uma mosca ou outros insetos, não só porque estavam afastados os focos, como porque a distribuição de pós e inseticidas eficientíssimos em engenhosos e práticos mecanismos, era farta, quase excessiva. Que contraste com nossos quartéis! Lixo, resíduos alimentares, moscas e insetos em tal quantidade que, em certas ocasiões - tempo de estada no Rio, Quartel do Batalhão Escola - a refeição era um verdadeiro tormento".¹⁸⁵

À medida que a FEB era absorvida no modelo estadunidense com mais intensidade, maiores eram as diferenças percebidas. A FEB atuou como uma das divisões de infantaria do V Exército estadunidense, foi ressuprida e utilizada exatamente dentro dos mesmos preceitos e

¹⁸²Ibid., p.269

¹⁸³AHEX, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p.41

¹⁸⁴Arrudaet al., op. cit., p.93

¹⁸⁵Ibid., p. 93

exigências das unidades daquele Exército. Além disso, ao longo dos dez meses de atuação na Itália, múltiplas experiências aprofundariam essa diferença. Mas já é suficiente para definirmos aqui mais uma fronteira da FEB com o restante do EB, a experiência.

Como já vimos, o comando do EB, através do general ministro da Guerra, categorizou à sua maneira a diferença entre a FEB e o restante do EB, chamando essa divisão de unidades militares em *tipo normal* e *tipo FEB* num período de *anomalia*. Um dos membros da FEB, o já citado tenente da reserva Andrade, resolveu utilizar outras categorias para também explicar essa divisão. Para ele, passaram a existir o *Exército de Caxias* e o *Exército da FEB*.

É importante ressaltar que a expressão *Exército de Caxias* aparece em inúmeros documentos militares e discursos de época, incluindo a imprensa militar que será abordada no terceiro capítulo. Mais adiante, neste trabalho, veremos alguns exemplos do emprego desta expressão, tanto por parte dos membros da FEB quanto do EB. A novidade maior, portanto, fica por conta do termo *Exército da FEB*.

O tenente Andrade escreveu o maior artigo do livro de depoimentos dos oficiais da reserva, onde discorre sobre o *Exército de Caxias* e o *Exército da FEB* ao longo de 84 páginas. Ele submete a diferenciação dos dois exércitos a partir de comparações diretas entre o período que passou em um e no outro. Para ele, que chegou à Itália no quarto escalão junto com o Depósito de Pessoal da FEB, e posteriormente seguiu para o 6º RI, logo que havia chegado, percebeu que "os soldados dividiam em dois o Exército Nacional: referiam-se à FEB como um 'novo Exército', bem diferente daquele outro Exército que ficara no Brasil, e que eles sempre ouviram chamar de 'Exército de Caxias'".¹⁸⁶

Ele, então, percebeu que essa divisão era mencionada "toda vez que os expedicionários estabeleciam comparação entre os métodos, costumes e princípios adotados no Brasil e os vigentes nos campos de operações na Itália".¹⁸⁷ Seu testemunho é, portanto, uma comparação dos diferentes métodos em três aspectos: diferenciação técnica, geográfica, disciplinar.¹⁸⁸

Na prática, em seu texto, são abordadas questões como diferenciação de meios materiais e doutrina militar. O impacto da FEB estar na Itália em contato com a guerra, o povo italiano, os inimigos alemães e os aliados estadunidenses de unidades padrão do *USArmy* e também a unidade em que os negros eram oficialmente segregados, unidades de descendentes de japoneses, além de ingleses, canadenses, sul-africanos, indianos, entre outros, e as

¹⁸⁶ Arruda *et al.*, op. cit., p.311

¹⁸⁷ Ibid., p.311

¹⁸⁸ Ibid., p.314

diferenças referentes à aspectos disciplinares que passaram a existir a partir do momento em que a FEB chegou à Itália.

Mas nos interessa um ponto, ao refletir sobre Caxias, o tenente Andrade explica seu ponto de vista:

"Adiantaremos que o Duque de Caxias, Patrono do Exército, não era bem interpretado e compreendido pelo soldado. Por quê? Uma exaltação sem método psicológico, fê-lo um símbolo inatingível. Os símbolos, embora alçados às alturas da glória, não devem perder a natureza humana que se identifica com aqueles a quem servem de paradigma. (...) Em todos os quartéis brasileiros, Caxias foi apresentado com um exagero tal que o homem comum não pode compreender. Para o soldado simples, cheio de fraquezas e falibilidades humanas, os traços da vida realmente predestinada do Duque de Caxias, aquela perfectibilidade realçada numa exaltação quase mística, tornou-se inimitável, inalcançável como símbolo. Surgiu o oposto do que se desejava obter: Caxias era uma coisa impossível... Qual foi então o resultado? Todos nós o sabemos: para o soldado, "Caxias" é o oficial, o sargento, o praça exagerado, rigoroso em demasia. É o militar que vive com o dedo nos artigos do Regulamento, sem a tolerância da equidade. É o soldado "puxa-saco", quando devia ser o contrário."¹⁸⁹

Nessa questão das lembranças e esquecimentos, da seletividade da memória que atua como barreira de pertencimento às identidades e grupos, essa informação é extremamente relevante. Caxias, no panteão de heróis do EB, foi feito um homem monumento. A memória oficial do EB o alçou a esta posição, dele é o dia do soldado, dele foram tiradas as qualidades dos cadetes, à ele são devotadas práticas comemorativas. Nesse ponto, abro parênteses para o historiador Fernando Cartroga:

"prática comemorativa, essa presença prova que os ritos cívicos recorriam a processos análogos aos da "manha" da memória individual (re-fundação, identificação, filiação, distinção, finalismo), mediante a seleção e a fragmentação da sequência dos eventos e a sua inserção num horizonte prospectivo. Isto é, escolhia-se "grandes homens" ou "grandes acontecimentos", assim arvorados em paradigmas que apelavam à imitação de uma exemplaridade que o futuro devia cumprir. Por consequência, se as comemorações parecem ser, por um lado, um culto nostálgico e regressivo, por outro, o passado é reinterpretado à luz da lição que se pretende dar ao presente e ao porvir. E tudo bateria certo, porque este comemoracionismo, tal como a historiografia dominante, se baseava numa similar ideia evolutiva e continuista do tempo histórico, na qual o melhor do ocorrido era não só decantado para responsabilizar os culpados pelo seu não desenvolvimento pleno, como enaltecido enquanto momento precursor. Mas, em simultâneo, para que a mensagem normativa e o papel pedagógico-cívico do rito pudessem funcionar, muito teria de ser esquecido".¹⁹⁰

¹⁸⁹ Ibid., p.311 - 312

¹⁹⁰ Cartroga, op. cit., p.57

Sobre os silêncios desta memória oficial seletiva, a historiadora Adriana Barreto de Souza tratou na biografia *Duque de Caxias: O homem por trás do monumento*. Mas, nossa atenção nesse momento recai sobre a memória dos ex-combatentes que, como o próprio livro denuncia, reivindica justiça sobre os silêncios da história oficial do EB e sua participação na guerra. Nesse sentido, é interessante notar que eles apelaram para o modelo, o homem monumento da história oficial, transformando-o no modelo do que não se deve ser, trazendo o sentido cotidiano, informal, corriqueiro do que é ser um *caxias*, na linguagem da caserna.

Andrade afirmara que ainda pairava uma herança patriarcal em nossa sociedade, onde o dono da terra, o fazendeiro, tem "pose de militar", é uma espécie de comandante, portando ainda naquele tempo o apelido bem comum de coronel. Para ele esse título era um substituinte do 'doutor', da época do bacharelismo, que ainda "emprestava ao dono da terra uma ascendência hierárquica". Em suma, "transformaram-nos em um povo de comandantes e comandados em que o cidadão é uma figura inexpressiva e a liberdade menos um direito do que a tolerância estatal".¹⁹¹

Para o tenente Andrade, o EB era reflexo da sociedade e, portanto, ainda se observava "nos quartéis o encontro dos mesmos elementos humanos de que constituíamos: o filho do 'coronel' e o filho dos trabalhadores, foreiros, agregados, respectivamente como comandante e comandados" E que "a disciplina da caserna trazia a marca da disciplina coletiva [...] um *modus vivendi* desigual para uns e para outros [...] condição de senhor e de subordinado com as suas regalias e desvantagens".¹⁹²

As experiências do *Exército da FEB* não podem ser esgotadas neste capítulo. Serão, assim, detalhadas no próximo. Neste capítulo só buscamos evidenciar as diferenças entre a FEB e o restante do EB, triangulando e comparando a memória oficial, a memória dos veteranos e os diferentes documentos do AHEx. Com vistas a demonstrar que, além das diferentes narrativas memoriais, havia diferente estrutura de funcionamento e experiências distintas.

Norbert Elias e John Scotson, em estudo sociológico sobre o subúrbio de uma cidade inglesa, perceberam:

"uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. No estudo o "grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior — o

¹⁹¹ Arruda *et al.*, op. cit., p.313

¹⁹² Arruda *et al.*, op. cit., p.313

carisma grupal distintivo — que o grupo dominante atribuía a si mesmo. Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores. O sentido literal do termo "aristocracia" pode servir de exemplo. Tratava-se de um nome que a classe mais alta ateniense, composta de guerreiros que eram senhores de escravos, aplicava ao tipo de relação de poder, que permitia a seu grupo assumir a posição dominante em Atenas. Mas significava, literalmente, "dominação dos melhores".¹⁹³

Após a descrição mais densa possível do EB e da FEB naquele momento em que ainda se encontravam no Brasil, e logo após o embarque, é necessário afirmar que tanto para o comando do EB quanto para os veteranos da FEB há um embate da tradição com a novidade, do antigo com o moderno. Tal e qual numa cidade em que existem bairros tradicionais e bairros novos, moradores antigos e moradores novos, ficou o EB em relação à FEB.

Considerando que um dos objetivos da já citada reforma da Escola Militar era aristocratizar a formação dos oficiais, conferir ao oficialato um aspecto de elite militar, considerando todas as diferenças já percebidas entre o *Exército de Caxias* e o *Exército da FEB*, seria possível dizer que havia grupos em rota de colisão dentro da FEB? Um mais alinhado às tradições do *Exército de Caxias* e outro às novidades do *Exército da FEB*?

Acredito que sim. Assumimos aqui, que este trabalho historiográfico se pretende uma história vista de baixo, que dá voz aos que foram silenciados pela memória oficial, daí a aceitação da versão relatada pelo tenente Andrade, e que dá nome ao capítulo e parte do nome da dissertação: *O Exército de Caxias e o Exército da FEB: história das relações entre estabelecidos e outsiders no Exército Brasileiro (1942 - 1945)*.

Mas, enquanto trabalho historiográfico, não se pretende perpetuar em uníssono a voz dos ex combatentes, o que resultaria tão laudatório quanto a versão oficial. Através da triangulação das duas versões memoriais com as fontes do AHEx no segundo capítulo, pretendemos investigar se existiu na experiência durante a campanha da Itália elementos que indicam a formação de uma identidade coletiva autenticamente febianana.

E no terceiro capítulo, a partir dos jornais impressos tanto pelos soldados na linha de frente quanto pelo comando do EB, somados a outras fontes, pretendemos investigar se já existia, no momento do acontecimento, pistas que podem nos demonstrar que já havia agência desses grupos e em rota de colisão num conflito identitário.

¹⁹³ELIAS;SCOTSON, op. cit., p.19

Capítulo 2: Os febianos: a experiência como forja da identidade

Neste capítulo meu interesse é retomar a experiência dos febianos durante a campanha da Itália para analisar se, além de se sentirem pertencentes a um outro Exército, os febianos criaram uma nova identidade coletiva, baseada em novos valores, numa moralidade distinta.

Em busca de elementos que possam ser forjadores dessa identidade coletiva, utilizaremos os discursos memoriais dos febianos para acessar a experiência vivida. No primeiro terço do capítulo, separamos os tipos de experiências que podem ter sido forjadoras de valores da identidade febianana. A opção por utilizar discursos memoriais é intencional, para que se aponte esse grupo de relatos como parte da identidade desse grupo. Cartroga afirma que: "a tarefa última das liturgias de recordação é gerar coerência e perpetuar o sentimento de pertença [...] o imaginário da memória liga os indivíduos, não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades, mas também horizontalmente a uma vivência encadeada do tempo".¹

Outro ponto importante é revelado por Celso Castro:

"a instituição militar apresenta uma armadilha para o pesquisador por possuir um recorte morfológico extremamente claro: muros, sentinelas, uniformes, regulamentos etc. Sem dúvida a morfologia da instituição não pode ser desprezada pelo pesquisador. Mas este deve fugir à tentação de sobrepor àquele aspecto um inventário dos elementos constituintes da identidade militar - deve procurar perceber não "o que é", mas "como é" essa identidade, quais são os seus mecanismos simbólicos".²

É essa importância do simbólico para a identidade dos militares, para aquilo que permite produção de sentido, que tentaremos explorar ao analisar as experiências dos febianos.

No segundo terço do capítulo, a análise recai sobre questões disciplinares, visando demonstrar que nem todos os membros da FEB compartilhavam dos mesmos valores e da mesma lógica moral, no que se refere à disciplina, principalmente o alto comando. Os discursos memoriais, e fontes do AHEx como boletins, inquéritos policiais militares, serão utilizadas no texto.

E, no terceiro terço do capítulo, examinaremos incidentes em que essas lógicas distintas colocaram os febianos em rota de colisão com aqueles que não partilhavam do seu modo de pensar e agir. Novamente utilizando a memória dos febianos, inquéritos policiais militares,

¹Cartroga, op. cit., p.22

²CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.36

boletins, como fontes prioritárias do capítulo, além de dois artigos veiculados no jornal de trincheira *E a cobra fumou!* do terceiro batalhão do sexto Regimento de Infantaria.

2.1A guerra: tudo de incomum aos brasileiros

Após 14 dias de mar, trancafiados – tal como rememoram em suas narrativas – no *monstruoso* navio transporte estadunidense, os soldados do primeiro escalão da FEB chegaram ao porto de Nápoles, Itália. Finalmente, no velho continente, os homens tomariam contato com a realidade da guerra e todas as suas novidades, quase sempre chocantes.

Naquele dia 16 de julho de 1944, a realidade da guerra passou de notícia à experiência sensível para os brasileiros. O sargento da artilharia Boris Schnaiderman narra que, com a aproximação do porto de Nápoles, ficavam mais visíveis os estragos junto ao cais: "navios de casco para o ar, outros partidos ao meio, chaminés emergindo à superfície, esqueletos de edifícios, um amontoado informe de escombros, sobrados sem teto, estátuas decaptadas, um mundo inesquecível, lúgubre, de alucinação e demência."³

O 2º Tenente da reserva, Paulo Dumangin Santos, recorda-se de certo entusiasmo, com que "após 14 dias de mar sentíamos um certo desejo de ver o pessoal de terra e no fundo cada um guardava um certo orgulho de se mostrar pela primeira vez em terra europeia como representantes da única nação sul-americana que enviara tropas para o teatro de operações."⁴

Mas as coisas não ocorreram como o esperado. O tenente Santos relata que, ao invés de serem recebidos com alegria pelos italianos ao desembarcarem no porto, assim que iniciaram a marcha, os italianos começaram a gritar "*prigioneri tedeschi!!!*" e uma série de qualquer coisa pouco recomendável. Uns garotos, já mais perto da estação, chegaram a jogar pedras sobre nós, gritando "*prigioneri tedeschi!!! prigioneri tedeschi!!!*".⁵

Em seu diário, o 2º tenente da reserva Massaki Udihara relata que os gritos de *prigioneri! Tedeschi!* eram entoados pela população italiana por causa do uniforme tipo FEB, "quase idêntico aos alemães".⁶ Além disso, o *glamour* que existia pela *velha bota*, sede do outrora império romano, do Vaticano, das catedrais, Vilas, palácios ou castelos de tempos imemoriais, foi substituída pela cruel realidade apresentada aos olhos de quem pudesse ver. Com muita sensibilidade, o tenente Udihara relata:

³Schnaiderman, op. cit., p. 55

⁴ Arruda et al., op.cit., p. 299

⁵ Ibid., p. 300. Tradução: Prisioneiro alemão!

⁶ Udihara, op. cit., p.53

"povo aparentemente pobre. Crianças sujas, esfarrapadas. Expressão de desânimo, tristeza, opressão, de falta de vitalidade em quase todos. Uma impressão tão acentuada de abafamento que choca. Muito pouco movimento civil, quase que só militar. Caminhões de todos os tipos, soldados de todas as cores e nações em quantidade. Por onde passamos tudo fechado e sem vida. Talvez a proximidade do porto, zona militar. Não sei da parte melhor - deve haver - pois não passei por lá. A pobreza choca. Choca de doer e deixar meio enojado. Parece impossível que um povo possa chegar a tal estado de rebaixamento. Impressão exata de uma cidade de mendigos apesar de não tê-los visto. No trem - fomos encaixotados em carros correios, sujos, escuros e velhos - isso mais se manifestou. Por onde passávamos, nas estações e depois na estrada enquanto andávamos, crianças principalmente, velhos, velhas, moços vinham oferecer pêssegos, ameixas em troca de cigarros. Era de constrição e constringer o coração ver esse espetáculo. 'Nisso que a gente vê que o Brasil ainda é terra!' 'Essa miséria faz até mal!' 'Um cigarro por uma ameixa?!' E outras exclamações semelhantes soltavam os soldados."⁷

Aos olhos do repórter Joel Silveira, um dos correspondentes de guerra que foi incorporado na FEB, realizando seu trabalho fardado e com patente de capitão, Nápoles se apresentava suas impressões:

"nublada e triste [...] amarfanhada e encolhida [...] o porto entulhado de navios de toda espécie, a maioria americanos [...] outros, agora apenas calcinados esqueletos de ferro, alemães e italianos, postos fora de combate pelas bombas dos aliados. [...] Procuo um rumo, tudo me parece um deslumbramento: as casas partidas ao meio, os meninos andrajosos do porto, que me estendem suas mãos magras e súplicas, o emaranhado dos fios telegráficos que se enrolam nos postes como cobras [...] Então isso que é guerra?, eu me perguntava. Ambulâncias se enfileiravam no cais, descarregavam feridos [...] Aqui estou eu sozinho na enorme cidade subvertida, ferida de morte, invadida e estuprada de dias cinzentos e empoeirados que cheiram a gasolina e a pus, a grande cidade talada pela guerra".⁸

O coronel Floriano de Lima Brayner, então Chefe do Estado Maior divisionário da FEB, também se recorda em seu livro dos desafios imediatos ao desembarque na Itália:

"Os nossos problemas não se somavam. Multiplicavam-se. [...] No caso, por exemplo, das cargas embarcadas com a tropa no *General Mann*, não sabíamos o que fazer delas! Eram artigos e objetos de toda natureza, inclusive gêneros alimentícios. Não tínhamos como transportá-los para Agnano e muito menos onde armazená-los. A descarga foi executada pela estiva italiana, geralmente coagida, e ue não nos era simpática. Trabalhava mal intencionalmente, destruindo volumes, rasgando a sacaria e furtando gêneros, apesar da vigilância da nossa Polícia do Exército e da Companhia de Intendência que operavam conjuntamente. Inúmeros volumes foram violados. O armazenamento foi improvisado no próprio Cais do Porto, que era um montão de ruínas, até a instalação de Base Brasileira de Civitavecchia, onde íamos acumulando, gradativamente, as cargas recebidas do Brasil. Essa seção de

⁷ Udihara, op. cit., p. 53

⁸ SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005, p.25-27

base brasileira não era vista com bons olhos pelos chefes americanos. Não tomavam conhecimento de sua existência. Não admitiam pluralidade de fornecimentos. E, como o comando do 5º Exército não se metia nesses assuntos, tínhamos que manobrar com habilidade entre os três chefes - Mark Clark, que ainda não nos dava ordens; J. Devers, comandante de todas as tropas que operavam na península; e o Ten-Gen. comandante da Base Peninsular Americana (PBS), prepotente e autoritário, que os outros respeitavam e temiam".⁹

O general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, em seu livro de memórias, apresenta uma visão contrastante, recorda-se somente de que o Ten-Gen Jacob L. Devers, comandante de todas as forças americanas no Teatro do Mediterrâneo, acompanhado de diversos oficiais, subiu a bordo "a fim de levar pessoalmente seus cumprimentos ao General Mascarenhas de Moraes e à tropa brasileira [...] lá fora, ao longo do cais, uma guarda de honra estava formada para prestar as continências de estilo ao chefe brasileiro".¹⁰

Através desses relatos iniciais, se percebe que, de súbito, mesmo antes de entrar em combate, os membros da FEB já sentiram o impacto da experiência da guerra. Lugares transformados pelos resquícios de combates, pessoas presas a um permanente e angustiante dever, onde quase nada pode ser planejado devido a imprevisibilidade provocada pela guerra. Onde sobreviver cada dia é uma ordem. O simples fato de desembarcarem no Teatro de Operações da Itália inicia uma experiência que diferencia a FEB do restante do Exército Brasileiro.

Em maior ou menor grau, a experiência da guerra se mostrava chocante aos homens, mesmo antes da luta. Não tenho a intenção de abordar toda a diversidade de experiências que puderam ser experimentadas pelos febianos na Itália. A guerra promove uma infinidade de experiências distintas, que variam conforme a situação e o local em que se está engajado. A retaguarda é certamente diferente da linha de frente, o infante luta invariavelmente uma guerra diferente da do artilheiro, as operações defensivas são diferentes das operações ofensivas.

Por necessidade há um corte no olhar, uma perspectiva eleita nessa primeira parte do capítulo, cujo objetivo é resgatar nos discursos memoriais, tematicamente, um conjunto de experiências, que vivenciadas coletivamente, possam ter colaborado na criação de determinados valores e comportamentos que foram abraçados coletivamente pelos febianos. Qual seria o impacto dessas situações inéditas da guerra naquele coletivo de homens que tiveram que cumprir o seu *dever*?

⁹ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.113-114

¹⁰ Moraes, op. cit., p.44

2.1.1 O impacto da doutrina

Conforme explicado no primeiro capítulo, a introdução da doutrina militar estadunidense não foi efetiva durante o período de treinamento da FEB no Brasil. Apesar dos esforços do comando para obtenção do material militar estadunidense e do envio de oficiais brasileiros para treinamento nos EUA, na prática, a FEB só foi organizada em quantidade de efetivo compatível com a doutrina dos EUA. A Divisão de Infantaria Expedicionária - DIE- foi organizada com três regimentos de infantaria, cada um composto de três batalhões de infantaria e cada batalhão dividido em companhias de fuzileiros, e as companhias de fuzileiros compostas por quatro pelotões (sendo um de petrechos, armamentos de emprego coletivo como metralhadoras pesadas, morteiros leves e médios). Cada batalhão possuía uma sessão motorizada de petrechos pesados, e os regimentos possuíam companhias de obuses de artilharia auto rebocadas orgânicas.¹¹ Todo o material foi recebido após a chegada na Itália, assim como o treinamento para seu uso.

Outra mudança implementada na FEB diz respeito ao funcionamento do Estado Maior. Cada escalão de comando possuía seu próprio Estado Maior, a Divisão de Infantaria, o Regimento de Infantaria e cada batalhão. No batalhão, o Estado Maior acessora o comandante da unidade, lhe fornecendo dados para tomada de decisões. O Estado Maior é composto pelo subcomandante da unidade (chefe do Estado Maior); pelo oficial Ajudante (S-1); pelo oficial da Seção de Informações (S-2), que reúne todas informações sobre o inimigo; pelo oficial da Seção de Operações (S-3), que reúne as informações sobre as tropas aliadas e orienta suas ações; pelo oficial de Suprimentos (S-4) que coordena toda a atividade de ressuprimento logístico das tropas; e por uma série de oficiais que ocupam posições específicas no batalhão: capelão, comandante do posto de comando, oficiais de transmissões, químico, remuniciamento, transportes, manutenção, anti-carro, médico, entre outros.¹²

O Estado Maior é o centro nervoso de cada unidade, de cada escalão de comando, onde são processadas todas informações que são úteis para a tomada de decisão do comando.

As mudanças no Estado Maior e outros órgãos de comando não foram implementadas sem alguns conflitos. Um exemplo disso ocorreu com o serviço de Contra Informação de Combate - CIC, responsável por monitorar a espionagem inimiga e interrogar prisioneiros e espiões capturados. O serviço foi organizado a pedido dos americanos e o oficial escolhido

¹¹ Arruda et. all., *op cit.*, p.249 - 250

¹² AHEx, acervo de manuais do Exército, Manual de Campanha da Infantaria - 1942 (FM 7-40), p. 17

devia falar italiano e inglês fluentemente, saber guiar automóveis e ter exercido carreira policial ou de advocacia na vida civil. O escolhido foi o tenente da reserva Ubirajara Dolácio Mendes, que iniciou a organização do CIC, subordinado diretamente ao oficial de informações do Estado Maior da FEB.¹³

O tenente Mendes foi treinado pelo CIC do IV Corpo de Exército americano e depois de muito lutar para fazer o CIC funcionar conforme solicitado pelos militares estadunidenses, e enfrentar a resistência passiva do Estado Maior da FEB, que não destinava os meios humanos (oficiais e sargentos) e materiais necessários para o funcionamento do CIC, como máquinas de escrever e um jeep, sempre tomados emprestados do pelotão de polícia. Todos os relatórios produzidos pelo CIC eram encaminhados ao oficial de informações do Estado Maior da FEB e também ao CIC do IV Corpo de Exército estadunidense. Certa vez, ao expor em um relatório a situação precária em que funcionava o CIC da FEB, o tenente Mendes foi repreendido pelo oficial de informações do Estado Maior da FEB e orientado a fazer um relatório para a FEB e outro menos incisivo para o IV Corpo de Exército americano. A intenção, segundo o tenente Mendes, era uma "pura adoção do método brasileiro de esconder as mazelas - e assim mantê-las - em vez de expô-las para as sanar".¹⁴ As coisas só foram resolvidas após um desabafo do tenente com o Capitão Garcia do *US Army*, oficial de ligação entre o Quartel General brasileiro e o V Exército americano. Após o incidente, todos os materiais chegaram ao CIC brasileiro. Não pode ser provado se houve interferência dos militares dos EUA, mas fica latente a atenção dada por eles à questões doutrinárias na FEB, para que seus órgãos funcionassem da maneira mais similar possível em relação à organização americana.

Já foi citado no início do capítulo que o general comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes, em seu livro de memórias, atribuiu a dificuldade de adaptação da FEB à doutrina estadunidense ao anterior *maquinismo montado à francesa*. O 2º tenente da reserva, Demócrito Cavalcanti de Arruda, elenca outras razões para essa dificuldade de adaptação dos escalões de comando à doutrina estadunidense:

"O nosso Estado Maior ainda não foi capaz de conceber, apesar dos longos anos de aprendizado, uma organização adequada para o Exército Brasileiro, segundo as nossas peculiaridades. Ora copiamos o figurino francês, ora o figurino americano, conforme estejam mais em evidência. Desta espécie de servilismo mental, também não se livrou o comando da FEB. [...] Em face das circunstâncias prementes da guerra, que é essencialmente cheia de imprevistos, impondo o abandono de um tipo de organização por outro, o

¹³ Arruda et. all., *op. cit.*, p. 249

¹⁴ *Ibid.*, p. 254

nosso comando sentiu-se embaralhado, denotando lerdeza ou falta de flexibilidade".¹⁵

Conforme o tempo foi passando na Itália, as mudanças implicadas pela adoção da doutrina estadunidense na FEB foram experimentadas por todos os escalões de comando e pelos militares de todas as patentes. O primeiro escalão da FEB passou por um treinamento intensivo na Itália antes de entrar em combate, o que não ocorreu com os outros escalões. No estacionamento em Nápoles, a FEB permaneceu 20 dias sem receber armamentos, realizando treinamentos físicos, marchas e deslocamentos a pé.

Os oficiais iniciaram seu treinamento antes da tropa, para que pudessem auxiliar a instrução de todo o efetivo. Foram escolhidos muitos tenentes de infantaria para frequentar o curso da Escola de Caserta, a *Leadership and Battle Training Center*. Segundo o tenente da reserva Mario Amaral, a escola funcionava nos moldes dos centros de treinamento do *US Army*. Seus instrutores eram oficiais que se destacaram em combate na guerra, ministravam conhecimentos sobre o que havia de mais moderno na guerra. Funcionava em barracas de madeira e lona, com salas de aula, projeções, salas para limpeza de armamento, estudo, descanso, com mobiliário rude mas confortável. Os campos de treino eram variados e multiuso, os alunos transportados em caminhões. O curso tinha duração de três semanas, com carga horária de 10 horas diárias, e durante essas três semanas as horas de instrução foram estendidas para 15 devido à instrução noturna.¹⁶

O curso era completamente prático e voltado para as ações de combate: eram apresentados todos armamentos e táticas alemãs, assim como treinamento completo de utilização, montagem, desmontagem e manutenção dos armamentos americanos, demolições e explosivos, marcha noturna com bússola, leitura de carta em terreno plano, pistas de aplicações militares, instrução de tiro em todos os tipos de armamentos, instrução de combate, além de instruções de efeito prático como estalido e estampido (determinar tipo de armamento e distância a partir do ruído da arma), booby traps (armadilhas explosivas) e snipers (atiradores de elite). Um verdadeiro contraste se comparado ao período de treinamento no Brasil, sob qualquer aspecto.

Um obstáculo para a realização da instrução era o conhecimento do inglês. Poucos oficiais da ativa do EB que estavam no contingente da FEB sabiam falar fluentemente o idioma, sendo mais comum que oficiais da reserva dominassem o idioma. O tenente da reserva

¹⁵Ibid., p. 56

¹⁶Arruda *et al.*, op. cit., p. 178 - 181

Udihara recordou que "soube que eu estava entre os escolhidos para fazer o curso. Comigo mais quatro tenentes da reserva. Da ativa um só. Foi como predissemos que iria acontecer. Apesar de tudo e contra tudo, somos os que tem mais possibilidades e mais cultura".¹⁷

O tenente Udihara também narrou em seu diário mais um conflito de adaptação dos oficiais da ativa em relação à doutrina do Exército americano. No dia 28 de agosto de 1944, ele registrou:

"Dia todo passado no campo para um exercício demonstração ao general Clarck [comandante do V Exército estadunidense]. Tema preparado pelo nosso estado maior. Para começar todos os oficiais americanos não concordaram. Fariam de modo diferente.

Chega o major americano adido ao batalhão. Riu, fez chacota. Disse ao capitão: 'Muito bonito! Quando terminar, a companhia toda será contratada para Hollywood. Peça uma ordem escrita do coronel para executar, pois senão isso será uma prova de incapacidade militar'.

Somente isso. Falou-se com o nosso grande tático, autor de livro, coronel Rangel: 'Esses americanos não sabem nada. A guerra não se faz assim. Está tudo errado'.

Parece incrível. Se tudo não obedecer aos cânones de seus regulamentos. A guerra assim não vale. Não é possível guerrear desse modo. Essa gente não sabe nada.

E estão vencendo e avançando. Nós, o que fazemos?

Não há dúvida que a nossa intelectualidade é de uma capacidade de produção que causa admiração e espanto."¹⁸

Com sensibilidade e sarcasmo, o tenente Udihara relatou as queixas do oficial brasileiro sobre a inobservância das prescrições dos manuais estadunidenses no exercício.

No acampamento de Tarquínia, o primeiro escalão da FEB recebeu todo seu armamento e realizou toda a sua instrução, inclusive o primeiro exercício que reuniu todo o 6º Regimento de Infantaria desde sua escolha para integrar a FEB.¹⁹

Nos escalões mais inferiores da hierarquia, a adoção da doutrina americana também foi sentida. O sargento da artilharia, Boris Schnaiderman relata que numa instrução sobre o cálculo de tiro:

"O capitão Aires não parece muito desembaraçado e não tem grandes dons didáticos. Formou-se na tradição francesa e aprendeu o sistema francês de cálculo de tiro; este era efetuado por um oficial e transmitido às baterias, funcionando as praças apenas como auxiliares. De repente, viu-se a braços com um sistema totalmente diverso, que obrigava a um trabalho de equipe e a uma simplificação de todo o processo, com o uso de réguas especiais de cálculo. Parece não estar muito convicto das vantagens deste novo sistema, e está, pelo menos um tanto desorientado com a inovação. Em todo caso, como

¹⁷Udihara, op. cit., p. 93

¹⁸Arruda *et al.*, op. cit., p. 93

¹⁹Ibid., p. 182

é um homem de boas maneiras, e visto que se caracteriza também por uma boa dose de displicência, vai cumprindo mais esta obrigação, com uma elegância que disfarça a ineficácia absurda de tudo isso".²⁰

Parece seguro afirmar que, enquanto os oficiais da ativa do Exército, em determinadas ocasiões, resistiam às implicações da adoção da doutrina estadunidense, os oficiais da reserva e as praças convocadas passaram a nutrir algum entusiasmo com as mudanças. O exemplo acima é representativo de como o modelo americano reduzia a importância do oficial ao entregar autonomia relativa às praças da bateria de artilharia para o cálculo do tiro.

Um leitor atento pode acreditar que essa é uma percepção precipitada, que parte de um exemplo particular para realizar uma afirmação mais universalizante. Pensando nessa crítica, lanço mão de um trecho registrado no diário do tenente da reserva Massaki Udihara em que ele se recorda de um exercício *demonstração*, realizado para verificação da eficácia da instrução pelo comando brasileiro e estadunidense, em que "esteve também o general Mascarenhas, que se admirou que uma seção de morteiros tivesse três peças e não fosse comandada por oficial." Na visão dos febianos, ao que parece, a proliferação de moderno material de guerra na FEB, em escala totalmente diferente das unidades do restante do EB, somada à adoção da doutrina estadunidense, propiciava mais poder de fogo, mais autonomia e consequentemente mais auto estima e noção de responsabilidade às praças.

O também já citado tenente da reserva Andrade, assinala que as tropas americanas conheciam bem os manuais, os seguiam, respeitavam os ensinamentos ali contidos. Agiam com disciplina, e também a disciplina "deve estar em tudo que o cerca". Como no navio transporte, onde os brasileiros perceberam que tudo "emana disciplina e ordem", não se via os comandantes nem oficiais dando ordens, tudo funcionava em ordem e cada um já sabia o que fazer. "Era como se cada um fosse o comandante de si mesmo. E os brasileiros se adaptaram àquele estado geral como peças de máquina".²¹ No modelo americano, a vigilância não é sobre os homens, mas sobre as tarefas e, portanto, a ordem, a obrigação, torna-se a rotina:

"E como o hábito é a repetição do ato, os homens ao fazerem, todo dia, às mesmas horas, as mesmas coisas, habitam-se por si mesmos, dispensando que se lhes dêem ordens a cada passo, que se lhes dêem instruções a cada momento, o que ocasionariam má vontade, atritos, vexames, gritos, sermões, relaxamento da autoridade, insensibilidade de caráter e confusão".²²

²⁰ Schnaiderman, op. cit., p.97

²¹ Arruda, et. all., p.359

²² Ibid., 361

Podemos resumir, assim, o impacto da doutrina estadunidense na FEB: para os já estabelecidos no EB, a aplicação prática de uma metodologia completamente diferente da qual estavam acostumados, uma nova forma de pensar e agir nem sempre abraçada com entusiasmo. Para os outsiders convocados para a guerra, a esperança de maior autonomia e objetividade, além de menor apurrinhão com a *caxiagem*, considerada inútil e desnecessária, como veremos mais adiante no capítulo.

2.1.2 Contatos com os exércitos aliados: civis de uniforme

O teatro de operações italiano era um verdadeiro mosaico cultural. Nele estavam presentes os civis italianos, os combatentes *partigiani*, guerrilheiros da resistência contra os alemães e italianos fascistas. Entre as unidades alemãs na região, haviam desde tropas SS até tropas de países que apoiaram o eixo além de prisioneiros de guerra que se voluntariaram para integrar suas fileiras (Búlgaros, romenos, russos). As tropas aliadas compreendiam elementos franceses (Força Expedicionária Francesa, organizada com tropas oriundas das colônias francesas norte africanas); o 8º Exército inglês, composto de unidades inglesas que anteriormente lutaram contra o eixo no norte da África e no Egito, além de australianos, indianos, neozelandeses, sul-africanos e escoceses; além do V Exército americano composto de suas unidades militares normais e unidades de segregação racial como a 92ª Divisão de Infantaria *colored* e uma divisão composta de nipo-americanos (nessas unidades todos os oficiais eram brancos). O tenente da reserva Massaki Udihara escreveu surpreso em seu diário: "Uma verdadeira Babel [...] Nápoles, para mim, parecia o ponto de reunião do mundo. Fardas de todos os tipos. É a humanidade toda representada. Ingleses, franceses, americanos, sul-africanos, canadenses, hindus, polacos, tunisianos, gregos e sabe Deus que mais".²³

A FEB tornou-se mais uma divisão a integrar o V Exército americano, sob comando do General Mark Clark e, posteriormente, do general Willis D. Crittenger. E há muitos relatos da interação muito próxima com os estadunidenses, em todas as esferas da cadeia hierárquica. O comando brasileiro estava diretamente subordinado e coordenado ao comando do V Exército americano, a doutrina e os armamentos utilizados pela FEB eram americanos, os militares do *US Army* foram os instrutores dos oficiais brasileiros em suas *Training and Leadership School*, sargentos do *US Army* estagiaram nas companhias dos batalhões do 6º RI no período de

²³ Udihara, op. cit., p. 58

treinamento intensivo da FEB, haviam oficiais de ligação estadunidenses em todas unidades brasileiras.

Além desse contato formal, que visava a perfeita coordenação da divisão brasileira com o restante do V Exército americano, ocorreram os contatos mais informais e cotidianos que impactaram fortemente a visão do oficialiato subalterno e das praças da FEB. Esses contatos ocorriam em ocasiões diversas, em acampamentos, em momentos de licenciamento de folga nas cidades Italianas, ou nas famosas *tochas* (fugas para descanso sem autorização do comando), em momentos de substituição de tropas inglesas ou americanas por tropas brasileiras na linha de frente, em contatos rádio ou de mensageiros, operações conjuntas, enfim, nas mais diversas ocasiões cotidianas.

Militares brasileiros e estrangeiros solidificavam laços nesses momentos que partilhavam, como atesta o diário do tenente da reserva Massaki Udihara:

"Ontem à tarde os sargentos americanos que estavam conosco, auxiliando-nos com sua experiência, vieram despedir-se. Infelizmente não poderão ir conosco devido a pertencerem a unidades diferentes. Senti e sentiram. Fizeram boas amizades e se tornaram amigos de todos. Um deles afeiçãoou-se a um preto do meu pelotão. Foi uma camaradagem agradável e que perdurará, espero. À noite uma reunião pequena e na qual, com algum dos nossos cantaram. Lembrou ainda mais a pátria, dando muitas saudades. Disse um deles para mim: 'Minha mãe disse-me: Meu filho não faça grandes amizades.' É uma verdade. A separação é mais difícil. Mas não há remédio. É humano e natural.' Sargento Labrador, da Califórnia e sargento Woolsey de Missouri, St. Louis. Lembrarei, com saudades, deles. Deram-me o endereço".²⁴

Além do fortalecimento dos laços de camaradagem entre essas pessoas nascidas em locais tão distantes, unidas por força do contexto da guerra, tornou-se inevitável aos brasileiros realizar comparações entre o Exército Brasileiro e os demais exércitos aliados.

O tenente da reserva José Goes Xavier de Andrade percebeu que "o soldado brasileiro foi encontrar a novidade da alimentação comum a oficiais e praças, na FEB, ou melhor, com os americanos do norte".²⁵ Percebeu também que, no Brasil, as praças nutriam forte antipatia com o "rigor disciplinar que os divorciava dos oficiais. [...] à maneira de falar, à rigidez das atitudes e principalmente à continência em toda parte, a cada canto, a todo momento, mesmo na rua. A obrigação de ceder o lugar no bonde, no ônibus, no cinema, o que constrange [...]".²⁶ Para ele,

²⁴ Udihara, op. cit., p. 104

²⁵ Arruda et. all., op. cit. p. 325

²⁶ Ibid., p. 371

muitas vezes o praça se humilhava ainda mais fingindo que não via o superior hierárquico, fingindo observar uma vitrine.²⁷

Já na Itália, o tenente Andrade observou que "começaram todos a imitar o norte-americano, em cujo Exército não existem essas exigências, pelo menos na prática. Na rua vi cruzarem-se oficiais e soldados cada um para seu lado, sem se saudarem a todo o momento".²⁸

O sargento Boris Schnaiderman também notou a diferença de convivência dos militares estadunidenses: "é impossível deixar de reconhecer: há muito mais bom humor e simplicidade no Exército americano do que no nosso [...] a disciplina parece basear-se mais na execução das tarefas do que na prestação de continência, os oficiais não vivem gritando com as praças".²⁹

A surpresa dessa mudança de convivência entre oficiais e praças da FEB também saltou aos olhos do sargento da artilharia Boris Schnaiderman, quando foi até o posto de observador avançado junto ao terceiro batalhão do 6º RI, na linha de frente. Ao entrar num pequeno castelo, o sargento relatou que:

"entramos num vasto salão completamente despojado, onde vi inúmeras mantas no chão e a mistura, incrível para nós da artilharia, de oficiais e praças brasileiros: ali ficava o Comando do Terceiro Batalhão do Sexto Regimento de Infantaria. O capitão me apresentou ao major comandante, um homem meio ruivo, de estatura média, e que me acolheu cordialmente. Aquilo parecia um outro mundo! [...] Para minha surpresa havia ali oficiais e sargentos, mistura que os oficiais de artilharia iriam considerar descabida. Pouco depois apareceu um sargento norte-americano que se apresentou a mim, dizendo que fora destacado para ficar a meu serviço. Mais tarde apareceu também um segundo tenente inglês, louro e de baixa estatura, que me fez uma continência em regra, como se eu fosse um superior hierárquico".³⁰

A mudança na convivência entre oficiais e praças é algo que foi muito observado pelos febianos, principalmente os oficiais subalternos e as praças. Como vimos no relato do sargento Boris Schnaiderman, esse relacionamento variava de acordo com o contexto, mas sem dúvidas esse relaxamento das continências e separações entre oficiais e praças, na FEB, quando se deu, ocorreu com inspiração nos exércitos americanos e ingleses.

As comparações com o *US Army* eram inevitáveis, certa vez, uma enfermeira americana que cuidava dos feridos na enfermaria brasileira de um hospital de campanha, perguntou onde poderia obter um par de botinas pretas para um soldado brasileiro que, tendo obtido permissão para fazer as refeições no refeitório, não tinha o que calçar. O tenente da reserva Clovis Garcia relata que "a solução foi adquirir na cantina do hospital um par de borzequins americanos, de

²⁷Arruda et. all., op. cit., p. 372

²⁸Ibid., p. 372

²⁹Schnaiderman, op. cit., p. 96

³⁰Ibid., p. 74

cor marrom, para que o soldado pudesse sair da enfermaria. Essas coisas não sucediam com os nossos aliados que recebiam todo o fardamento [...] com abundância, presteza e solícitude".³¹

O tenente da reserva, Massaki Ujihara, quando estava na linha de frente observou em seu diário que "tudo que é bom deve ser imitado. Os americanos procuram toda comodidade. Procuramos fazer o mesmo. Tudo que é possível para se estar melhor se procura. Assim, sempre estamos em casas".³² A ocupação de casas, muitas vezes temporariamente junto com os moradores civis italianos, foi muito utilizada nas operações da campanha. Era muito mais confortável, quando havia disponibilidade, poder fazer refeições quentes e coabitar em um ambiente familiar do que passar noites frias ao relento ou em barracas improvisadas. Os americanos faziam, os brasileiros imitaram, pois elevava o moral do soldado na linha de frente. Mais adiante no capítulo, retornaremos às questões mais imediatas sobre o convívio na linha de frente.

Depois de tanto observar destruição e morte, o tenente Ujihara traz a tona outro aspecto observado pelos brasileiros nos estadunidenses. Com sensibilidade, o tenente registrou no diário:

"Aqui, vendo o sacrifício de tantos e em situações as mais absurdas e chocantes é que se começa a dar valor real à vida humana. Uma preciosidade. Quando se compara ao material que se produz aos milhares e em poucos instantes e se vê o longo número de anos necessários para criar um ser humano, é que se vai compreendendo o absurdo do seu sacrifício. Os americanos encaram sob esse princípio. Gaste-se material, inutilize-se tudo, perca-se, desaproveite-se, mas poupe-se o homem. Os nossos não. Dão mais valor ao material. Julgam-no mais precioso e difícil de conseguir. Mentalidade triste e desgraçada".³³

O tenente da reserva, Goes de Andrade, também recordou esse aspecto ao afirmar que "o lema dos americanos era este: um homem só se consegue em vinte anos. Uma máquina em vinte minutos. Estraguem-se as máquinas, poupem-se os homens. Assim, tudo que possa fazer a benefício de seu conforto, o Exército Americano idealiza e principalmente, executa".³⁴

É interessante observar a crítica do tenente Ujihara, pois, como explicado no primeiro capítulo, o governo brasileiro pagava um valor diário pela reposição de todos os bens materiais de ressuprimento fornecido pelo *US Army*. Dessa forma, fica a impressão de que alguns militares brasileiros tinham mais zelo ao material do que aos soldados, como observado no

³¹ Arruda, et. all., op. cit., p. 295

³² Ujihara, op. cit., p. 131

³³ Ibid., p. 176

³⁴ Arruda, et. all., op. cit., p. 321

período de treinamento da FEB no *Exército de Caxias*. Nem todos na FEB viam as novidades apresentadas por americanos e ingleses com bons olhos, tal como viam a baixa oficialidade e as praças.

O tenente da reserva Massaki Udihara também é um dos autores do livro *Depoimento dos oficiais da reserva da FEB*, de onde vem a maioria dos testemunhos da baixa oficialidade utilizados no trabalho. Em seu texto, no livro, o tenente Udihara explica que, ao chegar para a matrícula no já referido curso estadunidense da Escola de Caserta, o militar secretário que efetuava a matrícula ficou incrédulo quando soube que o tenente era médico e estava sendo empregado na infantaria. E que mesmo, depois das explicações do próprio tenente, teria retrucado: "Mas não é médico? Sou. Então, não entendo".³⁵ Fato que teria se repetido com todos os oficiais norte-americanos, instrutores da escola. E não só com o próprio tenente, pois vários entre os oficiais da reserva eram dentistas e médicos.

Convém também ressaltar que os próprios americanos tiraram conclusões sobre esses mesmos aspectos observados por eles na FEB. As tropas estadunidenses editavam um jornal não oficial, não governamental, chamado *Stars and Stripes*, em que os militares escreviam reportagens sobre os mais variados assuntos. A circulação deste jornal entre as tropas era grande e ele estava presente em todos os teatros de operações em que forças estadunidenses combatiam, do Pacífico à Europa. Inclusive, circulou entre as tropas brasileiras em inglês e foi rapidamente traduzido para o jornal de trincheira do 6º RI, *E a cobra fumou!* Mais uma iniciativa copiada dos estadunidenses e que será abordada com no terceiro capítulo deste trabalho.

Para esse momento, nos interessa a reportagem escrita pelo sargento Stan Swinton na edição de abril de 1945 da *Star and Stripes*, sobre o contingente brasileiro que lutou junto ao V Exército americano. A reportagem intitulada *A cobra continua fumando: um olhar nos soldados brasileiros combatendo no front italiano* trazia dados sobre a geografia, clima, formação da sociedade brasileira e continha entrevistas com soldados brasileiros. Determinados trechos chamam atenção:

"O ajustamento à vida de uniforme se provou difícil tanto para José e João quanto para outros selecionados. Eles se encontraram num Exército em que a disciplina é severa. Homens alistados faziam continência entre si assim como para os oficiais. A confraternização entre pessoal de carreira e convocados era virtualmente desconhecida. Sómente oficiais tinham direito de voto. [...] Sob direcionamento americano, a divisão foi treinada e organizada sob o padrão do *US Army*. Além mar, João, José e outros soldados foram equipados e colocados num programa de treinamento intensivo para se familiarizarem com

³⁵Arruda et. all., op. cit., p. 137

os armamentos americanos enquanto veteranos do V Exército americano explicavam lições táticas aprendidas em combate. [...] Mais de seis meses de combate na Itália trouxeram grandes mudanças na FEB. Enquanto a disciplina permanece rígida, muitas das formalidades - saudações formais entre conscritos por exemplo - não são mais praticadas. Convocados atuando como Policiais Militares - PMs, antes proibidos de chamar oficiais para prestar esclarecimentos, agora tem poderes similares aos PMs americanos".³⁶

É interessante notar que os estadunidenses perceberam as mudanças praticamente da mesma forma que a baixa oficialidade e as praças da FEB. O relacionamento com os estadunidenses e ingleses não era somente um mar de rosas, há nos relatos dos veteranos, também, várias queixas sobre contatos com esses aliados, episódios de arrogância, observações sobre o racismo dos estadunidenses, entre outras questões. Mas, nesse momento, ressaltamos a importância dos febianos terem notado e adotado muitas posturas observadas nos exércitos aliados, notoriamente americanos e ingleses. Os relatos contidos nesse texto conformam uma visão de que o *US Army* funcionava com uma extrema objetividade e praticidade totalmente voltada para a eficiência dos serviços, e em privilégio do combate. Por isso as relações entre os militares foram notadas pelos febianos em comparação com o *Exército de Caxias*, sendo observada claramente uma impressão de relações mais democráticas, num sistema disciplinar menos rigoroso. Características que agradaram os outsiders febianos, e sempre que possível foram implantadas na FEB, curiosamente num sentido hierárquico invertido, sempre de baixo para cima.

O historiador Cesar Campiani Maximiano, atento a essas percepções dos febianos, ressaltou que "as considerações dos veteranos escondem um pormenor: os exércitos que os expedicionários conheceram na Itália, eram como a FEB, consequência da condição de nações em armas. Britânicos e Americanos viviam sob ferrenhas disciplinas em suas casernas de tempo de paz".³⁷ O historiador argumenta que, em tempo de paz, não poderia conversar com oficial em público e que muitos soldados brancos sentiam na vida militar separada por castas hierárquicas a mesma segregação que os negros sofriam na sociedade.

Baseado na pesquisa do psicólogo S. Stouffer e equipe, *The American Soldier - Combat and its Aftermath*, Maximiano afirma que a rigidez disciplinar foi amenizada por necessidade, pois o enorme afluxo de civis convocados que adentrou ao Exército e não aceitaram as mesmas condições de severidade e servilismo dos quartéis.³⁸ O *US Army* saltou de um contingente de

³⁶ The Stars and Stripes Archives/Library, Sunday Stars and Stripes Magazine of the Mediterranean - Edição de Roma do Stars and Stripes, Abril 1, 1945, vol. 1, n.19, p. 8

³⁷ Maximiano, op. cit., p. 114

³⁸ Ibid., p. 114

16.624 oficiais e 249.441 praças para mais de 772.863 oficiais e 7.305.854 praças.³⁹ Praticamente trinta vezes maior.

O historiador inglês Geoffrey Field lançou um olhar diferente sobre as transformações ocorridas no Exército inglês a partir do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939. O Exército inglês saltou de 200.000 homens para aproximadamente 3.8000.000, transformando-se rapidamente de uma pequena força profissional em uma força de conscritos mais de dez vezes maior.⁴⁰ Field decidiu adotar uma perspectiva de reconhecer os convocados como trabalhadores e, a partir disso, identificar quais as atitudes coletivas foram tomadas por eles para lutar contra a severidade do sistema militar inglês e modificá-lo. Além disso, demonstrou como a vitória da esquerda trabalhista nas eleições gerais inglesas foi influenciada pelos votos e experiências de guerra dos civis de uniforme.

Field optou por fazer uma história social dessa transformação do Exército inglês, e observou que a grande expansão de contingentes fez com que soldados treinassem sem armas, fossem forçados a dormir em condições miseráveis em barracas, que seus conhecimentos civis não foram aproveitados nas funções militares a eles destinadas.⁴¹ Poucos ingleses se voluntariaram pois haviam ouvido a experiência de familiares que lutaram na Primeira Guerra Mundial. A maioria dos convocados constatou que o período básico de treinamento (educação física, ordem unida, marchas, saudações) só serviam para conformar a obediência aos superiores. Rapidamente os soldados aprenderam as regras básicas de sobrevivência na caserna: evitar oficiais, nunca se voluntariar, cumprir a ordem dada não importando quanto ridícula fosse, sempre caminhar como se estivesse realizando uma tarefa, preferencialmente com algum papel na mão, para não ser escolhido para algum trabalho, e aprender a parecer ocupado quando não está. Que a caserna era um mundo dividido entre *nós* e *eles* calculado para promover cooperação entre os soldados e obediência aos oficiais.⁴²

Após os fracassos iniciais dos ingleses contra os alemães na França, Grécia e Creta, o comando do Exército, pressionado por uma população que via o excesso de rigor disciplinar como um traço de um Exército obsoleto, decidiu implementar reformas para elevar o moral da tropa. Um programa educacional foi criado para que os soldados reconhecessem o motivo pelo

³⁹ Maximiano, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados:** soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ed. Grua, 2010, p. 361

⁴⁰ Field, Geoffrey. *Civilians in Uniform: Class and politics in the British Armed Forces, 1939 - 1945.* **International Labor and Working-Class History**, n80, fall 2011, pp. 121 - 147, p. 121

⁴¹ Field, op. cit., p. 122

⁴² *Ibid.*, p. 123

qual lutam, e uma série de medidas foi tomada para melhorar a relação entre os oficiais e os soldados.⁴³

Mas isso não aconteceu sem a luta dos soldados, civis de uniforme. Muitos deles ex operários, comerciantes ou trabalhadores da *Trade Union*, não aceitaram a rigorosa diferenciação de tratamento entre soldados e oficiais, muito menos as regalias destes últimos. Oficiais tinham comida, acomodações, uniformes, pensões, pagamentos, medalhas, bilhetes de primeira classe em trens, uma série de privilégios que os soldados não tinham. A desigualdade era ainda maior nos navios de transporte.⁴⁴

Os oficiais profissionais também vinham da aristocracia, o que agravava o problema. Ao ponto da relação entre oficiais e soldados chegarem num ponto tão complicado, onde se abriam enfrentamentos de classe que ameaçavam toda a organização com desunião.⁴⁵ A solução foi a permissão de incorporação de oficiais vindos da escola pública, o fim da segregação em bares e áreas públicas e mesmo a instituição formal de um momento semanal previamente agendado, em que os subordinados poderiam falar abertamente e criticar seu comando numa reunião.⁴⁶

Várias vezes, os soldados ingleses, junto com marinheiros e tripulações da força aérea realizaram greves, se recusaram a lutar ou embarcar em navios precários, se levantando contra maus tratos, falta de condições básicas de higiene e supressões básicas de direitos. Os soldados, que aprenderam que estavam lutando pela democracia, sentiram-se a vontade para lutar abertamente por seus direitos e melhores condições, mesmo ameaçados com a pena de morte no caso de motins.⁴⁷

Outro aspecto notado foi a penetração das discussões políticas sobre as eleições gerais de 1945 no seio da tropa, inclusive, com os soldados criando sua própria imprensa de guerra, livre e independente do governo. Field associou a experiência dos civis de uniforme diretamente à vitória trabalhista no pleito de 1945, devido à preocupação dos soldados com o futuro pós guerra.⁴⁸

É muito interessante a percepção de que os soldados levaram consigo a experiência do mundo civil para dentro da vida da caserna. A Segunda Guerra Mundial, no caso dos exércitos americano e inglês, com a elevação dos contingentes e a massa de conscritos incorporada aos

⁴³Ibid., p. 124

⁴⁴ Ibid., p. 124

⁴⁵Field, op. cit., p.127

⁴⁶Ibid., p.128

⁴⁷Ibid., p. 130-132

⁴⁸ Ibid., p. 135-137

exércitos, parece ter instalado um momento de excessão da separação entre mundo civil e mundo militar. A fronteira parece ter sido rompida, mesmo com a ferrenha resistência dos seus velhos habitantes, os militares profissionais.

É importante nos lembrarmos do célebre trabalho dos historiadores sociais Peter Linebaugh e Marcus Rediker, *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*, e de como ele nos demonstra como as ideias radicais circularam e foram interpretadas numa escala atlântica através dos navios e zonas portuárias do Atlântico. Fica impossível negar que os febianos se inspiraram e muito copiaram, principalmente práticas dos soldados americanos, mas os ingleses também estavam na Itália em contato próximo com os brasileiros, que os febianos tomaram contato com uma série de ideias e valores. Certamente, brasileiros, ingleses, americanos, e todos os outros aliados na Itália, estavam imersos na mesma experiência de vivenciar a guerra e a vida militar, e assim compartilharam suas experiências específicas entre si.

2.1.3 Notas sobre a experiência na linha de frente

Após a entrada dos brasileiros na linha de frente, as ações de combate dos febianos foram iniciadas. A partir desse momento, a guerra propriamente dita, passou a ensinar duras lições aos brasileiros. Essa seção do capítulo almeja utilizar as memórias dos veteranos da FEB para descrever aspectos de sua experiência na linha de frente, de maneira a apontar o que essa experiência pode ter proporcionado a este coletivo de homens que esteve em campo de batalha.

Devido a suas características geográficas, com muitas cadeias montanhosas e vales profundos, as operações de guerra na Itália foram marcadas pelas ações das pequenas frações de combatentes de infantaria, companhias, pelotões e patrulhas de combate. O emprego de divisões blindadas e de carros de combate foi limitado ao apoio esporádico de ações da infantaria. As grandes manobras de envolvimento em profundidade com utilização das colunas de blindados eram impossíveis na Itália, pois as rotas de passagem eram previsíveis e facilmente defendidas pelos alemães.

Outro fator que deve ser levado em conta é a preparação prévia do terreno pelos alemães, tendo seu maior exemplo nas posições defensivas da linha gótica, altamente fortificada. Mas além disso, os alemães dispunham sempre da altitude, pois estavam em posições defensivas espalhadas pelos cumes de encostas e montanhas. A infantaria da FEB

normalmente atacava essas posições em situação de desvantagem, pois a subida era sempre árdua, exposta aos olhos e fogos do inimigo.

Os alemães, apesar de fatigados por anos de combate e problemas de abastecimento, contavam com a experiência de seus veteranos soldados e com seus armamentos posicionados utilizando a vantagem do terreno e permitindo habitualmente fogo coordenado de várias posições ao inimigo. O emprego combinado de morteiros e das metralhadoras alemãs, principalmente a temida MG-42, davam a tônica do combate defensivo alemão. O poder de fogo dessas armas era devastador, a MG-42 podia dar 1.200 tiros por minuto, cada morteiro tinha a cadência aproximada de 10 tiros por minuto.⁴⁹ Além disso, os alemães contavam com campos minados, *plantados* previamente e quando disponível, apoio da artilharia.

Não se pode desprezar a efetividade de um só *ninho* de metralhadoras operado habilmente nessas circunstâncias, mas seu emprego combinado era devastador. Patrulhas brasileiras eram emboscadas com facilidade, ao chegarem calmamente em determinado ponto, quando percebiam estavam recebendo fogo de várias direções, muitas vezes sem possibilidade de retrair.

O tenente da reserva Massaki Udihara recorda-se, em seu diário, que numa noite de novembro de 1944, uma patrulha foi pega de surpresa nessas circunstâncias e que, ele como observador distante notava que "enquanto tudo se mantinha no efeito pirotécnico era ainda suportável. Mas quando se vê o efeito na integridade do homem, as lacerações ocasionadas pelas armas de destruição consciente e brutal, sente-se um choque e fica-se com um horror".⁵⁰

Em operações de maior envergadura, como nos primeiros ataques ao Monte Castelo, a violência era ainda maior. O emprego de maior contingente em operação conjunta contra uma defesa alemã encastelada no topo da elevação, articulada com as posições em montanhas vizinhas, e muito mais dotada de meios defensivos, resultava em muitas baixas. Os efeitos são visíveis no testemunho da enfermeira Berta Moraes, que no hospital de campanha observava

"a fila interminável de ambulâncias em comboio, trazendo a sua carga de sofrimento. Era o sofrimento no que ele tinha de mais doloroso ao coração. Sofria-se vendo nossos rapazes estraçalhados, morrendo numa caridosa indiferença, proporcionada pelos grãos de morfina do 'primeiro socorro'. Creio nunca ter rezado com mais sinceridade e fervor: 'Senhor! Faça que se acabe esta guerra. Poupei-nos desse sofrimento sem par!' [...] Uma tarde, indo ao Clube dos soldados em tratamento, encontrei-os excitadíssimos, ouvindo mensagens das famílias do Brasil, retransmitidas pela rádio Tupi. De repente a angústia se apossou dos nossos corações ao se anunciar a voz clara e ansiosa de uma pobre mãe, chamando pelo nome do seu filho, desejando-lhe saúde e

⁴⁹ Maximiano, op.cit., p.258

⁵⁰ Udihara, op. cit., p. 188

breve regresso: exatamente aquele filho, naquele mesmo dia, jazia inerte no necrotério, vítima de uma bala inimiga. Foi um choque tão grande que não precisou de comentários. Um a um, os soldadinhos foram se retirando para suas enfermarias, deitaram-se, cobriram as cabeças e ninguém mais disse uma palavra naquela tarde".⁵¹

O diário do tenente da reserva Massaki Udiharademonstra em seu íntimo, a grande sensação que a vida na linha de frente imprimiu nos seus dias: "Sensação de morte bem próxima: "medo como nunca senti". Pelo que vejo, prezo demais a vida. Impressão de que não escaparia dessa. Não há dúvida de que sou mais medroso do que penso".⁵²Em outra página, registrou que "um ambiente de receio e medo o dia todo. Uma sensação desagradável que nessas ocasiões localiza-se no epigástrico. [...] Um nervosismo de que todos parecem possuídos. [...] começam a ver em tudo influência ou ação inimiga".⁵³São sucessivos os registros de sensação de medo, medo contínuo, angústia e quase pânico, ao longo das quase 400 páginas de registro.

É interessante notar que essas sensações que se dão na esfera individual, em determinados casos podiam desenrolar de maneira coletiva. Ainda o diário de Massaki Udihara pontua um episódio em que alemães efetuaram um *golpe de mão* em posições guarnecidas pela 1ª e 3ª companhias do I batalhão do 6º RI,na noite de 10 para 11 de novembro. Massaki registrou que "a 1ª, dizem, recuou com muitas baixas. O mesmo com a 3ª que, segundo contam, foi posta em forma pelo general e chamada de covarde". E refletindo sobre o episódio, afirmou que "há momentos em que o raciocínio não funciona e a cooperação deixa de existir [...] O medo é uma realidade e a que poucos fogem. De qualquer nível. Foi o que constatei ontem. Não se deu pânico, mas pouco faltou".⁵⁴

Boris Schnaiderman, em seu livro *Guerra em surdina*, descreve situação semelhante, em que a escuridão da noite e o medo provocavam a inquietação coletiva. Homens de um pelotão em patrulha passaram a ver sombras se movendo em meio a escuridão, pararam, agacharam e atiraram, sem resposta inimiga. Voltaram às suas posições. Quando o inimigo lançou os *very-lights* iluminando bruscamente as posições brasileiras e remeteu fogos contra os soldados, "alguém perdeu a cabeça. Dizem alguns que foi um tenente mocinho, outros afirmam que foi um sargento. O fato é que alguém gritou: 'Vamos embora, os homens vem aí!' E foi o

⁵¹ Arruda, et. all., op. cit., p. 418

⁵²Udihara, op. cit., p. 149

⁵³Udihara, op. cit., p. 153

⁵⁴Ibid., p.152

sinal para a avalanche humana.[...]era o pânico, olhos esgazeados, a corrida desabalada morro abaixo".⁵⁵

Reitero que não me interessa polemizar em cima desse episódio de retirada, muito menos avaliar a situação tal como fora vista pelo comando e pela tropa através de suas memórias. As citações sobre a retirada pretendem apenas elucidar como a experiência de guerra pode promover sensações indesejáveis, incontrolláveis e paralisantes, como o medo, a angústia e o pânico, também em nível coletivo.

A convivência prolongada na linha de frente, convivendo com a violência e a incessante possibilidade da morte, a mortandade frequente de companheiros e a obrigação de matar o inimigo para vencer a guerra, tornou-se numa experiência marcante e transformadora dos homens. Como um rolo compressor, a guerra compacta o indivíduo e as coletividades, configurando-lhes até mesmo uma aparência típica.

Ao referir-se aos homens que estavam nos *fox holes* nas posições mais avançadas, mais expostos aos imprevistos provocados pelo inimigo, tenente Udihara registrou em seu diário que "quem vê a fisionomia dos que estão nessa condição pode bem avaliar o estado em que se encontram e como estão se sentindo. Faces abatidas, encovadas, com todas as saliências mais visíveis e um brilho mortiço nos olhos, de animal há muito tempo acuado".⁵⁶

O sargento Boris Schnaiderman definiu assim as transformações:

"Sou apenas um homem em face da montanha. Fui me despojando de outros atributos, simplificando-me ao extremo, até ficar reduzido a esta condição. As formalidades e injustiças da vida militar; a promiscuidade do navio transporte, com suas filas, seus catres com gente vomitando, com as latrinas em que os homens se sentavam frente a frente; as impressões de guerra e de miséria, a prostituição e a mendicância exercidas em profusão; os extremos de degradação tornando-se fato normal e cotidiano; tudo isso me reduziu a mero espectador, mecânico e passivo, cuja vida se limita a calcular tirosque serão enviados contra a montanha. Ao redor vejo outros seres na mesma condição. A princípio, ainda se mostravam capazes de vibrar com algo. As cartas e jornais recebidos de casa eram comentados, discutidos, havia longas confissões, de uma sinceridade e impudor possíveis unicamente em semelhantes circunstâncias. Todavia, amores e ódios, esperança e temores foram se apagando e reduzindo. Agora, os rostos são duros, pétreos, os olhos parecem imóveis. [...] Os homens vão para a fila do rancho e, geralmente nessa hora começa o bombardeio sobre a ponte em frente. O assobio das granadas dá esta sensação quase de dor de dente, apenas um pouco mais intensa. Se o assobio é mais forte, os homens sabem que a granada cairá perto; deitam-se então na lama, encolhidos, o rosto enterrado no chão; ouve-se depois a explosão, o ploque-ploque dos estilhaços ao redor; passados aqueles instantes, os homens apalpm-se, a fim de verificar se não estão feridos, e

⁵⁵ Schnaiderman, op. cit., p.157

⁵⁶ Udihara, op. cit., p.180

voltam para a fila, com os mesmos rostos pétreos e magros, os mesmos olhos imóveis e inexpressivos".⁵⁷

O tenente da reserva Tulio Campelo de Souza, que foi ferido em combate, perdeu uma perna ao pisar em uma mina alemã, recorda-se que com o passar do tempo, as preocupações das praças que comandava na infantaria "eram as seguintes, por ordem de importância, sobreviver, ter o que comer, encontrar um lugar seguro e seco onde dormir, não importando fosse uma casa, uma estrebaria ou um monte de palha".⁵⁸

Para os que estavam na frente, a busca por algum tipo de conforto básico, mesmo que momentâneo, era um desejo constante. O tenente da reserva Goes de Andrade afirma que certa vez teve um desejo súbito de bater à porta de uma casa de civis italianos. Motivado pelo simples desejo de habitar momentaneamente um ambiente familiar. Recordou que "é realmente duro para um homem civilizado, passar dias e meses dentro do mato, comendo em marmitas [...] com as mãos sujas ou as lavando muito mal no capacete de aço [...] é quando sentimos quanto valem objetos de que nos utilizávamos sem dar importância".⁵⁹

Um simples banho era algo para ser comemorado. O tenente da reserva Massaki Udihara anotou em seu diário que "o banho foi coisa agradável. Fazia mais de 20 dias que não tomava. Quando vi a camada de sujeira que sobrenadava, assustei-me. Não pensei que se acumulasse tanta sujeira mesmo com frio quase sem sair. Sensação agradável de alívio".⁶⁰

Outra coisa que trazia um grande alívio e rompia a sensação de isolamento era o recebimento de cartas da família e amigos. O já citado tenente da reserva Túlio ressentiu-se, em suas memórias, de que a censura rasurava trechos enormes de cartas. Os militares sabiam que determinadas informações podiam invalidar uma carta, como informações de valor militar que pudessem colaborar com sabotagens inimigas, como indicação de locais de passagem da tropa. Mas o tenente queixou-se de que os censores "partiam da consideração inicial de que todos os remetentes e destinatários de cartas e encomendas eram elementos suspeitos de espionagem e sabotagem em favor do inimigo".⁶¹

Durante a pesquisa, acidentalmente, encontrei em uma caixa do acervo FEB no AHEx, uma série de 58 relatórios da censura de correspondências, que fotografei. Formulários datilografados que continham o nome do remetente no Brasil, destinatário na FEB, além de campos indicando se a carta foi condenada, liberada ou retida. Em todos os relatórios, havia

⁵⁷ Schnaiderman, op. cit., p.129-130

⁵⁸ Arruda, et. all., p.206

⁵⁹ Arruda *et al.*, op. cit., p.376

⁶⁰ Udihara, op. cit., p. 168

⁶¹ Arruda, et. all., op. cit., p.228

um resumo datilografado do tipo de importância da carta, e transcrições de texto principal das cartas para apreciação do censor. É curioso notar que, das cartas condenadas por conteúdo político, segundo os censores, duas apresentavam indícios de linguagem secreta ou cifrada, simplesmente porque utilizavam pontuações em longos trechos, como se estes substituíssem frases. Uma apresentava boato referente a grandes baixas na FEB, outra ficou retida por questões de segurança nacional pois, segundo o censor, havia linguagem cifrada, trânsito irregular de correspondência, e por ter a mesma carta sido escrita em datas diferentes, com intervalo de uma semana. Uma carta destinada a um capitão da FEB foi condenada por trazer críticas de suspeita de desvio de encomendas enviadas para a Itália, e foi condenada por razão militar. Uma carta enviada para um sargento foi condenada na censura política por trazer críticas ao sistema postal, aos correios e à estrada de ferro. Ao todo, entre retidas e censuradas, o total foi de 6 cartas de um total de 58.

Tomemos como exemplo uma carta enviada pelo cidadão paulista, Cid José Mendes, em novembro de 1944, para o 3º sargento Ruy Barbosa de Moraes. A carta foi condenada por motivo político ao citar atividade esportiva contra "súditos japoneses". Na transcrição, consta o seguinte trecho da carta: "Por exemplo, dia 7 de Setembro competi com campeões japoneses em Guayabé e consegui igualar o 'Record do Interior' na prova de 400m o tempo foi de 52 segundos, e os 800m consegui também o 1º lugar com tempo de 2m e 4 segundos".⁶²

É complicado entender o critério político de censurar esse texto somente pela menção da palavra japoneses. Mais complicado ainda, se levarmos em consideração a presença de combatentes descendentes de japoneses na FEB, como o tenente Massaki Udihara. Uma série maior de relatórios da censura poderia dar origem a um estudo voltado ao entendimento da operação de censura postal das correspondências destinadas à FEB, sua lógica de funcionamento. Mas, a princípio, a crítica feita pelo tenente da reserva Túlio parece ser coerente, impactando negativamente no moral da tropa que operava na linha de frente, conforme apontado também em outros testemunhos, como no do tenente da reserva Paulo Dumangin Santos, que afirmou que "somente quem esteve na linha de frente sabe avaliar o bem que faz para levantar o moral, uma carta ou uma encomenda vinda de casa, mas, também o mal que causa uma carta mal censurada, uma encomenda violada ou não recebida".⁶³

Na linha de frente, nesse contexto de angústia e medo, os testemunhos apontam para uma valorização das coisas mais simples e básicas, mas tidas como muito importantes pelos

⁶² AHEX, acervo FEB, caixa 411, pasta Correio coletor sul - Censura em correspondência

⁶³ Arruda, et. all., p. 306

homens. O tenente da reserva Massaki Udihara aponta a comida como causa recorrente de grande preocupação em relação aos seus homens. Para exemplificar, há referência à questão da comida em todo o diário, como nos dias 24, 25 e 26 de outubro. O tenente registrou que o "problema da comida, que tem continuado insuficiente, dando margens a queixas numerosas". No dia seguinte, registrou que continuava o problema da comida, que nada resultou o apelo do major ao coronel "que disse que não podia fazer nada, pois receava incomodá-lo (o general) por isso [...] comodamente instalados, sem terem nem uma vez vindo ver a condição e situação dos seus homens, bem revelam seu espírito egoísta e pouco compreensivo". Por fim, resolveram os tenentes da reserva comprar três carneiros de um italiano, que foram insuficientes para alimentar toda a companhia.⁶⁴

Além da valorização das coisas mais básicas referentes ao bem estar e conforto mínimo, os homens da linha de frente desenvolveram uma outra visão da hierarquia e disciplina. O tenente da reserva Goes de Andrade argumentou que "aquele rigor do quartel deixou de ser necessário, em plena campanha a disciplina afrouxou as rédeas. Certas exigências - necessárias no quartel - perderam a razão de ser". Que o perigo da morte no combate fez desaparecer "no comandante o *professor* e no soldado, acabou-se o *aluno*".⁶⁵ Que "na guerra, porém, o perigo real é um disciplinador que está presente e vigilante. O homem não precisa que se lhe recomende silêncio. Ele mesmo gostaria de ter os pés leves que nem tocassem o chão".⁶⁶ E que para "o tenente e o sargento, neste ponto, sentem um grande alívio. E os soldados mais autonomia".⁶⁷

O sargento Boris Schnaiderman segue na mesma linha em seu livro, afirmando que preferiam "a vida na linha de combate, com os seus perigos, mas também com seu quê de apaisamento".⁶⁸ Em outro trecho recorda que em situações onde a tensão da prolongada exposição no *front* fazia com que alguns homens comesçassem "a praticar desatinos; o mais comum era uma escapada não autorizada, quase uma deserção. Os oficiais, por força das circunstâncias, fechavam os olhos à indisciplina".⁶⁹

Na linha de frente, o tenente da reserva Goes de Andrade afirma que

"o pelotão, a companhia, vive como família. Depois de Montese, vi-os em repouso, reunidos, irradiando toda aquela pressão psicológica de um dos maiores bombardeios já vistos na Itália. [...] Falavam sem parar. Riam a valer.

⁶⁴ Udihara, op. cit., p.144 - 146

⁶⁵ Arruda, et. all., op. cit., p. 365

⁶⁶ Ibid., p. 369

⁶⁷ Ibid., p. 369

⁶⁸ Schnaiderman, op. cit., p. 104

⁶⁹ Ibid., p. 132

A pretexto de recordar um camarada que não voltou, que morreu (o próprio capitão que fora atingido por uma chuva de estilhaços) comentavam os fatos com sentimento, fisionomias abatidas e caíam num silêncio de pedra, angustiante. Nós todos estávamos sentados ali. O capitão subcomandante da companhia, que assumira o comando em pleno combate, também. Os soldados interrogavam-no nas conversas, pedindo o testemunho deste ou daquele comentário. Jamais tinha eu visto tamanha simplicidade, tamanha camaradagem. [...] Aquela vida comum vinculada pela ansiedade, sobrepôs-se às emoções humanas, às posições sociais, aos postos hierárquicos e proporcionou ao soldado brasileiro as balizas de uma grande diferenciação entre a vida militar na paz e na guerra, entre quartel e a campanha, fazendo-os distinguir o Exército Nacional, o Exército de Caxias, da FEB".⁷⁰

O tenente da reserva Túlio Campelo de Souza também segue nessa linha afirmando que "durante a vida em campanha surgiram, entre os soldados ou entre soldados e seus superiores imediatos, laços de amizade, solidariedade, dedicação e fraternidade que constituíram a meu ver, um aspecto superior e maravilhoso entre os quadros de horror e desolação da guerra".⁷¹

Aquele tipo de vida, imerso de violência, medo, angústia, ansiedade crônica e privações, produzia um estreitamento de laços nunca experimentado na vida dos quartéis brasileiros. O sargento Bóris Schnaiderman disse que em determinados momentos a existência fica "reduzida a um pobre frangalho humano, que treme e tem fome".⁷² Em seu romance *Guerra em surdina*, utilizando o personagem João Antônio, um sargento de artilharia da FEB, que porta a narrativa em primeira pessoa do livro, ele afirma:

"Sim, é preciso, eu não posso entregar-me, não sou um bicho, pelo menos por enquanto. Posso viver na imundície e no abatimento, mas não sou bicho! Identifiquei-me por completo com os companheiros, desapareceram os nossos atritos, provenientes da minha fidelidade à causa, do meu espírito caxias. Apagaram-se as diferenças. Eles já saíram de casa abatidos e desencorajados, e eu me abati muito depois. Haverá muita diferença? Mas em meio ao abatimento, eles tem algo que eu não posso compreender. Passam infantes sob a minha janela. São os mesmos homens que eu ouvi tantas vezes resmungar contra a guerra, os mesmos que zombaram de mim, os mesmos que, em Vada, recusaram-se a cantar o hino. E, no entanto, vão para o ataque. E, no entanto, praticam atos heróicos. Incrível tudo isso! Eu conheço as razões superiores dessa luta, compreendo a necessidade dos sacrifícios, mas os mesmos soldados resmungões que um dia procurei doutrinar são meus mestres na adversidade".⁷³

O tenente da reserva Goes de Andrade afirmou que "pelo que pude observar e pelo que escutei, a estima real dos combatentes vai decrescendo da companhia até o comandante do

⁷⁰ Arruda, et. all., op. cit., p.371

⁷¹ Ibid., p. 214

⁷² Schnaiderman, op. cit., p. 141

⁷³ ibid., p.143-144

regimento. Eles prezam realmente os oficiais e o comandante da companhia com que vivem",⁷⁴ ou seja, daqueles com quem lutam e sofrem as mesmas privações e sofrimentos típicos da linha de frente.

O tenente da reserva Túlio, resume bem a vida no *front*, " a vida de um pelotão de fuzileiros assume aspectos algo estranhos e talvez contrários aos regulamentos disciplinares",⁷⁵ e ainda:

"Nas conversas, durante períodos de inatividade, oficial e soldados expunham suas ideias e sentimentos como quaisquer seres humanos, paisanos, sem censura ou restrição. Também participei das queixas dos soldados contra o frio, contra o terreno difícil, as deficiências dos suprimentos para chegar à linha de frente, também critiquei e 'meti o pau' (desculpem o calão) nos responsáveis mais altamente colocados na hierarquia da FEB, sem esquecer mesmo o General Willis Crittenberg, comandante do IV Corpo do V Exército. **Não há dúvida, praticávamos a democracia**".⁷⁶

Algumas inferências podem ser tiradas a partir desses relatos da vida no *front*. A primeira delas é a clareza sobre como o contexto esmagador da experiência de guerra aproxima as pessoas, e, nesse caso, transforma a disciplina em algo mais espontâneo, praticamente livre de regulamentos, das coerções da vida nos quartéis. A segunda é que, no *front* italiano, as ideias e práticas realmente circularam, tanto que a palavra democracia – como se verá no terceiro capítulo – ganhou contornos vivos para descrever a *igualdade* em que oficiais e praças viviam no *front*, mesmo entre militares vindos de um país em plena ditadura. A terceira é de que a disciplina da linha de frente tem algo de moral, é baseada na reciprocidade daqueles que enfrentam os mesmos desafios, onde qualquer um sabe que um deslize individual pode significar a morte de todos, sendo portanto uma disciplina mantida através da autonomia de cada homem.

A quarta inferência é de grande importância, pois remete à percepção muito clara de que para os *outsiders* febianos, aqueles que vieram de fora da caserna, que não pertenciam ao Exército profissional, esse sistema de valores da linha de frente, na FEB, era preferível aos valores organizadores do Exército de Caxias. Para esses homens, a disciplina envolvia também a questão da manutenção de um conjunto mínimo, básico, de conforto e humanidade para os que estão na linha de frente, para aqueles que tudo suportam enquanto lutam com o inimigo. O regulamento e a hierarquia não bastavam, os códigos que regem a vida interna do *mundo militar* não constituíam um limite ou uma barreira para esses homens. Algo que, inclusive,

⁷⁴ Arruda, et. all., p. 385

⁷⁵ Ibid., p. 218

⁷⁶ Ibid. p. 220

pode ser considerado uma característica anômica para alguns militares da ativa que incorporassem essa visão da disciplina em sua identidade.

Acredito que aí resida um dos grandes componentes que podem ter formado uma nova fronteira interna na FEB, onde alguns incorporaram definitivamente esses valores forjados na experiência da linha de frente enquanto outros mantiveram sua identidade baseada nos valores do Exército de Caxias. Mas se, a essa altura, é possível definir com mais clareza elementos de um sistema de valores *febiano*, onde estaria o Exército de Caxias na FEB?

2.1.4 A retaguarda: um reduto da caxiagem

Se, na linha de frente, a afeição pelos comandantes ia se esvaindo conforme o distanciamento, parece ser possível afirmar que, quanto mais se afastava da linha de frente, mais a realidade se aproximava da vida militar no Exército de Caxias.

O sargento Boris Schnaiderman recorda-se que a Central de Tiro de sua bateria da artilharia em determinados momentos se distanciava mais da linha de contato com o inimigo. Numa dessas situações, quando a Central de Tiro foi instalada anexa a uma residência de civis italianos, os oficiais resolveram fazer cozinha à parte, em que a dona da residência preparava a comida. "Em vez de receber bóia no rancho, entregam as provisões à Ângela, que lhes prepara as refeições. Essa cozinha independente parece uma revivescência das separações e injustiças do Exército que se conheceu no Brasil e provoca nas praças um sentimento de revolta".⁷⁷

Durante a campanha, os febianos da linha de frente acabaram criando um apelido para sediferenciar dos homens da retaguarda, que obviamente gozavam de muito maior conforto. O tenente da reserva, Goes de Andrade, afirmou que "em revide, o soldado do *front* apelidou o homem da retaguarda, de *Saco B*, saco guardado na retaguarda, enquanto o *A* seguia com o combatente".⁷⁸

Surgiram inúmeras paródias e modinhas entre os soldados, que popularizaram os apelidos *Sacos A* e *Sacos B*. Como um exemplo segue a paródia da música *Ranchera Eh! Vida Marvada* assinada pelo *Infante Congelado da 8ª Cia.*:

"Você não sabe como é bom viver
Na retaguarda, como o saco B:
Uma *ragazza* a nos fazer carinho
Um bom *conilho* e um *fiasco* de vinho.

⁷⁷ Schnaiderman, op. cit., p.174

⁷⁸ Arruda, et. all., op. cit., p.382

Se vem o frio, a gente acende a estufa,
 Fecha a janela, cessa a lufa-lufa...
 Escalda a água pra lavar o pé
 Na retaguarda tudo é de colher.

<Estrilho>
 Eh! frente marvada!
 Não adianta fazer nada.
 Pra que se afobar,
 Se o tedesco aqui não quer chegar?

Os Sacos B a frente desconhecem
 Na retaguarda dizem que padecem
 Infelizmente, a vida é assim.
 A nossa sina é virar pinguim.
 O *Fox hole* é uma coisa triste
 Prá ser cavado leva a vida inteira
 Mas, seu tenente, estou com frieira
 Dor de cabeça e pé de trincheira.

Eh! frente marvada!
 Não adianta fazer nada.
 Pra que se afobar
 Se o descanso aqui não quer chegar?⁷⁹

O tenente da reserva, Massaki Udihara, também referiu-se, sarcasticamente, aos *Sacos B*:

"andando para a retaguarda e vendo o saco B é que se avalia como se pode passar bem e como realmente passam. Não tem preocupação. Não fazem nada. Só se divertem. Quando trabalham um pouco dizem ter feito muito. Imaginava atraso, mas nunca supus que fosse ser desse porte. Tudo aqui é assim. Nossa organização. Nossos Chefes [...]".⁸⁰

O tenente Goes de Andrade lembra-se de que, nos tempos de paz, o recruta, no quartel "entra como um anjo e o sargento o espera como um demônio", ávido por "fazer daquele paisano um soldado",⁸¹ ensinando-lhe a rigidez da vida militar, dos regulamentos, marchas, continências.

O mesmo tenente Goes de Andrade recorda-se que "lá mesmo na Itália existia o Depósito de pessoal, que lembrava ao soldado da frente a vida militar no Brasil." Existia ali a exigência de maior disciplina devido à ausência do medo disciplinador do inimigo, sentido na frente de combate. Ainda segundo o tenente, "o homem do *front* sentiu isto de tal forma que

⁷⁹E a Cobra fumou!, nº10, 28/02/1945, seção Paródia, p. 7, Impresso na Itália, Estacionamento em Riola.

⁸⁰Udihara, op. cit., p.251

⁸¹Arruda, et. all., p. 354

consideraria um castigo se o enviassem para o depósito. Por sua vez, os veteranos não eram bem vistos ali".⁸²

O caso do tenente Goes de Andrade com o depósito de pessoal é curioso, pois o mesmo chegou à Itália no último escalão de tropa, justamente para compor efetivo do depósito. Logo depois foi mandado para substituir uma baixa da 7ª companhia do 6º RI no duríssimo combate em Montese. Para o tenente Goes de Andrade, no Depósito de Pessoal:

"O soldado da frente que batesse ali, estava frito. Não poderia sair, a não ser fugido. Tinha que ficar naquela favela feita de pinheiros abatidos, sem contacto com mulheres, sem distração, deslocado do ambiente dos seus camaradas do *front*. Acordava com a alvorada. Tinha que entrar em forma para os exercícios de ordem unida e combate simulado... E se quisesse sair por ali apenas com o elegante e confortável gorrinho de lã ao invés do capacete de aço, caiam-lhe em cima como vespas. Não fizesse continência aos duzentos oficiais que por ali viviam para ver uma coisa! O seu descanso era o ruído das metralhadoras e das explosões das *bazookas*. Entretanto, parece-me que só um ou outro ia bater lá. A frente precisava de soldados. Aliás, até hoje não compreendi por que as companhias viviam descalfacas no *front* enquanto o Depósito mantinha milhares de soldados. No *front*, soldados ocupavam postos de cabo, cabo de sargento, sargento de tenente e lá no Depósito aquele pessoal todo... O Depósito era para os veteranos da frente a lembrança mais viva do Brasil, do quartel, no que ele tivesse de desagradável".⁸³

Nas memórias do comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, se confirma que houve grande intensidade na instrução dos homens do Depósito, pois segundo o general os dois últimos escalões que partiram do Brasil para integrar o Depósito de pessoal chegaram "praticamente sem instrução [...] em sofríveis condições de adestramento [...] o efetivo inicial de substituição, deveria ser adestrado de maneira que pudesse ser empregado na zona de frente, depois de concluído com aproveitamento o período mensal de instrução intensiva".⁸⁴

Fica latente que o Depósito de pessoal era o local menos prezado por quem havia experimentado a linha de frente. Realizar as instruções rotineiras da vida de quartel, todas as formalidades e diferenciações esquecidas na linha de frente, realizar instruções com os armamentos que já se conhecia plenamente pela operação na linha de frente era tudo que os homens do *front* não queriam. Ocorreram, inclusive, alguns casos de soldados que fugiram do depósito ou de hospitais de campanha, pegaram caronas para se apresentarem novamente à seus superiores na linha de frente. Mesmo com o perigo, a relativa liberdade que existia no *front* era preferível à rotina de *caxiagem* do Depósito de pessoal.

⁸² Ibid., p. 373

⁸³ Ibid., p. 374

⁸⁴ Moraes, op. cit., p.62 - 63

2.2 Nós e eles?

O uso cotidiano da doutrina estadunidense pela FEB promoveu, em maior ou menor intensidade, relativo aumento de autonomia das praças em relação aos oficiais. Os contatos com os exércitos aliados promoveram intensa troca de ideias e, por vezes, incorporação de novos métodos e costumes. A experiência na linha de frente, com todos os perigos, privações e violência promoveu estreitamento de laços entre as praças e os seus comandos próximos, que enfrentavam as mesmas dificuldades cotidianas, uma relação descrita como mais *democrática*. Além disso, instalou uma disciplina típica da linha de frente, caracterizada pela auto disciplina, pela autonomia com que os soldados se responsabilizavam perante a ameaça da presença inimiga. No *front* se adquiriu a visão de que o soldado precisa ser visto com humanidade, de que tem necessidades mínimas de se confortar (alimentação digna, possibilidade de romper o isolamento com cartas, quando possível pequenos intervalos de substituição para descanso mínimo), para que possa continuar enfrentando as privações e o inimigo.

Percebeu-se, ainda, o horror de quem participou dessas novas experiências, que cunharam novos valores coletivos, de ter que enfrentar novamente as injustiças percebidas nas regras cotidianas da caserna, a *caxiagem* no Depósito de pessoal.

Algumas questões pairam sobre essas mudanças. O *Exército da FEB* apresenta suas novidades vindas das novas experiências coletivas. Mas, como observado no Depósito de pessoal, nem todos militares da FEB vivenciaram a experiência da guerra da mesma forma. Além do Depósito de pessoal, existiam outras continuidades do *Exército de Caxias* presentes na FEB? O que ocorria no encontro do *novo* com o *antigo*? Do que já era *estabelecido* com o que era *outsider*? Podemos falar em uma divisão entre *nós e eles*, entre *Caxias e Febianos*?

2.2.1 A disciplina na perspectiva do comando

Como observado desde o início do capítulo, os novos valores desenvolvidos por tropas da FEB, através da experiência da guerra, tiveram impacto muito forte e maior aceitação entre os militares convocados da vida civil para a FEB. Essa experiência formadora foi tão marcante porque a imensa maioria dos soldados, cabos, sargentos (praças) da FEB eram civis ou reservistas convocados para a guerra e, entre os oficiais subalternos, principalmente tenentes, aqueles que numa unidade de infantaria correm os mesmos riscos que os soldados em combate,

60% desses oficiais foram convocados da reserva.⁸⁵ Eram médicos, advogados, professores, arquitetos, comerciantes, funcionários públicos, veterinários, que não foram formados pela Escola Militar, mas pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Eram os *outsiders*, os recém chegados. O que aconteceu com essa porção da FEB foi similar ao, já descrito, processo de relaxamento da rigidez militar ocorrido com os exércitos dos EUA e Inglaterra.

Mas, no caso brasileiro, de muito menor proporção quantitativa - a FEB só tinha 25 mil homens - e de muito menor proporção temporal - a FEB esteve somente por dez meses na Itália - como teriam reagido os militares profissionais, principalmente ante as transformações adotadas de baixo para cima?

Para lidar com o Comando da FEB, ou dos Regimentos, é necessário retornar à argumentação do início do primeiro capítulo. Para compreendê-los, é preciso encará-los sob a perspectiva antropológica, que trata os militares a partir de suas categorias nativas. Que percebe a importância dos regulamentos, tradições e normas para a formação do militar. E que entende, como já foi dito, que a oposição entre mundo civil e mundo militar é estruturante da identidade militar,⁸⁶ que ser militar é ocupar um lugar na hierarquia.⁸⁷ Sendo, portanto, a obediência aos regulamentos, normas e aspectos disciplinares algo não negociável.

Em nossa pesquisa, durante a busca de documentos no AHEx, que pudessem ser convertidos em fontes para análise de aspectos disciplinares, topamos com a inexorável barreira do tempo. A ideia inicial era trabalhar com um bloco único de documentos capazes de nos revelar, em detalhes, como o comando se posicionava sobre a questão disciplinar na FEB. Mas esta ideia inicial teve de ser abandonada, pois nas primeiras sondagens se percebeu que existe um imenso universo de documentações no acervo FEB da instituição e, com base na média de documentos encontrados por caixa, somente de Inquéritos Policiais Militares - IPM, calculou-se uma estimativa de 22 mil páginas de documentos. O curto tempo do mestrado impedia a análise de tamanha documentação. Optamos, então, por lançar mão de análises feitas em séries de pequenas quantidades de vários tipos de documento. Buscando neles encontrar ao menos indícios de como o comando via a questão disciplinar.

Um tipo de documento que se mostrou muito interessante como fonte foi o Boletim Interno da Pagadoria Fixa, na quantidade total de 32 boletins entre janeiro e junho de 1945. São documentos interessantes por sua função: dar conhecimento de comunicações oficiais do comando do órgão, ou do comando da FEB; por ser um órgão da retaguarda, área já apontada

⁸⁵Maximiano, 2004, p.105

⁸⁶Castro, op. cit., p.133

⁸⁷apud. Castro; Leirner, 2009, p.81

como similar ao *Exército de Caxias*; por possuir quatro partes distintas que abarcam assuntos referentes à instrução, administração e serviços internos, justiça e disciplina; por conter desde orientações gerais até transcrições de punições expedidas.

Nesse sentido, podemos observar como a disciplina era vista pelo comando da FEB num boletim interno de fevereiro de 1945:

"Para que tenha a maior divulgação entre as praças, as quais precisam ter um conhecimento mais exato das penalidades a que possam estar sujeitas, com o objetivo de evitar venham a ser, por estas, atingidas e, ao mesmo tempo, para que se não produzam fatos que vão deixando manchas negras na atuação da nossa Força Expedicionária, transcrevem-se abaixo as sentenças já proferidas na justiça, com as penalidades e as causas determinantes."⁸⁸

O que se segue são duas páginas de condenações da Justiça Militar à militares da FEB, que variavam a punições de dois anos de prisão por situações como "ao ser observado por um 3º Sargento por estar proferindo em voz alta obscenidades no acampamento, desacatado este superior, ofendendo-lhe a dignidade e o decoro, procurando deprimir-lhe a autoridade" até a pena de morte sentenciada a dois militares que invadiram uma casa, estupraram uma mulher e cometeram homicídio de parente da vítima depois de estupro. O que está em questão não é a aplicabilidade das penas,⁸⁹ que seguiram as leis ou regulamentos vigentes, mas a busca pela disciplina através da força da coação e da ameaça.

O próprio tenente da reserva, Massaki Udihara, registrou vários episódios de indisciplina no seu diário: brasileiros invadindo casas e forçando mulheres,⁹⁰ brigando com italianos,⁹¹ embregados fazendo arruaças,⁹² e mesmo cometendo assassinatos entre si.⁹³ A preocupação do comando era legítima, mesmo necessária e, apesar de pouco abordado na historiografia brasileira, militares da FEB cometeram diversos crimes na Itália - assim como tropas de qualquer outro exército aliado - sendo o aspecto disciplinar uma preocupação constante para o comando. Gerenciar e manter sob controle a tropa era visto como dever pelo comando. Dentro da perspectiva antropológica, esses militares estavam sendo fiéis a sua visão de que hierarquia e disciplina são valores estruturantes do mundo militar, sendo por isso mantidos a todo custo.

⁸⁸ AHEX, Acervo FEB, Caixeta Serviço Especial FEB, Pasta Boletins Pagadoria Fixa, Boletim Interno nº9, de 28/02/1945

⁸⁹ O ex combatente Joaquim Xavier da Silveira, em seu livro *A FEB por um soldado*, informa que no caso do estupro seguido de homicídio, a pena de morte não foi executada, mas no Brasil, transformada em pena de 30 anos, cumprida somente por 6 anos pelos dois soldados, p.110 - 111

⁹⁰ Udihara, op. cit., p.98

⁹¹ Ibid., p. 99

⁹² Ibid., p.122

⁹³ Ibid., p.126

Essa preocupação fica clara quando se observa o relatório de campanha da 1ª Seção do Estado Maior divisionário, que coloca como um dos objetivos do Depósito de Pessoal "manter no mais alto padrão a disciplina militar, o moral cívico-militar" dos homens lá mobilizados.⁹⁴

Segundo o relatório de campanha do general Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria na FEB, o Serviço de Polícia influía diretamente no aspecto disciplinar, pois, entre suas atribuições estavam "executar quaisquer medidas ou ordens baixadas pelo comandante e que digam respeito a disciplina".⁹⁵ Sendo o responsável também por realizar prisões, cuidar dos prisioneiros e manter a ordem quando necessário.

Muitas vezes, o problema era a falta do serviço de Polícia em determinadas situações, em que os vários escalões de comando tiveram que lidar de alguma forma com os problemas. No primeiro estacionamento da FEB, em Agnaro, numa cratera do vulcão Astronia, quando soldados começaram a fugir para a cidade próxima, as prisões foram tantas que o tenente da reserva José Alfio Piason relatou fora feito um "cercado de bambu, verdadeiro chiqueiro no aspecto e como logo foi batizado, feito para cadeia".⁹⁶ O resultado foi que muitos soldados presos, "alguns já influenciados pelo álcool, ao invés de manifestações de temor, chegavam à presença do chefe entoando canções militares".⁹⁷

O tenente da reserva, Massaki Udihara, recorda-se que, após uma briga com italianos, três soldados tinham que ser punidos pois mereciam correção disciplinar. O problema foi o castigo encontrado, o sub comandante do regimento decidiu "mandar buscar dois homens fortes, amarrá-los em uma árvore e deixá-los toda noite lá, tomando chuva".⁹⁸ Não preciso dizer que este castigo não estava previsto em nenhum regulamento disciplinar que, ao contrário, recomenda que a punição seja de alguma forma pedagógica como já abordado no primeiro capítulo. Não é preciso muita imaginação para associar essa árvore a um pelourinho. Esse tipo de punição faz entender por que o tenente da reserva Goes de Andrade registrou em suas memórias as seguintes comparações entre a sociedade brasileira e o Exército de Caxias:

"Cessada a escravidão, o trabalhador abandonado ao seu destino permaneceu tão rude, tão ignorante quanto o escravo. Manteve-se aquele aspecto militarizante de verdadeiros 'Comandos Econômicos' cujo quartel era a 'Casa Grande' e o alojamento, a 'Senzala'. [...] Vimos, portanto, nos quartéis, o encontro dos mesmos elementos humanos de que constituíamos: o filho do 'coronel' e os filhos dos trabalhadores, foreiros, agregados, respectivamente como comandante e comandados. [...] No quartel, ontem como hoje, defronta-

⁹⁴ AHEX, acervo FEB, Relatório de Campanha da 1ª seção do Estado Maior Divisionário, p. 12

⁹⁵ AHEX, acervo FEB, Relatório de Campanha do Comandante da Infantaria Expedicionária, p. 60

⁹⁶ Arruda, et. all., op. cit., p. 100

⁹⁷ Arruda et al., op. cit., p. 100

⁹⁸ Udihara, op. cit., p. 100

se a nação, tal qual ela é, com os seus vícios, suas virtudes, sua pobreza e seus costumes. E como um reflexo da vida civil, a disciplina nas casernas trazia a marca da disciplina coletiva. O poder do superior hierárquico, semelhante ao poder do senhor de terras. O elemento disciplinador dominante era o medo, o receio do castigo, o estabelecimento de um *modus vivendi* desigual para uns e para outros; e condição de senhor e de subordinado com as suas regalias e desvantagens".⁹⁹

O sargento da artilharia Bóris Schnaiderman traz mais um exemplo de rigor excessivo não previsto nos regulamentos. Afirmou que no acampamento de Tarquínia, em agosto de 1944:

"sobre alguns caiu o peso da disciplina militar. Foram-se instalando novos galinheiros, mas arranjou-se um castigo muito mais temíveis para os soldados de um batalhão de infantaria. O cemitério da cidade ficava próximo ao acampamento. Os túmulos, com as suas cruzes de mármore e suas figurinhas banais, ficam espalhados sobre uma pequena elevação. Mas, ao pé da colina, está a entrada para um subterrâneo. Os habitantes dizem que é um cemitério antigo, que ali existem esqueletos em abundância, etc. Os infantes que têm pena disciplinar a cumprir são atirados naquelas catacumbas e aglomeram-se na entrada, pálidos, encolhidos sobre as mantas. Os companheiros vão levar-lhes cigarros, distraí-los um pouco. - Como é, velinho, você já dançou com os defuntos? Todavia, um terror supersticioso marca o rosto de alguns soldados".¹⁰⁰

Quando se considerava abuso, os homens encontravam sempre alguma forma de resistir. Sobre a Polícia Militar, o tenente da reserva, Massaki Udihara, registrou em seu diário que "a sua função é só incomodar. Prenderam um sargento por estar desuniformizado. [...] Resultado: foram corridos. Enquanto se está na frente combatendo não aparecem e ninguém incomoda. É só vir pra trás que aparecem para criar casos e má vontade".¹⁰¹

Um relatório da reunião entre todos os membros S-1 de Estado Maior da DIE, em março de 1945, demonstra que o comando em determinado momento da campanha decidiu apertar ainda mais as exigências disciplinares. O relatório trazia recomendações:

"No que respeita a atitude militar: Foi recomendado aos S-1 uma severa vigilância de atitudes, e o concerto de medidas com os respectivos comandantes, para exigir maior correção de apresentação dos homens e obediência ao regulamento de continências e sinais de respeito. Quanto ao fardamento, foi todavia verificado que os recolhimentos havidos, deixando o soldado com um único fardamento, e a escassez de sabão, são os motivos pelos quais tão frequentemente, se vêem homens tão lastimavelmente mal fardados. Foi recomendada a questão da barba, que alguns, negligentes, sob

⁹⁹Arruda, et. all., op. cit., p. 315

¹⁰⁰Schnaiderman, op. cit., p.87

¹⁰¹Udihara, op. cit., p.123

desculpas mais ou menos inaceitáveis, deixam crescer e raspam ou modificam o seu talante, variando frequentemente de características fisionômicas.¹⁰²

O mesmo documento, assinado pelo tenente coronel João da Costa Braga Junior, chefe da 1ª seção do Estado Maior divisionário, contém até recomendação de "moralização" para uma repressão das "inscrições verdadeiramente inconfessáveis, muitas vezes mal desenhadas" que eram pintadas nas viaturas da FEB.¹⁰³ Percebe-se que ele age conforme as recomendações de comedimento contidas nos regulamentos da instituição e no estatuto dos militares.

Além da necessária severidade, da imposição do rigor disciplinar principalmente na retaguarda, os boletins suscitam outro ponto importante: a preocupação do comando em manter de uma imagem positiva do Brasil perante os aliados.

"Uma tropa que se conduz com bravura deante do inimigo, precisa, também saber se apresentar decentemente perante seus aliados e à população civil, para demonstrar que pertence a um paiz civilizado [...] Precisamos zelar, porém, pela nossa conduta como cidadãos livres de um paiz civilizado, que se ufana de o ser e que representa na Europa o continente Sul-Americano."¹⁰⁴

Ao que parece, paira fortemente a influência do darwinismo social nessa comunicação, assim como observado no primeiro capítulo, a partir dos relatórios do ministro da guerra. Se os soldados brasileiros se portassem dentro de sua normalidade não representariam uma civilização? É como se o Brasil e o brasileiro fossem um primo infante juvenil das nações e povos europeus, que há muito se encarregavam de civilizar o globo. A justificativa para um comportamento militarmente aceito, disciplinado, desejado pelo comando poderia ter sido escrita de outra forma, todos exércitos cometeram infrações similares, esse fragmento demonstra que o comando parte de um ponto de inferioridade em relação ao europeu. Citações de textos como essa podem ser feitas facilmente, oriundas de outros documentos.

Outro órgão do Estado Maior divisionário, a Ajudância Geral, menciona em seu relatório de campanha que "o estado disciplinar sofreu a influência de dois fatores importantes. Um, oriundo da imperfeição da preparação moral da tropa ainda no Brasil e o outro o fato de estar em contato com um povo estranho, cujo nível moral estava bastante abalado".¹⁰⁵ Diz ainda que a indisciplina podia ser compreendida através do exemplo do desrespeito de regras

¹⁰² AHEx, acervo FEB, Anexo 16 (Relatório de reunião dos S-1 divisionários em 29/03/1945) ao Relatório de campanha do S-1 do Estado Maior divisionário, p. 2

¹⁰³ Idem., p. 4

¹⁰⁴ AHEx, Acervo FEB, Caixa Serviço Especial FEB, Boletins Diários, Boletim Interno nº11, 12/03/1945.

¹⁰⁵ AHEx, acervo FEB, Relatório de Campanha da Ajudância Geral, folha 20.

de tráfego de viaturas conduzidas por oficiais e praças, "agravado as vezes pelo procedimento incorreto de não acatarem as ordens dadas pela Polícia Militar".¹⁰⁶

O mesmo relatório continua afirmando que "a prisão não produzia seus efeitos repressivos, o cumprimento da pena disciplinar se fazia em lugar não adequado a esse fim".¹⁰⁷ O que parece ir de encontro à memória dos febianos sobre prisões em *galinheiros*, *chiqueirinhos* ou *catacumbas*. E o relatório continua "daí a necessidade de recorrer a outros meios de repressão mais eficientes [...] transformando a prisão em perda de vencimentos e, finalmente organizando xadrez para os casos cuja gravidade exigia maior severidade".¹⁰⁸ Mencionando que as multas foram inspiradas na prática vista no *US Army*. Por fim, em anexo, surgem os dados totais sobre as transgressões disciplinares na FEB: foram punidos por transgressões disciplinares 4 oficiais, e 1.060 praças (784 por regras de tráfego).

Curioso é perceber que das 71 infrações de tráfego de oficiais, somente 4 viraram transgressões disciplinares. E das 784 infrações de praças, todas foram convertidas em transgressões disciplinares. Solidariedade entre os oficiais? Não há resposta para essa pergunta, mas parece justa essa interpretação, pois não houve a mesma severidade na aplicação das multas entre oficiais e praças. E o valor de todas as multas somadas, de praças e oficiais, mais as multas resultantes de transformação da pena de prisão, chegaram ao valor de Cr\$ 482.223,00 (o relatório menciona a soma incorreta dos valores no total: 472,223,00).¹⁰⁹ Para efeito de comparação, o custo da construção do Quartel do 4º RI em Duque de Caxias - RJ, iniciado e terminado em 1944, foi de Cr\$ 250.000,00, segundo o Relatório do ministro da Guerra daquele ano.¹¹⁰

A questão que fica impressa nisso tudo, sobre o aspecto disciplinar, é a de que o Comando e os militares da ativa do Exército, principalmente na retaguarda, continuaram agindo com base na sua formação e visão de mundo do *Exército de Caxias*, mesmo estando na FEB e incorporando práticas do *US Army*. E para os convocados, mesmo entre o baixo oficialato, que haviam passado por novas experiências formadoras na FEB, restava, dentro do possível, a resistência contra a *caxiagem*. Cotidianamente *estabelecidos* e *outsiders* se relacionavam sem muita harmonia, ao que tudo indica, agiam sob perspectivas diferentes.

Uma confirmação de que a linha de frente na FEB tinha seu caráter anômico, de que era capaz de transformar os valores de identidades dos *estabelecidos*, pode ser encontrado no

¹⁰⁶Idem., folha 20.

¹⁰⁷Idem., folha 20.

¹⁰⁸Idem., folha 20.

¹⁰⁹Idem., folha 22.

¹¹⁰AHEX, acervo FEB, Relatório do Ministro da Guerra de 1944, p. 185

relatório de campanha do capitão Plínio Pitaluga, que comandou o 1º Esquadrão de Reconhecimento, única unidade de cavalaria da FEB, que utilizava os blindados leves sobre rodas M-8 Greyhound. O capitão iniciou a guerra como tenente e, depois da evacuação do comandante do esquadrão para o Brasil, por motivos de saúde, assumiu o comando do esquadrão e recebeu a promoção.

O esquadrão de cavalaria teve atuação destacada em diversos episódios da campanha, unidade que esteve sempre na vanguarda das lutas devido a sua função de reconhecimento. Foi fundamental na localização, envolvimento e cerco da 148ª divisão de infantaria alemã, que acabou negociando a rendição incondicional à FEB, em Fornovo di Taro. Foram feitos prisioneiros 14.779 alemães,¹¹¹ e remanescentes de divisões fascistas italianas, além de volumoso material de guerra.

O capitão, oficial subalterno da ativa, que comandava a sua unidade com coragem na linha de frente, esclarecendo, reconhecendo e combatendo o inimigo, afirma em seu relatório de campanha que entre os principais fatores que podiam afetar a disciplina da tropa estavam:

"falta de preparação psicológica do nosso povo, falta de propaganda dos motivos que nos levaram à luta, **a rápida transição de elementos civis convocados quase nas vésperas de embarcar e transformados em soldados destinados a combater um dos exércitos mais aguerridos do mundo**, levando-se em conta também o ambiente encontrado na Itália onde se deparou com facilidades materiais e sexuais, as condições climáticas, **o contato com tropas veteranas de outras nacionalidades**, a disciplina não sofreu grande flutuação, mantendo-se no mesmo nível que em tempo de paz. [...] **devendo levar-se em conta, que na Itália, muitas das transgressões disciplinares foram punidas com repreensões e advertências procurando melhor adaptar o homem ao ambiente**".¹¹²

Como homem da linha de frente, o capitão reconhece a importância da situação dos convocados, civis subitamente transformados em militares e que portanto estavam sujeitos a não entender e não se adaptar aos valores cotidianos do *mundo militar*. Reconhece ainda o impacto que as tropas veteranas dos EUA e Inglaterra tiveram nos homens. Mas reconhece que seu estilo de comando adaptou-se à situação, para o melhor desempenho das funções combativas desapegou-se das punições disciplinares quando a situação permitia, transformando punições em orientações, ensinamentos aos comandados. Sinais de que esse *estabelecido* incorporou determinados valores dos *outsiders*.

¹¹¹Moraes, op. cit., p.206

¹¹²AHEX, acervo FEB, Relatório de Campanha do 1º Esquadrão de Reconhecimento, p.37

2.2.2 Encontro de perspectivas: Um Inquérito Policial Militar do roubo de um reboque

Dezembro de 1944, juntam-se à ação na linha de frente o 1º RI e o 11º RI. Desde o fim de novembro, já haviam ocorrido os quatro ataques frustrados ao Monte Castelo, com significativas baixas. O inverno tornou-se mais intenso, com nevascas e temperaturas abaixo de zero °C. Ocorre a estabilização no *front*, operações de manutenção do terreno conquistado até o momento e vigorosas ações de patrulha para sondar os dispositivos das linhas inimigas tornam-se a rotina das tropas brasileiras. Assim ficaria até o início da ofensiva da primavera, em fevereiro de 1945.

Na linha de frente, os homens estão encavados em *fox holes*, lutando contra os alemães e também contra o frio. Frio que é inimigo mortal do soldado de infantaria, pode causar muitas baixas por pé de trincheira ou gangrena provocada pelo congelamento de extremidades do corpo. Os homens passam os dias e noites de tensão, sem nenhum conforto, sem banhos, sem instalações para realizar higiene, a simples operação de envio de comida é arriscada pela lentidão da progressão na neve, do risco de se levar fogo de uma *Lurdinha*- apelido carinhoso dado pelos pracinhas à poderosa metralhadora alemã MG42 - instalada nos pontos elevados, ou mesmo de se tornar alvo de um *sniper* alemão, além das minas. No inverno, torna-se mais comum a alimentação no *front* com as rações, alimentos desidratados, biscoitos, chocolates, cigarros, doces, e comidas enlatadas fornecidas pelos americanos.¹¹³

Como já vimos, qualquer elemento de conforto é apreciado pelos homens na frente de combate, tornando-se importante para a manutenção da disciplina, para a elevação do moral do combatente, para que ele encontre forças para continuar na rotina de tensão e privações da linha de frente.

No dia de Natal, 25 de Dezembro de 1944, o já veterano 6º RI tem unidades instaladas muito próximas de unidades do recém chegado 1º RI. Após receber a parte de um sargento do 6º RI, o major Rafael de Souza Aguiar, chefe do Serviço de Polícia Militar, decide apreender um reboque de 1/4 ton. para *jeep*. Em memorando ao chefe da 1ª Seção do Estado Maior divisionário, com a máquina de escrever dispara as seguintes palavras: "solicito-vos as

¹¹³ Esta descrição é baseada em relatos e memórias publicadas de diversos febianos e livros de historiadores especialistas no tema FEB. Ver: Depoimento dos Oficiais da Reserva sobre a FEB; A FEB pelo seu comandante; O Lapa Azul; Epopéia nos Apeninos; Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial; Barbudos, sujos e fatigados; O inverno da Guerra.

providências necessárias para que facilidades comumente chamadas de desaperto sejam batizadas com o verdadeiro nome - ROUBO -".¹¹⁴

Acatado o pedido do major, por ordem do próprio comandante da FEB, general João Baptista Mascarenhas de Moraes, é solicitada abertura de inquérito sob a responsabilidade do general Olimpio Falconiere da Cunha e pelo tenente coronel Thales Moutinho da Costa.

Dentro do Inquérito Policial Militar, consta o relato do tenente Coronel Thales Moutinho da Costa, Inspetor Geral da 1ª DIE, feito para o general Mascarenhas. O relato permite a reconstrução dos fatos, na seguinte forma.

As cozinhas da 7ª Cia. do III batalhão do 6º RI e da Companhia de Petrechos Pesados do 1º RI estavam localizadas em prédios vizinhos, nas proximidades da Ponte de la Venturine, na estrada Pistoia - Porreta. As viaturas e reboques das duas unidades estavam estacionadas na mesma calçada. "O 1º tenente Pedro de Alcântara e Silva, do 1º RI, tendo necessidade de enviar a alimentação para a frente, mandou que a colocassem no reboque em causa, que se encontrava junto a cozinha de sua sub unidade, por julgar a esta pertencer".¹¹⁵ Segundo o relato, o tenente não viu a marcação pois estava enlameada.

O reboque foi conduzido no *jeep* que servia ao tenente Pedro, utilizado e, logo depois, estacionado novamente no local. Nisso, o soldado Diamantino Gabriel, do 6º RI havia dado falta do reboque de seu *jeep*. Ao ver o reboque estacionado, limpou a lama e reclamou sua "propriedade". Mas outro soldado, do 1º RI, Dario Alves Milagres, não aceitou devolver o reboque, pois o tenente Pedro havia lhe "devolvido" aos seus cuidados. Assim, o soldado do 6º RI foi até a Polícia Militar, que apreendeu o veículo, só o liberando ao capitão Cícero Cavalcanti Cidade, do 6º RI, que tinha a documentação do veículo.

Na conclusão do inquérito, o tenente coronel Thales Moutinho da Costa determinou que: "ante o exposto sou de parecer pelo arquivamento dos presentes documentos, fazendo-se, em se querendo ser rigoroso, recomendação, não em boletim, ao tenente Alcântara para que, [...] tome mais cuidado afim de evitar[...] possa ser atribuída a um oficial a intenção de furto".¹¹⁶

Nada passou de um mal entendido. Mas por que não ocorreu entendimento? Pensavam todas as partes da mesma forma? Se olharmos para as experiências apresentadas no início do capítulo e para as suas lições aos homens, a atitude do tenente Pedro de Alcântara e Silva

¹¹⁴AHEX, Acervo FEB, Caixa 364, Pasta 3, subpasta 3 Inquéritos policiais militares de Dezembro de 1944, memorando em 25/12/1944

¹¹⁵Idem., folha 4.

¹¹⁶Idem., folha 5.

foram acertadas. Era dia de natal, sua principal intenção era levar comida aos homens da frente, mantê-los de moral elevado diante do inimigo. Dá-los a certeza de que na retaguarda os seus superiores e os serviços trabalhavam por eles, e mais, se importavam com eles. Enviar aos homens da linha de frente a mensagem de que eles não são vistos como descartáveis.

Mais dois detalhes: o 2º tenente Pedro de Alcântara tinha menos de um mês de linha de frente, iniciados com a traumática experiência de quatro derrotas brasileiras ante os alemães que guarneciam o Monte Castelo. Derrotas descritas como encarniçadas, ataques frontais morro acima contra morteiros, artilharia e fogo de metralhadoras alemãs. Ação altamente criticada pelos oficiais da reserva no livro *Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*, lançado em 1949. O mês duríssimo passado pelo tenente Pedro de Alcântara já lhe imprimira as mudanças da experiência da linha de frente, narradas neste trabalho antes, pelos seus camaradas do 6º RI que haviam chegado primeiro.

O segundo detalhe: apesar de não mencionado no inquérito, o 2º tenente Pedro de Alcântara era da reserva, segundo lista do livro de memórias do general Mascarenha de Moraes.¹¹⁷ Era mais um homem vindo do mundo civil, transformado às pressas em militar. Mas que havia aprendido com as experiências que rapidamente a guerra lhe proporcionara no *Exército da FEB*.

Mas e o chefe da Polícia Militar, major Rafael de Souza Aguiar, estava então errado? Não, pelo menos se levarmos em consideração que era um militar de carreira, com visão estrita de obediência aos regulamentos e procedimentos burocráticos vigentes no *Exército de Caxias*. Ele fez cumprir o regulamento, manteve a prática tradicional dos quartéis brasileiros, foi severo na aplicação da disciplina conforme o comando havia pedido. Fez o que tinha que ser feito, segundo os valores do *mundo militar* a qual sempre esteve imerso.

A questão aqui não está entre o certo e o errado, muito menos se intenciona um exercício de juiz nesse trabalho, que foge de qualquer pretensão de julgamento. A questão é entender este mal entendido, de maneira que seja didático para explicar todos os conflitos entre os que se intitulam membros do *Exército da FEB* e os apontados como membros do *Exército de Caxias*. Nesse sentido, é possível compreender o mal entendido com base em nossa ideia de que alguns agiam conforme os valores *estabelecidos* enquanto outros passaram a agir com novos valores, tornando-se *outsiders*. O caso do reboque, nos sinaliza que há na verdade um encontro de perspectivas distintas. Mas será possível afirmar que surgiu uma nova identidade?

¹¹⁷Moraes, op. cit., p.274

Teria existido um conflito identitário baseado numa distinção entre "nós" e "eles", no interior da FEB?

2.2.3 Caxias e Febianos

Até agora, neste capítulo, nos esforçamos para apresentar ao leitor o impacto das novas experiências vividas na Itália, traduzido na adoção de determinados comportamentos e valores por aqueles que às vivenciaram. O impacto da doutrina estadunidense no cotidiano dos homens, o contato com os demais exércitos aliados, a experiência na linha de frente promoveram maior autonomia e noção de responsabilidade às praças, uma valorização crescente da objetividade das tarefas que levam à vitória na prática em detrimento do respeito irrestrito aos regulamentos, aproximação e afeição entre tropa e os comandos próximos na linha de frente, uma nova perspectiva de disciplina, mais relacionada à noções morais como o reconhecimento da humanidade do soldado que busca bom tratamento, dignidade, algum tipo de conforto mínimo, satisfação de suas necessidades mais básicas, para que continue focado na luta com o inimigo.

Também demonstramos que esses novos valores e atitudes, se tornaram uma perspectiva para aqueles *outsiders* que eram civis e foram convocados para a FEB. Evidenciamos que, ao contrário, os militares profissionais e o comando da FEB, *estabelecidos*, em sua maioria, mantiveram seus valores tradicionais, e quando incorporaram novos métodos estadunidenses, foi para acentuar o rigor disciplinar, como no caso das multas. Vimos que isso foi reconhecido como uma *caxiagem* que se processava principalmente nos órgãos da retaguarda, comparada nas memórias ao *Exército de Caxias*, com a experiência anterior no Brasil.

Vimos o caso do capitão Plínio Pitaluga, que em seu relatório de campanha demonstrou ter se adaptado às condições do teatro de operações italiano, às novas demandas do momento, para manter a eficiência combativa de sua unidade. Incorporou e levou em consideração vários aspectos relacionados às novas experiências, adotando uma liderança com foco disciplinar mais didático e voltado à objetividade, a questões práticas que conduziriam seus homens à vitória. Um caso possível de *anomia*, em que a identidade de um *estabelecido* incorporou valores e foi relativamente transformada por valores dos *outsiders*.

Nesse ponto, assumo uma postura teórica que relaciona experiência e consciência. O historiador britânico Edward Palmer Thompson, ao estudar a formação da classe operária inglesa, afirma que:

"a nova consciência de classe dos trabalhadores pode ser vista em dois aspectos. De um lado, havia uma consciência da identidade de interesses entre trabalhadores das mais diversas profissões e níveis de realização, encarnada em muitas formas institucionais e expressa numa escala sem precedentes, no sindicalismo geral de 1830-34[...] **Por outro lado, havia uma consciência de identidade dos interesses da classe operária, ou 'classes produtivas', enquanto contrários aos de outras classes; dentro dela, vinha amadurecendo a reivindicação de um sistema alternativo.**"¹¹⁸

A determinação de que as novas experiências vividas na Itália moldou certos valores coletivos e atitudes demonstra que surgiu uma nova forma de consciência *febiana*, que teve como base a contradição entre as experiências vividas no *Exército de Caxias* e no recém formado *Exército da FEB*. Ao mesmo tempo, demonstramos que esses novos valores não foram admitidos por todos os integrantes da FEB. Aqueles anteriormente já *estabelecidos* no Exército mantiveram predominantemente seus antigos valores, práticas e tradições. As mudanças, as novidades, afetaram mais diretamente os *outsiders* convocados para a FEB, mesmo entre o seu baixo oficialato. O desafio deste segmento do texto é demonstrar que essa consciência *febiana* também foi formada no conflito com a consciência dos *caxias*.

O tenente da reserva, Massaki Udihara, na intimidade de seu diário sempre deixa transparecer uma diferença significativa entre *nós* e *eles*, além de uma demonstração como os oficiais da reserva se afinavam de diversas formas:

"Não consigo me adaptar a este sistema de vida. Preocupo-me demasiado e não sei fazer como os de carreira, que tudo resolvem dando ordem. Não acho isso justo nem direito. Cômido demais e processo fácil de lançar responsabilidades nos outros. Com isso, fico o dia todo só de preocupações e cuidados para conseguir qualquer coisa aos que iam acampar. [...] Saí cedo para visitar o Demócrito. Encontrei. Sempre é satisfação encontrar amigos, principalmente quando há afinidades intelectuais, espírito que foge e está acima desta linguagem e som, que só compreende e admite militarismo o dia todo. Pode-se conversar e ficar afastado deste mundo sempre verde, e que tem o pensamento como a farda".¹¹⁹

Existia uma concordância em diversas questões, por exemplo, sobre como se comanda a tropa, o tenente da reserva Tulio Campelo de Souza afirma que: "comandar [...] não é só dar ordens e mostrar-se mais forte e mais sábio que os subordinados. Comandar é saber

¹¹⁸ Thompson, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa**, volume III "A força dos trabalhadores". 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 411

¹¹⁹ Udihara, op. cit., p. 317-319

compreender os soldados como seres humanos, respeitá-los como tais, inspirar-lhes amizade e confiança".¹²⁰ O que vai de encontro ao afirmado pelo tenente da reserva José Alfio Piason, "ser chefe é fácil, saber ser chefe, já é bem mais difícil".¹²¹ Essas impressões sobre o que é comandar, remetem aos novos valores experimentados na FEB. Comandar não é só ocupar um posto superior na hierarquia e distribuir ordens ao estilo *manda quem pode e obedece quem tem juízo*.

Entre os *febianos* até a violação do regulamento, ou o descumprimento de ordens, podia ser justificada de alguma forma. Uma prática ficou famosa desde o Brasil até o embarque de volta da Itália: a *Tocha*. Esteera o apelido carinhoso dos *febianos* para pequenas fugas sem autorização do comando, para divertimento em cidades italianas vizinhas aos acampamentos e estacionamentos de tropas brasileiras. As *tochas* eram praticadas sempre que possível, com registros de *tochas* curtas de poucas horas feitas a pé ou de carona em viaturas brasileiras, estadunidenses, ou inglesas, e até mesmo *tochas* compridas que chegaram até a França ou cidades do sul da Itália.

O, já citado, tenente Piason recorda-se que, ainda em Taubaté, às vésperas do embarque os convocados praticavam *tochas* para encontrar a família, e o comando incomodado resolveu ordenar patrulhas nos trens. Mas nada disso resolvia o problema, pois as praças que iam patrulhar os trens ou já tinham praticado sua *tocha* nos dias anteriores ou iam praticar nos próximos dias, portanto fingiam que nada viam e ainda conseguiam que os maquinistas não cobrassem passagem e ainda reduzissem a velocidade do trem em determinados locais combinados previamente.¹²² Em todos os sentidos, uma solidariedade de classe.

Sobre as *tochas* na Itália, o tenente Goes de Andrade afirma que, diante da extrema dificuldade de se conseguir uma licença de descanso autorizada pelo comando para os homens, a solução era a *tocha*. Ao refletir sobre o assunto, a conclusão do tenente foi de que "a *tocha* foi uma justiça irregular, mas, foi uma justiça. Quando os homens descrêem desta, fazem-na com as próprias mãos".¹²³ Quando acampados ou em estacionamentos, os homens não hesitavam em arriscar-se por aventuras, um pouco de distração e descanso, saíam negociando rações de campanha ou trocando pertences e objetos com quem quisessem para conseguir entrar em festas, restaurantes, com americanos, ingleses, ou italianos.

¹²⁰ Arruda, et. all., op. cit., p. 204

¹²¹ Idem., p. 91

¹²² Idem., p. 90

¹²³ Arruda et al., op. cit., p. 384

Na guerra, os homens sentiam a acentuada pressão do comando, alguns mesmo tentavam interpretá-la, como o tenente da reserva Goes de Andrade que afirma compreender que "esta rigidez decorreu da grande responsabilidade dos nossos comandantes que, apenas com uma divisão, representavam o Brasil na II Guerra Mundial. Os brasileiros não podiam falhar, custasse o que custasse [...] daí a pressão ter sido tremenda e por vezes exaltada", mas a tropa em geral não compreendeu isso e a consequência foi o surgimento "de uma mentalidade de indiferença e até de desestima pelo alto comando".¹²⁴

Ainda segundo o tenente Andrade, ganhou força aquela interpretação da palavra *caxias*: "Para o soldado, "caxias" é o oficial, o sargento, o praça exagerado, rigoroso em demasia. É o militar que vive com o dedo nos artigos do regulamento, sem a tolerância da equidade. É o soldado puxa saco, quando devia ser o contrário". E quando alguém era rigoroso demais se ouvia: "aquilo é um *caxias*".¹²⁵ Fica então, fácil definir quem era *caxias*, era todo aquele que agia com rigor excessivo, aqueles que praticavam a *caxiagem*. Nesse sentido, é bom voltar a associar que a disciplina severa era um valor dos *estabelecidos*, da tradição. Enquanto aqueles *outsiders* que aprenderam tanto com as novas experiências vividas na FEB sentiam verdadeiro horror da *caxiagem*, tida como algo do *Exército de Caxias* e não do *Exército da FEB*.

Mas as distinções entre *nós* e *eles*, não param por aí, e devem ser aqui entendidas como conflito de consciências que é elemento intrínseco à identidade *febiana* que vai se formando durante a campanha da Itália.

O tenente da reserva Massaki Ujihara registra várias passagens em seu diário que revelam esse conflito.

"E, cedo, deitado no chão, ouvindo os comentários dos soldados, vai-se cada dia mais execrando, abominando e desprezando essa mentalidade, tão tacanha e mesquinha, que domina a maioria da *classe* militar. Só querem e exigem vantagens. Não pensam e cuidam das obrigações. Um modo prepotente e desumano de tratar. Em certos casos, bestial. Uma falta de sentimentos que aberrava. Enoja a constatação de fatos. E é essa *classe* que domina. Essa a mentalidade que se apossou de toda dignidade e honestidade. Neles reside tudo. Tudo o mais deveria se submeter a esse princípio de dominância. Só a extinção pura e simples dessa *casta* é que resolveria. Verdadeiras pústulas a conspurcar o ambiente".¹²⁶

Em todo o diário, os militares da ativa e o comando são hostilizados pelo tenente Ujihara, chamados de classe militar, casta abominável, entre outros adjetivos. Muitas citações parecidas com esta podem ser retiradas de seu diário, mas isso tornaria o texto repetitivo, além

¹²⁴ *ibid.*, p. 375

¹²⁵ *ibid.*, p.311-312

¹²⁶ Ujihara, op. cit., p.224

de passar a impressão de que esse sentimento era do tenente Massaki Udihara somente. Mas outras citações de seu diário se farão necessárias para conectar certas questões. Como a seguinte:

"A noite estive com Demócrito. Contou um fato que se deu com ele. Fez uma demonstração de combate em presença do G.Z. [General Zenóbio] Quando terminou perguntou este ao nosso coronel: '-Esse oficial é da ativa, não é?' - 'Não, é da reserva.' Conversaram depois perto de um *jeep*. Um motorista que estava perto o ouviu dizer: 'É, quando chegarmos ao Brasil, precisamos botar esses paisanos para fora'.¹²⁷

O diário revela não somente suas impressões, por vezes registros do que aconteceu com seus colegas. Nesse caso, com o seu companheiro da reserva, Demócrito Cavalcanti de Arruda, já citado neste trabalho. Conteúdos como esses podem revelar que o conflito identitário além de existir, não era unilateral, mas recíproco.

A falta de humanidade do comando foi fato marcante percebido pelo tenente Massaki Udihara, mas não só por ele. O 2º tenente da reserva, Roger de Carvalho Mange recorda-se de um fato representativo disso. Após as pesadas baixas ocorridas no início de Dezembro de 1944, várias unidades sofriam com a falta de combatentes. Para remediar o problema "deu-se alta, nos hospitais, praticamente a todos os baixados por doença e mesmo a alguns elementos baixados por ferimentos".¹²⁸ Mas o resultado foi que no papel as companhias tiveram seus efetivos restabelecidos, mas na prática esses homens não tinham valor combativo. A maioria dos que "injusta e desumanamente, tiveram alta dos hospitais [...] apresentavam-se incapazes do menor esforço físico e os comandantes das companhias às quais pertenciam eram obrigados a deixá-los junto às cozinhas".¹²⁹ Algumas companhias durante todo o inverno tiveram entre 15 e 20 homens permanentemente nesse estado.

Massaki Udihara também é um dos autores do livro *Depoimento dos Oficiais da Reserva sobre a FEB*. Médico na vida civil, mencionou caso de outro oficial da reserva que também era médico e que foi baixado a um hospital americano por sinusite. Não recebeu tratamento durante quatro dias pelos oficiais médicos do Exército e somente lhe trataram com um banho de luz. No mesmo dia, o coronel chefe do serviço médico teria dito ao oficial baixado que "você não pode ficar. É muito feio um oficial baixar. Devemos evitar isso o mais

¹²⁷Ibid., p. 95

¹²⁸Arruda, et. all., p. 117

¹²⁹Idem., p. 117

possível pois já estamos envergonhados perante os americanos. Por dever de patriotismo você terá alta".¹³⁰

Outro aspecto recordado pelos *febianos*, ressaltado pelo tenente da reserva Mario Amaral, foi a pressa do comando brasileiro para entrar rapidamente em operação. Segundo ele, isso fez com que os ensinamentos obtidos com os americanos não fossem aplicados com a tropa na instrução.¹³¹ Fato mais agravado ainda em relação aos contingentes que chegaram depois do 6ª RI, como o 1º e 11º RI, além dos efetivos do Depósito de Pessoal. Que praticamente não foram instruídos e logo foram empregados diretamente nas ações em Monte Castelo.

Isso foi visto como desumanidade pelos *febianos*. Massaki Udihara, em seu diário, registra que o comando fazia "guerra de telefone" dando ordens de avanços sucessivos "sem conhecimento do terreno, olhano só para o mapa e nele nada vendo", provocando sofrimento com as suas "resoluções de gabinete".¹³² Com as mortes ocorrendo na linha de frente, ficava a impressão de que "[...] querem executar ataques de qualquer forma. Não medem sacrifícios, pois não são deles. Só tem a ganhar glórias [...]".¹³³ Mais ainda, a impressão de que "fazem degrau de acesso com vidas humanas que não tem o direito de falar e apelar em seu benefício".¹³⁴

Um comando que, para o tenente, não vê humanidade nos soldados: "transformaram os nossos homens em máquinas que não necessitam mais repouso. São incansáveis e dispensam bem todo e qualquer repouso. Já nem mais falam. A ideia única e predominante acima de tudo, é o ataque. A todo custo, de qualquer forma querem atacar."

Vê-se que o modo de pensar, raciocinar e ver as coisas do tenente Udihara não é o mesmo que o do comando. Analisa, interpreta as situações a partir de outra perspectiva. O tenente da reserva Piason, recorda-se que alguns capitães eram valorosos e combativos, junto de seus comandados na linha de frente, liderando com o exemplo, "não como muitos outros, a distância e apenas com ação telefônica de comando".¹³⁵

Piason traz a tona um fato muito marcante para os homens do 6º RI. Depois da tomada de uma elevação nos arredores da cidade de Castelnuovo di Garfagnana, os capitães Aldenor da Silva Maia e Atratino Cortes Coutinho, comandantes do pelotão de metralhadoras e da

¹³⁰Arruda, et. all., p. 153

¹³¹idem., p.181

¹³²Udihara, op. cit., p. 171

¹³³idem., p.174

¹³⁴Idem., p.181

¹³⁵Arruda, et. all., p.108

companhia de petrechos pesados de um batalhão, instalaram seus postos de comando junto ao da 3ª Companhia de fuzileiros, situado nas posições mais avançadas. Um dos pelotões da referida companhia era comandado pelo tenente da reserva José Maria Pinto Duarte. Todos ajustaram seus fogos em dispositivo defensivo para garantir a manutenção da importante posição conquistada.

A cidade de Castelnuovo di Garfagnana era de vital importância para os alemães, e estava ameaçada pelo avanço brasileiro. Ao cair da noite e início da madrugada, os alemães reuniram reservas de tropas e atacaram vigorosamente surpreendendo os brasileiros. Os brasileiros resistiram em encarniçado combate por mais de 12 horas, até o esgotamento total das munições dos brasileiros, que iniciaram então retirada. Era o primeiro revés da FEB, a 31 de outubro de 1944. Com vários mortos, feridos e sendo cercados pelos alemães, os brasileiros tentaram romper o anel de fogo que os cercava. O tenente Piason recordou, quatro anos depois que "sabemos, hoje, com certeza, que enquanto os menos graduados recebiam ordem para o abandono da casa em que se encontravam, esgueirando-se pelas curvas de nível do terreno, escoravam os oficiais a porta e guarneciam-na contra o inimigo".¹³⁶ Nesse ponto, o tenente Pinto Duarte recebeu uma rajada de metralhadora e teve uma perna esfaqueada.

O capitão Atratino reuniu forças e rastejou pelo terreno arrastando o tenente da reserva, enquanto tinha forças. O terreno muito acidentado retardava muito a fuga e, então, o capitão Atratino e tomou a difícil decisão de deixar o companheiro ferido abrigado e escondido num terreno, para chegar mais rapidamente às linhas brasileiras e retornar com patrulhas em socorro do tenente. Assim o fez. Patrulhas de voluntários saíram em busca do tenente, sempre repelidas pelo fogo alemão, algumas deixando no terreno mais mortos.

Somente quando terminou a guerra, em maio do ano seguinte, o capitão Atratino conseguiu retornar ao local, e encontrar o cadáver insepulto, mumificado pelo congelamento, de seu companheiro no local onde havia deixado. Essa história nos dá uma boa ideia de como a experiência da linha de frente unia e criava laços de camaradagem entre os homens. Eles estavam lá, vendo de perto os olhos do inimigo no calor do combate. Eles não receberam fogos de artilharia em apoio, nem foram remuniçados pelos homens da retaguarda. Só retrocederam ao findar suas munições, após diversas baixas. E quando regressaram às linhas brasileiras o que receberam? Como havia descrito o tenente Massaki Udihara, a indiferença de chefes que "não dão valor a vida",¹³⁷ em situações onde "poucos se aproveitam do sangue de muitos".¹³⁸

¹³⁶Arruda, et. all., p.109

¹³⁷Udihara, op. cit., p.324

O tenente Piason decreve que assim que chegaram às linhas brasileiras, cansados, moralmente abatidos, traumatizados pela violência e a perda de tantos companheiros, aqueles "elementos que só mereciam palavras de exaltação e estímulo" foram reprimidos pelo General Zenóbio da Costa, em formação, "terminando com a afirmação de não passarem todos de covardes fugindo diante de meia dúzia, de uma patrulha de inimigos desmoralizados".¹³⁹

Outro tenente da reserva, José Gonçalves, disse que "o comando brasileiro, naquela ocasião, atirou toda culpa sobre os elementos combatentes [...] aqueles que voltaram da luta depois dos duros combates [...] nem a pecha de covardes foi poupada a alguns que tudo fizeram".¹⁴⁰

O tenente Massaki referiu-se ao episódio em seu diário: "parece que o pânico deu-se no I batalhão. A 1ª, dizem, que recuou com muitas baixas. O mesmo com a 3ª, que segundo contam, foi posta em forma pelo general e chamada de covarde".¹⁴¹ Sem nenhum espanto, o tenente escreveu: "atitude característica e própria de quem vem. É esse o modo de elevar o moral e não compreender a situação".¹⁴²

O general Zenóbio da Costa é citado comumente nas memórias dos veteranos. Em geral, como uma figura odiada pelos *febianos*. O tenente da reserva, José Gonçalves, recorda-se que, na ocasião desta retirada dos elementos do 6º RI perante o contra ataque alemão, ocorreram erros do comando. O batalhão estava ocupando uma extensa frente de quatro quilômetros, atacando sem reservas e sem ressuprimento de comida e munição.¹⁴³

Segundo o tenente José Gonçalves, até mesmo o Major Gross, comandante do I batalhão do 6º RI teria se manifestado com bastante firmeza, posteriormente, ao general Zenóbio da Costa: "foi cometido um crime contra meu batalhão, e desse crime sinto que sou cúmplice porque executei as operações, porém não me julgo o criminoso - ataquei sem reserva de tropa e sem reservas de munição e alimentos, e disso não me cabe culpa direta".¹⁴⁴

Como curiosidade, o Manual de Campanha de Infantaria estadunidense, traduzido para FEB, em seu tópico sobre o emprego das reservas, salienta que: "d. as missões que podem ser inicialmente executadas pelas reservas são: [...] (5) para fazer face aos contra ataques".¹⁴⁵

¹³⁸Ibid., p.333

¹³⁹Arruda, et. all., p. 106

¹⁴⁰Idem., p.186

¹⁴¹Udihara, op. cit., p.153

¹⁴²idem., p. 153

¹⁴³Arruda, et. all., p. 187

¹⁴⁴Idem., p.187

¹⁴⁵AHEX, Manual de Campanha da infantaria - 1942, FM 7-40, p. 134

O tenente da reserva, Goes de Andrade, também recorda-se da fama do general Zenóbio: "o nome mais usado na frente, pelo que eu ouvi, era o do general Zenóbio. Porém, a impressão não era de simpatia, pois o general Zenóbio era considerado intratável".¹⁴⁶ Com direito a paródia do samba *atire a primeira pedra*:

"Covarde sei que me podem chamar
Mas, eu em Castello não hei de voltar...
Atire a primeira bomba tedesco
Que eu quero ver Zenóbio avançar..."¹⁴⁷

Como escrevia muitas vezes em tom de desabafo, deixo aqui uma última lembrança do diário do tenente da reserva, Massaki Udihara, sobre o general Zenóbio. Ao recordar-se de um fato da chegada na Itália em conversa com um colega, o tenente explodiu de raiva. Depois, em seu diário, registrou que logo depois do revés, no início de novembro, foram chamados a conversar com o general. Antes da conversa, um coronel teria lhes ensinado o que responder, do contrário o general se zangaria com eles. "Deviam dizer que a condição física de todos era boa, não faltava nada, e assim por diante. Depois o general não teve palavras de conforto [...] o que me disse dá bem ideia a impressão de alguns: não esquecerei nunca. Criei-lhe um ódio único".¹⁴⁸

E ainda explicou o motivo da raiva, a tropa ser referida no jornal *Zé Carioca*, do comando da FEB, como "os homens de Mascarenhas de Moraes, os infantes de Zenóbio da Costa. Isso que determinou a explosão. É isso que passará para a história e será contado e repetido como uma tradição, gerações afora".¹⁴⁹

O general Mascarenhas, também não era poupado. O tenente da reserva, Goes de Andrade, ressalta que o "alto comando não podia ser bem visto na frente. Nem a retaguarda. Os comentários, os apelidos, as críticas que se faziam, eram uma demonstração [...] nessas condições espinhosas, o nome do Marechal Mascarenhas não seria utilizado por afeição[...]".¹⁵⁰

O tenente Massaki Udihara registrou em seu diário algumas impressões sobre o comandante da FEB: "Dá a impressão que só olha, sem ter qualquer decisão, parecendo mais fazer o que os outros querem".¹⁵¹ Em outro momento, num dia de formatura para inspeção pelo general Alexander, comandante americano de todas as forças na Itália, faz um registro o comparando com o general Mascarenhas:

¹⁴⁶Arruda, et. all., p. 386

¹⁴⁷Idem., p. 386

¹⁴⁸Udihara, op. cit., p.351

¹⁴⁹idem., p. 351 - 352

¹⁵⁰Arruda, et. all., p.385

¹⁵¹Udihara, op. cit., p. 163

"Apesar da inutilidade dessas formaturas, boas para os chefes vangloriarem-se [...] Alto, magro, de bigode, fisionomia austera e rígida, impressiona pela energia e determinação que demonstra. Mas não gosto, pois não é simpático e dá impressão de certa rigidez. Posso me enganar, cumprimentou a todos. Dirigiu umas palavras dizendo estar bem impressionado com o aspecto dos homens, cria também no nosso valor, esperando mais e todo o resto que se diz nessas ocasiões.[...] Que logo nos veria outra vez na linha de frente. Desejava a todos boa sorte. Contraste com o nosso general. Mal ajambrado, sem personalidade, perto de quem tem todos os característicos de miitar velho e de sangue. De fazer pejo tal diferença de atitudes".¹⁵²

Fica a impressão de um grande distanciamento entre a tropa e o alto comando da FEB. O depoimento do tenente da reserva Roger de Carvalho Mange vai de encontro ao anterior, em relação ao distanciamento do comando, também sentido na linha de frente. Segundo o tenente, "no início da campanha, as pequenas frações sentiram-se praticamente abandonadas no campo de batalha, tal a distância em que se encontravam os comandos de batalhão e regimento (por vezes 20 a 30 quilômetros, nas montanhas)".¹⁵³

O mesmo tenente recorda-se de situações em que o comando solicitava operações que os homens da linha de frente sabiam que resultariam em baixas inúteis. Como pelotões e companhias que ficaram mais de 36 horas sem ressuprimento, mesmo sob fogos alemães, devido a cumprirem ordens de ocupar elevações de difícil acesso, ficando sem contato com o posto de comando.¹⁵⁴ Ou ainda, de certa ocasião em que o comando do regimento decidiu colher informações sobre as posições inimigas enviando uma patrulha. A patrulha foi formada com soldados que estavam em reserva, a quilômetros de distância da linha de frente ao invés de utilizar homens que estavam naquela região do *front* e já conheciam alguns pontos ocupados pelos inimigos. O caminho da patrulha já veio pré estabelecido do comando do regimento, e seu itinerário passava por essas posições inimigas, sendo o oficial da patrulha alertado. O resultado foi catastrófico. Os alemães permitiram a passagem da patrulha, e realizaram cerco a certa altura. O oficial comandante foi morto, quatro soldados feridos caíram prisioneiros. A patrulha só não foi destruída pois os homens que haviam o alertado lançaram missão de resgate afugentando os alemães. A patrulha só confirmou o que já havia sido dito anteriormente.¹⁵⁵

Em todos esses casos que resultaram baixas, segundo o tenente da reserva, Roger de Carvalho Mange:

"o que houve, a nosso ver, foi principalmente falta de capacidade organizadora e falta de coordenação e de rapidez no funcionamento dos vários

¹⁵²Udihara, op. cit., p.159

¹⁵³Arruda, et. all., p. 122

¹⁵⁴Idem., p.123

¹⁵⁵Idem., p. 127

órgãos, provavelmente devidas, em grande parte, à rotina da vida de caserna em tempo de paz e à excessiva burocracia, cujos efeitos, mesmo em campanha, se fizeram sentir desastrosamente".¹⁵⁶

Também, o sargento Boris Schnaiderman, recordou-se que certa vez o comando de sua bateria de artilharia foi passado a oficiais que haviam chegado do Brasil. "Não houve qualquer cerimônia de despedida, sequer um aperto de mão, e lá se foi o nosso major, tão alheio a cada um de nós como desde o início, e nunca mais soube algo a seu respeito".¹⁵⁷

É interessante observar o que consta no anexo do relatório de campanha do Estado Maior, uma nota para boletim, de caráter reservado. Expedida em 19 de dezembro de 1944, assinada pelo comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes. A instrução era de que o documento fosse lido por todos os oficiais e sargentos da FEB.

No documento, o comandante dá orientações àqueles que possuem comando em qualquer escalão. Orienta que "jamais admitimos que, ordem de qualquer natureza, possa ser dada sem que, para a previa decisão haja desconhecimento da situação dos executores. Os chefes são capazes [...] sabem o que deles se pode exigir e sabem até que limite [...]".¹⁵⁸ Também afirma que "os chefes se baseiam nas informações, principalmente no que se relacionam com o emprego dos meios, em qualquer situação de combate. É indispensável que as informações sejam verídicas, positivas ou negativas".¹⁵⁹ Ordena aos oficiais que "nunca murmuremos, principalmente na presença de subordinados, pois deixamos transparecer desconfiança nos chefes ou comandados".¹⁶⁰

O documento traz um tom aproximador entre comandantes e subordinados, mas evoca a justiça e a severidade com aqueles que não atenderem as expectativas. Assim como o manual de campanha da infantaria de 1942, que afirma a necessidade de visitas constantes do comandantes aos subordinados na linha de frente.¹⁶¹ Mas nem as orientações do general ou do manual, nesse sentido, parecem ter diminuído o problema do distanciamento entre o alto comando e os *febianos*.

O tenente Massaki Udihara, em seu diário no dia 10 de março de 1944, deixa um registro que resume como ficou a situação entre *estabelecidos* e *outsiders*, ou seja, entre *caxias* e *febianos*:

¹⁵⁶ Arruda, et. al., p.129

¹⁵⁷ Schnaiderman, p. 132

¹⁵⁸ AHEx, acervo FEB, Relatório de Campanha do Estado Maior, anexo 9, folha 1.

¹⁵⁹ Idem., folha 1

¹⁶⁰ Idem., folha 2

¹⁶¹ AHEx, acervo de manuais e regulamentos do Exército, Manual de Campanha da Infantaria (FM 7-40), p.15-17

"Depois do almoço estive com o Mendes e o Piason. Conversa sobre os fatos que antecederam e foram concomitantes com o ataque. Cada um na sua parte ouvindo e sabendo o suficiente para ter confirmada a sua opinião sobre as características dos nossos cheges. Em tudo estamos desiludidos. Temos uma opinião que é unânime sobre a capacidade e a proficiência dessa gente. Na parte que nos toca, **terão em nós os maiores inimigos desse sistema e [...] terão que falar com dados e observação, sobre tudo que aconteceu aqui. O repositório de fatos que se está acumulando é suficiente para se falar a vida toda.** Em meio a essa gente não merece nada pelo seu caráter e moral. Uma verdadeira cálifa de incompetentes e desonestos".¹⁶²

Não resta dúvida de que durante a campanha já existia diferenciação entre *nós* e *eles*. Os *febianos* criaram uma nova consciência coletiva a partir das novas experiências que vivenciaram. Essa nova consciência estava impressa na identidade coletiva dos *febianos*, que reverenciavam valores distintos dos *caxias*, que agiam tendo em mente diferentes perspectivas e interesses, que viam na FEB um modelo alternativo ao *Exército de caxias*.

Outro indício desse conflito velado entre *febianos* e *caxias* nos é dado pelo testemunho do tenente da reserva Demócrito Cavalcante de Arruda:

"Se no terreno tático, relativamente simples, aconteceu tal alheamento do comando em relação a situação avançada dos homens, é fácil imaginar-se o desencontro que existiu, no terreno dos sentimentos, entre a tropa e comando. Desencontro que, quase sempre, foi divórcio e, algumas vezes, foi revolta, contida apenas pela compreensão unânime e instintiva de evitar uma situação que, ocorrendo em solo estrangeiro, se poderia tornar humilhante para as nossas forças armadas e dolorosíssima para o conceito do nosso povo."¹⁶³

A identidade dos *outsidersfebianos* surgiu com base na nova experiência vivida e no conflito com a identidade *estabelecida* dos *caxias*. A separação entre *nós* e *eles*, segundo os testemunhos dos *febianos*, também estava marcada pela tentativa de introdução de um modelo alternativo ao do *Exército de Caxias*. Mas o que podemos insinuar a partir dos momentos em que *febianos* e *caxias* entraram em rota de colisão?

2.3 Rota de colisão: a consciência febianana nos conflitos com os caxias

Como já observamos, *caxias* e *febianos* possuíam diferentes perspectivas de pensamento e ação. É evidente que a relação de poder entre os dois grupos era francamente

¹⁶²Udihara, op. cit., p.293

¹⁶³Arruda, et. all., op. cit., p.68

favorável aos *caxias*, pois ocupavam os mais altos postos da hierarquia, utilizavam uma estrutura jurídica, traduzida nos regulamentos do Exército, para disciplinar a tropa. A hierarquia, no *mundo militar*, pode ser vista como um eixo vertical, em que o fluxo de movimento é originado de *cima* para *baixo*.

Como já vimos no primeiro capítulo, segundo o RDE, "a disciplina é o exato cumprimento dos deveres de cada um, em todos os escalões de comando e em todos os graus da hierarquia, que confere, progressivamente, autoridade ao de maior graduação ou posto".¹⁶⁴ A importância da hierarquia e da disciplina se destacam, como um dos fundamentos da instituição, a continência individual é vista como "prova de disciplina, que o militar é obrigado a prestar aos superiores".¹⁶⁵

Essa noção era defendida pelos *caxias* na FEB, como representantes do *Exército de Caxias*, e de suas tradições. E como vimos no segundo capítulo, os *febianos* pensavam de maneira muito distinta. Tinham outra perspectiva, mais humana e moral, sobre a disciplina. O final deste capítulo pretende abordar momentos em que as perspectivas se encontraram, e colidiram.

2.3.1 A revolta do bigode e a rebeldia do 6º RI: o direito importa?

No primeiro capítulo, observamos a importância dos regulamentos e da hierarquia para a estrutural do Exército e também como item estruturante da identidade e da visão de mundo dos militares. No segundo, vimos que a severidade e o rigor excessivo no cumprimento dos regulamentos eram vistos pelos *febianos* como característica do *Exército de Caxias*, e não era bem vista no *Exército da FEB*. Essa prática de excesso de rigor era traduzida com a palavra *caxiagem*.

O tenente da reserva, José Alfio Piason, nos revela que às vésperas do embarque, o general Zenóbio da Costa decidiu que nenhum soldado brasileiro poderia ter bigode, e ordenou que todos raspassem. Segundo o tenente Piason:

"A respeito dos bigodes pode-se dizer o seguinte: sabida a atração que o brasileiro atual tem pelo bigode, melhor seria não ligar maior atenção a isso do que tentar aboli-lo; no entanto, certo General, segundo parece, sabedor de não ter o americano por ele, bigode, igual simpatia, tentou fazer que todos os elementos da FEB abandonassem seu uso; todavia, ao invés de convencer,

¹⁶⁴ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento Disciplinar do Exército de 1942, p.3

¹⁶⁵ AHEx, Acervo de Manuais e Regulamentos, Regulamento de Continências, Honras e Sinaes de Respeito das Forças Armadas de 1942, p. 4

ordenou; e foi então que a oposição se revelou em toda sua intensidade; não havendo regulamento a proibir seu uso, tornou-se possível desobedecer sem ser punido; fazia-se o jogo do povo que, por temperamento, não gosta de ser obrigado. Foi esse, talvez, um dos primeiros e importantes germens de rebeldia, que, logicamente, em certas ocasiões teria de se agravar; chegou-se a tal ponto que, por fim, até mesmo um Coronel Comandante de Regimento, conceituado entre seus pares e de há muito usando bigode, se negou a rapá-lo, apesar de toda a pressão superior; ficaram os menos graduados - oficiais e praças - a torcer por ele, desejando que não se curvasse; porém quando, apenas embarcada a tropa, apareceu o Coronel sem bigode, foi um desapontamento geral; foi, como se dizia então, uma verdadeira desilusão e, como revidé, mais aumentou a resistência dos pequenos, pois alguns sem bigodes... passaram a tê-lo."¹⁶⁶

O outro exemplo vem de um Inquérito Policial Militar de 102 páginas e trata de atos de "rebeldia" no 6º RI,¹⁶⁷ ocorridos no acampamento em Vada, Itália, em setembro de 1944. Inicialmente a situação é descrita da seguinte forma, o major chefe do serviço de suprimento relata que lhe chamou atenção certa agitação com o pessoal da companhia de serviços e chegando perto do local percebeu que o 2º tenente Mario Marcio Fontanila da Cunha, da companhia de Obuzes tentava colocar os homens em forma e estes reagiam com desordem à tentativa.

O major notou ainda que alguns deles estavam embreagados, pois lhes fora servida ração de vinho, momentos antes, enquanto faziam refeição quente. Com ajuda de alguns sargentos da companhia o major entrevistou na situação e conseguiu colocar os homens em forma ainda que relutantes.

Enquanto o major proferia palestra aos homens, surge em cena energicamente o 2º tenente Vicente Ferraz de Almeida Prado Neto, que havia sido informado pelo 2º tenente dentista Antonio Archanjo Câmara de que o tenente Mario corria perigo. O 2º tenente Vicente entrou no meio da formação e os ânimos se exaltaram definitivamente.

O major fez nova intervenção, enquanto o tenente Vicente voltou ao seu escritório. Quando retornou, o tenente Vicente veio armado de revólver para enfrentar a situação. O major entrevistou definitivamente e os ânimos foram acalmados, mas comunicou o ocorrido iniciando o inquérito.

Devido ao tamanho do processo, torna-se necessário resumir o rumo que tomou o inquérito após todos os envolvidos prestarem depoimento sendo alguns chamados para a acareação. Depois dos depoimentos, o caso passou a ser descrito de outra forma.

¹⁶⁶ Arruda, et. all., op. cit., p.97

¹⁶⁷ AHEx, Acervo FEB, Livro 244, Inquéritos Policiais Militares.

Os soldados faziam refeição encostados a beira da estrada quando passou um jeep em alta velocidade jogando terra na comida de todos, que reagiram com gritos indignados. Era o 2º tenente Mario, que estacionou o jeep e foi colocá-los em forma. Quando o major viu a situação e entrevistou, proferiu palavras que, segundo seu depoimento, fizeram com que as praças "finalmente obedecessem seus superiores e mesmo algumas das praças que assistiam, em lágrimas, emocionadas, deploraram e se arrependiam dos atos praticados". Nesse momento o 2º tenente Vicente entrevistou com agressões e socos à praças da tropa em forma que lhe informavam que ele "não podia" fazer aquilo. E as agressões foram o início da real confusão.

O resultado é que o réu passou a ser o 2º tenente Vicente. O inquérito terminou em abril de 1945, e assim foi determinado: "resolveu o Conselho de Justiça [...] mandar arquivar os presentes autos de IPM, por achar que os fatos - tidos como violentos - praticados pelo 2º tenente Vicente, estão perfeitamente justificados".

Nosso interesse, tanto no caso da revolta dos bigodes, quanto no inquérito sobre a rebeldia no 6º RI, recai sobre a importância dos regulamentos para *caxias* e *febianos*. Nesse sentido, o historiador E. P. Thompson afirmara que

"as regras e categorias jurídicas penetram em todos os níveis da sociedade, efetuam definições verticais e horizontais dos direitos e status dos homens e contribuem para a auto definição ou senso de identidade dos homens. Como tal, a lei não foi apenas imposta de cima sobre os homens: tem sido um meio onde outros conflitos sociais tem se travado."¹⁶⁸

As relações de poder entre *caxias* e *febianos* também perpassa a questão dos ordenamentos jurídicos. Sobre como os homens que estavam amarrados a estes ordenamentos, conseguiram manejar para se reapropriar dos mesmos quando viam oportunidade de conquistar vantagens disso. E é sob esse aspecto que a "revolta dos bigodes" e a percepção do abuso praticado pelo 2º tenente Vicente deve ser encarada. Desse modo, fica a dúvida: indisciplina ou consciência?

Para os *estabelecidos*, com sua visão estritamente regulamentar e hierárquica do que é a disciplina, esses atos constituíam mera indisciplina ou rebeldia. Mas para os *outsiders*, que tinham uma identidade coletiva em formação, baseada em novas experiências e no enfrentamento aos *estabelecidos*, esses episódios revelam que eles tinham consciência das relações de poder, mas encaravam os regulamentos sob uma perspectiva de direitos. Havia um limite para a severidade militar, e ele era estabelecido pelos regulamentos.

¹⁶⁸ Thompson, 1987, p.358

2.3.2 A polêmica do uniforme: uma tentativa de agência

A questão do uniforme da FEB se inicia antes mesmo do desembarque na Itália. Uma comissão de oficiais do Estado Maior esteve na Itália, para averiguar as necessidades das tropas brasileiras que mais tarde atuariam naquele país. No que se refere ao uniforme, o resultado foi o decreto 15.100 de 20 de março de 1944, um plano de uniformes tipo FEB, tido como adequados ao uso durante a guerra.

Mas como já vimos, testemunhos dão conta de que logo ao chegar em Nápoles os brasileiros foram confundidos pelos italianos com *prigioneri tedeschi*, encontrando assim uma péssima recepção por parte da população italiana em geral.

O tenente da reserva, Mario Amaral, recordou que "não sabemos em que foi aplicado o tempo gasto pela comissão, sabemos somente que os uniformes da FEB foram confeccionados quer no formato, quer na cor, com extrema semelhança dos uniformes usados pelos alemães".¹⁶⁹

Outro tenente da reserva, Paulo Dumangin Santos, afirmou que desde o início do treinamento com os instrutores estadunidenses, em suas unidades do *US Army*, o tenente Nishimura, muito preocupado, lhe deu as seguintes orientações: "ande sempre junto de mim em qualquer situação, porque o seu uniforme assemelha-se '*singularly*' com o dos *Jags* que temos à nossa frente e [...] os nossos homens poderão confundir".¹⁷⁰ Da mesma forma, já em combate, quando os brasileiros substituíram tropas estadunidenses em posição na linha de frente durante a noite, ouviu pedido de oficial americano para que no escuro, não saísse nenhum brasileiro da posição sem capacete, pois era o único meio de distinguir o uniforme brasileiro do alemão, e que "sentiria imensamente que ocorresse algum acidente".¹⁷¹

O tenente Massaki Udihara tinha a mesma preocupação, segundo consta em seu diário, em setembro de 1944: "só uma nota: o nosso uniforme. Mais uma vez se confirma a sua semelhança com o do alemão e o perigo que isso representará para nós. Sem dúvida alguma receberemos fogo".¹⁷² A possibilidade de receber fogo amigo das unidades vizinhas era real, e o já citado tenente Santos afirma terem ocorridos incidentes ao longo da campanha.¹⁷³

Além do risco de serem confundidos com os alemães, a nova farda tipo FEB também recebeu críticas sobre a qualidade. O tenente da reserva, Túlio Campello de Souza, afirma que

¹⁶⁹ Arruda, et. all., op. cit., p.173-174

¹⁷⁰ Idem., p. 301

¹⁷¹ Idem., p. 301

¹⁷² Udihara, op. cit., p. 99

¹⁷³ Arruda, et. all., op. cit., p. 302

"o uniforme de brim verde oliva de péssimo material e corte hediondo, donde o apelido de 'Zé Carioca' que o mesmo grangeou. Após a primeira lavagem esse uniforme ficava reduzido a dois terços do tamanho, tolhendo os movimentos do seu dono, além de expô-lo ao ridículo".¹⁷⁴

Assim como o tenente Udihara, que registrou em seu diário logo depois de receber novas peças de uniforme: "são tais que todos tem vergonha de usar. [...] causa realmente vergonha a qualidade e o feitio. O aspecto não poderia ser mais ridículo. Dentro dela qualquer um se sentiria mal. Somos os mais mal vestidos e os mais mal ajambrados".¹⁷⁵

Some-se a essas críticas a necessidade da utilização de peças de uniformes do Exército estadunidense, fornecidos em grande número para os pracinhas durante o rigoroso inverno italiano. E também a customização do uniforme com peças conseguidas dos exércitos vizinhos e de civis italianos. O resultado não podia ser diferente, despadronização em larga escala no uso do uniforme. Descumprimento do plano de uniformes da FEB, seja por necessidade ou juízo de gosto.

O comando, respondeu com a tradicional *caxiagem* à iniciativa dos soldados, na intenção de fazê-los abandonar a despadronização do uniforme, como consta numa recomendação sobre uniformes em boletim:

"I - Algumas praças estão andando com blusa feita com o cobertor de lã e, hoje mesmo, este Comando teve o desprazer de punir dois soldados do 11º RI, que assim se fardaram. É uma grave alteração do uniforme e, ao mesmo tempo a ostentação de haverem inutilizado um artigo da Fazenda Nacional. [...] Este comando lamenta em ser levado a declarar que responsabilizará também os oficiais cujos comandados venham a contrariar essas recomendações."¹⁷⁶

A "rebeldia" dos soldados em não cumprir os plano de uniformes da FEB era somente questão de estética? Baixas por fogo amigo vindo de unidades aliadas e partisanos italianos poderiam ter ocorrido devido a semelhança entre o uniforme brasileiro e o alemão. Além disso, o uniforme brasileiro era de baixa qualidade e não havia peças suficientemente grossas para o inverno. Parece seguro afirmar que os soldados descumpriam o regulamento, visando um mínimo de dignidade e conforto.

Mas o mais interessante está por vir. Assim como no *US Army*, os soldados criaram sua própria imprensa de guerra, que veiculava notícias e trazia divertimento aos soldados da linha de frente. Esses jornais de trincheira eram feitos por homens da linha de frente para homens da

¹⁷⁴Arruda, et. all., op. cit., p. 210-211

¹⁷⁵Udihara, op. cit., p.342

¹⁷⁶AHEX, Acervo FEB, Caixeta Serviço Especial FEB, Boletins internos da pagadoria fixa 1º Semestre de 1945, Boletim interno nº12, 16/03/1945.

linha de frente. Sua concepção, nesse sentido, era carregada com os valores vindos da experiência de combate e privações. Na FEB, rapidamente surgiu um desses jornais, chamando *E a Cobra fumou!*

Esse jornal será analisado no terceiro capítulo do trabalho, junto com o jornal do Serviço Especial da FEB, *O cruzeiro do Sul*. Mas por hora, em se tratando da questão do uniforme, nos interessa a posição do *Cobra*:

"[...] tendência do pracinha em copiar uniformes de outros exércitos, faz o resto. O resultado é que em cada 5 soldados, cada um se veste de maneira diferente. Até peças do fardamento americano chegam a vestir. Nos meses frios, o uso geral das roupas de lã, capote e galochas não tornou o problema tão grave.[...] Ao nosso ver, a maior dificuldade reside nesse fato. A < farda tedesca > é repelida por gregos e troianos. E, sejamos francos, ela deixa muito a desejar: fazenda imprópria, apertada, desajustada e por isso mesmo deselegante, forma um contraste aos esportivos e práticos uniformes americanos e ingleses. Alguns espíritos inovadores tem posto em uso uma combinação que bem poderia ser aprovada pelos superiores: camisa de tricoline, de graduado (sem as insígnias, é claro...) e gravata, calça escura de brim, sem perneiras e gorro sem pala de lã. Em dias mais frios, acrescentar o uso da jaqueta impermeável. Vale apenas experimentar?"¹⁷⁷

A constatação de que o uniforme era similar ao alemão, feio em comparação aos demais uniformes aliados, de baixa qualidade, resulta numa sugestão de uso de peças de uniforme fora do padrão definido no plano de uniformes tipo FEB. A iniciativa é sintetizada na última frase: *Vale a pena experimentar?*Essa frase demonstra a utilização do jornal como veículo de agência, na tentativa de uma organização radicalmente contrária a hierarquia militar, uma organização de *baixo para cima*. Na esperança de uma aceitação em larga escala por parte dos pracinhas e a partir daí, conformismo dos escalões superiores da hierarquia.

¹⁷⁷E a Cobra fumou!, nº8, p.4, seção Neurastênico: queixas e sugestões.

Capítulo 3: A imprensa militar na FEB: vozes dissonantes?

O homem da linha de frente, preocupado com a sobrevivência diária e com as ordens que executa, como já vimos no capítulo anterior, anseia por notícias de casa, da família, dos amigos, que chegam através das cartas. Vimos a importância dessas cartas para manter o moral elevado da tropa.

Visando privilegiar este aspecto moral e o ânimo combativo, todos os exércitos empregados no *front* ocidental da Segunda Guerra Mundial, cada um a sua maneira, utilizaram-se também de uma nova arma psicológica: a imprensa militar. No caso do Teatro de Operações Italiano, estavam presentes uma grande diversidade de exércitos combatentes aliados, seus inimigos alemães e o que restava das unidades fascistas da Itália, em territórios ocupados pela Alemanha.

Na Itália, por exemplo, estavam presentes os jornais estadunidenses *Yank* e *The Stars and Stripes*, respectivamente editados com a visão institucional do *US Army* da tropa. Os alemães comumente bombardeavam as posições brasileiras com projéteis de artilharia que explodiam distribuindo folhetos de propaganda nazista em português, além de irradiarem programas em português para os brasileiros através de duas rádios: a rádio de Berlim e a rádio de Milão, auto intitulada a voz da República Fascista.¹

Joel Silveira, correspondente de guerra do periódico *Diários Associados*, não deixou de notar a inédita presença da recém criada imprensa militar brasileira na Itália. Sobre isso ele afirmou:

"A FEB, à semelhança dos demais Exércitos aliados que lutam aqui na Itália, dispõe também dos seus jornais próprios. Um deles é o *Zé Carioca*, um pequeno boletim mimeografado em Florença e que traz, muito resumidamente, as notícias do mundo apanhadas pelo rádio. O redator chefe do *Zé Carioca* é o pracinha José Cesar Borba. *E a Cobra Fumou* é um jornalzinho rebelde, que às vezes traz excelentes e equilibrados comentários. Um dos seus mais recentes tópicos é uma crítica às várias campanhas realizadas aí no Brasil em prol do soldado expedicionário. O jornal cita uma série delas, e pergunta por que até agora os soldados brasileiros ainda lutam com dificuldade para conseguir um maço de cigarro nacional. Quando esta reportagem chegar aí, já deve estar circulando o *Cruzeiro do Sul*, espécie de órgão oficial da FEB, e que traz uma saudação especial do general Clark. Ainda há poucos dias o general Mascarenhas de Moraes me falou pessoalmente do *Cruzeiro*, e me declarou que o jornal brasileiro não ficará devendo nada, em apresentação e noticiário telegráfico, aos congêneres americanos e ingleses".²

¹Ver a crônica presente da Quinta Coluna de Joel Silveira, publicada originalmente nos *Diários Associados* e posteriormente em seu livro *O inverno da Guerra*.

²Silveira, op. cit., p.40

A intenção, neste capítulo, é apresentar separadamente ao leitor dois dos veículos da imprensa militar brasileira, *O Cruzeiro do Sul* e *E a cobra fumou*, e analisar se os dois veículos apresentam vozes dissonantes entre si, se eram os porta vozes de *caxias* e *febianos*.

Convém ressaltar que na FEB surgiram outros jornais além dos citados por Joel Silveira nesse trecho. Pequenos jornais mimeografados surgiram em várias unidades da FEB. Ao pesquisador se impõem diversas limitações, no caso específico da FEB, uma das grandes dificuldades encontradas é a vastidão de documentos expedidos na Itália e que estão espalhados pelo território nacional, em poder de unidades do Exército, além daquelas depositadas no AHEx, em Associações de Ex-combatentes, e de veteranos e seus familiares. Não existe uma padronização, ou arquivo que concentre a documentação da FEB, tornando a busca por documentos específicos tão ou mais difícil que buscar uma agulha num palheiro.

3.1 Uma visão geral do 'E a Cobra Fumou!'

Cabeçalho do jornal *E a Cobra Fumou!*



Figura 2

Impresso em tipografias e oficinas italianas, o primeiro número do jornal *E a Cobra Fumou!*, foi lançado em 17 de agosto de 1944, no acampamento de Tarquínia, conforme aponta o cabeçalho do jornal (Figura 2). Lançado quase 5 meses antes de *O Cruzeiro do Sul*, este foi o principal veículo da imprensa militar brasileira a circular com os soldados da FEB até o lançamento do *Cruzeiro* em janeiro de 1945.

O jornal teve 14 números impressos ao total, sendo que sua composição variava entre 4 e 8 folhas por número. O intervalo entre um número e outro era irregular, variando entre duas semanas e um mês, o que era compreensível pois os militares escreviam, organizavam e imprimiam seus números nos momentos possíveis, que não interrompessem ou prejudicassem suas funções militares, pois seu diretor e redatores eram militares combatentes do 1º batalhão

do 6º RI. O diretor era o tenente da reserva José Alfio Piason, os redatores eram o cabo Higino, soldado Vidigal e soldado Dalcio, o secretário era o cabo Catani e a impressão responsabilidade do soldado Gaspar.³ Era, portanto, organizado por um oficial subalterno da reserva e cincopraças. O tenente Piason, é um dos autores do livro que usamos como fonte recorrente, *O depoimento dos oficiais da reserva sobre a FEB*, e ele era médico na vida civil. As praças que também organizavam o jornal, como observamos no primeiro capítulo em outros exemplos, podiam ter experiência civil como tipógrafos ou gráficos. Infelizmente, apesar de esforços específicos no AHEx com o objetivo de encontrar dados sobre a origem social desses praças, nada foi encontrado. Eles não estavam entre os certificados de reservistas examinados, nem nos relatórios do comandante do 6º RI. No AHEx não havia qualquer caixeta ou livro que tivesse indício de documentos sobre o *Cobra*.

Todos febianos podiam escrever, apesar de o jornal afirmar que a sede da redação ficava "nas barbas do tedesco" (próximo ao alemão), do telefone "estar com defeito" (com o fio sempre cortado pelas explosões da artilharia alemã), que as oficinas ficavam "aqui, ali" (mudando de posição frequentemente), e a caixa postal era "de mão em mão" (literalmente),⁴ não havia nenhuma dificuldade, bastava entregar a colaboração por escrito ao cabo Catani.⁵

A colaboração também vinha através do financiamento voluntário do jornal. É possível encontrar, em suas páginas, agradecimentos por doações em dinheiro, como a seguinte: "Agradecemos aos srs. oficiais e às praças da C.C. 1 que nos enviaram valiosa contribuição, para o engrandecimento e custeio de nossa folha".⁶

É impossível precisar a tiragem de todos os números do jornal, sendo que somente o número 13, do mês/ano, exhibe essa informação: 5.000 exemplares. Mas é possível apontar que o jornal passava de mãos em mãos e não seria correto afirmar que a tiragem limitaria o público atingido pelo jornal. Eram jovens, soldados na linha de frente ou retaguarda, com algum tempo ocioso, ansiosos por notícias do Brasil ou da guerra. O jornal orientava seus leitores nesse sentido, de multiplicar o acesso dos febianos ao jornal. Em um dos números encontramos: "Essa redação faz um apelo aos srs assinantes desta folha, que façam afixar os números

³ E a Cobra fumou!, nº9, p.2.

⁴ Idem, p.2

⁵ Idem, nº6, p.3.

⁶ Idem, nº6, p.3

publicados, nas respectivas companhias, para que todos os soldados possam divertir-se alguns momentos, lendo o jornalzinho - que é inteiramente nosso".⁷

Podemos imaginar que a circulação do jornal tinha alcance surpreendente, foram encontrados jornais sendo vendidos em Taubaté, o que motivou protesto da redação do jornal em pequeno artigo:

"Protesto - A ser verdade o que nos informaram, exemplares de *E a Cobra fumou!*, foram expostos à venda nas bancas de jornais, em Taubaté. Chamamos a atenção de nossos correspondentes naquela localidade para esse fato e, com os nossos protestos, deixamos a afirmativa que este jornal não se vende."⁸

Em outra pequena nota, o *Cobra* afirma que "muito tem se falado e escrito no Brasil, sobre nosso jornal. Não há dúvida, a taboleta está crescendo".⁹ Sinal de que sabiam da repercussão do jornal no Brasil.

Podemos tomar como exemplo da circulação do jornal, o caso em que um soldado enviou para o Brasil um número do jornal, uma edição de natal e ano novo de 1944. Este número continha uma emotiva reportagem em espírito natalino sobre a mãe do soldado brasileiro, a distância que os separam neste atípico natal em guerra. O impacto do texto na cidade de Taubaté resultou em cartas resposta endereçadas ao jornal. Vale lembrar que o 6º RI era formado por unidades militares do estado de São Paulo, tendo recebido um contingente muito grande de moradores daquele estado, inclusive de Taubaté. Por isso, o jornal pode ter sido enviado para lá pelos próprios expedicionários. A senhora Idalina Monteclaro Cesar, legionária da Legião Brasileira de Assistência afirmou que:

"A Legião Brasileira de Assistência recebeu sua mensagem de Natal [...] Na noite de natal você foi lembrado, a princípio com tristeza, mas depois com orgulho por todos aqueles que lhe são queridos. E de todos os lábios subiram preces ardentes ao Criador, para que você conserve aí distante gozando saúde e para que volte logo à sua terra, onde lhe esperam ansiosos porque lhe querem bem. A mão de cada um de vocês que seguiu, por certo há de sofrer a saudade, que sempre vem após as despedidas, mas há de ter também o santo consolo de saber que seu filho - embora distante da pátria - cumpre um sagrado dever de verdadeiro cidadão".¹⁰

Também respondeu ao mesmo artigo o tenente coronel Domingos Ramos, comandante do 5º Batalhão de Caçadores, sediado também em Taubaté:

"Foi com profunda emoção que os oficiais e praças do 5º B.C. da Força, tomaram conhecimento da "Mensagem de Natal ao Expedicionário do Brasil" [...] Sensibilizados, o comando, oficiais e praças do 5º B.C. agradecem e

⁷Idem, nº2, p.3.

⁸ E a Cobra fumou!, nº8, p.6

⁹ Idem, p.7

¹⁰ E a Cobra fumou!, nº10, p.5

formulam aos bravos expedicionários do Brasil os votos de muitas felicidades para o ano em andamento, esperando que ele marque o retorno triunfante do Exército defensor da liberdade e dos direitos da humanidade".¹¹

Não foi possível saber como o jornal chegava ao Brasil, mas se de mão em mão ele atravessa o oceano, a ponto de uma mensagem de natal repercutir na sociedade de Taubaté, acredito ser correto afirmar que seu alcance superava tranquilamente a quantidade de jornais impressos.

E qual era o propósito do "*Cobra*"? Encontramos a resposta no primeiro número do jornal, em que o diretor, tenente da reserva Piason, faz a apresentação do jornal:

"É para mais afirmar esses princípios - liberdade, persuasão, construção - que surge esse jornalzinho, à maneira do que acontece em quase todos os acampamentos americanos; criado, para distrair, às vésperas de uma nossa mudança de sede, pequenino no tamanho mas grande na intenção, é mais um marco, pretende ser bem alguma coisa do soldado brasileiro, e com um objetivo único a nortear seus destinos: a grandeza do BRASIL".¹²

Mais uma vez, percebemos que a experiência do contato próximo com os exércitos aliados resultava sempre em iniciativas transformadoras por parte dos febianos. Assim, o pessoal do 6º RI não quis esperar a instalação do jornal do Serviço Especial da FEB, *O Cruzeiro do Sul*, iniciando por conta própria a confecção de um jornal para distrair a tropa e, como veremos adiante, defender ideais de liberdade, direitos da humanidade e democracia.

Ainda sobre o cabeçalho do jornal, outro aspecto merece destaque. A partir do 6º número do jornal (10/11/1944), passa a ser apresentada a afirmação "não registrado no DIP".¹³ Dessa forma, fica claro ao leitor do jornal que o jornal não passa pela censura do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo.

Por fim, em todos os números está presente e em destaque no cabeçalho do jornal uma frase do general Osório: É fácil conduzir homens livres, basta indicar-lhes o caminho da honra e do dever. Cabe aqui uma primeira reflexão sobre o jornal que o correspondente de guerra Joel Silveira, como vimos, classificou de rebelde.

O antropólogo Celso Castro afirmou que:

"durante quatro décadas, a principal comemoração militar brasileira ocorria no aniversário da Batalha de Tuiuti (24 de maio de 1866), a maior da guerra do Paraguai, tendo em Manuel Luís Osório (1808 - 1879), comandante das forças brasileiras, seu principal herói. A partir da introdução oficial do 'culto à Caxias' em 1923, nas décadas seguintes ocorreu a substituição de Osório por Caxias como modelo ideal do soldado brasileiro".¹⁴

¹¹ Idem, p.5

¹² E a Cobra fumou!, nº1, p.1

¹³ E a Cobra fumou!, nº6, p.1

¹⁴ Castro, op. cit., p.13

Celso Castro argumenta ainda que as estátuas de ambos, feitas pelo escultor Rodolfo Bernardelli na década de 1890, demonstram as diferenças entre os dois chefes: a de Osório foi feita com canhões derretidos, usados na Guerra do Paraguai, consagrando a imagem de um general guerreiro. Seu cavalo está em movimento, Osório usa uniforme de campanha, empunha a espada. A estátua de Caxias demonstra, segundo o autor, sobretudo a imagem de um aristocrata e de um estrategista. Cavalo estático, usa um binóculo, e à frente da estátua está representado seu brasão ducal.¹⁵ Os investimentos na memória de Caxias se intensificaram e, a imposição de um culto oficial à Caxias em 1923 deu início ao declínio do culto à Osório.

Num momento em que o Exército Brasileiro havia sido sacudido por revoltas, rebeliões, e instabilidade política, a figura de Caxias é vinculada à valores como legalidade e distanciamento da política. Ainda segundo o estudo de Celso Castro, discursos de época tratavam Caxias com os seguintes elogios: protótipo das virtudes militares, maior de nossos guerreiros, pilar que sustentou o império, maior general sul-americano, invicto soldado, aquele que melhor serviu à pátria e mais a estremeceu, entre outros entusiásticos elogios que sintetizavam o símbolo que ele deveria representar, de legalidade e estabilidade, de isolamento dos militares em relação à política, e posteriormente no Estado Novo, como símbolo da unidade entre Exército e nação, contra os riscos das democracias liberais e das alternativas socialistas, tidas como subversivas.¹⁶

Trago a luz essa trajetória de ascensão da memória de Caxias, estudada por Celso Castro, para que eu possa sustentar a ideia de que os editores de *E a Cobra fumou!* inseriram a frase de Osório em destaque, continuamente, de maneira proposital, evocando uma tradição então ignorada ou esquecida em detrimento do destaque à figura mítica de Caxias. Uma tradição dissidente em relação à tradição do Exército Brasileiro como instituição.

Adriana Barreto de Souza, em pesquisa sobre a memória de Caxias e Osório no início da república, afirma que "a república consolidava a imagem do herói popular [...] articula uma imagem do general, lhe atribui predicados, características de personalidade e tece uma heroicidade através de valores que pretende promover".¹⁷ Mas, cabe a pergunta: que valores eram estes?

¹⁵Castro, op. cit., p. 13-14

¹⁶ver Celso Castro: A invenção do Exército Brasileiro - Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército pp 13- 27

¹⁷ SOUZA, Adriana Barreto de. Osório e Caxias: os heróis militares que a república manda guardar. **Varia Historia**, Belo Horizonte, nº25, Julho de 2001, pp. 231-251, p.242

Segundo Adriana Barreto, "a estátua de Osório deveria exprimir o modelo de cidadão reclamado pela república, promovendo a associação entre povo e Exército".¹⁸ Os discursos e jornais de época examinados pela autora demonstram esses valores. Leôncio de Carvalho, que participara da comissão do monumento à Osório, afirmara que "como cidadão o general Osório amou sempre a democracia[...] justo é hoje que militares e paisanos ligados em cordial amplexo saúdem afetuosamente o inclícito general e benemérito cidadão [...]".¹⁹ Para Adriana Barreto, o discurso de Leôncio de Carvalho é um testemunho de que "Osório no ministério ou no parlamento foi o exemplo maior de um soldado democrata e popular e que a exemplo dele, civis e militares republicanos deveriam confraternizar em torno dos ideais liberais".²⁰

Na comemoração do centenário de Osório, em 1908, o *Jornal do Comércio* noticiou a festividade como uma festa popular. Afirmava que os veteranos da guerra que conviveram com o general gostavam de imitar sua voz, e de lembrar as anedotas contadas pelo general, que era lembrado por seu espírito extrovertido.²¹

Adriana Barreto também salienta que o jornal *O país* lembrou-se de que Osório havia se "entregado às lutas políticas prestigiando a propaganda democrática do partido liberal histórico [...] Osório era o maior exemplo do que se costumava denominar um soldado-cidadão".²²

A autora também argumenta que um artigo como parte da comemoração do centenário de Osório, o *Jornal do Comércio*:

"para apresentá-lo como líder popular, tecia uma imagem comprometida do general. Depois de afirmar que Osório era muito político, contava algumas histórias. Numa delas, sobre a batalha do Tuiuti, contava que após Caxias ter dado ordem para uma revista geral, determinando o horário em que a mesma ocorreria, Osório aproveitara um pequeno intervalo para descansar. Só que na hora marcada Osório não se apresentou, ainda estava a vontade em sua barraca e nem sequer lembrava das ordens de Caxias. Só percebeu a sua falta quando ouviu o toque do general em chefe. No artigo, o apelo popular do herói resisia no fato de estar desligado dos valores de hierarquia e disciplina. Arrematando a imagem, o artigo ainda afirma que Osório teria feito toda a campanha com blusa sem divisas e com chapéu de feltro ou palha, ignorando o uniforme oficial".²³

Observando a construção de Osório como uma figura popular, interessada na política, de um militar guerreiro, objetivo e pouco afeito à rigidez disciplinar, a formalidades como formaturas de revista à superiores que não eram diretamente úteis contra o inimigo no campo

¹⁸ Idem., p.239

¹⁹ Souza, op. cit., p. 239

²⁰ Idem., p. 239

²¹ Idem., p. 242

²² Idem., p. 243

²³ Idem., p. 244

de batalha, sinto-me à vontade para afirmar que o apelo à figura de Osório no jornal *E a Cobra Fumou!* era proposital, intencional, buscando uma tradição mais antiga e dissidente, que se contrapunha à idolatria institucional à Caxias, mais vinculada aos valores febianos.

No primeiro capítulo, defendemos a separação estrutural da FEB em relação ao Exército Brasileiro, respectivamente chamados de *Exército da FEB* e *Exército de Caxias*; no segundo capítulo defendemos a construção de identidades distintas, ambas baseadas em experiências vividas em momentos distintos, uma nova, *outsider*, e outra antiga, *estabelecida*, respectivamente *febianos* e *caxias*; neste capítulo sustento a ideia de que a imprensa militar brasileira possuía veículos alinhados a essas identidades, sendo porta-voz de suas consciências coletivas.

Nesse sentido, recorro às assertivas do historiador Edward Palmer Thompson sobre o conceito de classe:

"Por classe, entendo um fenômeno histórico [...] **como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.** [...] Ademais, a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica. [...] **A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais.** Além disso, não podemos ter duas classes distintas, cada qual com um ser independente, colocando-as a seguir em relação recíproca. Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. **A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.** A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente - **A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.** Se a experiência aparece determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma".²⁴

Parece-me seguro insinuar que a menção à Osório provém diretamente dessa consciência coletiva, da uma identidade *outsider* febiana, que buscou tradições com raízes mais antigas na instituição, para se opor em relação à outra, *estabelecida*, dos caxias. Como vimos no segundo capítulo, os caxias estavam em posição de poder privilegiado, eram militares de carreira, e também ocupavam os mais altos postos da hierarquia na FEB. Os febianos não deixaram de se organizar, de se articular, de criar um veículo de imprensa que advogue seus interesses. *E a Cobra fumou!* parece, inclusive, ser organizado de maneira muito próxima à um

²⁴Thompson, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987a, p.9-10

de um jornal operário ou estudantil. Tem o soldado secretário, praças na confecção, e um tenente da reserva, oficial subalterno convocado para a guerra na posição de direção. Depende de colaboração em dinheiro da tropa para ser impresso. Também é necessário lembrar – tal como demonstrado no primeiro capítulo -a experiência da vida civil desses homens que repentinamente tornaram-se militares. E, como veremos nas próximas páginas, o jornal merece a alcunha de *rebelde*, principalmente sendo um jornal militar.

Celso Castro já havia chamado atenção para esta questão no mesmo estudo sobre o 'duelo' entre Caxias e Osório, como figura ideal para o patronato do Exército Brasileiro. Ao citar o *Estudo sobre o patronato do Exército* de autoria do tenente coronel da reserva JB Magalhães, publicado no *Jornal do Comércio*, que defendia a figura de Osório muito próxima à de Caxias, como um subpatrono do Exército e não como patrono da arma de cavalaria.²⁵ Magalhães afirmou em seu estudo que:

"A par de tais manifestações de elementos representativos do Exército, há outras menos eloquentes, que vem da profundidade do subconsciente da sua alma coletiva, entre as quais se destaca esta: foi corrente ouvir-se dizer entre os componentes da FEB, pertencerem eles, olvidando Caxias, ao Exército Nacional de Osório".²⁶

Ao ignorar Caxias, institucionalmente tido como modelo ideal das virtudes militares, da ordem, da disciplina, do isolamento da política, o jornal evocava a imagem simbólica de Osório, do militar guerreiro, homem da linha de frente, não somente um *chefe*, mas um líder que guiava seus homens em combate, dono das virtudes do militar combatente, que age prioritariamente para derrotar o inimigo e vencê-lo no campo de luta. Osório, assim, é simbolicamente muito mais ligado aos valores febianos que Caxias.

Sendo ligado à identidade febianana, o *Cobra* era muito crítico em relação à censura, como já vimos, um tema caro aos febianos. Também em relação ao Serviço Especial da FEB, órgão que trataremos adiante ao abordar seu jornal, *O cruzeiro do Sul*.

Algumas seções de texto do *Cobra* eram destinadas a críticas mais ácidas, como as colunas 'Neurastênico' e 'Veneno'. Interessante notar que essas colunas, referindo-se à termos médicos, parecem ressaltar que vários dos oficiais da reserva da infantaria, que eram médicos na vida civil, possuíam influência no jornal. Só neste trabalho já citamos dois deles com frequência, Massaki Ujihara e Jose Alfio Piason. Este último, o diretor do jornal.

Ainda num tom medicalizante, o personagem que encarna a estafa física e mental, batizado Neurastênico, diz: "Não é porque, fazendo jus ao meu nome, eu vejo tudo com as

²⁵Castro, op. cit., p.32-33

²⁶Magalhães, apud Castro, op. cit., p.34

cores mais negras [...] o Serviço Especial, criado, segundo creio, para proporcionar distrações e divertimentos, essa instituição tem revelado uma pobreza franciscana em suas iniciativas".²⁷

No mesmo número, impresso no acampamento de Vada no primeiro dia de setembro de 1944, a seção Veneno, com seu humor ácido, que é marca do jornal, informa:

"Tenho me alegrado ultimamente com as realizações que nos são proporcionadas pelo Serviço Especial. Não há dia em que não receba jornais, revistas e alguma carta que uma boa me mandou do Brasil. Ouço músicas deliciosas pelo Radio e vejo, diariamente, filmes de minha terra. Há ainda os passeios às pitorescas regiões das vizinhanças. Toda a espécie de distrações me procuram nas horas de folga.

Obser.: Sou sonâmbulo. Escrevi estas linhas dormindo, falando das coisas com que sonho, todos os dias. Como todo sonho, está muito longe da realidade".²⁸

Já no quinto exemplar, de 12 de outubro de 1944, uma pequena nota intitulada *preciosidades da censura* transcreve trecho de carta recebida pelo Sargento Bugoli, apontando a falta de critério ou irracionalidade dos censores:

"--- Você sabe que a mãe do Bebê --- Foi de repente ---

(No espaço traçado havia um dos vácuos produzidos pela miserável tesourinha censuriana).

É uma amostra do critério inteligente que norteia alguns dos encarregados de tão importante e delicada missão, e que dispensa qualquer comentário".²⁹

Outra crítica forte ao Serviço Especial remete à queixa de sargentos publicada no jornal. Eles queixaram-se de não ter sido oferecido nenhum baile carnavalesco aos pracinhas que estavam de folga em Florença. Na coluna *Neurastênico*, a crítica de tal episódio foi dura: "Acrescentam os reclamantes que a falta é imperdoável, uma vez que animadas partidas dançantes foram proporcionadas aos oficiais em repouso e funcionários do Serviço Especial sediados ali".³⁰ Esse tratamento desigual por parte do Serviço Especial foi percebido e motivou a queixa publicada no jornal.

Ao findar a guerra, com a tropa brasileira ociosa, acampada esperando o embarque de volta ao Brasil, as críticas não diminuíram. No último número, o *Cobra* informou que o "o Serviço Especial brilha pela ausência".³¹ No mesmo número, na seção *Teatro e cinema* o jornal afirma:

"Com o término da guerra e o merecido repouso da nossa tropa na hospitaleira cidade de Voghera, podemos ter a oportunidade de noticiar o reatamento do movimento cinematográfico, interrompido desde o início desta campanha.

²⁷E a Cobra fumou!, nº3, p.1

²⁸E a Cobra fumou!, nº3., p.2

²⁹E a Cobra fumou!, nº5, p.4

³⁰E a Cobra fumou!, nº9, p.3

³¹E a Cobra fumou!, nº14, p.4

Agora o nosso pracinha pode, todas as noites se regalar com uma sessão cinematográfica. O que não lhe proporcionou amiúde o Serviço Especial durante os 10 longos meses que aqui passamos, dá-lhe agora o italiano, em troca de algumas lirinhas".³²

³² Idem, p.3

As amostras das críticas que captamos variam desde antes das operações de combate dos brasileiros, de agosto de 1944, até depois do fim das hostilidades, junho de 1945. Mas, as críticas têm lastro na identidade febianiana estudada no segundo capítulo. No caso das críticas ao Serviço Especial da FEB, essa conexão fica clara com a busca dos febianos por algum tipo de conforto, distração ou cuidado para os homens que estão arriscando suas vidas no *front*.

Como o *Cobra* orgulhava-se de ser um jornal não censurado pelo DIP, é possível acompanhar em seus números a opinião de veículos de imprensa estrangeiros sobre o Brasil e a participação da FEB na guerra.

Logo no primeiro número do *Cobra*, é publicado o artigo *Ordem e Progresso*, traduzido do jornal italiano *Risorgimento* de Nápoles. O artigo fala da ligação histórica entre brasileiros e italianos, da migração em massa, da ligação de Dom Pedro II com sua esposa, que era de Nápoles, e a ligação espiritual dos dois povos católicos. Mas, o começo do artigo não pode passar despercebido:

"ORDEM E PROGRESSO! São as palavras escritas sobre a bandeira nacional da República Brasileira. Naturalmente, não foi sempre ordenada e progressista a sorte da República: que em mais de meio século de vida (foi proclamada, por uma revolução militar ao ano de 1889) viu as liberdades democráticas conquistadas, várias atingidas por desinteligências internas, como, mais ou menos, ocorria a quase todas as jovens nações latino americanas, e por tentativas de ditadura, rapidamente evitadas pelo bom senso e pelo amor a liberdade do povo brasileiro".³³

Não podemos desprezar o fato de que fica implícitamente ressaltada - não pelo jornal, mas pelos editores do *Cobra* - a contradição flagrante que existe no caso dos soldados brasileiros, que vieram de um país em regime ditatorial, com censura e tantas violações de liberdade, para a luta contra a ditadura nazi fascista.

Em sua sexta edição, o *Cobra* traz a tradução do artigo *GIs from Brasil* publicado na revista militar oficial dos estadunidenses *Yank*. O artigo era assinado pelo cabo Jud Cook, e foi traduzido junto à agência do Banco do Brasil que acompanhava a FEB, para a leitura dos pracinhas brasileiros. O *Cobra* traz um resumo da reportagem e uma crítica do artigo:

"Esse cabo, nos revela um arguto observador e sabe ironisar tudo quanto escreve. [...] anotou, desde o nosso gorro tedesco, até as botas [...] viu-nos saindo do mato, das florestas do nosso grande *interland*, e tão habituados a ela que de lá surgíamos verdes, inteirinhos verdes, até o nosso sabonete [...] viu-nos sonolentos, fleugmáticos, sobre o carro de boi, embalados pelo cantar típico desse primitivo veículo, sendo esse o único instrumento derodas do nosso conhecimento. [...] isto é importante: que, em absoluto, não somos exigentes na alimentação, nos satisfazendo simplesmente com o feijão preto, arroz, e pela manhã um pequeno café com pão. [...] Vejam vocês! E muitas

³³ E a *Cobra* fumou!, nº1, p.4

outras coisas foram citadas pelo cabo Cook, como sendo curiosidades que se podiam ver nos brasileiros enquanto esperávamos armamentos. Infelizmente, reconhecemos que de fato muito de verdade existe nisso tudo. Somos um povo privado do aço e do combustível, o que quer dizer civilização e liberdade. Esse o grande problema do Brasil; mas, creio estar para breve sua solução. Por isso estamos aqui, e só sairemos com a vitória, nos assegurando o progresso rápido que tanto almejamos." ³⁴

O artigo foi produzido no primeiro estacionamento e acampamento da FEB, em 17 de agosto de 1944, ainda sem ter recebido os armamentos. O artigo, claramente carregado de estereótipos, irônico, não foi muito lisongeiro com os brasileiros, mas, mesmo assim foi traduzido e comentado pelo jornal. E, por mais que a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional não tenha sido o motivo da entrada do país na guerra, os expedicionários acreditavam que havia uma ligação entre a FEB e o acordo pela instalação da siderúrgica no país, conseqüentemente, a um progresso técnico no país.

Outro artigo estadunidense foi traduzido pelo *Cobra*. Já citado anteriormente, quando foi abordada a severidade do sistema militar brasileiro, ainda nos restam observações sobre o artigo *A cobra continua fumando*, do jornal da tropa estadunidense *The Stars and Stripes*. Retomamos trechos do artigo que demonstram a liberdade com que o *Cobra* escrevia, ou transcrevia, artigos em tom mais crítico por não passar pela censura do DIP. O artigo foi a manchete da capa do jornal, em tom de alerta: "O que eles dizem de nós. (Transcrevemos, na íntegra, para que cada um faça seu próprio julgamento, o editorial publicado no *The Stars and Stripes* de 1- 4 - 45)". ³⁵

Além de ser crítico à severidade militar brasileira, o jornal traz informações sobre o país, da geografia à política:

"João, o soldado da cidade, teve poucas oportunidades de escolarização formal. Ele começou a trabalhar jovem numa fábrica têxtil. Seu ganho é de aproximadamente um dólar por uma jornada de oito horas diárias. José, que tipifica as centenas de camponeses da FEB, chama uma plantação de café em São Paulo de lar [...] Sua vida é muito parecida com a de jovens camponeses norte americanos, mas com menos ganhos e limitações educacionais. [...] Apaixonadamente pró aliados como é o povo brasileiro, eles vivem sob um governo que lhes nega direitos democráticos. Sob Vargas, o poder está restrito a uma única pessoa, a imprensa é cuidadosamente censurada, e opositores políticos são presos sem serem ouvidos. A decisão de mandar soldados brasileiros para a Itália foi feita em 1943. Por que? Alguns observadores latino americanos disseram que Vargas visualizou uma invasão pela África, apoiada pela quinta coluna, que se levantaria com os milhares de alemães residentes no Brasil. Uma força expedicionária poderia trazer armamento americano para o Exército, que teve seu fornecimento cortado das fábricas

³⁴ E a Cobra fumou!, n°6, p.6

³⁵ E a Cobra fumou!, n°12, p.1

européias. Isso asseguraria um assento na mesa de negociações pós guerra. Isso aumentaria o prestígio brasileiro. Soldados lutando com a FEB na Itália também mostram a força da opinião pública na decisão de Vargas.[...] Assim como os soldados americanos, o pracinha tem pouco a dizer quando perguntado por que ele luta.[...] Alguns dizem, 'nós lutamos pelas quatro liberdades', mas não compreendem totalmente o que elas são. A maioria dos soldados brasileiros vêem a guerra de um ângulo pessoal porque não houve muita problematização para explicar a guerra. Assim como o combate transformou a FEB, a FEB forjou grandes mudanças no Brasil. Quando os soldados brasileiros foram para além mar, pessoas no Brasil fizeram piadas, comentando que eles eram meramente uma força simbólica destinada a alguma tarefa guarnição em algum lugar do sul da Itália. Em consequência de combate e acidentes, um total de 1.473 mortos, feridos e desaparecidos até agora, negam essa versão. Do outro lado do Atlântico, o presidente Vargas aboliu a censura interna, restaurou vários direitos democráticos e anunciou a primeira eleição livre para presidente desde 1910. A pressão dos Estados Unidos provavelmente teve seu papel nessa decisão. Opinião pública foi um fator ainda maior. Os brasileiros acharam estranho que a FEB podia estar lutando por uma democracia no exterior que não existia em casa. O pracinha agachado numa trincheira em montanhas da Itália pode encontrar sua maior vitória no próprio Brasil".³⁶

O *Stars and Stripes* era a versão estadunidense do *Cobra*, um jornal feito pela tropa, desligado de qualquer edição institucional do *US Army*. Assim como o *Cobra* não tinha vínculo com o comando da FEB. O tom crítico da reportagem, falando abertamente de questões políticas do Brasil, da contradição inicial entre lutar por democracia sem ter democracia em casa, ressaltando as restrições de direitos no país durante o regime do Estado Novo, e a já abordada severidade do Exército Brasileiro, realçados pela chamada feita pelos editores do *Cobra*, fazem jus à alcunha de rebelde. Por hora, não adentraremos mais a questões que remetem à política diretamente, pois no fim do capítulo abordaremos esse tema colocando a visão do *Cobra* e do *Cruzeiro* em perspectiva comparativa.

Retornado aos anseios mais simples dos febianos, já abordados no segundo capítulo, podemos conectar esses anseios à algumas reivindicações ou críticas contidas no jornal, nesse caso, em relação à comida. A personificação das críticas está no personagem *Neurastênico*, que não perdoa o rancho: "A turma reclama, com inteira razão, a pobreza do nosso cardápio. [...] estivemos algum tempo em acampamento americano e observamos a enorme variedade dos pratos ali servidos [...] Esse negócio de se ter na marmita sempre a memsa coisa já está ficando de amargar".³⁷

³⁶ E a Cobra fumou!, nº12, p.1-2

³⁷ E a Cobra fumou!, nº7, p.2

Em outra pequena nota, sobre um dos raros dias em que havia galinha no menu do dia, a coluna *Estilhaços* relata o seguinte diálogo: "Opa velinho! Há tanto tempo no Exército, e ainda não sabia que galinha militar só tem pescoço?".³⁸

Outro ponto observado no jornal é a respeito de como os febianos se ressentiam do pouco caso feito no Brasil, em relação aos seus sacrifícios na Itália. Na oitava edição, foi publicado um artigo sob o título *Injustiça*, afirmando: "Jornais do Brasil, mal informados do que Mestre Praça faz aqui, colocam sua viagem em igualdade de condições à de um turista despreocupado. Nossos mortos e feridos aí estão para notar a inverdade no assunto".³⁹

O *Cobra* não perdia oportunidade de criticar outras publicações, em especial o *Globo Expedicionário*, criado para os pracinhas na Itália. *Neurastênico*, como de costume, escancarou:

"Ontem amanheci bilioso e doente [...] entretanto logo pela manhã, desopilei o meu pobre fígado com as mais escandalosas gargalhadas que já se ouviram na Itália. Isto porque caiu-me às mãos um exemplar do *Globo Expedicionário*, um jornal dedicado a nós e que, no entanto, só foi lido por umas dez pessoas até agora. Bem feitinho e com muitas informações, distrai bastante e diverte ainda mais. Assim é que logo na segunda página traz um pomposo título: O serviço postal da FEB está funcionando com regularidade. O jornal, porém, que é de 18 de setembro, só foi recebido em 11 de Outubro! Realmente, não pode haver regularidade maior".⁴⁰

Não foi uma única vez que o *Globo Expedicionário* foi alvo da acidez de *Neurastênico*. A mesma coluna se referiu ao jornal afirmando que "o *Globo Expedicionário*, publicação de secundária importância, absolutamente sem interesse para a maioria de nós[...] a última edição aqui chegada traz coisas bobas e fúteis". Essas críticas ao *Globo Expedicionário* transparecem a ideia de que somente quem estava passando pela experiência de estar na guerra sabia o que interessava aos seus companheiros.

Nesse sentido, uma coisa que realmente interessava era o futuro pós guerra. Como a maioria da FEB era composta por civis convocados, conforme abordado no primeiro capítulo, a preocupação com o futuro, com o "depois da guerra" era constante. Em sua sexta edição, o jornal traz um pequeno artigo chamado *Uma Ideia*, que afirma:

"considerando os problemas que o regresso do combatente sugere [...] muitos veteranos, ao serem licenciados já tem em mente o que farão e como o haverão de fazer. Entretanto, é evidente que a maioria se verá a braços com dificuldades impostas pelo longo afastamento da vida civil, dificuldades tanto maiores quanto menor a iniciativa do indivíduo. A criação de departamentos que se propuzessem auxiliar o expedicionário nesse período de readaptação é

³⁸ Idem, p.2

³⁹ E a Cobra fumou!, n°9, p.8

⁴⁰ E a Cobra fumou!, n°5, p.4

uma necessidade. Estamos vencendo a guerra. a vitória, nós a levaremos para o Brasil. Se, na razão direta do que estamos realizando em outras terras, surgirem na nossa, iniciativas em prol da coletividade, veremos não ter sido em vão nosso sacrifício".⁴¹

No décimo número, preocupação parecida é colocada em questão, no artigo de capa *Continuemos a sonhar*:

"Você meu camarada, como todos nós, certamente não está tão preocupado com o seu futuro em nossa pátria como estava antes. A voz oficial pronunciou-se a respeito, deixando antever para o expedicionário, ao sair do Exército, abundância de colocações e dizendo-nos a nós e às nossas famílias que não há razão para se preocupar: trabalha-se no Brasil pelo soldado de além mar. [...] Quando for licenciado, a perspectiva de uma longa fila onde deixar sua solicitação de emprego o porá meio desanimado. A burocracia do papelório fará outro tanto. Com a mesma inocência de convicções que o trouxeram a dar grande parte de seu tempo em bons serviços à causa do Brasil, ele dispensará uma boa colocação se, para consegui-la, for necessário andar ali, acolá, com um papel à mão, colhendo assinaturas, colecionando vistos, protocolando petições. [...] Todas facilidades ser-nos-ão dadas e o ex-Zé Pracinha não precisará ir ao encontro das oportunidades. Elas virão para ele - SEM AQUELAS DIFICULDADES DE QUE FALEI - Enquanto não, continuemos a sonhar..."⁴²

Dei destaque a esses dois trechos que refletem a preocupação com o pós guerra para demonstrar como muitos febianos eram conscientes de sua situação de *outsider* na instituição militar. Não vislumbravam ali um futuro, sabiam que ali tinham sido colocados por contingências e necessidades momentâneas. Por mais que se batessem obstinadamente contra o inimigo, que arriscassem a vida para cumprir a missão que seus superiores hierárquicos lhes confiavam, em suas consciências a lógica militar estava limitada ao momento. Não pensavam como militares, mas como civis em uniforme. Cidadãos que cumpriam seu dever.

Já nos referimos no segundo capítulo, quando tratamos da experiência na linha de frente, à questão dos apelidos Saco A e Saco B. Nesse momento, voltamos a essa temática relevante na identidade febianana, para destacar momentos em que o *Cobra* divulgava com clareza essas diferenciações, como algo quase concreto e pertencente às relações entre os militares na FEB.

No sexto número, o *Cobra* traz a explicação do apelido numa coluna com nome sugestivo, *Identidade*: "os americanos quando se referem à turma ocupada nos serviços daretaguarda, costumam chamá-la PBS (Peninsular Base Section). O nosso pessoal, então, batisou-os com um curioso apelido que lhes assenta como uma luva: são os sacos B!"⁴³

⁴¹ E a Cobra fumou!, nº6, p.1

⁴² E a Cobra fumou!, nº10, p.1

⁴³ E a Cobra fumou!, nº6, p.5

Eram comuns as paródias com os apelidos, como a seguinte, escrita por algum militar reconhecido pelo nome de guerra Barbosa, e que infelizmente não podemos identificar com precisão:

"Foi ainda no Brasil,
 Não me recordo o momento,
 Dois sacos sem cerimônia,
 Contrataram casamento.
 A razão desse consórcio,
 Foi a guerra, já se vê,
 E se uniram sem demora
 O Saco A com o Saco B.
 Combinaram os dois noivinhos,
 Em acompanhar a tropa,
 Seria a lua de mel,
 Bem gozada aqui na Europa.
 Porém o Chefe do Exército,
 Contra a vontade dos dois,
 Manda o saco B na frente,
 E manda o saco A depois.
 Sem ser de comum acordo,
 Tomada a resolução,
 Nasceu como era fatal,
 A triste dissolução.
 Nunca mais se viram juntos,
 O saco B com o saco A,
 Vive um aqui, outro à bordo,
 Sem se saber o que há.
 Saco B embarca à frente,
 O Saco A vem atrasado:
 Saco A chega com a gente,
 Saco B fica embarcado.
 Eu já me dou por vencido,
 Descubra então, quem quiser:
 Se o saco B é o marido,
 Se o saco A é a mulher".⁴⁴

Conforme a campanha avançava, o apelido ganhava mais força. No número nove, o *Cobra* trouxe na coluna *Dizem que*: "os banheiros de Porretta, pela gordura, já distinguem saco A do B".⁴⁵ Além dos poemas, as piadas com os apelidos podiam descambar para outros menos diretos, como na página seis da décima edição do *Cobra*, representada na Figura 3, abaixo:

⁴⁴ E a Cobra fumou!, n°3, p.2

⁴⁵ E a Cobra fumou!, n°9, p.7

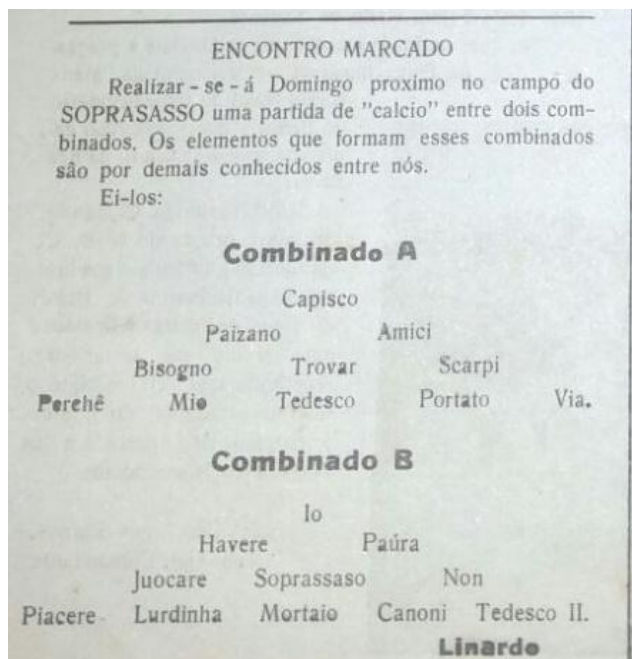


Figura 3

Ao traduzirmos os nomes dos jogadores dos times, encontramos no Combinado A: Compreendo, paisano, amigo, precisa, encontrar, botas, porque, a minha, o alemão, levou. E no Combinado B: Eu, tenho, medo, jogar, Soprassasso, não, prazer, lurdinha, morteiro, canhão, alemão II. Claramente uma alusão aos apelidos Sacos A e B. Soprassasso é uma localidade onde foi travado “renhido combate” entre alemães e brasileiros, o campo à que se refere essa partida de futebol da piada. Os sacos A habituados a falar com os paisanos italianos na linha de frente, e os sacos B com medo da luta, dos canhões, morteiros e Lurdinhas - apelido da metralhadora alemã modelo MG-42 - e alemães.

Pode parecer que a questão dos apelidos Sacos A e Sacos B seja de pouca importância. Nesse sentido, para que o leitor compreenda que não somente o autor deste trabalho acredita que esse é um importante elemento da identidade febianana, encontramos no AHEx um caso elucidativo de como o Serviço Especial da FEB, órgão vinculado ao comando da FEB e responsável pelo jornal *O Cruzeiro do Sul*, tratou a questão.

No número 28 do *Cruzeiro*, o jornal acusa o recebimento de correspondência com colaboração textual do soldado Ivan Leyraud.⁴⁶ No entanto, sua contribuição nunca foi publicada. Porém, no acervo FEB do AHEx encontramos na caixa do Serviço Especial da FEB, vários manuscritos originais de colaborações que foram publicadas no

⁴⁶O Cruzeiro do Sul, nº28, p.2

Cruzeiro. Encontramos ainda, numa caixeta, notas para boletim, entre elas uma nota de prisão de praça:

"Prisão de praça - O soldado Ivan Leyraud Moniz Ribeiro, 1G-243088, da Cia. de Serviços do Regimento Sampaio, por ter enviado para a redação do "O CRUZEIRO DO SUL", afim de ser publicado, um artigo, como resposta ao Saco A ao Saco B, cheio de 'gabolices', de inverdades, além de desatencioso e desrespeitoso para com superior seu e fomentador de discórdia entre os elementos da FEB (incurso nos nº 1, 3 e 97, do Art. 13 do RDE, transgressão grave) fica preso por vinte e cinco dias".⁴⁷

Dessa forma, por motivos que veremos adiante quando abordarmos o *Cruzeiro*, fica clara a importância dada à questão dos apelidos pelo Serviço Especial, órgão do comando da FEB. E também fica clara a liberdade encontrada pelos febianos nas edições e reportagens do *Cobra*. No *Cobra*, eis uma questão de identidade, no *Cruzeiro*, eis uma questão de disciplina.

Quando a questão era a disciplina, mais precisamente a falta dela, o *Cobra* discretamente cedia espaço para tratar com tom jocoso dos superiores. Como no pequeno artigo *Conclusões de S2*, da nona edição do jornal:

"O S-2 de um dos nossos Batalhões informa: Uma granada de nosso morteiro caiu próxima ao fox-hole dum alemão. Pode-se ver o Fritz em desabalada corrida, fugir rumo a uma casa próxima. Uma segunda caçadeira atingiu em cheio a casa e dois chucruts afobados, dela saíram voltando ao primeiro refúgio. O S-2 de outro batalhão: Ué! Será que o primeiro alemão foi partido ao meio"?⁴⁸

Quando abordamos o funcionamento do Estado Maior na doutrina estadunidense, esclarecemos que o S-2 era o oficial responsável pelas informações sobre o inimigo. Era o responsável por reunir e avaliar as informações disponíveis e prever as capacidades combativas do inimigo. O *Cobra* era feito pelos homens da linha de frente, que comumente conheciam os movimentos do inimigo ao alcance visual. O S-2 reunia informações, mas atuava mais recuado perto do Posto de Comando do batalhão. Era comum as informações do S-2 serem conflitantes com as conhecidas pelos homens na linha de frente. Daí a motivação desta brincadeira, insinuando a incapacidade de processar informações por parte dos oficiais S-2.

Por fim, o último aspecto da visão geral que transparece na leitura do *Cobra*, são as narrativas de combate que podemos analisar nos últimos números do jornal. São recordações dos feitos realizados pelo 6º RI desde o início dos combates. Recordações feitas e publicadas pelos mesmos homens que participaram das ações de alguma forma.

A primeira recordação que abordamos é a do artigo *Patrulhas por conta*:

⁴⁷ AHEX, Acervo FEB, Caixeta sem número, Serviço de Intendência, Notas para boletim de 23-01-1945 à 29-08-1945, folha 84.

⁴⁸ E a *Cobra* fumou!, nº9, p.2

"O soldado brasileiro é sabido, não topa muito esse negócio de guerra defensiva. [...] Por isso, foi-lhe o inverno tão horroroso, mais do que qualquer outra coisa, sofreu imenso o suplício de ficar parado dia e noite, gelando no *fox hole* ou esquentando o corpo em redor daslareiras e estufas. Não resistindo a essa tortura, e não havendo ordens para ações de envergadura, criou uma nova espécie de exploração: **a patrulha por conta**. O cronista desta guerra, por certo, consagrará um capítulo à parte na sua obra, a essa **curiosa instituição febiana**. Em que consiste ela? Mestre Praça, do seu buco, avista um ou dois quilômetros à frente (**na retaguarda tudo é conhecido, há muito soldado e, além disso, pode-se encontrar o capitão**) um *paizetto* ou casas isoladas. Horas seguidas, namora-os e estuda com olhos de veterano as vias de acesso e procura descobrir - isso é importante - **se há paisanos lá. Civis, significam coisas divinas: vinho, ragazzas e, às vezes, suculentos almoços** (desde que se *porte a roba*, é claro). O nosso herói sabe que, diante de si, está a terra de ninguém, que, para alcançar o objetivo, terá de atravessar terrenos fatalmente minados e perigosamente às vistas do inimigo e que, ao chegar, poderá "dar de cara" com o tedesco. **Nada o detém, nem mesmo as ordens severas do capitão e os conselhos amigos do tenente**. Na primeira ocasião, quando não há ninguém nas proximidades (muita gente estraga o negócio), ele se esgueira sozinho e vai baixar no lugar visado. Se alguma sentinela do posto avançado pergunta-lhe onde vai, pede-lhe boca de siri e manda-o segurar a conversa, com que o outro logo concorda, numa **comovedora solidariedade de classe**[...]"⁴⁹

Desta recordação, que remete a uma prática tão recorrente que ganhou um nome específico, de patrulha por conta, podemos tirar algumas conclusões. A patrulha por conta era praticada por iniciativa das praças, à revelia do comando, preferindo aventurar-se aos olhos do inimigo do que na retaguarda onde poderiam encontrar um capitão, buscando contato e distrações, conforto ou lazer com os paisanos. Demonstra a proximidade aos tenentes - que compartilhavam de seus sofrimentos na linha de frente, os lideravam no combate, e em sua maioria eram civis da reserva - e distanciamento dos capitães e, por fim, define a camaradagem entre o sentinela que tinha por dever vigiar o perímetro e o praça que vai à terra de ninguém, sem ordem de ninguém, como solidariedade de classe. Todas essas questões remetem à identidade febiana estudada no segundo capítulo, e agora enaltecida pelo *Cobra*.

No mesmo número que continha a narrativa anterior, o *Cobra* trouxe a recordação da primeira ação de patrulha de combate do batalhão na Itália. A reportagem de página inteira, *A patrulha de Monte Prano*, afirma que "torna-se interessante recordar há muito tempo, o primeiro sobressalto, a primeira patrulha, o primeiro contato face a face com o inimigo".⁵⁰ A reportagem relata uma patrulha que devia durar no máximo seis horas, mas a dificuldade de se escalar a montanha foi tão grande que o objetivo a ser reconhecido não foi atingido sob a luz

⁴⁹ E a Cobra fumou!, n°12, p.4

⁵⁰ E a Cobra fumou!, n°12, p.4

do dia, resolvendo o tenente Mario Cabral de Vasconcelos, comandante da patrulha, estacionar a tropa próxima do cume da montanha para prosseguir no raiar do dia seguinte. Exaustos, com fome e frio, e próximos dos alemães, segundo o relato, os homens estavam "sob o peso de sensações novas, poucos dormiram. Essas sensações não tinham o dom de aquecer o corpo".

Ao amanhecer, avançaram e encontraram uma posição fortificada alemã e iniciaram um ataque. Rastejaram por baixo do arame farpado, e assaltaram a posição alemã sob fogo de metralhadoras:

"Quem viu primeiro foi o *Fritz*, viu e correu gritando. O Maripó tem certeza de que acertou, mas como o liga ainda corria, o Schiavon apontou seu Springfield com mais cuidado. A bala correu mais que o tedesco. Foi um banzé danado! Disse o Balduíno: cheguei a jogar granadas com grampo. Passada a primeira surpresa, o fuzil metralhadora do grupo Alci, manejado pelo Miguel Smokonski, consegue fazer calar uma peça inimiga. Ouviam-se gritos de dor, o que fazia crer houvesse vários inimigos feridos. Tomado o contato, inflingida perda ao inimigo, o tenente viu não ser possível ocupação, dada a superior força do ponto forte, em potência de fogo e número de homens. Foi dada ordem para retrain ao ponto de partida. Não foi uma tarefa fácil! Granadas de morteiro, em grande número, perseguiram o pelotão até Metato [...]"⁵¹

Dessa segunda narrativa, podemos extrair o tom da recordação. Homens comuns que, de maneira humilde, demonstram suas surpresas, fraquezas e determinação contra o inimigo. Não há exaltação, não há menção a heroísmo ou aos grandes chefes, nenhum oficial superior é citado na narrativa, muito menos um patrono, não há ufanismo nacionalista. É uma narrativa que remete a homens comuns, tragados para uma situação em que arriscaram a vida, fizeram o que ninguém gostaria de fazer, porque era necessário que fosse feito. Uma narrativa de homens resignados, de homens que se parecem, se reconhecem coletivamente nesta recordação. Nesse sentido, do pertencimento, o historiador Fernando Cartroga afirma:

"Mas importa destacar que, nas liturgias de recordação, existe sempre uma tensão entre cordialidade, ou melhor, entre afetividade e conhecimento, bem como entre memória e normatividade, antíteses que tendem a ser sintetizadas como mensagens. E estas atuam como correntes pulsionais que eticamente se expressam como deveres. Daí, a estreita relação entre memória, identificação, filiação e distinção, elo em que, porém, sem a primeira, as demais não existiriam".⁵²

Essas narrativas de recordações, de memória, fecham a visão geral do *Cobra*. Fecham, ao meu ver, confirmando a hipótese de que a identidade febianana, além de produzir consciência coletiva baseada na relação conflituosa com os "caxias", já era capaz de inclusive recordar, produzir um discurso memorial típico, realçando suas características identitárias, sendo capaz

⁵¹ Idem, p.4

⁵² Cartroga, op. cit., p.22

de significar através dessa memória, identificação, filiação, distinção, ou seja, demarcar claramente as fronteiras de pertencimento daquele grupo social.

3.2 Uma visão geral do 'O Cruzeiro do Sul'

O jornal *O Cruzeiro do Sul* era diretamente produzido pelo Serviço Especial da FEB. Um órgão vinculado ao Comando, de caráter institucional e previsto pela doutrina militar estadunidense.

Para compreender seu papel, antes de analisar o jornal em si, recorreremos ao “Manual Técnico sobre o Oficial do Serviço Especial”, para compreender em que estrutura o jornal era editado. O manual foi encontrado no AHEx, na caixa de documentos do Serviço Especial. Uma tradução improvisada, datilografada e encadernada manualmente. Um material bem diferente dos manuais de armamento e doutrinários, anteriormente abordados, que eram impressos pela Imprensa Nacional, na forma de livros. O Serviço Especial da FEB era uma completa novidade no Exército Brasileiro.

Segundo o manual, a grande questão pertinente ao Serviço Especial é a moral.

"O comando não pode improvisar uma boa moral e senso do dever. [...] Nascem de justo e perfeito tratamento, no que concerne ao bem estar do soldado e provêm do cumprimento espontâneo dos deveres fundamentais da camaradagem entre os homens, da confiança em si próprios, da organização e do patriotismo. O estabelecimento e manutenção da boa moral é obrigação de cada comandante e prova de bom exercício de comando. A avaliação contínua do moral da tropa é importante e orienta as atividades neste setor. A boa moral não colide com um trabalho intensivo e é algumas vezes demonstrada na habilidade de fazê-lo sob condições não propícias e fisicamente árduas. Compreendendo e sentindo as necessidades, é como soldados que todos respondem às exigências de um exercício de treinamento de campo ou de um inverno no Valle Forge, a uma ofensiva em Argon ou a uma luta na Península de Bataan. Por outro lado, exigências inúteis, restrições, injustiças ou privações, agravam discórdias e descontentamentos".⁵³

É interessante notar que as queixas dos febianos abordadas no primeiro e segundo capítulos remetem a questões da última frase desse trecho do manual.

Após a experiência estadunidense na Primeira Guerra Mundial, ficou decidido que o "Exército deveria ser responsável pela recreação e trabalho de bem estar dentro das

⁵³AHEx, acervo FEB, caixa 411, Serviço Especial da FEB, Manual Técnico do Oficial do Serviço Especial, folha 3.

unidades".⁵⁴ Os membros do Serviço Especial não estariam em campanha, dessa forma, a responsabilidade sobre a questão moral dos combatentes seria de exclusividade dos comandantes.⁵⁵ Que "as considerações básicas sobre a moral do Exército em tempo de guerra, constituem o fundamento sobre o qual o Serviço Especial é formado".⁵⁶

Sobre a influência do moral nos combatentes, o manual considera:

"Estar desmoralizado é ser facilmente desencorajado, sem espírito de combate, falta de determinação para obter um fim ou propósito racional. A conduta de um indivíduo ou grupo desmoralizado será contraditória, indisciplinada, sem inspiração. Portanto a moral é uma força real que pode ser desenvolvida e guiada. [...] A boa moral abrange a capacidade física de homens para agir pelo poder da vontade em circunstâncias um indivíduo sem uma vontade educada ou fraco de espírito tomba. A moral do homem para superar o desconforto físico e o perigo, com confiança em seu próprio poder perseverando em considerar sua missão mais importante que tudo".⁵⁷

O manual versa sobre cuidados a serem tomados, desde a seleção e incorporação dos homens até as situações de combate ou intervalos de descanso das unidades militares. É muito interessante observar que várias situações previstas no manual, se tornaram queixas comuns dos febianos durante a campanha da Itália. O manual afirma que "a censura pode ter um efeito contrário sobre a moral, a menos que a necessidade da mesma seja perfeitamente compreendida pelo soldado".⁵⁸

Sobre a percepção dos febianos sobre o tempo de treinamento no Brasil, um trecho do manual coincide com suas insinuações:

"um comando falho se reflete na moral baixa. A existência de certos fatores que afetam a moral podem indicar a qualidade do comando dentro de uma organização. Estes podem ser qualificados como se segue: a) instrução deficiente; b) ordens desordenadas; c) falta de disciplina; d) favoritismo na promoção e deveres políticos; e) métodos impópios de treinamento; f) trabalho desnecessário, formaturas feitas sem necessidade; g) falta de cooperação [...] i) mal ajustamento da organização devido a especialistas não habilitados; j) dificuldades crescentes em virtude de transferências e férias".⁵⁹

E, no que se refere às queixas dos febianos durante a campanha da Itália, algumas são mencionadas no manual, também como fatores que baixam a moral: "a) má alimentação, b)

⁵⁴AHEX, acervo FEB, caixa 411, Serviço Especial da FEB, Manual Técnico do Oficial do Serviço Especial, folha 6.

⁵⁵Idem, folha 7.

⁵⁶Idem, folha 8.

⁵⁷Idem, folha 19 -20.

⁵⁸Idem, folha 41.

⁵⁹AHEX, acervo FEB, caixa 411, Serviço Especial da FEB, Manual Técnico do Oficial do Serviço Especial, folha 44.

distribuição demorada de uniformes [...]; d) demora na entrega de correspondência; e) [...] tais como a monotonia da vida no Exército, treinamento, recreação".⁶⁰

As recomendações para a elevação da moral também encontram-se no manual, como o estímulo a atividades nos estacionamentos de tropa: esportes, recreação, clubes de passatempo, competições esportivas dentro e fora da organização militar, divertimentos, danças, cinema, teatro, programas de rádio, educação escolar ou vocacionais, bibliotecas, informações patrióticas, e publicações do estacionamento ou da unidade, caso do *Cruzeiro do Sul*.

Agora é possível compreender a lógica obedecida pelos editores desse jornal vinculado diretamente ao Serviço Especial e ao comando da FEB. A publicação teria como maior objetivo contribuir para a manutenção de uma boa moral da tropa.

O *Cruzeiro do Sul* teve trinta e quatro edições publicadas, compreendendo o período de três de janeiro à trinta e um de maio de 1945. Nenhum de seus números deixa indícios da tiragem expedida. A tiragem encontrada no *Cobra*, de cinco mil exemplares coincide com o quantitativo de tropas do primeiro escalão da FEB. Quando *O Cruzeiro do Sul* começou a ser impresso, a FEB já estava completa nos campos de batalha da Itália. Visualmente, é um jornal maior, com melhor impressão - inclusive, muitas fotos e imagens - em relação ao *Cobra*, muito se assemelhando a jornais de grande circulação no Brasil, conforme a figura 4, na página seguinte. O jornal é disponibilizado para consulta, digitalizado, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, proveniente do acervo do museu da ANVFEB - Associação Nacional dos Veteranos da FEB.

Comaração entre os dois jornais



Figura 4

⁶⁰Idem, folha 44

O jornal era bem informativo, as edições têm quatro páginas, além de artigos e colaborações que variavam muito de número a número. Por padrão, havia sempre notícias do Brasil, notícias internacionais, noticiário da guerra com balanço das quatro frentes de batalha, notícias esportivas, dicas de cinema e teatro, artigos dos correspondentes de guerra brasileiros, já devidamente aprovados pela censura e publicados na imprensa brasileira, além de artigos de correspondentes estrangeiros e transcrições de programas de rádio. A publicação também pedia e aceitava contribuições dos soldados.

Infelizmente, o *Cruzeironão* tem um editorial que o apresenta, na quinta edição o jornal traz a seguinte auto explicação: "O *Cruzeiro do Sul* é um jornal feito por soldados e para os soldados que lutam na linha de frente. Será, pois, sempre bem recebida qualquer colaboração. Não se devolvem os originais".⁶¹ Alguns dos originais foram encontrados no AHEx, na caixeta do Serviço Especial da FEB. Sempre que um artigo era aceito, recebia um carimbo: *Passed for publication - Field press censor* (Aprovado para publicação - Censor da imprensa de campo).

Também foi investido tempo em buscas específicas no AHEx, visando identificar os militares responsáveis pelo jornal. Nada foi encontrado nesse sentido, além das informações contidas no próprio jornal. Em várias caixetas e livros relatórios, foram encontrados manuscritos originais enviados por soldados com textos para o jornal, foram encontrados os jornais impressos, foram encontrados relatórios do Serviço Especial da FEB, vários outros tipos de documentos, mas nenhum continha lista nominal ou menção aos responsáveis pelo jornal.

Como publicação institucional, uma de suas principais características é a ligação com o comando da FEB, com o Boletim da FEB e com o panteão institucional de heróis do Exército. O primeiro número já estampa essas características na capa, inteiramente dedicada aos generais comandantes dos exércitos aliados na Itália, que deixaram suas mensagens ao jornal. O tenente general Mark Clark, comandante do V Exército do *US Army* está em destaque e afirma: "Tendo observado o interesse que todos os soldados mostram pelos jornais das suas próprias unidades, sinto que a FEB, publicando *O Cruzeiro do sul* faz uma grande contribuição para o moral e entretenimento dos seus homens".⁶² O general Willis D. Crittenger, comandante do IV Corpo do V Exército do *US Army*, ao qual a FEB estava diretamente subordinada, afirma: "É para mim um grande prazer aproveitar esta oportunidade, através do primeiro número de o

⁶¹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *O Cruzeiro do Sul*, nº5, p.4

⁶²Idem, nº1, p.1

Cruzeiro do Sul para levar minha saudação de soldado aos oficiais e praças da FEB[...] Camaradas em Armas, eu vos saúdo!".⁶³

A fala dos dois generais, ao que me parece, representa bem o perfil relatado pelos febianos, dos oficiais estadunidenses. Mark Clark, em sua fala, reproduz o objetivo enfatizado no manual para o jornal, a moral do combatente. Crittenberger, fala como um profissional da guerra, saúda a FEB como um soldado. E, logo depois da fala dos dois generais, em destaque na primeira página, está a fala do comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes:

"A FEB trouxe para os campos de batalha da Europa mais de três séculos de tradição de amor à liberdade, bravura e tenacidade da nossa raça. Pelas provas a que já se submeteram aqui na Itália, permito-me afirmar que os nossos soldados não empanarão o brilho dos feitos do **Exército de Caxias**. Pelo contrário, quando regressarmos ao Brasil, estou certo que acrescentaremos novos laureis aos triunfos e glórias que constituem brasões das nossas armas e são o orgulho de muitas gerações de brasileiros".⁶⁴

A fala do general Mascarenhas remete a questões diferentes das falas dos generais estadunidenses. Remete diretamente à tradições institucionais do Exército Brasileiro, refere-se aos brasões das armas, e sua alusão às vitórias em várias guerras e, por fim, chama o Exército Brasileiro de Exército de Caxias, provando estar bem adaptado ao culto à Caxias.

Na terceira edição, havia uma transcrição de uma crônica, de Silvio da Fonseca, sobre a missa celebrada na catedral de Pisa pelo capelão chefe da FEB, o padre Pheneu Silva, irradiada pela BBC. Da crônica, extraímos os seguintes trechos:

"Não tardou que a nave se enchesse de gente, e de uniformes rígidos. Mas, diante da grandiosidade do espetáculo, aqueles homens habituados ao convívio com a maior das misérias humanas se sentiam mais perto de Deus. Eu vi lágrimas em alguns olhos. E, à elevação, de mais de mil bocas saíram as palavras do Hino Nacional. Patriotismo e Religião, fé e dever, entusiasmo e confiança, tudo se misturava ali, sob as arcadas góticas de um dos mais antigos templos da história. No sermão que leu à tropa, o capelão chefe da FEB, Padre Pheneu Silva, disse: 'Meses atrás ecoou uma voz que nos chamava às armas [...] e para nós não houve dúvidas: aqui estamos com o entusiasmo e ardor de nosso são patriotismo, e incondicionalmente nos entregamos, para que não sejam nunca desmentidas as palavras do nosso Patrono, o Duque de Caxias: disciplina, resignação, constância e valor, são virtudes inatas do soldado brasileiro'.⁶⁵

Esse tom patriótico, e panegírico, de louvor aos heróis do panteão do exército, principalmente Caxias, certamente marca o tom do jornal em muitos artigos. A exaltação dos chefes também é uma marca, na terceira edição, o sargento José Maria Batista, um dos que

⁶³Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº1, p.1

⁶⁴Idem, p.1

⁶⁵Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº3, p.2-3

mais contribuía com textos ao jornal, no seu artigo *Retenha na mente* afirma que: "Mas uma potência para ser digna realmente deste nome é preciso ter chefes. E, destes, partirão todas as ordens que deverão ser cumpridas pelos chefiados, sem nenhuma discussão ou constrangimento".⁶⁶ Um artigo que advoga pela viva manutenção da hierarquia e disciplina.

Os próprios chefes, tinham sua voz retransmitida aos membros da FEB através do jornal. Inúmeras notas de comando do general Mascarenhas, originalmente publicadas em boletim, foram publicadas no jornal. A primeira delas foi publicada na quarta edição, com o título *Para a frente custe o que custar*, da qual retiramos os seguintes trechos:

"Tenho orgulho em comandar os brasileiros que servem na Infantaria. Tenho orgulho de ver nas fileiras da arma do sacrifício, da arma em que a tempera do guerreiro é posta à prova a todo momento, da arma que não admite no seu meio os tíbios, os desalentados, os incrédulos, da arma que exige a manifestação viril da nossa raça por uma causa que é a reabilitação do mundo escravizado [...] Sei que essa infantaria não teme o inimigo, por que ao atacá-lo ou ao receber-lhe o choque, vê as cores do seu país querido, pelo qual aqui se acha para aniquilar os agressores do mundo civilizado. Sei que a infantaria de Sampaio jamais vacilará ante as missões, sejam quais forem os sacrifícios que a esperem. O seu patrono a impelirá para a frente. Sei que a brava gente da infantaria tem um chefe - um chefe experimentado em ações de combate - o general Zenóbio da Costa - cujo lema é para a frente, custe o que custar. [...] Oficiais e soldados da infantaria. Avante, pela vitória do Brasil!"⁶⁷

⁶⁶Idem, p.2

⁶⁷ Idem, nº4, p.1

Em mais onze edições, há outras notas de comando, separadas tematicamente. Para a artilharia, cavalaria, engenharia, serviço de transmissões, serviço de saúde, intendência, serviço religioso, polícia militar da FEB, motoristas da FEB, serviço postal da FEB, e para a Justiça Militar da FEB. Nas notas referentes às armas de cavalaria, artilharia, intendência e engenharia, o mesmo tom panegírico em relação aos patronos das armas. Nas demais notas, não havia patronos, mas havia o mesmo tom patriótico que na nota da infantaria. Ambos tons, não são encontrados em nenhum texto do *Cobra*.

Aliás, o *Cobra* só cita a figura do Patrono em dois pequenos textos da edição de 25 de agosto de 1944, dia do soldado, data em que já se homenageava o duque de Caxias, e, neste caso, celebrado com formatura e desfile na Itália. Em ambos os textos, Caxias é tratado com respeito. O capelão do 6º RI, padre Noé Pereira, escreveu um dos artigos, chamado *O soldado Cristão*, onde salientou: "soldados brasileiros, longe de nossa pátria aqui estamos com as armas nas mãos, comemorando de maneira mais gloriosa, o dia de nosso patrono. Imitai as grandes virtudes do protótipo do Exército nacional! Sede soldados de fé robusta!"⁶⁸

Em outro pequeno artigo, *A margem do dia do soldado*, destacamos os seguintes trechos:

"O dia comemorativo de Caxias é o mesmo dia em que se rende preito ao soldado brasileiro: porque o grande general reuniu, no mais alto grau, as virtudes mestras de nossos homens de armas: devoção à integridade moral e territorial da Pátria, lealdade aos governos legalmente constituídos, bravura, decisão, altivez, iniciativa e espírito de sacrifício. Essa data nos sugere, a todos nós, soldados da FEB, reflexões muito confortadoras. [...] Alegria-nos pensar, mais profundamente, em quanto é honrosa a missão que cumprimos, defendendo a um tempo, a dignidade da pátria e as nossas seculares tradições democráticas. [...] Aproveitemos a esta data para nos traçarmos uma linha de conduta: marchemos, confiantes, para a frente; combatamos, sorrindo da morte; voltemos ao Brasil com a vitória. E que os outros possam dizer de nós: Devotaram-se à pátria; foram bravos, altivos, decididos, vivazes, abnegados. Lutaram pelo direito e pela liberdade. Teremos, então, sido dignos de Caxias".⁶⁹

No *Cobra*, justamente na edição que coincide com o dia do soldado, uma celebração em referência ao dia de nascimento de Caxias, o jornal traz uma menção em sua capa sobre o patrono do Exército. É a única vez que o jornal traz o patrono em destaque, num texto que o cultua, mas é preciso ressaltar que há uma diferença em relação à liturgia institucional do Exército Brasileiro, o texto evoca uma qualidade esquecida em sua versão oficial, a do Caxias político. Essa imagem de Caxias, associada à lealdade a governos legítimos, que inspira nos

⁶⁸E a *Cobra* fumou!, nº2, p.1

⁶⁹E a *Cobra* fumou!, p.1

soldados a luta pelo direito e pela liberdade, parece-me um tanto divorciada da figura mitológica, cuidadosamente construída pelo Exército Brasileiro, como símbolo das virtudes do soldado ideal, incluindo aí, o distanciamento da política.

Muitos oficiais tiveram artigos publicados no *Cruzeiro*, entre eles, os generais Zenóbio da Costa e Cordeiro de Farias. Chama a atenção um texto de primeira página, da edição vinte e seis, escrito pelo Major Nelson R. Carvalho com o título *Outra vez o pracinha, de Canudos à Itália*. O artigo apresenta uma crônica, escrita pelo coronel Azôr Brasileiro de Almeida, professor na Escola Militar do Realengo, enviada por carta ao major. Destacamos os seguintes trechos:

"Eu reconheci nessa figura bem brasileira do nosso soldado comum, mergulhado no buraco de gelo, o mesmo homem que conheci em Canudos, há 47 anos passados, no sertão nordestino, a combater os fanáticos de Conselheiro - não tinham que afrontar o frio de 14° abaixo de zero, nem os engenhos da guerra possuíam o atual poder de morte e destruição. Mas o pracinha passou 13 dias sem ouvir o toque de carnear, comendo raiz de imbú ou a magra carne de um cabrito caçado na caatinga. E normalizado o serviço de abastecimento, recebia uma pitada de sal e um litro de farinha para cada cinco homens... E os feridos não tinham hospital, a farmácia não tinha desinfetantes e gemiam com bicheiras nas feridas abertas. E não houve um caso de insubordinação, expostos como estavam às emboscadas dos jagunços.[...] Eu que conheci nosso pracinha, nunca duvidei da coragem e do devotamento com que iria hoje honrar o nome do Brasil. Contrastes e confrontes de duas guerras tão diferentes e tão distantes: o pracinha de hoje é muito mais bem assistido em todas as suas necessidades; é também muito mais rudemente castigado pelos terríveis e mortíferos engenhos de destruição e morte modernos; mas é sempre o mesmo pracinha brasileiro: simples, afável, disciplinado, agressivo, viril, heróico e generoso. Sim, pracinha brasileiro, você das Bandeiras ao Paraguai é a República, construiu a risonha e florida pátria brasileira, e agora você feito expedicionário, veio ao velho mundo para subjugar a tirania e a opressão, e libertar povos. Com você pracinha brasileiro, o nome do Brasil resplandecerá no cenário internacional! Você que venceu o jagunço fanatizado na aspereza da caatinga, está vencendo, também agora, os demônios enfeitiçados de Hitler, sob neve e gelo de ásperas montanhas - você bateu o boche em Massarossa, Camaioire, Capano e Barga, você o superou em Castelo, Bela Vista, La Serra, Soprassasso e Ióla. Você pracinha brasileiro, está sendo o artífice da grandesa militar do Brasil!"⁷⁰

Desta crônica, podemos observar o esforço descomunal, para aproximar a campanha de Canudos com a Campanha da Itália, e com as demais guerras travadas pelo Exército Brasileiro. Um esforço enorme do professor da Escola Militar do Realengo para aproximar o pracinha de Canudos com o pracinha da FEB. Me parece o tipo de artigo que nunca seria publicado pelo *Cobra*. Canudos foi uma campanha interna, para sufocar uma rebelião no sertão, que culminou

⁷⁰Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº26, p.1

em massacre. As dificuldades narradas pelo autor, a falta de estrutura para a campanha, a desumanidade com que se tratavam os soldados em nada tem a ver com a experiência febiana na Itália. A aproximação do autor descaracteriza o que é ser praça na FEB, se levarmos em conta o que apontamos no segundo capítulo, e mais descabida ainda no que se refere ao campo político, como demonstraremos mais adiante no capítulo.

Sobre a apresentação do jornal, existem algumas colunas que são fixas e estão presentes em todos os números do jornal. A coluna *Noticiário Internacional* traz notícias diversificadas sobre acontecimentos internacionais, política interna de países estrangeiros, entre outras questões. A coluna *O que vai pelo Brasil* traz notícias sobre política nacional, declarações sobre a FEB, entrevistas com membros do governo. A coluna *Cartas do Brasil* traz a transcrição de trechos de cartas que foram enviadas do Brasil para os expedicionários. A coluna *Esportes* tem as notícias do futebol brasileiro, resultados de jogos, transferências de jogadores, calendário esportivo, vôlei e tênis também tem lugar na coluna. *A guerra em quatro frentes* traz notícias da guerra, acontecimentos militares marcantes, progressão dos exércitos aliados em todos os *fronts*. Além das *Citações de combate*, retiradas do boletim interno da FEB e que demonstram reconhecimento do comando por atos de bravura dos combatentes brasileiros.

Outro aspecto relevante sobre o *Cruzeiro* é a tentativa de estimular os soldados através da publicação de histórias de bravura e sacrifício em combate por parte dos brasileiros. Sob várias formas, essas histórias estão em quase todos os números do jornal. Logo na primeira edição, o *Cruzeiro* traz um artigo publicado no *O Globo*, assinado pelo correspondente do jornal, Egydio Squeff:

"Releio a ordem do dia do general Mascarenhas: 'promovo, post-mortem, ao posto de cabo, o soldado Cesário Aguiar, morto em ação e que, depois de gravemente ferido, lançou-se para a frente procurando destruir a metralhadora inimiga que o atingira, dando provas de bravura, espírito de sacrifício e grande desprendimento.' [...] o inimigo está diante de Cesário, palpável, odioso e loiro. O soldado Cesário avança com os companheiros. Chove a metralha alemã. Cesário sente que está ferido. Gravemente ferido. Sim, ele um desconhecido brasileiro de Sorocabana, mas os nazistas não o assustariam. Por certo, em um instante lembrou-se de muitas coisas, coisas confusas misturadas com o sangue da luta. Acima da luta, talvez. E isso fez do soldado Cesário um herói. Com a mão firme na granada, avança descoberto para destruir a metralhadora inimiga. [...] O soldado Cesário Aguiar é ainda a nossa resposta aos que cuidavam de nós, da capacidade de afirmarmos com sangue a decisão de salvar a liberdade, aos que duvidavam da nossa bravura".⁷¹

⁷¹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº2, p.2

Esse rito de elogio do sacrifício assumia diferentes formas, como o poema encontrado na quarta edição do *Cruzeiro*, no artigo *A intriga*:

"Informam fontes pouco dignas de crédito que Praxedes Gomes da Silva, vitimado por um bombardeio inimigo, perdeu um braço contendo um relógio de estimação.

Terminado o bombardeio
Daquela tarde de outono,
Recolheram-se os feridos
E um simples braço, sem dono.

Iniciaram-se as pesquisas,
- Põe-se em busca muita gente
Para achar o proprietário
Desse braço independente.

Dois dias eram passados,
Quando se encontra, afinal,
Praxedes Gomes da Silva,
Sem braço num hospital.

O tenente compungido,
Conta-lhe toda história,
Ressaltando comovido
Que no sacrifício há glória.

Praxedes ouve um instante
Depois diz sem embaraço:
- Eu queria era o relógio
Que esqueci lá no meu braço..."⁷²

Esses relatos, que elucidavam sempre a bravura e o desprendimento, também dão noção ao leitor de como os combates na Itália eram travados, via de regra, por pequenas frações de soldados, ou em ações de patrulha pela terra de ninguém, resultando em encarniçados confrontos. Como no caso abaixo, também publicado no *O Globo* pelo correspondente Egidio Squeff, que narra a trajetória do sargento Cordenuto, e segundo a reportagem era estudante que foi convocado para a FEB e acabara de ser ferido em combate pela segunda vez:

"[...] Eu não queria voltar, mesmo neste momento não quero voltar [...] mas quando dei alta, os médicos verificaram que a bala alemã que me atravessara o pescoço, afetara um pouco o movimento dos meus braços. [...] Engraçado. Eu pensei que estava morto. Já jogado no chão, com lama e sangue grudados no meu corpo, eu tinha a sensação de que ia subindo, cada vez mais leve. Escutava o fogo das metralhadoras em torno, podia até ver cabeças de alemães. Mas não podia mexer as pálpebras, apesar de tudo. O que me espantava era o fato de um morto como eu poder pensar livremente, como eu, em coisas de que agora não me lembro. E confesso que não achei minha

⁷²Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *O Cruzeiro do Sul*, nº4, p.3

morte ruim. De repente, comecei a me arrastar, fui me arrastando, andei um tanto assim, até que acordei no hospital".⁷³

⁷³Idem, n°7, p.2

Uma seção em especial, que publicava as citações de combate que tinham sido publicadas originalmente em boletim, era claramente voltada ao reconhecimento e elogio do sacrifício dos soldados brasileiros. Da nona edição do *Cruzeiro*, reproduzimos algumas citações para o leitor:

"Soldado João Peçanha de Carvalho - IG - 235877 - Estado de Minas Gerais
Em 12-12-944:

A citação do soldado Peçanha tem, no aspecto, duplo valor, estímulo e consagração. Era um soldado apenas, mas brasileiro acima de tudo, tinha o pensamento menos voltado para si do que para a glória da sua terra. A doze de dezembro último, atingido mortalmente por bala inimiga, expirava nos braços do seu comandante, gritando ainda aos seus companheiros vizinhos, Avancem, camaradas! Era um herói. É um exemplo notável. Reverenciemos o soldado Peçanha e respeitemos a sua memória.

Terceiro Sargento José Carlos da Silva - IG 196049 - Estado de Minas Gerais.
Em 12-12-944

O seu pelotão por ordem superior, se retraía no ataque realizado contra as posições inimigas do morro do Castelo, em doze de dezembro passado. O sargento José Carlos voltou ao ponto que havia atingido antes, para reconduzir um companheiro que lá jazia ferido, dizendo: 'homem do meu grupo não fica ferido esperando socorro'. Neste mesmo momento foi mortalmente atingido por bala inimiga, ali ficando o seu cadáver cerca de dois dias. É um exemplo que pela sua pureza, pela sua própria elevação, dispensa comentários. Aponto-o com carinho e respeito à tropa brasileira".⁷⁴

São inúmeros os exemplos, de textos do jornal, que atribuem como exemplar à tropa as atitudes de bravura e sacrifício reproduzidas no jornal. Seja através das reportagens dos correspondentes de guerra, seja através da citação em boletim, seja através das contribuições enviadas pelos soldados. Sendo essa uma característica marcante de o *Cruzeiro*, e muito compreensível quando observada a sua finalidade de elevar o moral dos combatentes da FEB. Como último exemplo desse tipo de texto, segue a carta do senhor Theodoro Fernandes Ferrugem, pai de um expedicionário morto em combate:

"Exmo. Sr. Coronel João de Segadas Viana
D. Cmt. do 6º Regimento de Infantaria da FEB
Tenho em mãos a carta desse comando por gentileza de V.S. comunicando-me a morte de meu idolatrado filho - Ademar Fernandes, em combate e no cumprimento do dever. Desnecessário se torna frisar a dor que me punge a alma que só nas palavras de conforto de outro brasileiro que partilha a mesma luta em prol da Pátria pode encontrar um lenitivo. A morte é nada como ponto final à vida bem vivida. Tudo pelo Brasil!
Theodoro Fernandes Ferrugem.
Goiânia, 10 de janeiro de 1945".⁷⁵

⁷⁴Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº9, p.2

⁷⁵ Idem, nº21, p.3

Outro ponto que é comum no jornal é a veiculação de textos que demonstrem a violência da agressão alemã, de certa forma, observando no inimigo um aspecto desumano, visando criar ânimo nos soldados para que não hesitem diante do alemão. Como exemplo, na vigésima sétima edição, o artigo *Atrocidades alemãs - o inimigo é cruel e desumano - na área de Belvedere*:

"naquele setor do front italiano, a miséria moral, a covardia e a perversidade dos alemães que, sobre deixarem insepultos os nossos camaradas tombados nos primeiros ataques, infestaram os seus próprios companheiros de farda com engenhos de morte que explodiriam ao primeiro gesto cristão de dar-lhes sepultura. [...] no dia 28 de setembro uma patrulha alemã chegou a Ronchidosso di Sopra, onde se ocultavam nove *partigiani*. Entre os patriotas italianos e os tedescos foi travado um pequeno combate, no qual os boches levaram a pior, perdendo nove soldados e deixando dois feridos. os *partigiani* conseguiram se evadir para um bosque vizinho, enquanto o inimigo, sob efeito da refrega sofrida, se dirigia inopinadamente para a casa de uma camponesa, ali aprisionando aquela pobre mulher, seu marido, duas filhas e mais três italianos, levando-os todos para Ronchidosso de Sopra, onde concentraram outros civis, para, assassinando-os friamente, vingarem a derrota para que lhes havia infringido os patriotas. A mulher e as duas filhas, levadas outra vez para casa, escutaram, daí a instantes, disparos de armas automáticas, confirmados imediatamente pelo soldado de guarda que lhes disse: -o seu marido e os amigos estão acabando de morrer. Exomo se lhe não bastasse tamanho sadismo, ainda continuou: - Isso não é nada porque nós já matamos até um *partigiani* de dois meses de idade, e em seguida, para não deixar os pais muito desconsolados, matamos eles também. [...] A camponesa dessa história que, após cinco dias de prisão conseguiu escapar, contou depois às nossas autoridades militares que não foi possível mais identificar o corpo do seu marido, porque não havia nada além de ossos e cinzas. *Soldado brasileiro - o inimigo é perverso e desumano, combatei-o com ódio a que ele faz jús. Cada soldado alemão que morre é um perigo a menos para a civilização*".⁷⁶

Uma estrofe de um poema retirado de o *Cobra* nos dá ideia de que o objetivo de desumanizar o inimigo funcionava em parte da tropa. Uma das estrofes do poema *É bão, é gostoso*, publicada na décima segunda edição do jornal afirma que:

"Vim embora pra tropa, i vivo na tropa
Fazendo o teimoso rolá pelo chão.
Dô tiro na testa, eu mato o qui resta
É bão, é gostoso matá alemão".⁷⁷

Como vimos até agora, o *Cruzeiro* estava comprometido com os objetivos institucionais, com a execução de um dos objetivos previstos no manual do Serviço Especial e com as tradições estabelecidas no Exército. Coisas importantes aos militares da ativa do Exército não foram esquecidas, como as listas de promoções de oficiais de todas as armas,

⁷⁶Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O *Cruzeiro do Sul*, nº27, p.3

⁷⁷E a *Cobra* fumou!, nº12, página não numerada

divulgadas em vários números do jornal, além das notícias sobre o Exército Brasileiro de maneira geral.

Ao mesmo tempo, havia reconhecimento da situação temporária dos civis convocados para a FEB, e seus anseios não foram esquecidos pelo jornal. Como exemplo, a preocupação com o pós guerra, assim como em o *Cobra*, foi estampada no *Cruzeiro*. A décima edição traz um ótimo exemplo para demonstrarmos esse aspecto, no artigo *Os bancários da FEB*.

Segundo o artigo, a quantidade de bancários incorporada na FEB é de 150 febianos. O Sindicato dos Bancários organizou a Comissão de Assistência ao Bancário Convocado - CABC. O movimento surgiu para dar assistência moral e material aos colegas convocados e suas famílias. A CABC enviava encomendas para o *front* e visitava as famílias dos bancários em guerra. Inclusive, vários elementos colaboradores da CABC foram eleitos para a diretoria do sindicato, adotando como proposta "o amparo e a defesa dos nossos colegas que ora lutam na Europa [...] Para eles, teremos de reivindicar, quando regressarem à vida civil, tratamento justo e compatível com os sacrifícios que estão fazendo em defesa da liberdade".⁷⁸

Outro ponto ainda merece destaque em o *Cruzeiro*. As notícias internacionais e notícias do Brasil, captadas por rádio escuta e transcritas no jornal, não parecem obedecer nenhum tipo de critério político específico. O jornal noticia, em vários números, todo o processo de estabelecimento das eleições gerais para presidente no Brasil, notícias da URSS, o processo de reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e URSS, anistia ao líder do PCB Luís Carlos Prestes, notícias de congressos sindicais internacionais, repercussão internacional da presença da FEB na luta europeia.

E, por fim, assim como o *Cobra*, o *Cruzeiro* também trazia humor e entretenimento, sendo ambos, de uma leitura muito agradável para quem está familiarizado com a temática da FEB. O *Cobra* trazia um humor mais escrachado, popular e desafiador. O *Cruzeiro* era mais conservador, e sabia explorar muito bem a diversidade de convocados presente na FEB, entre eles algumas celebridades como: o ilustre artista Carlos Scliar, que inclusive fez ilustrações para o jornal, e vários jogadores profissionais de futebol que pertenceram à FEB e a sua seleção de futebol: Braulio de Almeida (Atlético Mineiro), Mato Grosso e Dunga (Botafogo), Labatut (Olaria), Geninho (Botafogo), Bidon (Madureira), Perácio (Flamengo), Walter (Botafogo) e Careca (Fluminense).

⁷⁸Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº10, p.4

Não podemos esquecer as reportagens dos correspondentes de guerra. Egydio Squeff, Joel Silveira, Rubem Braga, Francis Hallawell, entre outros, escreveram ótimos artigos e crônicas, publicados no jornal.

3.3 Vozes dissonantes forjando a democracia?

Ao longo do terceiro capítulo, as visões gerais desses jornais da imprensa militar da FEB nos remetem à peculiaridades e sutis diferenças de editoriais. Vimos que o *Cobra* estava alinhado aos anseios dos febianos, e vimos que o *Cruzeiro* atendia a objetivos institucionais do Exército, ligando à FEB e às tradições do *Exército de Caxias*, exaltando também a bravura e o sacrifício pela obtenção da elevação da moral como principal objetivo. Nesse sentido, *Cobra* e *Cruzeiro* eram vozes dissonantes, ligadas a identidades distintas de febianos e caxias.

Esta última seção do capítulo respeitará uma lógica diferente. Durante a leitura dos jornais, detectamos que ambos trataram a questão da democracia. O trabalho trazia a hipótese de que os febianos tinham características anômicas em relação às práticas dos caxias. Essa seria uma marca do conflito entre os dois grupos identitários distintos. Mas a convivência dos estabelecidos caxias - isolados de seu *Exército de Caxias* - poderia trazer o risco da contaminação anômica para alguns dos caxias? Alguns dos estabelecidos podiam incorporar valores e visões da identidade outsider febianos? A hipótese assumida no trabalho é que esse risco era real para os caxias. E nesta seção do texto, ao falar da democracia nos dois jornais, ficaremos atentos a possibilidade de contaminação dos caxias com valores febianos, essencialmente a defesa da democracia.

Ao inserir os fragmentos de textos citados dos jornais, a partir de agora, vamos respeitar uma ordem cronológica, para que possamos verificar se há mudança na forma como a democracia era apresentada nos jornais.

O *Cobra* foi criado aproximadamente cinco meses antes de o *Cruzeiro*, embora tenha quase um terço do número de edições de o *Cruzeiro*. No primeiro e segundo capítulos, vimos que os febianos incorporaram a ideia de que a doutrina militar estadunidense, e as práticas do *US Army* eram mais democráticas na prática do que as do Exército de Caxias. Vimos também que a experiência da linha de frente colocava todos em igualdade de condições, e isso foi percebido pelos febianos como uma forma de vivência democrática. O *Cobra* nos dá indícios dessa visão logo no primeiro número, de agosto de 1944, com as *Queixas e sugestões do Neurastênico*: "os militares brasileiros vinham dando mais um exemplo de democracia, entrando todos na fila, para o rancho. Alguns, entretanto, estão começando a ficar distraídos

engajando, sem orgulho, na frente. Parece-nos que aquela salutar prática deveria ser mantida".⁷⁹

Nesse trecho, o jornal sai em defesa da fila igualitária para o rancho, hábito introduzido na Itália pelas cantinas do *US Army*, onde não havia separação entre oficiais e praças, como no Exército de Caxias. Inovação que já foi citada como percebida pelos febianos como uma prática democratizante.

Ainda no primeiro número, um artigo do jornal atesta que "o pavilhão brasileiro foi plantado nas terras da Itália; e seus soldados caminham serenos para o campo de batalha, conscientes de que lutam pelos direitos mais sagrados do homem: liberdade de dizer o que se pensa, liberdade de se crer num Deus, liberdade de não se sofrer temor".⁸⁰ Bem sabemos que a ditadura Vargas não garantia liberdade de expressão e nem liberdade de não sofrer temor, aliás, era um Estado que inclusive possuía censura e polícia política justamente para monitorar o que se falava e caçar os opositores do regime.

No sétimo número de o *Cobra*, em novembro de 1944, o artigo *Bandeira do Brasil*, assinado pelo padre Hipólito, afirma que "a nobre presença de sua bandeira, nos campos de luta, não devia faltar, como nunca faltou, nos dias passados da tua história quando se lutou para defender o fraco e o oprimido, e para assegurar a garantia da Liberdade".⁸¹

A contradição entre o objetivo da luta anti nazifascista na Itália e a forma como as coisas eram levadas no Brasil resultava inclusive em piadas em o *Cobra*, como na edição de Natal e Ano novo, que trazia na coluna *Serviço Telegráfico* o seguinte texto:

"Rio 10 (Escambáu) - Informa-se nesta cidade, com absoluta segurança, que todos os jornais do Brasil vão se dirigir ao seu importante colega "E a Cobra Fumou" felicitando-o calorosamente pelo fato de ser o único jornal que circula sem ser registrado no DIP. Acrescenta a informação que a suspensão da censura à imprensa foi motivada pela grande repercussão causada em todo o mundo democrático pelos artigos desse influente Mestre Praça".⁸²

Brincadeiras à parte, os febianos de o *Cobra* demonstram total consciência de que lutavam por liberdade contra o fascismo e o nazismo na Itália, enquanto havia um governo com elementos fascistas no Brasil. Por isso, a piada com o fim da censura, algo que eles sempre combateram e, em alguma medida, através de o *Cobra* nunca respeitaram.

Na mesma edição, a coluna *Dizem que...* completou: "as eleições no Brasil se devem à FEB". Interessante notar que isso ocorreu antes do anúncio da reforma constitucional que

⁷⁹E a Cobra Fumou!, nº1, p.3

⁸⁰Idem, p.1

⁸¹E a Cobra Fumou!, nº7, p.1

⁸²Idem, nº8, p.6

visava a organização dos partidos e das eleições de 1945. Isso demonstra que os febianos também estavam conscientes de que lutar ao lado das potências democráticas pelo fim do fascismo e do nazismo sem ter democracia em *casa*, resultaria numa contradição tão grande que não poderia ser sustentada pelo Estado Novo, e que eles acreditavam estar contribuindo para a causa democrática no Brasil.

Nesse sentido, ressalto que, para os fins deste trabalho, não é nosso objetivo esclarecer se a FEB foi responsável pela volta da democracia ao Brasil ou qual teria sido seu peso na decisão de Vargas em realizar eleições. Importa esclarecer que os febianos do *Cobra* acreditavam nisso, se viam no papel de um grupo que colaborava decididamente na luta pela democracia.

O historiador Luciano Meron, afirma que, mesmo antes da entrada do Brasil na guerra a sociedade se engajou:

"a mobilização contra as nações do Eixo e o movimento a favor dos aliados tornara-se um importante veículo de ação popular, em especial das classes médias [...] os estudantes tornaram-se o meio de ligação dos grupos que se articulavam [...] associações civis com o intuito de mobilizar a sociedade baiana em prol dos aliados, contra os facistas e a favor da democracia [...] como ator de muitas destas mobilizações políticas estava o PCB. Mesmo na clandestinidade o Partido Comunista estava envolvido e ativo junto a esses movimentos, estudantes, professores, operários, profissionais liberais".⁸³

Só não podemos desprezar o fato de que a FEB foi composta por pessoas que vieram desses grupos, como demonstrado no primeiro capítulo. Estudantes e recém graduados em universidades eram os oficiais da reserva, entre eles inúmeros profissionais liberais, advogados, dentistas e médicos. O historiador Carlos Henrique Lopes Pimentel, afirmou que vários comunistas estiveram na FEB, como Salomão Malina, Jacob Gorender e Pedro Paulo Sampaio de Lacerda, entre outros.⁸⁴

O *Cruzeiro*, já no seu primeiro número, em janeiro de 1945, levanta a questão da democracia num artigo escrito pelo Major Reynaldo Saldanha, militar profissional, oficial superior da ativa no *Exército de Caxias*, posteriormente nomeado chefe do Serviço Especial da FEB. Segundo o major:

"O significado da participação ativa das forças armadas do Brasil na guerra vai progressivamente se acentuando. [...] Essa luta é, na verdade, uma grande revolução mundial em torno dos ideais de Liberdade e Justiça. A Revolução Francesa, de tão profundas conseqüências na vida dos povos, teve seus efeitos

⁸³, Meron, op. cit., p.27

⁸⁴ Ver PIMENTEL, Carlos Henrique Lopes. A esquerda militar no Brasil: os veteranos comunistas da FEB. *Veredas da História*, 2º semestre de 2010, ano III, ed. 2, 2010, pp. 1-20

retardados em certos países. A de agora, aproximadas as nações pela velocidade dos transportes e pela rádio comunicação, envolveu desde logo o mundo. Não se pode existir um país indiferente ao que se passa. Ou se é contra ou se é a favor. É a ideia de liberdade dos povos e dos homens que se lança à discussão e se discute com as armas. [...] Pela primeira vez na sua história, o Brasil tem soldados lutando ao lado de norte americanos, ingleses, russos, sul-africanos, canadenses, escoceses, neozelandeses, australianos, indús, franceses e tantos representantes de povos libertados. Estamos sob o comando de chefes aliados e os nossos generais comandam tropas de outros países. Na verdade não existem diferentes exércitos. Desmentindo as lições do passado foi possível criar um Exército único para lutar por um único objetivo. E na ânsia de liberdade os soldados se confundem, vivem juntos, combatem lado a lado, morrem com a mesma fé. [...] Um novo mundo está sendo construído. Os operários da grande obra devem regressar a seus lares levando uma sólida amizade pelos irmãos de armas, como garantia da paz futura. Mais do que os acordos diplomáticos ou os entendimentos de governo, o voto popular é que há de agir na política internacional, pela vitória dos princípios democráticos. Porque os soldados de agora, moços, conscientes e decididos, serão os condutores de tantos povos aos quais já deram o exemplo do sacrifício. [...] O exército a que pertencemos não é brasileiro, britânico, americano ou russo. É o exército aliado, é o do mundo livre. É o exército que luta para que as nações possam escolher a sua própria vida e para que os homens em cada uma delas tenham a força de determinar como desejam viver. Em um grande abraço, com as expressões de cordialidade nas mais diferentes línguas, os soldados da Democracia saúdam-se neste início de uma nova concepção de vida. E eles a defenderão, unidos sempre".⁸⁵

Este depoimento, que afirma ser a FEB parte de um Exército herdeiro dos ideais da Revolução Francesa, e defensor da democracia, vindo de um oficial superior, major, que chefiava o Serviço Especial da FEB, não pode ser ignorado. É demonstrativo de que mesmo entre os oficiais superiores da FEB, aqueles já estabelecidos no *Exército de Caxias*, que foram enviados para a FEB - neste trabalho identificados como *caxias* - já se pensa que é impossível lutar ao lado dos aliados sem defender a democracia, sem vislumbrá-la, ao menos, como um objetivo futuro, no pós guerra.

Na segunda edição, também de janeiro, há uma crítica do filme *Véspera de Guerra*, do *hollywoodiano* Frank Capra. Segundo a crítica:

"no mundo do nazismo e do militarismo nipônico os homens desaparecem como seres humanos: são massas, massas uniformes, sem vibração, sem autonomia, sem sensibilidade própria, que seguem a vibração dos rufos de tambores, automáticos e inflexíveis, marcham sob a vontade dos chefes, sentem apenas as coisas que lhe são permitidas sentir.[...] no mundo democrático [...] os homens escolhem livremente seus representantes, com plena autonomia, discordando, discutindo, procurando o melhor dentro da consulta mais ampla à opinião pública. Em vez de canhões, constroem pontes e inauguram represas de água, escolhem um melhor tipo de trem para facilitar as viagens, e os seus chefes, em lugar de acordos de assistência militar,

⁸⁵Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº1, p.4

trabalham para a vida, assegurando a paz com tratados de respeito à soberania dos pequenos e grandes Estados. O lema do filme é esse: no espaço político, só há lugar para um destes mundos. Para que um deles sobreviva o outro terá de ser esmagado. Nós sabemos qual o mundo que será esmagado, nós estamos ajudando a esmagar aquele mundo negro pesado e triste".⁸⁶

O artigo não tem assinatura, é impossível identificarseu autor. Mas está no mesmo veículo de imprensa institucional, o *Cruzeiro*. Não parece ser possível associar esses textos de defesa da democracia, davibrante discordância plural no campo das ideias, ao Exército que, na década anterior, excluía os *indesejáveis* imigrantes, negros e comunistas de suas fileiras, como nos apontou o historiador Fernando Rodrigues.⁸⁷ Um Exército que queria distância e isolamento da política, inspirado na figura mítica de Caxias como demonstraram os historiadores José Murilo de Carvalho, Frank D. McCann e o antropólogo Celso Castro. A experiência da luta anti fascista da FEB na Itália, ao lado das democracias aliadas, provocava um reflexão sobre a necessidade de mudança, de transformação, de novas interpretações e anseios no campo da política no Brasil. Ao menos, é possível tomar esses textos como indicativos disso.

É importante frisar que essa interpretação não é extensiva a todos que participaram da FEB. O general Zenóbio da Costa, por exemplo, na quarta edição do *Cruzeiro*, ainda em janeiro de 1945, afirmou em artigo que os brasileiros estavam conquistando a vitória para que "na reconstrução do mundo os povos vivam sob a égide da Liberdade, Justiça e do Direito".⁸⁸ Não menciona a democracia representativa, traz genericamente liberdade e justiça sem vínculo a ideia ou prática alguma, e a palavra direito, remetendo a legalidade. O que indica ainda pensar dentro da lógica do Estado Novo, sem demonstrar qualquer ruptura de pensamento.

Na sexta edição, também de janeiro, o cabo Geraldo Bastos Silva enviou correspondência que foi publicada pelo *Cruzeiro*, a qual transcrevemos quase na íntegra a seguir:

"Srs. Diretores de *O Cruzeiro do Sul*, peço permissão para fazer, através deste interessante órgão dos expedicionários brasileiros, breves considerações em torno de um artigo que li no jornal *Soldado*, editado no Brasil. O artigo em questão é de autoria do sgt. Max Valter Schnaidevind, do Batalhão de Guardas, e tem por título 'O nosso ideal'. O que o autor diz traduz, não o duvidamos, a intensidade dos sentimentos patrióticos e do idealismo daquele nosso camarada. Mas peço venia a ele, que é mais graduado do que eu, para fazer algumas restrições à maneira pela qual exprime esses sentimentos, e isto porque ela não é muito clara. Fazendo uma distinção quanto ao modo porque os indivíduos e as coletividades (isto é, sociedades, grupos humanos, nações) elegem seu ideal, ele não dá a estas últimas o direito de fazer tal eleição à semelhança dos indivíduos, por meios conscientes e livres. Ao contrário, dá a

⁸⁶Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *O Cruzeiro do Sul*, nº2, p.2

⁸⁷Rodrigues, 2013, p.114

⁸⁸Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *O Cruzeiro do Sul*, nº4, p.1

entender que dada a diversidade das aspirações individuais no seio das coletividades, a única via será que alguém unifique e uniformize essas aspirações, trace-as e as dirija. Como? Perguntamos. Pois essas expressões trazem logo à nossa lembrança os métodos pelos quais Mussolini e Hitler se impuzeram como duce e como fùhrer de seus povos. Esses dois responsáveis pela terrível guerra que ensanguenta a Europa, se apresentaram inicialmente como unificadores das aspirações de seus povos. Mas como procederam essa falsa unificação? Por meio da violência que eliminava ou privava de meios de comunicação de pensamento aos homens capazes de propor ideais razoáveis e humanos aos povos italiano e alemão, e da propaganda insistente e mentirosa que visava tirar ao povo como povo toda capacidade de julgar de maneira inteligente para substituí-la depois pelos urros de praça pública em manifestações preparadas pelos ministérios de propaganda e pela uniformização através de camisas negras ou pardas. [...] não vacilaram diante da necessidade de utilizar o último golpe que lhes restavam para se manter no poder, que era a guerra. Acaso? Não, consequência inevitável de uma maneira mentirosa de unificação do ideal das coletividades, pela qual os indivíduos que compõem estas são privados do direito, que é um dom de Deus, à liberdade. A maneira legítima respeita esse direito, e então há discussão, há comunicação de ideal de indivíduo para indivíduo, há comparação do ideal com a realidade, há estudo da realidade e difusão dos resultados desse estudo pelo livro, pela imprensa livre e pelos outros meios. De tudo isso o ideal das coletividades só poderá orientar-se para a liberdade de todos os povos, para a justiça nas relações entre os povos como entre os indivíduos, para a cooperação entre todos os homens, para a paz. Este é o ideal democrático pelo qual lutamos nesta guerra que, usar as palavras do sr. general Crittenger na mensagem à FEB publicada pelo *Cruzeiro do Sul*, 'é uma luta pela paz do mundo e pela democracia'".⁸⁹

É muito possível interpretar que a crítica inicial do texto, sobre a ascensão de Hitler e Mussolini ao poder, poderia ser endereçada também ao próprio presidente Getúlio Vargas. E a defesa da liberdade de expressão, de imprensa, e da democracia, que se faz no fim do texto, também pode ser interpretada claramente como um anseio, um objetivo para o Brasil do pós guerra.

Até agora, ideologicamente, podemos perceber que a maioria dos textos tem uma tendência liberal democrática, fundamentada no Iluminismo ou na Revolução Francesa. Mas, ao analisar os discursos antifascistas dos dois jornais, constatamos que o soldado Jacob Gorender emplacou quatro artigos no *Cruzeiro*. O jovem soldado Jacob Gorender, desde 1942 era um militante do Partido Comunista Brasileiro - PCB, posteriormente, mesmo sem ter cursado faculdade de História, tornou-se um célebre historiador marxista brasileiro. Até antes da criação da FEB, Gorender seria considerado mais um comunista indesejável. Mas, estava na FEB e foi à luta contra o nazismo. Trajetória similar a do historiador marxista britânico, Edward Palmer Thompson, já citado algumas vezes neste trabalho, que foi soldado do 8º

⁸⁹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº6, p.3

Exército inglês, unidade vizinha da FEB na Itália. O primeiro artigo de Gorender, no *Cruzeiro*, foi *Defendemos uma causa justa*:

"Está no sentimento popular brasileiro a aversão às guerras anexionistas. O que mais fortemente se destaca no povo brasileiro não são as expansões imperialistas, mas a marcha para o progresso, um justo progresso econômico, político e cultural. [...] Esta é uma guerra justa, simultaneamente contra a brutal agressão do imperialismo germano-fascista e de libertação nacional dos povos oprimidos [...] nós, brasileiros, temos o mais sagrado interesse nacional a defender contra a insaciável voracidade do imperialismo prussiano-fascista [...] o povo brasileiro tem sido conseqüente com a causa das Nações Unidas, lançando ao combate o máximo das suas energias disponíveis. Ele desbaratou admiravelmente, no *front* interno, a rede de intriga e espionagem composta de agentes nazistas e traidores da pátria. Tampouco, pode ser olvidado o constante fornecimento de matérias primas aos arsenais democráticos e a atuação da Marinha de Guerra e da Força Aérea, na defesa do Atlântico Sul. E, como prova máxima da sua intrepidez e da sua lealdade, tem o povo brasileiro nos campos de batalha da Europa, uma já gloriosa Força Expedicionária, que desfere incansavelmente golpes poderosos sobre os hitlerianos [...]"⁹⁰

Apesar de transparecer jargões típicos dos jornais operários e textos comunistas, tais como imperialistas e povos oprimidos, o soldado Jacob Gorender deve ter passado despercebido aos olhos dos editores de o *Cruzeiro*, tanto assim tanto que, depois desse primeiro artigo, mais três outros foram publicados.

No décimo Segundo número de o *Cruzeiro*, do início de fevereiro de 1945, encontramos um pequeno texto enviado pelo primeiro tenente Alberto Firmo de Almeida, em que afirma: "soldado expedicionário do Brasil, soldado que representa uma pátria que jamais esteve com os opressores, tua missão é grandiosa: é de lutar até o sacrifício pela vitória, vitória que represente tudo aquilo que torna a vida digna e bela, a vitória da democracia".⁹¹

Na edição seguinte, o cidadão Brito Machado escreveu de Ouro Preto para a FEB, uma poesia que foi publicada em o *Cruzeiro* e se iniciava com os seguintes versos: "Ai no meio da sangrenta luta, pela vitória da democracia, dentro de ti ó brasileiro, a voz do teu Brasil que em ti confia".⁹²

A efervescência política no Brasil era grande, e crescia à medida que o Estado Novo dava indícios de reformas visando a abertura de processo eleitoral. A imprensa brasileira noticiava os movimentos nesse sentido, e o *Cruzeiro* também noticiou a reunião ministerial que preparava as alterações necessárias para a organização de eleições no Brasil. Essa reunião ministerial originou um relatório sobre as eleições: "inicialmente, diz o relatório que a

⁹⁰Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O *Cruzeiro* do Sul, nº7, p.4

⁹¹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O *Cruzeiro* do Sul, nº12, p.2

⁹²Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O *Cruzeiro* do Sul, nº13, p.3

experiência aconselha a reforma constitucional, para o funcionamento dos órgãos representativos dentro dos princípios tradicionais da democracia, que a carta de 10 de novembro teve de afastar, para fazer frente às contingências, em 1937".⁹³

Depois desses dezesseis números de o *Cruzeiro*, no final de fevereiro de 1945, foi lançado o décimo número de o *Cobra*. Na capa do jornal, encontramos o artigo *No limiar de um mundo novo*: "Estamos às portas de uma nova era. Cansados como milhões de combatentes e orgulhosos, como eles, do nosso esforço em prol da constituição de um mundo iluminado pelas 4 liberdades: de palavra, de religião, de vontade e de não sofrer temor".⁹⁴

No mesmo número, em carta já mencionada no terceiro capítulo, quando foi abordada a visão geral sobre o *Cobra*, o comandante do 5º Batalhão de Caçadores de Taubaté respondeu ao *Cobra* a mensagem de natal do expedicionário, afirmando que "formulam aos bravos expedicionários do Brasil os votos de muitas felicidades para o ano em andamento, esperando que ele marque o retorno triunfante do Exército defensor da liberdade e dos direitos da humanidade".⁹⁵

Logo no início do mês de março, foi lançado o décimo oitavo número de o *Cruzeiro*, que trazia entrevista transcrita de *A hora do Brasil* com o presidente Vargas sobre a realização das eleições. Além disso, apresentava notícias sobre o Congresso Brasileiro de Escritores, realizado por escritores contrários a falta de liberdade de expressão imposta pelo Estado Novo, liderados por nomes como Anibal Machado, Jorge Amado, Sérgio Milliet, Dionélio Machado e Murilo Rubião. O congresso apresentou uma moção dedicada exclusivamente aos expedicionários brasileiros: "[...] a bravura e o sacrifício dessa vanguarda do povo brasileiro não só dignificam a nação e preservam os direitos que lhe cabem na estrutura de um mundo democrático no pós guerra como representam inspiração, exemplo, orgulho e carinho pelos nossos irmãos em armas".⁹⁶

A moção continua e afirma que "os escritores brasileiros saberão cumprir, na frente interna, os deveres que a FEB coube legitimar e consagrar com seu esforço. O primeiro Congresso está certo de que encarna, nesta moção, os sentimentos unânimes do povo [...]".⁹⁷ Mais adiante, está transcrita a declaração de princípios do Congresso dos escritores, resumidamente: legalidade democrática com garantia de plena liberdade de expressão, culto, segurança contra o temor, direito a uma existência digna, sistema de governo eleito por

⁹³Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº16, p.3

⁹⁴E a Cobra fumou!, nº10, p.1

⁹⁵E a Cobra fumou!, nº10, p.5

⁹⁶Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº18, p.1

⁹⁷Idem, p.1

sufrágio universal direto e secreto, pleno exercício da soberania popular pela paz internacional e independência econômica dos povos livres.

O número seguinte, o décimo nono, traz um artigo do primeiro tenente Alcyone Mello, *Prelúdio da nova civilização*. O tenente destaca que a guerra se aproximava do fim, e Churchill, Roosevelt e Stalin:

"Colocavam na estrutura política dos povos a pedra fundamental da nova civilização. Uma forma humana de disciplina social se definia. Uma democracia modelada na concepção de muitos séculos abalados se amoldava numa só aspiração. Uma democracia forjada na experiência das horas que estamos vivendo se levantou [...]".⁹⁸

Na página seguinte, noticia os organizadores do novo código eleitoral, e na última página traz um artigo do correspondente Joel Silveira em que entrevista um "velho partigiano", que havia passado 18 anos no cárcere por ser militante do partido socialista italiano. Joel Silveira afirma que o combatente pertence à Legião Garibaldi, um núcleo dos maiores e mais fortes grupamentos de partigiani que operam na área do V Exército americano, ao qual está incorporada a FEB e ao VIII Exército britânico. O grupo é formado de pessoas variadas, comunistas, socialistas, liberais, e católicos, mas a maioria é de comunistas. Joel Silveira afirma que "é impossível qualquer ofensiva de êxito e de envergadura sem o concurso dos partigiani".⁹⁹

Ainda há muitas reportagens e artigos de o *Cobra* e de o *Cruzeiro* sobre a FEB ser uma tropa a serviço da democracia. Mas citar todos aqui, apesar de possível, tornaria a leitura exaustiva e repetitiva ao leitor. Para fechar a série de citações sobre a questão, trago mais uma reportagem do *Cobra* e mais uma do *Cruzeiro*. Como já foi observado ao longo do capítulo em duas oportunidades, reforçamos que não foi possível identificar e mapear a origem social desses homens. Intenso esforço foi realizado no AHEx e nada foi encontrado. Acredito que muito da documentação da FEB, ainda está nas unidades ainda existentes e que a compuseram. A documentação da FEB no AHEx é vasta e, por isso mesmo, determinadas caixetas são difíceis de ser encontradas. Mais de uma vez, caixas solicitadas após a consulta do catálogo, não foram encontradas. A documentação de oficiais da ativa, como folhas de alterações, está microfilmada, e, para consultá-la, é necessário ir à outra seção do Palácio Duque de Caxias, onde existem as máquinas adequadas para isso. Os militares do AHEx sempre foram muito solícitos, inclusive estendendo o horário de consulta para a manhã, compreendendo a

⁹⁸Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº19, p.2

⁹⁹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº19, p.4

dificuldade imposta à pesquisa pela distância da minha residência até a cidade do Rio de Janeiro.

O penúltimo *Cobraé* comemorativo do fim das hostilidades na Europa, publicado no dia 8 de maio de 1945. Nele, um oficial superior, comandante de um dos batalhões do 6º RI, o Major João Carlos Gross, dirige uma mensagem aos seus comandados:

"Soldados do 1º Batalhão

Posso, enfim, anunciar a vós, num frito de entusiasmo: A vitória é nossa! O inimigo se rendeu! O infame nazista [...] demente de grandeza, se imaginava o representante de uma raça privilegiada em confronto com os demais homens que julgava inferiores, este nazista, orgulhoso e brutal, se rendeu incondicionalmente às forças da Democracia e da Liberdade.[...] Cumprimos o nosso dever, mas o dever continua [...] Façamos votos para que a humanidade possa gozar melhores dias e que compreenda que somente uma organização democrática, do povo, para o povo e pelo povo, lhe dará Justiça, Liberdade e Paz".¹⁰⁰

E do último *Cruzeiro*, de número 34, do dia 31 de maio de 1945, peço licença ao leitor para uma transcrição mais longa que o habitual, do quarto artigo do soldado comunista da FEB, Jacob Gorender, *Uma nova era de paz*:

"O desfecho da guerra de libertação em que se acham empenhadas as Nações Unidas torna excepcionalmente nitidas algumas conclusões de importância capital para o futuro dos povos. Tais conclusões escapam apenas à percepção daqueles que ainda raciocinam de acordo com situações ultrapassadas ou que se deixam guiar pela propaganda filo-fascista. [...] Obedecendo, pois, a um desejo puramente formal de esquematização, poderíamos, da seguinte maneira, enumerar as conclusões a que nos referimos de início:

1º) O imperialismo em geral sofrerá um golpe decisivo com o definitivo esmagamento militar e político da Alemanha hitleriana. [...] Isto significará, insofismavelmente, um importantíssimo recuo para a política de exploração dos povos atrasados que, desde o século passado, era a única solução de existência para os grandes monopólios financeiros. A guerra de libertação assinala, pois, a marcha do imperialismo para seu fim.

2º) A guerra de libertação levou à vanguarda, em cada país, as classes mais jovens e, por isso mesmo, com ampla margem de desenvolvimento, inclusive os setores progressistas do capital financeiro, os quais encontraram uma solução de existência na política da industrialização dos povos economicamente atrasados, e que determinará, não só o desenvolvimento desses países, como também a criação de mercados muito mais vastos. A guerra de libertação inflingiu, pois, uma derrota fundamental dentro de cada nação em separado, aos defensores da mais negra exploração dos povos.

3º) A conclusão anterior determina que uma situação inteiramente nova foi criada no campo das relações internacionais. [...] a conferência da Crimeia provou que é possível às nações viver num regime pacífico de mútuo entendimento, sem que as diferenças de refime social constituam, para isso, um obstáculo ponderável [...]

4º) A guerra de libertação, tendo criado nesse sentido, condições internacionais favoráveis, acelerou o processo de desenvolvimento dos países

¹⁰⁰E a Cobra fumou!, n°13, p.2

latinoamericanos, antecipando sua emancipação econômica através da criação de sua grande indústria, e determinando uma solução democrático-progressista para a sua prolongada crise política [...] jogando, também, o peso dos seus interesses específicos na balança das relações internacionais. Isto significa a irreparável eliminação dos resíduos semi feudais e o fim da mais perniciosa instabilidade política. [...]

Todas essas conclusões não serão, todavia, completas, se à sua base não colocarmos o processo de unidade nacional das forças democráticas e progressistas, o qual, desde os primeiros momentos da guerra de libertação, vem modificando a estrutura social das nações. A coexistência pacífica dos povos, durante a próxima era de paz, terá a sua base mais importante na coexistência pacífica das classes progressistas, dentro de cada povo, condicionando a próxima fase de desenvolvimento da democracia amplamente popular. O caminho nesse sentido é somente o da unidade nacional. Através da fórmula de união nacional das forças democráticas e progressistas, poderemos compreender de que maneira se criou uma situação inteiramente nova no campo das relações de classes. O esquema anterior à guerra foi superado. O fator essencial, agora, insofismavelmente provado pela situação interna dos EUA, Grã Bretanha, Brasil, França, bem como da maioria dos países latinoamericanos, reside na possibilidade de convivência pacífica das classes sociais, credos religiosos, e correntes políticas, nacionalmente unidas para o objetivo comum de praticar uma verdadeira democracia e de levar adiante o progresso econômico em benefício das mais largas camadas populares. à base da nova era de paz, estimulada e fecundada pelo sangue dos combatentes de tantas nações, estará, por conseguinte, como sua condição fundamental e garantia máxima, a união nacional dos povos, vanguardada pelas forças democráticas e progressistas".¹⁰¹

Neste texto, ainda que não declaradamente, a visão materialista de Gorender vem à tona. O texto afirma que a guerra determinou mudanças econômicas, que ao se configurarem propiciam a ultrapassagem do momento histórico anterior, do imperialismo monopolista. A guerra afetou a matriz econômica das sociedades, estabelecendo uma nova configuração política, chefiada pela vanguarda democrática progressista. Para ele, também torna-se possível a coexistência e entendimento mútuo de Estados liberais e socialistas. Além disso, o uso de inúmeros jargões tipicamente encontrados em jornais de esquerda povoa o texto: guerra de libertação, imperialismo, progressistas, campo da relações de classes sociais.

Ao longo do trabalho fizemos um grande esforço para demonstrar o que era *estabelecido* e *outsider*. Demonstramos a estrutura do Exército de Caxias, e como este se ajustou para incorporar a nova doutrina e organização do *USArmy* quando a FEB foi criada. Além disso, mostramos como a FEB foi composta por uma grande quantidade de convocados da vida civil, com variadas experiências anteriores, o que resultou numa tropa com comando caxias, de militares profissionais *estabelecidos* no Exército e maioria da tropa *outsider*. Vimos como esses *outsiders* conformaram uma identidade coletiva durante a guerra, uma identidade

¹⁰¹Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº34, p.2

febiana com valores distintos da identidade dos militares profissionais, dos caxias. E, neste capítulo, inicialmente, demonstramos como os jornais estavam ligados a esses distintos valores identitários.

Posteriormente, na seção de texto que trata da defesa da democracia nos dois jornais, na percepção de que a FEB era o Exército da democracia, demonstramos que os dois jornais abraçaram essa causa. E, ao findar esta seção, a confusão pode ter sido implantada na cabeça do leitor, que deve estar se questionando: o trabalho todo baseado na diferença de pontos de vista entre estabelecidos e outsiders, e agora, no que se refere à democracia, parece até que os dois jornais falavam a *mesma língua*?

Sim, falavam. E isso pode nos dizer algumas coisas. Primeiro, pode nos esclarecer que estabelecidos e outsiders nunca foram inimigos, somente se organizaram a partir de experiências distintas. Mas essa ideia marca todo o trabalho, pois ressaltamos desde o primeiro capítulo que estudos antropológicos sobre os militares seriam capazes de nos dar ferramentas de entendimento desse grupo genericamente denominados militares, e que os conceitos de experiência e consciência de classe poderiam nos fazer compreender os febianos. Sempre entrelaçamos as duas perspectivas, e exploramos a natureza do conflito identitário a partir desse entrelaçamento, demonstrando que existiam lógicas e valores diferentes nos dois grupos.

É impossível quantificar quantos militares profissionais, caxias, que antes acreditavam no isolamento dos militares das disputas políticas, passaram a defender a democracia participativa e os direitos civis. Mas vimos isso no *Cruzeiro*, que era um jornal institucional, editado por órgão do comando, o Serviço Especial da FEB. Esses oficiais e esse jornal incorporaram essa questão, que antes só tinha sido vista nos febianos, como demonstramos no segundo capítulo. Esses oficiais não deixaram de ser caxias, eles podem ter continuado a acreditar em uma série de valores, tradições e práticas do Exército de Caxias, mas incorporaram a defesa da democracia à sua agenda. Foram, nesse sentido, contaminados por características anômicas dos *outsiders* febianos.

Nem todos incorporaram essa agenda, como ressalta em suas memórias o tenente da reserva Demócrito Cavalcanti de Arruda. Segundo ele:

“outro fato curioso de censura política na história da FEB foi a censura existente no noticiário de *O Cruzeiro do Sul* [...] órgão oficial da divisão, os seus primeiros números foram modelo da imprensa de então existente em nosso país: ou não tinham notícia alguma de interesse, ou as notícias vinham dosadas segundas conveniências da *Hora do Brasil*. A política era proibida. A partir de certo momento, entretanto, a evolução interna do país começou, timidamente, a filtrar-se nas colunas do jornal, e de número a número, a seção, uma modesta seção de terceira página, foi tomando corpo e despertando interesse na tropa. Foi quando vimos a saber do congresso de

escritores de São Paulo e da sua declaração de princípios, da promessa das eleições, da anistia política, dos primeiros comícios, notícias que, evidentemente, sacudiam nosso torpor e nos davam motivo de fé em nosso país. Mas, o comando parece não ter entendido assim, porque, logo depois, reagia à sua maneira. A maioria dos combatentes ainda hoje ignora, por exemplo, que houve duas edições do número 30 do jornal, a primeira tendo sido recolhida por causa do noticiário político, modesto noticiário, por sinal, que trazia do Brasil e que, em boletim reservado, destinado à leitura dos oficiais, tivemos conhecimento de severa advertência do comandante chefe ao oficial responsável pelo jornal (seu grande amigo pessoal), prevenindo-o e responsabilizando-o da perturbação que tal noticiário, no entender do comando, estaria provocando no espírito da tropa. Por instruções ainda de cima, os diretores dos pequenos jornais em circulação nos regimentos (o precursor deles foi *E a Cobra fumou!*, no 6ºRI) foram chamados ao gabinete do comando e gravemente admoestados sobre o aparecimento de comentários políticos. Felizmente, as coleções desses jornais foram guardadas para se avaliar a origem desses ingênuos temores; mas naqueles dias, inadvertido ainda sobre a evolução interna do país, era dessa forma que o comando dava mostras do seu espírito ‘democrático’”.¹⁰²

Em segundo lugar, nós optamos por apontar que, entre febianos e caxias, havia uma interdependência. Está muito claro que os caxias, já estavam estabelecidos no seu Exército, quando os forasteiros convocados chegaram. E, mais claro ainda, que os convocados da FEB só puderam se tornar identitariamente febianos pois se contrapuseram aos caxias. Há uma relação de interdependência entre os dois grupos, da mesma forma que Norbert Elias e John Scotson encontraram ao estudar a relação entre estabelecidos e outsiders na comunidade de Winston Parva:

"Levantam-se as perguntas sobre o primeiro caso: as coisas ruins pedem explicações, mas as boas, aparentemente não. Assim, os engajamentos e juízos de valor daí decorrentes tendem a nos levar a perceber grupos de fenômenos inseparáveis e interdependentes como se fossem separados e independentes. Ocorre que fenômenos que, para o investigador, podem estar associados a valores diametralmente opostos podem ser funcionalmente interdependentes; o que é julgado ruim pode decorrer do que é julgado bom, e o que é bom, do que é ruim, de sorte que, a menos que se possa guardar uma certa distância, a menos que se indague sistematicamente sobre as interdependências, sobre as configurações, a despeito do que se constata ser interdependente ter valores diferentes, corre-se o risco de separar aquilo que se manifesta em conjunto".¹⁰³

Dessas considerações, da imensa atenção à configuração e à interdependência, se originou a necessidade insistente de se observar os estudos antropológicos sobre os militares, em tudo que remetia ao Exército de Caxias e à identidade caxias. E ao que remetia à experiência e identidade febianas, observamos um outro olhar, mais próximo da história social,

¹⁰² Arruda, et.al., op. cit., p. 69 - 70

¹⁰³ Elias, Scotson, op. cit., p.180

para que pudéssemos entender como se fez a identidade febianana. Ambos os grupos, submetidos a uma configuração de estabelecidos e outsiders, e interdependentes. Para dar a voz aos febianos e entender as críticas que faziam, sempre era necessário compreender os valores estabelecidos do Exército de Caxias.

Em terceiro lugar, gostaria de usar a questão da democracia para apontar uma evidência de comprovação de outra hipótese do trabalho. A de que a FEB tinha características anômicas em relação ao Exército de Caxias. Se caxias e febianos se degladiaram, se criticaram, se viram as coisas de maneira diferente a partir de suas experiências e valores distintos, se mediram forças em determinados momentos de atrito mais visível, isso foi ignorado em relação à democracia. A partir do momento em que passam a vivenciar a luta lado a lado com as potências democráticas sentindo a contradição de não ter democracia no seu próprio país, febianos e pelo menos parte dos caxias, passam a concordar que a FEB era o Exército da defesa da democracia e isso ficou evidente neste segmento do texto.

Em algum momento, a experiência passou como um rolo compressor em parte dos caxias, e estes passaram a ignorar a tradicional imagem do patrono idealizado por deixar a política de lado, cultuado como um remédio para afastar o Exército Brasileiro e seus militares da turbulenta política nacional. Não podemos esquecer dos já citados projetos conscientemente executados na instituição, nas décadas anteriores: expurgos de oficiais do Exército, exclusão dos indesejáveis do corpo dos oficiais, da invenção de tradições que remetesse à essa unidade que fazia do Exército um símbolo para a nação sob o regime do Estado Novo. Em algum momento, os oficiais e praças que se identificavam com todo esse conjunto de questões, que estavam, portanto, identificados como caxias pelos febianos, simplesmente ignoraram isso tudo e passaram a defender ativamente a democracia, a participação política, os direitos do homem, as liberdades individuais, em outras palavras, o fim do Estado Novo. Em algum momento, eles deram as costas para o desejável papel apolítico dos militares. E fizeram isso, pois, a contradição, entre o que acreditavam antes de vir para a Itália com a FEB e o que estavam fazendo na Itália com a FEB, era um abismo insuperável. Como ignorar que não se tem democracia no país de onde veio, se você está do outro lado do mundo lutando pela democracia contra os regimes nazifascistas? A experiência com a FEB os fez abrir mão de parte do que acreditavam, abraçaram a causa democrática.

E não ignoremos, a FEB era composta de extratos de toda a sociedade brasileira. Os civis convocados vieram de todas as regiões e classes sociais, do campo e da cidade, da lavoura, do comércio, do funcionalismo público, do operariado, de agremiações estudantis, da militância estudantil e até mesmo da militância do PCB, considerado ilegal pelo Estado Novo.

Filhos de imigrantes italianos, alemães, poloneses, russos, espanhóis, portugueses, japoneses, judeus, negros e tantos outros considerados antes indesejáveis, estavam na FEB. Estavam enfrentando a morte, lutando lado a lado com civis de uniforme e militares estadunidenses, ingleses, australianos, indianos, sul africanos, neozelandeses, franceses, russos, *partigianis* italianos de todos os tipos de posicionamento ideológico. Como ignorar uma experiência radical desse porte, e a capacidade que ela tem de fazer as pessoas repensarem seus pontos de vista.

Elias e Scotson, definiram no extrato de texto que se segue como eram os estabelecidos em Winton Parva. Se substituirmos a palavra *aldeia* por Exército, *espírito da aldeia* por espírito de Caxias, *grupo nuclear* por alto comando do Exército, teremos um retrato muito próximo do Exército de Caxias:

"No caso da *aldeia*, como vimos, o grau relativamente alto de coesão, quaisquer que fossem suas outras funções sociais, era também um fator significativo no poder e status da comunidade. O elevado conformismo às normas aceitas, o caráter *nômico* da vida da *aldeia*, devia-se a uma mescla de uma crença sincera no valor do *espírito da aldeia*, por parte de um poderoso *grupo nuclear* [core group], com um controle social coercitivo, exercido pelos membros desse grupo dirigente e por muitos de seus seguidores em toda a comunidade, tanto sobre os próprios membros quanto sobre os adversários e desviantes em potencial. Na medida do possível, a oposição e o não conformismo eram eliminados ou silenciados. Quando os líderes comunitários e seus seguidores falavam da *aldeia*, frequentemente pareciam suprimir até de sua consciência os fatos que não coadunavam com sua imagem idealizada da *aldeia*. Falavam como se esta realmente fosse, como julgavam que devia ser, uma comunidade harmoniosa, totalmente unida e inteiramente boa".¹⁰⁴

Levando em consideração, o que foi dito antes, sobre a interdependência entre o que é nômico e anômico, trago mais uma observação de Elias e Scotson:

"Há, portanto, uma estreita ligação entre a capacidade de perceber e estudar os seres humanos em configurações e a capacidade de manter fora da pesquisa os juízos de valor estranhos ao tema investigado. O reconhecimento de que o conceito e os problemas da anomia não podem ser esclarecidos sem que se esclareça a configuração inversa, a das condições que não são anômicas, é bastante óbvio. [...] Referida a uma forma de mau funcionamento social, a anomia é percebida como um problema tópico de importância considerável e, a esse título, parece digna de investigação. Seu inverso, a nomia, é tido como normal; implica que tudo está bem e, por conseguinte, não parece suscitar nenhum problema".¹⁰⁵

Neste trabalho, nos esforçamos para apresentar o que era tido como normal no Exército Brasileiro, no ano de 1942, bem como as reformas e mudanças da instituição no período

¹⁰⁴ Elias, Scotson, op. cit., p.179

¹⁰⁵ Elias, Scotson, op. cit., p.179-180

imediatamente anterior. Deste *instantâneo* sobre o Exército e seus estabelecidos, passamos a captar a voz dos outsiders que chegaram para compor a FEB. Colocamos sempre em perspectiva relacional o que os febianos diziam e o que pudemos apresentar sobre a realidade do Exército Brasileiro naquele momento. Dessa forma, podemos constatar o que era tido como nômico e anômico. E nesse sentido, constatamos a *contaminação* de parte dos caxias por aspectos anômicos da FEB, através desse exemplo da luta democrática em oposição ao distanciamento político tido como normal no Exército.

Reforçando esse aspecto, recorro a entrevista de Gois Monteiro - figura chave em todo o processo de unificação do Exército em torno do Estado Novo, ou seja, o processo de nomificação do Exército - que, no período de ressurgimento das eleições e do retorno da democracia, referiu-se ao Estado Novo da seguinte forma: "pelo menos, com quase 8 anos de prática do atual regime, os brasileiros tiveram tempo suficiente para poder hoje, com discernimento, reconhecer os malefícios ou benefícios desta situação".¹⁰⁶ Em sua fala, é reconhecível a falta de entusiasmo pelo retorno das eleições, e a insinuação de que o Estado Novo tinha algum benefício. É certo que difere, e muito, da entusiástica defesa da democracia feita por febianos, e parte dos caxias na Itália.

¹⁰⁶Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, O Cruzeiro do Sul, nº19, p.3

Considerações Finais

Ao longo da pesquisa, e deste trabalho, buscamos esclarecer as questões propostas inicialmente ao leitor. Sempre atentos ao modelo configuracional de análise, por compreender que os militares profissionais, já estavam estabelecidos no Exército Brasileiro quando os convocados para a FEB, outsiders, se apresentaram.

No primeiro capítulo, explicitamos com clareza a anomalia organizacional que era a FEB. Vimos que o próprio ministro da guerra, em seus relatórios ministeriais se referia à FEB como uma anomalia, como unidades *tipo FEB*, completamente diferentes das unidades normais do Exército. As unidades da FEB possuíam efetivo, armamentos, manuais e doutrina originárias do *US Army*, enquanto o restante do Exército possuía armamento majoritariamente europeu e baseava-se na doutrina militar francesa. Portanto, verificou-se que os outsiders convocados somente nomearam essa diferenciação de outra forma, dando o nome de Exército de Caxias para o Exército territorial, e Exército da FEB para a Força Expedicionária Brasileira, que atuaria além mar. Demonstramos, portanto, que haviam diferenças estruturais observadas tanto pelo alto comando do Exército quanto pelos convocados, e que as diferenças observadas foram interpretadas de acordo com a experiência de cada um desses grupos de pessoas.

No segundo capítulo, exploramos os relatos memorialistas para demonstrar que a experiência vivida nos campos de batalha da Itália foi capaz de forjar uma nova identidade entre os convocados, por nós batizada de identidade febianas. Essa identidade baseava-se em valores cultuados nos campos de batalha, e era frontalmente oposta aos valores dos militares profissionais, dos caxias. Para febianos e caxias, regulamento, disciplina, hierarquia, direitos, objetividade, eram interpretados de maneira diferente, para os caxias mantinham-se os valores do tempo de caserna no Exército de Caxias, para os febianos adotavam-se as lições cotidianas aprendidas na guerra com a FEB. Apontamos, mesmo, casos em que a lógica de membros desses grupos era conflitante, como no Inquérito Policial Militar sobre o roubo do reboque de Jeep, ou nas notas para boletim, demonstrando que essa tensão pode ser percebida para além dos relatos memoriais. E demonstramos que alguns dos caxias acabaram incorporando parte das novidades vividas na FEB, como o caso da substituição de punições disciplinares por multas em dinheiro, como faziam os americanos. Já apontando que a FEB podia provocar anomia em alguns de seus caxias, em relação às práticas tidas como normais no Exército de Caxias.

No terceiro capítulo, demonstramos a total interação entre as identidades de febianos e caxias, respectivamente, aos jornais militares *E a Cobra fumou!* e *O Cruzeiro do Sul*. Como

esses jornais eram porta-vozes de febianos e caxias, defendiam suas perspectivas e interesses. E demonstramos, através da análise dos discursos em defesa da democracia, de ambos jornais, que nesse ponto, ambos concordavam. A defesa da democracia - que estava altamente identificada na identidade febiana, que via as práticas mais igualitárias do *front* como uma democracia prática - realizada desde a primeira edição do *Cobra*, e também, a ideia de que a FEB era o Exército da democracia, foi encampada depois pelo jornal do Serviço Especial da FEB, o *Cruzeiro*, um órgão do comando. Nesse sentido, demonstramos que a neutralidade em relação à política, tão defendida pelo Exército de Caxias, foi rompida na FEB, sendo esse *contágio*, um grande exemplo da capacidade anômica da FEB.

Fica, portanto, a impressão muito clara, de que a FEB além de ter uma organização estruturalmente diferente do restante do Exército, acabou por forjar uma nova identidade e novos valores nos outsiders febianos. Valores que acabaram contaminando alguns dos militares profissionais que compunham a FEB, e portanto, retornariam ao Exército de Caxias para dar continuidade à carreira no pós guerra. Isso não foi bem visto pelo comando do Exército. Apesar de nenhuma fonte indicar isso explicitamente, podemos assumir esse posicionamento com base nas afirmações a seguir.

O historiador Francisco César Alves Ferraz argumentou que:

“Mas foi no aproveitamento dos militares febianos nas próprias fileiras do Exército que a má vontade contra a FEB, dentro da instituição, foi mais evidente. Mal chegaram no Brasil, os militares da ativa foram destacados para guarnições distantes, como se fosse um castigo. [...] Aqueles que pediram reengajamento pensavam em encontrar um exército que os recebesse de braços abertos. Isso somente aconteceu para uns poucos. Era mais comum um oficial anti-febiano começar a “pegar no pé” de um veterano. Para vários deles, a decepção foi tão marcante, que após algum tempo na caserna, deixaram o Exército. [...] Os sargentos de carreira também foram prejudicados por serem “febianos”. As vagas existentes foram preenchidas com os sargentos que ficaram no Brasil, durante a guerra. Quando voltaram, os sargentos expedicionários, muitos dos quais condecorados por bravura e com folhas de serviço exemplares para qualquer força armada do mundo, “tiveram que amargar alguns anos à esperada merecida promoção e o pior, impedidos por muitos anos de portarem suas medalhas. Situação semelhante viveram os oficiais da reserva que quiseram incorporar-se ao Exército. Pelo Decreto-Lei Nº 8.159, de 3 de março de 1946, se desejassem continuar no Exército, eram obrigados a matricular-se na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende, Rio de Janeiro. Mesmo com toda a folha de serviços da FEB, foram nivelados aos cadetes calouros e obrigados a assistirem a sargentos, sem experiência de guerra de verdade, ensinarem-nos a combater. Como se tudo isto não bastasse, ao fim do curso, todos os alunos “regulares” da AMAN

foram colocados na frente dos oficiais veteranos R-2, no Almanaque do Exército, inviabilizando suas carreiras”.¹

No texto de Ferraz, a palavra febiano refere-se a todos aqueles que pertenceram à FEB e lutaram na Itália. Neste trabalho, assumimos que também existia uma identidade coletiva febianana, que nasceu da experiência nos campos de batalha da Itália. E que muitos militares do chamado Exército de Caxias, ou seja, militares profissionais do Exército Brasileiro, que nós identificamos como caxias, também estavam na FEB. Portanto, do fragmento do texto de Ferraz, concluímos que, ao retornarem da guerra, os caxias que compuseram a FEB não foram bem recebidos no próprio Exército de Caxias para continuar a sua carreira, e muito menos os oficiais da reserva que enquadrámos como parte dos febianos. O comando do Exército de Caxias percebeu o perigo da contaminação anômica, mesmo entre seus militares profissionais que compuseram a FEB, e agiu para contê-los. O próprio autor, baseando-se em documentação encontrada no acervo do general Goes Monteiro no AHEx, construiu uma hipótese explicativa para essa postura do Exército, que parece comprovar a ideia de que havia temor de contaminação do Exército com valores e elementos febianos:

Uma hipótese bastante provável é a de que, apesar da experiência vitoriosa da FEB, a missão primordial da força militar terrestre no Brasil era (e continuaria sendo por anos a fio) a segurança interna, mais que a externa. Malacabara a guerra, e os temas de pauta nas reuniões semanais do então ministro da Guerra Goes Monteiro, que substituíra Dutra na pasta, eram fundamentalmente políticos, especialmente uma possível infiltração comunista no Exército.²

O fato é que a FEB, por um tempo, caiu num tipo de ostracismo institucional no Exército. Há vários testemunhos de oficiais de alta patente que parecem confirmar isso. O general Ernesto Geisel, afirmou em suas memórias que “o Exército não aproveitou muito os ensinamentos da FEB [...]”.³

O coronel Floriano de Lima Brayner, que havia sido chefe do estado maior da FEB, em seu livro de memórias, registrou que:

“Outro aspecto das confabulações contra a FEB foi o destino a dar aos oficiais que regressavam do *front*. Enquanto a tropa era desmobilizada em condições de tempo apertadas, os oficiais superiores deveriam ser lançados para guarnições longínquas. Gerou-se, assim, um ambiente de angústia entre os que tinham cometido o feio crime de ter aceito a designação para as formações expedicionárias, ser *febianos*. Enfim, a FEB, corpo estranho no organismo militar brasileiro inspirara terror. A quem? Difícil definir”.⁴

¹ Ferraz, op. cit., p. 170 - 172

² Ferraz, op. cit., p. 172

³ CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina. (Org.) **Ernesto Geisel**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997, p.94

⁴ Brayner, op. cit., p.521

O próprio comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, um ano depois do fim da guerra escreveu em carta para seu amigo e companheiro na FEB, general Cordeiro de Farias, em que disse:

“[...] tive notícia de suas conferências em Buenos Ayres e Montevideu, sobre a campanha da Itália, nas quais contou você com uma seleta assistência. Dou-lhe os meus parabéns por esse serviço prestado à FEB. **A escola de Estado Maior apresentou uma série de conferências sobre as operações da Itália, que, soube, estiveram magníficas, apesar de não terem interessado aos nossos generais, nem mesmo ao chefe do Estado Maior.** Os generais da reserva não compareceram por acanhamento”.⁵

Ao longo do trabalho, nas fontes, encontramos várias expressões para designar a FEB: anomalia, unidades tipo FEB, Exército da FEB, corpo estranho no organismo militar brasileiro, entre outras. Essas expressões corroboram a visão de que a FEB era uma organização marginal em relação ao restante do Exército Brasileiro ou Exército de Caxias. Fica claro que o Exército de Caxias, percebeu a ameaça que a FEB e seus membros representavam a todas as suas normas, tradições e valores.

Dessa forma, a dinâmica relacional entre estabelecidos e outsiders foi determinante para que o Exército abrisse mão de sua tropa mais perfeitamente equipada e adestrada, e mesmo a tropa mais adestrada e experimentada do hemisfério sul ocidental, rica em ensinamentos aprendidos no campo de batalha, na mais violenta guerra travada pela humanidade. A FEB e seus membros, poderiam ter sido utilizados como elementos multiplicadores dessa experiência no Exército, mas foram vistos como ameaça, e desmobilizados quase instantaneamente.

A FEB representava o perigo de um caos anômico, capaz de dissolver ou transformar as normas, valores e tradições do Exército de Caxias. Este se fechou para manter a coesão desejada pelo comando, e a manutenção de suas tradições e valores.

Ressalto que, o *US Army* trilhou caminho completamente diferente do Exército Brasileiro após o término da guerra. No que tange às relações entre militares de carreira e convocados, para melhorar essas relações, ocorreu implantação do Conselho Doolittle, órgão do Departamento de Guerra dos EUA, que analisou as relações entre os oficiais comissionados (de carreira) e as tropas alistadas (convocadas). O conselho foi dirigido pelo secretário de Guerra, teve sessões entre abril e maio de 1946, e englobou a apreciação e análise do depoimento de 42 testemunhas, da leitura de mais de 1.000 cartas e grande número de artigos

⁵ CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, acervo Cordeiro de Farias, cfa.tv 1945.06.03

de jornal, editoriais, artigos de revistas.⁶ Ao analisar o conselho Doolittle, o antropólogo estadunidense George Dearborn Spindler afirmou que o conselho “constituiu um movimento defensivo consciente destinado a evitar uma perigosa ameaça para a estabilidade e existência da organização”.⁷ O governo e os militares do *US Army* sentiram a necessidade de analisar essas relações e aprimorá-las.

Em seu estudo, Spindler afirma que:

“as críticas de primeira importância em frequência de expressão e violência de sentimento foram em respeito a distinções sociais entre pessoal comissionado e alistado. As críticas de importância secundária envolviam desigualdades de remuneração, alimentação, viagens, tempo de licença, uniformes, habitação, etc. , possibilitadas pelos regulamentos e tradições existentes. [...] Depois do estudo das críticas e recomendações, ao conselho determinou um programa de 14 pontos de recomendações de ajustes [...] Todas as 14 recomendações foram consideradas e muitas delas implementadas, com variação nos graus de completude”.⁸

Em maior ou menor grau, o *US Army*, teve que se adaptar e realizar concessões e reformas para diminuir a tensão nas relações entre militares profissionais e convocados. Sendo essa experiência pós guerra bastante diferente da vivenciada no Exército Brasileiro.

Ao longo dessa jornada da pesquisa, nos deparamos ainda com inúmeras questões que permanecem sem resposta, e são dignas da atenção dos historiadores no futuro. Entre essas, destaque: A disciplina severa do Exército nas décadas de 20 e 30 teria relação com a disciplina do sistema escravocrata? Observando a variedade de visões de mundo e atuações de membros da FEB no pós guerra, que varia de profissionais liberais, militantes de esquerda torturados na ditadura civil militar, a presidente da república do mesmo regime, seria possível relacionar essas trajetórias de vida à experiência de ter sido combatente da FEB? Seria possível rastrear o que representaria ter sido da FEB para essas pessoas e como isso influenciou as suas trajetórias de vida?

⁶ SPINDLER, George Dearborn. The Doolittle Board and Coöptation in the Army. *Social Forces*, n. 23 (March 1951) V.29. pp. 305-310. Oxford University Press, p.306

⁷ Spindler, op. cit., p.306

⁸ Spindler, op. cit., p.307

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Demócrito., et alii, **Depoimento dos Oficiais de Reserva sobre a FEB**. São Paulo: s. ed., 1949.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CARTROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CASTRO, Celso. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina.(Org.) **Ernesto Geisel**.Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997.

CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (Org.) **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FALCÃO, Ana Taísa da Silva. A Revista *Medicina Militar*: Práticas eugênicas a "serviço da nação" (1910 - 1923). Rio de Janeiro, 2012. 142p. Dissertação (Mestrado em História) -

Programa de Pós Graduação em História - PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

FERRAZ, Francisco Cesar Alves . Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção historiográfica e suas tendências. **Revista Esboços**, Florianópolis, v.22, n.34, pp. 207-232.

FERRAZ, Francisco Cesar Alves, **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945 – 2000)**. 2003. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIELD, Geoffrey. Civilians in Uniform: Class and politics in the British Armed Forces, 1939 - 1945. **International Labor and Working-Class History**, n80, fall 2011, pp. 121 – 147.

MAXIMIANO, César C.; OLIVEIRA, Dennison de. **Estudos de História**. Raça e Forças Armadas: o caso da campanha da Itália (1944/45), 2001, Franca – SP, v.8, n.1.

Maximiano, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ed. Grua, 2010.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da Memória: brasileiros na campanha da Itália, 1944 – 1945**. 2004. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro 1889 -1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB 2009**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005.

PIMENTEL, Carlos Henrique Lopes. A esquerda militar no Brasil: os veteranos comunistas da FEB. **Veredas da História**, 2º semestre de 2010, ano III, ed. 2, 2010, pp. 1-20.

RIBEIRO, Patricia da Silva. **Em luto e luta**: construindo a memória da FEB. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Fernando da Silva. **Indesejáveis**: Instituição, pensamento político e formação profissional dos oficiais do exército brasileiro. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Caderno Italiano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em surdina**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, *et. al.* **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 2010.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

SOUZA, Adriana Barreto de. Osório e Caxias: os heróis militares que a república manda guardar. **Varia Historia**, Belo Horizonte, nº25, Julho de 2001, pp. 231-251.

SPINDLER, George Dearborn. The Doolittle Board and Coöptation in the Army. **Social Forces**, n. 23 (March 1951) V.29. pp. 305-310. Oxford University Press

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa**, volume III "A força dos trabalhadores". 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.